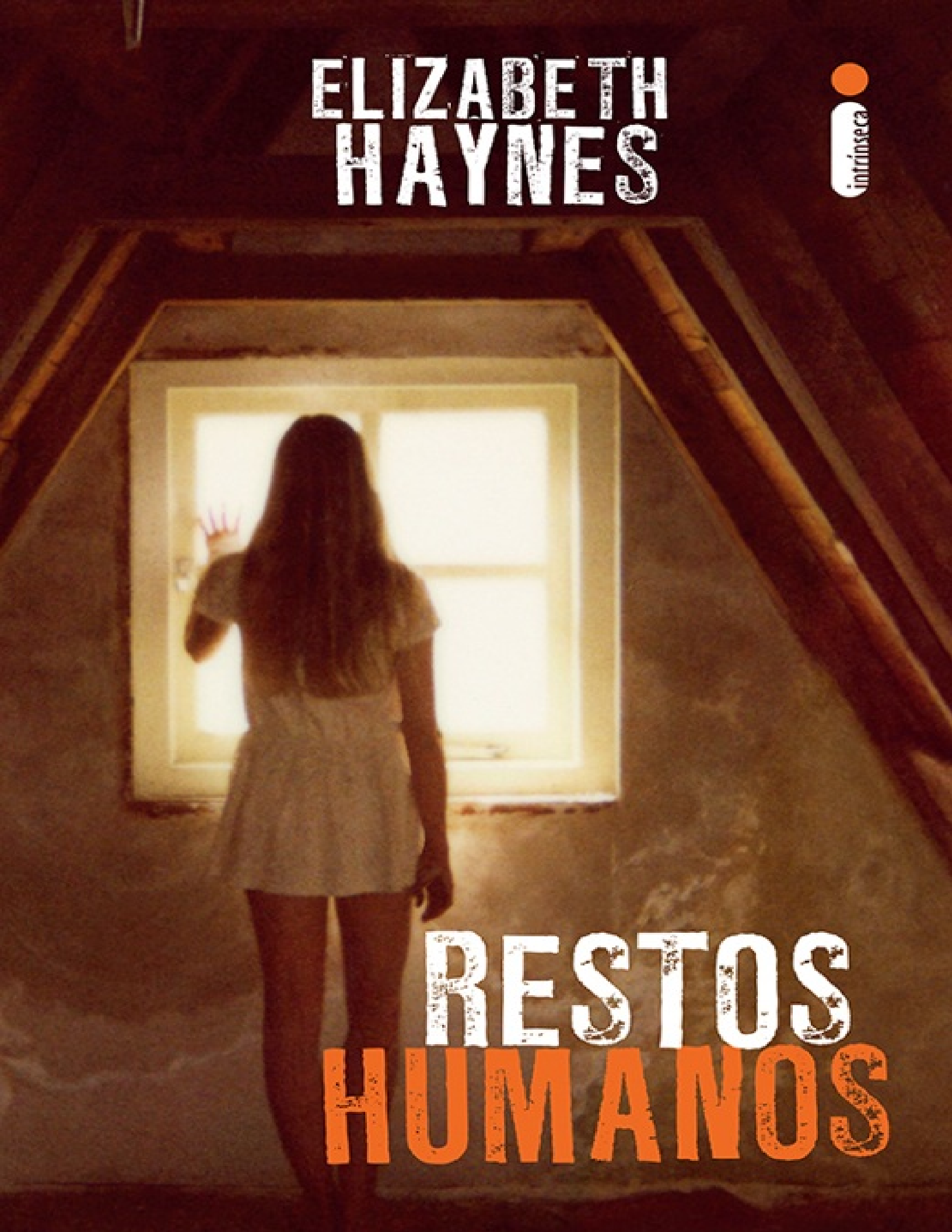

ELIZABETH
HAYNES
intrinsera
RESTOS
HUMANOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ELIZABETH HAYNES

Restos humanos

TRADUÇÃO DE MAURO PINHEIRO




You
Tube


intrínseca

Para as minhas melhores amigas Angela Wiley,
Karen Aslett e Lindsay Brown, com amor

Annabel

AO CHEGAR EM CASA, SENTI O cheiro das latas de lixo no ar frio, um leve odor desagradável que me fez franzir o nariz.

Depois de entrar, abri a porta dos fundos e sacudi a caixa de biscoitos para gatos, na esperança de fazê-la vir correndo até mim. O céu estava limpo aquela noite, então ela muito provavelmente não apareceria na porta dos fundos até que eu fosse tomar banho e ficaria miando e arranhando a porta para que eu a deixasse entrar. Apesar da gateira e de todos os meus esforços para que se acostumasse a usá-la — abrindo-a para ela, incentivando-a com petiscos a passar sozinha, chegando mesmo a empurrá-la à força para que entrasse —, ela a ignorava e só entrava e saía de casa quando eu estava ali para abrir a porta. Eu tinha até tentado tirar sua caixa de areia, mas ela simplesmente urinava no chão de linóleo da cozinha e tentava cobrir seus excrementos arranhando os cantos do cômodo. Depois disso, eu desisti.

Esperei ao lado da porta por alguns minutos.

— Lucy? — chamei, hesitante. — Lucy!

Nada. Pois então que passasse a noite toda do lado de fora, pensei, mas sabia que acabaria descendo em algumas horas, enrolada numa toalha, ainda pingando e morrendo de frio, e sacudiria a caixa de biscoitos enquanto ela ficaria sentada no gramado, olhando para mim, punindo-me por ter demorado tanto.

Preparei uma xícara de chá de hortelã e algumas torradas com queijo e me sentei à mesa da cozinha, de olho na porta entreaberta, para o caso de a gata entrar e eu conseguir prendê-la em casa. Quando acabei, juntei as migalhas de torrada e joguei-as no lixo, sentindo um odor estranho. Alguma coisa estava cheirando mal. Da última vez que sentira um cheiro de podre como aquele, a gata tinha trazido um sapo para dentro de casa e eu só me dei conta ao encontrá-lo, meio pegajoso, meio ressecado, debaixo da cômoda da sala de jantar, perto da parede. Precisei ficar de quatro, usando um chumaço de papel toalha e luvas de borracha para me livrar dele.

Fui até a porta de novo, me perguntando se dessa vez Lucy tinha matado um pombo e o deixado perto da lata de lixo, considerando-me incapaz de jogá-lo fora sozinha. Calcei meus chinelos, peguei uma lanterna na gaveta e desci os degraus me aventurando na escuridão, ouvindo o som dos carros na rodovia que ficava atrás das árvores. Na passagem estreita entre minha casa e a do vizinho, levantei a tampa das duas latas de lixo: a preta e a verde para lixo orgânico. Ambas cheiravam mal, mas não era dali que vinha o odor desagradável. Direcionei a lanterna para a base das latas. Nenhum pombo, nenhum rato, nada morto.

Já fazia algum tempo que a casa ao lado estava desocupada, mas naquele momento percebi que dava para ver uma claridade lá dentro. Uma luz dourada e fraca, como se uma única lâmpada brilhasse num dos quartos, serenamente.

Tentei me lembrar da última vez que eu estivera ali fora. Na tarde de domingo? Mas havia sido durante o dia, com o sol a pino, e mesmo que a luz estivesse acesa na casa vizinha eu não a teria notado. Talvez um corretor ou promotor imobiliário tivesse passado por lá e esquecido a luz acesa?

Logo quando me mudei, havia um casal morando ali. Fiz um esforço para me lembrar do nome dela. Shelley, era isso. Ela se apresentou uma vez. Foi no verão, num dia bem quente. Eu estava chegando em casa e ela cuidava do jardim da frente. Ela me fez parar para bater um papo, embora essa fosse a última coisa que eu quisesse. Cansada e esgotada, como sempre, tudo o que queria era entrar e arrancar meus sapatos, deixar os pés doloridos e abafados respirarem e beber algo bem gelado. Tudo o que me lembro da conversa é de seu nome e de que seu “companheiro” — o que sempre me soa estranho, por que não “namorado”, ou “marido”, ou “noivo”? — chamava-se Graham. Nunca o conheci. Acho que ele foi embora no outono seguinte e, embora eu a tivesse visto entrando e saindo algumas vezes até o inverno passado, presumi que tivesse se mudado algum tempo depois da Páscoa, pois não a vi mais depois dessa época, e o jardim do qual ela cuidava havia se transformado num matagal.

No começo, foi só uma impressão, um leve receio, e então ouvi um ruído vindo da casa vazia. Havia algo errado. Tentava enxergar em meio à escuridão quando a gata surgiu pelo portão, correndo até onde eu estava e roçando as minhas pernas. Ela estava coberta por alguma substância, o pelo sujo e viscoso, um cheiro pútrido que impregnava minha saia. Cobri rapidamente a boca e o

nariz com a mão para me proteger do fedor.

Naquele instante, pensei em voltar para a cozinha e telefonar para a polícia. Pensando agora, em retrospectiva, era exatamente isso o que devia ter feito. Mas era uma noite de sexta-feira, e como eu trabalhava no distrito policial, sabia que todas as patrulhas estariam ocupadas: se não estivessem limpando o sangue e o vômito das ruas do centro de Briarstone, estariam levando algumas pessoas detidas para a delegacia. Eu estava trabalhando com a polícia havia anos e nunca tinha precisado ligar para ela. Nem sequer saberia o que dizer. Que havia um cheiro ruim vindo da casa ao lado? Com certeza me recomendariam telefonar para a prefeitura na segunda-feira de manhã.

O portão baixo de metal dos fundos estava pendurado pelas dobradiças; atrás dele, o que restava do que um dia fora um canteiro bem organizado e agora era um matagal intratável. A grama e as ervas daninhas chegavam à altura da cintura em alguns trechos, tendo ido além de suas próprias forças e se curvado sobre si mesmas, como um exército a caminho de uma batalha. Eu saí andando pelo gramado até alcançar o caminho de tijolos que levava à porta dos fundos. O parapeito da janela da cozinha estava coberto de moscas mortas. Iluminei com a lanterna o cômodo vazio. Algumas moscas ainda se arrastavam sobre o vidro da janela e outras voavam descrevendo um trajeto angular no centro do cômodo. A porta para a sala de jantar estava entreaberta, deixando escapar uma claridade, uma luz débil e alaranjada vindo de algum lugar lá dentro.

Olhei para baixo. A parte inferior da porta dos fundos estava faltando. Manchas escuras marcavam as extremidades, tufos de pelo de gato, como se gatos de várias cores e raças tivessem entrado e saído dali quantas vezes quiseram. Tentei abrir a porta. Era esperar demais que estivesse destrancada, é claro. Então resolvi bater com os dedos no vidro, que balançou em seu caixilho. Empurrei a porta delicadamente e, depois, com mais força. E antes que eu pudesse entender o que tinha acontecido, o vidro despencou e se espatifou sobre o piso do chão da cozinha.

— Merda! — exclamei em voz alta. Depois disso eu estaria em apuros.

Devia ter me afastado. Devia ter voltado para casa e trancado a porta, sem pensar mais naquilo tudo. Afinal, o problema não era meu, não é mesmo? Mas, já tendo praticamente arrombado a casa, achei que poderia muito bem terminar o que começara e ver se havia alguém lá dentro.

Enfiei a mão pelo vão agora sem vidro e alcancei o outro lado da porta. A chave estava na fechadura. Tentei girá-la — parecia emperrada, não era aberta havia muito tempo. E pensei que talvez também pudesse haver trincos na parte de cima e de baixo da porta. Mas, quando girei a chave, a porta se abriu sem problema. Um fedor forte veio lá de dentro repentinamente. Depois, se dissipou com a mesma rapidez, como se toda a maldade do interior tivesse escapado e se desvanecido na noite.

— Ô, de casa! — chamei, sem esperar uma réplica e sem saber o que teria feito se houvesse uma. — Tem alguém aí?

A casa estava mais aquecida do que a minha, ou talvez eu sentisse isso só porque estava entrando ali, deixando para trás o frio do jardim. Meus passos esmagaram os cacos de vidro, o que ecoou na cozinha vazia, e eu coloquei a mão sobre a boca e o nariz para tentar abafar o cheiro, que se intensificara novamente ali dentro. Iluminei ao redor da cozinha, direcionando o foco da lanterna para armários, prateleiras e para o fogão sujo; todas as superfícies pareciam embaçadas por uma camada viscosa de poeira.

Talvez fosse apenas cheiro de comida estragada, pensei. Talvez a pessoa que havia morado ali tivesse sido obrigada a ir embora correndo e acabou deixando para trás os restos de uma refeição. Mas a porta da geladeira fora deixada aberta e não havia luz no seu interior, parecendo uma forma negra escancarada. Obviamente, estava desligada.

Abri um pouco mais a outra porta da cozinha e assim consegui claridade suficiente para que eu apagasse a lanterna. Era a sala de jantar, com a mesa e as cadeiras em seus lugares, uma toalha e dois jogos americanos cobrindo a mesa. Havia um abajur sobre um aparador, um modelo moderno, só que, como tudo o mais, tinha a superfície encoberta por uma tênue película de poeira. Ele estava aceso.

Eu podia ouvir um som. Vozes baixas, mas um tanto metálicas — parecia uma emissão de rádio. Será que o rádio estava ligado? Com certeza então haveria alguém ali. Tive a impressão de estar sendo observada, como se alguém fora do meu campo de visão estivesse à espreita.

Disse a mim mesma para não ser tão paranoica e segui pelo corredor. Parecia ter gente morando na casa — tapete no chão e quadros nas paredes. A única luz vinha do abajur da sala de jantar.

— Olá? — Minha voz soou mais baixa, o som dos meus passos eram abafados pelo tapete. O cheiro parecia menos desagradável, ou será que talvez eu estivesse apenas me acostumando com ele, respirando pela boca?

O volume do rádio então ficou mais alto, parecia uma entrevista entre uma voz masculina e uma feminina, a mulher discutindo e o homem a acalmando. Acima desse som havia outro ruído, ou estaria imaginando coisas?

Senti algo na perna e dei um pulo; um breve grito de susto escapou de minha boca antes que pudesse contê-lo. Mas era apenas a gata, esfregando-se em volta dos meus tornozelos, antes de sair correndo para a sala de jantar e, depois, sumir em outro cômodo.

— Lucy! — chamei com urgência, desejando não ter de me agachar atrás do sofá para obrigá-la a sair de novo.

Abri a porta da sala de estar, que dava para a frente da casa. Estava tudo escuro, a luz da sala de jantar não chegava até ali. As cortinas, fechadas, deixavam passar, pelo espaço entre elas, somente uma ínfima luminosidade procedente do poste da rua. Acendi a lanterna outra vez e, ao fazê-lo, percebi um movimento, um lampejo branco. Era Lucy novamente, rolando sobre o tapete no meio da sala. Pude ouvi-la ronronando por sobre as batidas do meu coração.

O cômodo estava mobiliado, mas frugalmente: um sofá, uma pequena mesa de centro à frente. Em cima dessa mesa, um buquê do que um dia deviam ter sido cravos, duros e marrons, dentro de um vaso sem água.

O foco da lanterna clareou uma poltrona. E embora eu estivesse pressentido uma presença, e uma parte de mim estivesse esperando encontrar alguém ali, arquejei com o que vi, uma pessoa horrorosamente deformada: escurecida, a pele do rosto esticada e lacerada em alguns lugares, as pálpebras retraídas, revelando um olhar esbugalhado, negro e vazio, a barriga inchada como um balão, esticando o tecido que vestia — o que *ela* vestia, pois era uma saia — e o cabelo ainda colado à cabeça, longo, claro e escorrido, com algumas mechas louras, eu acho, pois estava revestido por uma camada gordurosa. E o que piorava tudo era a sua barriga se mexendo, como se ela estivesse respirando — embora isso certamente não fosse possível. Quando olhei mais de perto, porém, me dei conta de que a barriga estava tomada por um enxame de vermes fervilhando incessantemente… E apesar do horror e de minha respiração profunda, comprimida e asfixiada, não consegui desviar o olhar. Uma das mãos repousava

no braço da cadeira, e a outra, com o antebraço, do cotovelo até os dedos, estava caída *no chão*, como se ela a tivesse largado ali, como um controle remoto fora do lugar.

E a maldita gata voltou a ronronar. Olhei para o chão e a vi rolando no tapete, ao lado da imundice toda, como se aquele cheiro fosse apetitoso para ela, aquele fedor de fluidos putrefacientes do corpo de um cadáver em decomposição.

Colin

EU ESTAVA COMENDO CEREAIS E LENDO em voz alta as piadas da última página do meu exemplar anual da revista em quadrinhos *Beano* de 1982 quando meu pai colocou as mãos no peito e caiu morto no chão da cozinha.

Hoje, olhando para trás, quase parece engraçado, mas acredito que foi nesse momento que minha vida tomou outra direção. Meu pai era o tipo de pessoa para quem se pode ler piadas. Ele passava os domingos consertando o carro e eu o ajudava, aprendendo onde se encaixava cada peça e para que elas serviam. Ele ria um bocado e, juntos, nós ríamos ainda mais da minha mãe, que era magra, séria e amarga.

Depois que ele morreu, nunca mais fui capaz de ler a *Beano*. Também nunca mais fui capaz de rir de verdade.

* * *

É sinistro sentir-se desta maneira na manhã de uma segunda-feira. Outras pessoas estão com ressaca, as da minha idade; ou passaram o fim de semana acampando, ou trepando com a namorada. Ou trepando com a namorada de alguém. Eu passei o fim de semana escrevendo um ensaio e fiquei acordado até tarde, à base de uísque e pornografia. Em consequência disso, estou com dificuldade para me concentrar nos orçamentos.

O problema é que não tenho mais certeza se ainda quero uma namorada. Gosto da minha vida do jeito que ela está, cuidadosamente em ordem. Gosto da minha casa do jeito que ela é. Não chego a ser asseado de forma patética — nenhum psicólogo que viesse aqui se preocuparia com minha sanidade —, mas acho que seria desagradável se tivesse que arrumar lugar para as coisas de outra pessoa. Minhas roupas conhecem o caminho até o armário. Os livros, até as estantes. A comida, até a geladeira. Não, não estou a fim disso. Não tem espaço na minha casa. Eu também não acho que tenha espaço dentro da minha cabeça.

Apesar disso, seria legal pelo sexo.

Garth, mais uma vez, não tomou banho nesse fim de semana. Ele fica na outra extremidade do escritório, mas, mesmo assim, de vez em quando consigo sentir o cheiro dele. Por mais que me esforçasse para pensar em coisas mais alegres, não conseguia me impedir de respirar na sua direção, aspirando o ar incessantemente, incapaz de acreditar que aquele odor possa vir de um adulto normal com um emprego remunerado. Ele remove restos de comida dos dentes, acompanhando com o som de seu nariz fungando, e embora isso me dê náuseas, eu me surpreendo olhando para ele, observando-o extirpar alguma coisa de trás dos molares com um dedo audacioso e me perguntando o que ele deve ter comido que ficou assim tão grudado nos dentes. Seus dedos também estão sujos de tinta, como um aluno do jardim de infância e, embora deteste esse cara, embora cada segundo na sua presença seja uma tortura para meus sentidos, sinto um terrível fascínio por ele — uma inextinguível curiosidade: como alguém tão repulsivo pode subsistir no mundo moderno?

Atrasada, Martha chega rebolando. Sapatos novos, eu notei — o terceiro par este mês, pelas minhas contas.

— Bom dia, Colin. Foi bom o fim de semana?

Ela não quer mesmo saber, é claro. Levei um tempo para me tocar que aquela era uma pergunta retórica, um ritual das manhãs de segunda-feira. Nas primeiras vezes em que ela me perguntou, eu lhe contei demoradamente o que havia feito no fim de semana, editando com cuidado detalhes que até eu sabia que não eram adequados para serem partilhados com uma colega. Após um instante, ela já estava distraída. Depois disso, parou de me perguntar e, só recentemente — acho que foi quando outra pessoa me perguntou a mesma coisa e recebeu uma resposta breve — ela recomeçou com o ritual de segunda-feira.

— Ótimo, obrigado. E o seu? — Com certeza o meu tinha sido agitado, especialmente a noite de sexta-feira, mas é claro que eu não ia lhe dar detalhes.

Ocasionalmente, eu a ouvia contando para um dos outros colegas como fora seu fim de semana — tinha praticado kitesurf, se bronzeado ao sol, viajado, ido a uma festa, jogado futebol, visitado o primo ou feito paisagismo no jardim —, porém sua resposta para mim era sempre a mesma.

— Foi ótimo, obrigada.

Vaughn me enviou um e-mail querendo saber se eu gostaria de almoçar no Red

Lion. Sinto vontade de perguntar se ele quer ir agora; duvido que as coisas fiquem mais animadas por aqui nas próximas três horas. É triste pensar que passar meia hora num pub sombrio e bolorento ao lado de uma usina de gás como Vaughn Bradstock seja tão animador.

* * *

Quando chego ao Red Lion, vinte minutos mais cedo, ainda não é meio-dia, e Vaughn já está na nossa mesa habitual no canto, com uma caneca de cerveja John Smith's esperando por mim. Vaughn e eu trabalhamos juntos muitos anos atrás. Ele era fornecedor no departamento de tecnologia de informação do conselho municipal e, por alguma razão, nossa amizade perdurou mesmo quando ele se ocupou com outros projetos. Tinha desistido daquele emprego em troca da segurança de algo mais estável, e agora trabalha em uma empresa de software no centro da cidade. Convenientemente próxima ao Red Lion.

— Colin — disse ele, pronunciando meu nome sem emoção, ao constatar minha chegada.

— Vaughn — respondi.

Ele quer falar sobre sua namorada outra vez. Normalmente é isso, ou filatelia.

Eu me preparo para escutar com alguns bons goles de cerveja, me perguntando se é cedo demais para pensar numa dose de uísque para acompanhar. Enquanto isso, Vaughn começa a resmungar, dizendo que talvez sua namorada esteja tendo um caso. Penso em lhe dizer que ela já não é mais tão jovem, portanto, isso não é meio improvável? Mas ele está convencido de que ela está mentindo sobre alguma coisa. Ele está sentado com a cabeça abaixada na direção da caneca de cerveja, ponderando se é uma boa ideia levá-la no seu trailer para Weston-super-Mare.

Minha mãe me levou para Weston-super-Mare de férias, no verão após a morte de meu pai. Ficamos numa casa de hóspedes a três ruas da praia; perto o bastante para ouvir as gaivotas, mas não o suficiente para escutar o mar. Eu estava com quase treze anos e já me sentia um tanto desajustado. Eu lia Eliot e Kafka e assistia aos documentários da BBC. Ficava acordado até tarde e levantava de manhã cedo para assistir aos programas da Open University. Naquela época todos tinham barba e usavam calças boca de sino. Minha mãe queria que eu

construísse castelos de areia e brincasse no mar, queria me ver rindo. Acho que não ri sequer uma vez todo o tempo que passamos lá. Eu me sentava à sombra e ficava lendo até ela arrancar meus livros. Então, eu continuava sentado à sombra, tentando não olhar para as garotas na praia.

— Weston-super-Mare provavelmente é uma má ideia — falei.

Finalmente, fiquei com pena do coitado do Vaughn e lhe contei sobre reações córtico-límbicas e sugestões não verbais, pobre sujeito.

— Que porra é essa de reação córtico-límbica? — perguntou ele e, antes que eu pudesse responder, disse: — Ah, não! Por favor. É aquela droga de curso que você está fazendo, não é?

Pobre Vaughn: ele gosta de pensar que é intelectual porque lê o *Guardian* e bebe café javanês nos fins de semana.

— É um jeito de saber se alguém está mentindo para você — explico. — Você examina a linguagem corporal, as insinuações visuais, as reações autônomas, esse tipo de coisa. Você pode achar graça, mas o curso é realmente fascinante.

Ele parece pasmo.

— Muito bem — prossigo. — Vamos tentar uma pequena experiência. Vou fazer três perguntas e quero que você minta deliberadamente numa das respostas. Vamos ver se eu sei dizer quando está mentindo. Se eu acertar, você me paga mais uma cerveja. Se eu errar, pago suas bebidas durante um mês. Topa?

— Ok, vamos lá, então — responde ele.

Tenho a impressão de que ele está um pouco mais animado. Está rindo, mas nem sempre confio nos meus instintos quando se trata de Vaughn. Até onde sei, ele pode muito bem ter tendências suicidas. Sou conhecido pelos meus equívocos. Afinal de contas, Eleanor sorriu para mim àquela noite, não foi? E veja só como acabou.

— Então, está certo — digo. — Vamos ver. Tente se lembrar do seu quarto quando era adolescente. Imagine como ele era. Agora, quero que o descreva para mim, como se estivesse olhando da porta. O que você vê?

— Deixe eu pensar. Acho que é o dormitório que eu dividia com Roger Hotchkiss em St. Stephen. Vejo duas camas, uma em cada lado do quarto; a minha bem arrumadinha, a de Hotchkiss ainda bagunçada, é claro. Há um armário ao pé de cada cama, mais perto da porta… Há também uma janela bem à minha frente, que dá para a cozinha. E uma mesa grande abaixo da janela.

Estantes de livros sobre as camas. Não eram permitidos pôsteres.

Ele faz uma breve pausa, pensativo, com o dedo sob o queixo, olhando para o alto, à esquerda. Vai ser fácil.

— Só isso?

— Não consigo me lembrar de mais nada.

— Ok, então vamos para a pergunta seguinte: que som faz o seu celular quando toca?

— O som padrão, eu acho. Não gosto que nada mais elaborado me perturbe.

Essa foi um pouco mais rápida, mas ainda consigo captar a indicação de que está dizendo a verdade. Aliás, sei que é verdade porque sua resposta me lembra de já ter escutado seu telefone tocar no pub uma vez. Será que estou subliminarmente tentando trapacear? De qualquer maneira, a próxima pergunta é que importa.

— Muito bem, a última pergunta. Conte sobre sua volta para casa ontem à noite. Você foi direto para casa? Chegou que horas?

Apenas uma ínfima hesitação, um leve piscar de olhos e a cabeça se inclinando para a direita, mas já era o bastante. Quando começa a falar, ele chega a elevar o tom. Muito fácil, fácil demais.

— Não fui direto para casa, não. Parei no Co-op e comprei algumas salsichas e batatas para o jantar. Provavelmente cheguei em casa… hum, por volta das seis e quinze.

Eu me encostei na cadeira e bebi o resto da minha caneca. Pressionei os dedos nas têmporas e fechei os olhos, respirando fundo e ruidosamente pelas narinas, como se algum processo psíquico estive ocorrendo.

— Sua última resposta não foi totalmente verdadeira — digo, por fim. — Embora eu ache que a mentira foi bem disfarçada. Você chegou mesmo em casa às seis e quinze, portanto, muito provavelmente parou em algum lugar. De fato, passou no Co-op, mas o que quer que tenha comprado, não foram batatas nem salsichas. Estou certo?

Ele balança a cabeça e, por instantes, me pergunto se me enganei, ou se ele vai tentar disfarçar para sair dessa.

— Uma garrafa de vinho Zinfandel e um iogurte de caramelo — disse ele com a voz suave.

— Mais uma caneca de John Smith’s — falei.

* * *

Depois de voltar para casa, fiquei acordado até bem tarde de novo: mais uma vez, uísque demais e, mais uma vez, pornografia inútil e uma masturbação frustrada no final. Como eu disse, uísque demais. Quando voltei da minha visita, mais cedo, comecei a ler alguma coisa proveitosa — biologia forense, neste caso, um tópico infinitamente fascinante — depois, passei a ler algo proveitoso, mas era provável que não da forma pretendida pelos autores, e em seguida, algo que é improvável que seja proveitoso, exceto para o saldo bancário de algum esquálido produtor de filme pornô no Leste Europeu. Não que eu pague por isso, é óbvio.

Ainda estou me sentindo bem satisfeito comigo mesmo. Vaughn ficou tão impressionado com meu show de genialidade que me pediu para lhe contar como eu fizera aquilo. Expliquei sobre sugestões não verbais, como observar os olhos das pessoas para criar um conceito visual, em oposição às recordações, como identificar sinais de desconforto, e como cada uma das pequenas sugestões se soma às outras, formando uma imagem incontestável. Assinalei que, quando ele estava pensando na resposta para minha última pergunta, seus olhos haviam se virado para a direita, um sinal seguro de conceito visual, seguido por uma olhada para a esquerda, indicando que também haveria alguns elementos da lembrança no que diria. Isso me mostrou que ele estava planejando enquadrar sua mentira em torno de certos elementos verdadeiros. Além disso, ele pareceu desconfortável quando me preparei para fazer a última pergunta, a tensão nos ombros, o jeito de se mexer na cadeira — afastando-se ligeiramente de mim, notei — e sua respiração, me garantindo que ele havia me contado a verdade nas duas primeiras respostas e sabia que seria preciso agora incluir alguma mentira. Quando ele me contou o que comprou, as salsichas e — o que mais? — as batatas, foi isso — salsicha com purê, o que poderia ser mais apropriado? — ele umedeceu os lábios rapidamente com a ponta da língua e, depois, esfregou os dedos na boca. Um gesto natural, é claro, e em qualquer outro contexto poderia ter se tratado apenas de uma coceira, uma fungada, uma migalha de pão. Mas foi o que confirmou a mentira.

Eu lhe disse tudo isso, e é claro, sugeri alguns elementos que ele poderia observar na próxima vez em que Audrey e ele estivessem conversando sobre

assuntos indelicados. Fiz o que pude para não imaginar Audrey porque, sempre que faço isso, me surpreendo visualizando-a nua e, a partir desse ponto, basta um curto passo para começar a imaginar Vaughn pelado também, e os dois fodendo sem parar, um casal feliz fazendo papai e mamãe, se é que isso existe. Apesar de meus grandes esforços, ainda assim acabo levando o pensamento até o final, quando Vaughn, de repente, fica rígido e solta um berro, gritando de um modo que nunca o ouvi gritar no escritório, e tampouco no pub.

Eu me senti bem imundo após esse pequeno lapso de concentração e tive que me levantar da cama às quinze para as três da manhã para tomar outra ducha.

* * *

Certa vez, Martha me perguntou sobre meus pais. Eu devia estar me sentindo comunicativo naquela ocasião em particular, ou então deve ter sido uma dessas situações em que se recusar a responder provavelmente pareceria rude; de qualquer maneira, contei para ela como meu pai havia morrido, quando eu tinha onze anos.

— Coitadinho — disse ela. Eu me perguntei se deveria me sentir ofendido, mas então entendi que ela estava se referindo à idade que eu tinha na época. — Deve ter sido incrivelmente traumático perder o pai numa idade tão difícil.

Não entendi o que quis dizer com idade difícil e, realmente, tampouco o que sugeria com a palavra traumático.

— A vida continua — falei, encolhendo os ombros.

— Claro, mas ainda assim… É uma pena.

— O vivente é só uma espécie de morto, e uma espécie muito rara.

— Isso parece uma citação, Colin. Quem disse isso?

— Eu disse. Quer dizer, para ser justo, estou parafraseando Nietzsche. Supus que você ia preferir ouvir em inglês, e não no original em alemão.

Ela me acha esquisito; todos acham. Isso aconteceu no início, quando comecei a trabalhar no conselho municipal — na época, todos eram muito falantes. Agora, percebo que me excluíram e evitam conversar comigo, a menos que as circunstâncias os obriguem. Mesmo assim, parecem me olhar com cautela. Tenho a impressão de que Martha me vê como um desafio pessoal, ou algo parecido.

O enterro do meu pai foi realizado num sábado, para permitir que seus colegas de trabalho pudessem comparecer. Houve um debate considerável sobre minha presença no evento. Lembro-me de ter ouvido por alto uma conversa entre minha mãe e sua amiga, alguns dias antes.

— Você sabe como ele é — dizia minha mãe. — Ele pensa demais nas coisas.

— Mas ele é quase um adulto, Delia. Pode ser bom para ele passar a encarar as coisas de frente.

No fim, minha mãe cedeu — o que também pode ter sido devido à falta de uma babá para ficar de olho em mim. Como acabou sendo uma ocasião tremendamente dramática, agradeço até hoje por ter tido a oportunidade de comparecer.

Eu não tinha roupa adequada, então vesti o uniforme da escola, inclusive o paletó e o boné. Era um dia quente, com o sol batendo forte incessantemente e, é claro, a multidão que compareceu estava toda de preto. Minha mãe chegou até a vestir seu casaco preto, aquele com a gola de vison que meu pai comprara para ela em Nova York. Todos transpiravam a caminho da igreja, sentiram algum alívio durante a missa e, depois, voltaram a transpirar lá fora, durante o sepultamento. Em meio a um tédio imenso, fiquei assando e suando — minha camisa estava encharcada sob o paletó. Fiquei ao lado da minha mãe e pensei em algo que tinha lido: como o corpo de Henrique VIII ficara tão inchado por causa dos gases de decomposição, enquanto estava sendo transportado de Whitehall para Windsor, o caixão acabou se abrindo durante a noite. Na manhã seguinte, eles encontraram cães se alimentando do rei. E isso foi no inverno! Como ficaria o corpo do meu pai, considerando que estávamos no ápice do verão? Pensei que seu corpo, mantido refrigerado por quase três semanas à espera do resultado da autópsia e do inquérito, poderia realmente ainda estar congelado, descongelando lentamente dentro daquele caixão, como um sorvete de chocolate derretendo. Senti vontade de tocar na madeira, para ver se estava fria. Enquanto o vigário continuava sua cantoria, dei um passo na direção do caixão, que estava sobre um canteiro de grama sintética, dessas que vemos em barracas de feiras inglesas. Minha mãe, que deve ter entrado em pânico com meu movimento súbito, estendeu a mão para me segurar pelo ombro e tropeçou no chão irregular. Com isso, ela me derrubou e nós dois acabamos deitados a poucos centímetros do túmulo aberto. O choque que aquilo provocou, ou talvez o calor excessivo e seu

casaco ridículo, ou quem sabe as doses de gim que ela tomara mais cedo para se fortalecer, tendo em vista a provação que a aguardava, a fizeram vomitar, enquanto as pessoas se apressaram para ajudá-la a se reerguer. Não consegui segurar o riso, aquelas pessoas sendo aspergidas pelo vômito, enquanto levantavam minha mãe. Alguns dos presentes começaram a se sentir enjoados. E o rosto do vigário…

Este foi o principal assunto no velório que se seguiu. Todas as opções concebíveis foram levadas em consideração: minha mãe desmaiara e eu tentara segurá-la; ela se sentira mal de repente e caíra em cima de mim; estávamos ambos tão abatidos pela dor que tentamos nos atirar dentro da cova. Minha mãe, pálida e chorosa, reabastecendo sua corrente sanguínea com mais gim e se abanando com o missal, ficou de olho em mim no velório e, depois, nunca mais falamos sobre isso.

Briarstone Chronicle *Março*

Mulher morta levou “quase um ano” para ser descoberta, informou a polícia

O corpo de uma mulher foi descoberto ontem numa casa na rua Laurel Crescent, em Briarstone. Um porta-voz da polícia informou que o corpo estava em avançado estado de decomposição e foi encontrado no quarto nos fundos de uma propriedade isolada.

O imóvel era um dos vários na rua Laurel Crescent marcados para serem demolidos, e a polícia foi chamada após os operários perceberem que a residência parecia ainda estar ocupada.

A correspondência achada no endereço indicava que a falecida podia estar ali há quase um ano. O nome da pessoa encontrada não foi divulgado pela polícia e os investigadores estão tentando localizar parentes ou alguém que possa ter conhecido a mulher.

Judith

Meu nome é Judith May Bingham, e eu morri com noventa e um anos.

Até o final, tive medo de tantas coisas, o que pode parecer uma idiotice agora, porque, é claro, no final nada mais importa, nada mesmo tem a menor importância. Eu sentia medo das pessoas que moravam na casa ao lado, dos adolescentes que entravam e saíam quando bem queriam, batiam a porta e ficavam sentados do lado de fora da minha casa, na calçada, ou até mesmo sobre a minha cerca, até quebrarem. Passavam o tempo todo subindo e descendo a rua

em suas motos, ou então fumando, bebendo latinhas, gritando e jogando coisas uns nos outros.

Eu estava com medo de ficar sem dinheiro e ser incapaz de comprar comida ou manter a casa aquecida.

Comecei a sentir medo de sair na rua.

Tinha medo da mulher da Assistência Social que veio me examinar certa vez. Ela me disse que tinha ouvido falar que eu poderia precisar de ajuda adicional. Eu lhe disse que não, mas ela não parava de falar e falar, até que eu pedi que fosse embora. Na verdade, eu a mandei ir se foder. Ela não estava esperando ouvir isso e tentou me repreender. Disse que tinha direito a um ambiente de trabalho agradável, assim como qualquer outra pessoa e que não havia necessidade de que eu fosse grosseira. Eu lhe disse que não havia necessidade, em minha própria casa, de ela falar comigo como se eu fosse uma imbecil, e que eu tinha lhe pedido para ir embora e ela me ignorara.

Naquela época, eu era corajosa — e quando ela se foi e tranquei a porta, morri de rir. Fazia muito tempo que eu não usava aquela palavra, e me senti bem. Era como se eu ainda fosse jovem.

Quarenta anos atrás, eu gerenciava um pub perto do cais. Era um lugar complicado. Havia noites em que praticamente ninguém entrava, e outras, quando um ou dois navios atracavam, em que o lugar transbordava de gente, algumas pessoas ficavam até na calçada. Tinha também umas garotas trabalhando lá. Quando meu marido Stan estava vivo, ele tentava fazer com que elas saíssem de lá, mas, na minha opinião, o dinheiro delas era tão merecido quanto o de qualquer outra pessoa. O que faziam para ganhar o pão de cada dia não era problema nosso nem de ninguém.

Havia brigas o tempo todo. Fazia parte dos planos deles quando desembarcavam — encher a cara, ficar com uma mulher, arrumar uma briga, curar a bebedeira e embarcar no navio na hora da chegada da maré. Quando tínhamos sorte, eles levavam suas desavenças para fora; se dávamos azar, uma cadeira qualquer e alguns copos seriam quebrados. Certa vez, um rapazinho foi esfaqueado. Foi horrível; mas ele sobreviveu. Ficou bem, depois. Com uma cicatriz.

Mas naquela época, nada me dava medo. Eu vivia um dia de cada vez e sabia que haveria dias ruins. Sabia que eu passaria por eles assim como tinha passado

pelos dias agradáveis. Se há algo que não se pode deter é o passar do tempo.

Como disse, eu usava essa palavra o tempo todo, mas não tive oportunidade desde que me aposentei do pub. Até que a Sra. Prim e seus folhetos apareceram e tentaram me dizer o que fazer.

Algumas horas após sua visita, contudo, fiquei com medo. Medo de que ela voltasse com um formulário oficial ou alguma outra coisa que me dissesse que eu devia sair da minha casa, ir para um asilo. Eu teria preferido morrer a ir para um asilo. Pensei em arrumar as coisas, fazer algo para ter certeza de que não acabassem me levando dali, mas para isso seria preciso coragem e, na época, não me sobrara mais nenhuma.

Eu ia até o supermercado Co-op no final da rua duas vezes por semana para fazer minhas compras e aproveitava para passar no médico e pegar minhas receitas, mas, fora isso, eu nunca saía de casa. Fiz planos e mais planos para acabar com tudo outra vez, mas me parecia errado desistir e, além do mais, eu estava com medo de não fazer direito, do jeito certo. Mas, durante toda a vida, eu fiz minhas próprias escolhas, e pela primeira vez outras pessoas estavam começando a fazer escolhas por mim. Era contra isso que eu me opunha. Eu era uma mulher adulta, uma mulher velha e, enquanto eu ainda tivesse a cabeça no lugar, queria tomar uma decisão e deixar essa vida que se tornara tão exaustiva, tão vazia. Mas é claro que isso não aconteceu, não é mesmo? Se queria acabar com tudo, então eu devia estar doente, ou deprimida, ou outra coisa e, portanto, precisava de ajuda para encarar o problema, ajuda para encontrar novos meios de me divertir no mundo. É assim que os jovens veem as coisas, de suas posições de completa e extrema ignorância.

Queria que alguém me ajudasse. Queria alguém em quem pudesse confiar e que garantisse que daria certo e que eu não fosse deixada semimorta… que garantisse que eu não pudesse mudar de ideia.

Annabel

NÃO HAVIA NADA PIOR DO QUE começar a manhã de segunda-feira no escuro, com frio e os pés molhados.

Quando enfim cheguei ao trabalho, a barra da minha saia e minhas botas de camurça estavam encharcadas. Em dias assim, não era nada legal ter que pegar o carro e o ônibus para ir trabalhar. Chegar bem cedo no estacionamento, antes mesmo de o dia raiar, esperar dentro do carro aquecido a chegada do ônibus, depois, ainda meio sonolenta, ir sacolejando no assento no caminho até a cidade. Ainda não tinha descoberto qual ponto de ônibus me deixava mais perto do distrito policial. Hoje, optei pela parada no monumento aos mortos na guerra, mas tinha esquecido que o caminho estava interditado pela Unity Street. Não havia como passar, a menos que se atravessasse a rua, é claro, mas isso não era fácil. Então, esperei por um intervalo entre os carros e me arrisquei, cruzando aquele trecho da pista ao lado de uma imensa poça, antes que uma outra van passasse por cima me dando um banho.

Eu nunca fui muito rápida. Não fui feita para correr, não mesmo.

Entrei pelo portão dos fundos, deixando-o se fechar ruidosamente atrás de mim. A chuva começava a diminuir agora — bem típico. Meu cartão de acesso fez soar cinco diferentes pontos de controle — eu parei para contar: o do portão dos fundos, o do portão do estacionamento, o da porta de trás, a entrada para o Setor de Inteligência e, por fim, a porta da seção de segurança pública. Pendurei o casaco e a echarpe comprida e toquei o aquecedor — estava frio, é claro; afinal de contas era segunda-feira — então enchi a chaleira com a água de uma garrafa de dois litros, que vivíamos levando e trazendo da cozinha, que ficava a cem metros dali.

A geladeira, nem é preciso dizer, havia sido saqueada. Na sexta-feira, sobrara pelo menos meio litro de leite, mas a garrafa de plástico tinha sido esvaziada e cuidadosamente colocada de volta na prateleira, como se isso tornasse o gesto aceitável. No entanto, a metade do meu sanduíche de atum ainda estava lá. O

cheiro me fez lembrar bruscamente da casa onde eu entrara na sexta à noite e de tudo o que acontecera depois.

Prendendo a respiração, peguei o sanduíche e levei-o pelo corredor, passando pela sala dos policiais, e o joguei numa das latas de lixo dali. Devia ter sido um deles que acabou com o leite. Agora também podia ficar com o sanduíche.

Fiz um chá preto para mim e liguei o computador. Estava muito lento. Dava para ouvir o alto-falante no corredor; em poucas horas, eu seria capaz de ignorar aquele ruído e me concentrar em outras coisas, mas por ora ele soava insistentemente.

Policial Hollis, se estiver no distrito, favor entrar em contato com a Detenção. Policial Hollis, entre em contato com a Detenção, por favor…

Penny Butler, Penny Butler, favor ligar para 9151. Penny Butler, 9151. Obrigado…

Motorista do Golf azul parado no estacionamento dos fundos, favor remover o carro do local imediatamente.

Cerca de um mês após começar a trabalhar em Briarstone, eu desisti de ir de carro. Só havia três vagas para o Setor de Inteligência e, para ser sincera, eu não precisava tanto do carro durante o dia quanto alguns dos outros funcionários. Pegar carro e ônibus me custava semanalmente doze libras, mas pelo menos eu não precisava ficar como uma imbecil, mudando o carro de lugar a cada cinco minutos por estar impedindo alguém de entrar.

Eu sempre chegava pelo menos uma hora antes dos outros. Com isso, podia me instalar, fazer logo as coisas que precisavam ser feitas. E tinha tempo de me preparar para encarar mais uma semana de trabalho.

Não havia como saber em que ordem eles chegariam — dependia do trânsito, do fim de semana que tiveram, do tempo e, no caso dos uniformizados, se haviam sido convocados por algum motivo. Mas uma coisa era certa: Kate era sempre a última, adiava o máximo que podia, e quando chegava, cumprimentava todo mundo, menos eu.

— Bom dia, Trigger. A chaleira está ligada? E aí, Carol, o fim de semana foi bom? Bom dia, Jo, Sarah. Aonde você foi na sexta-feira? Depois do pub, não a vi mais! Você foi para o Jaxx? E como estava lá?

Finalmente — uns bons vinte minutos depois de tirar o casaco e pendurá-lo atrás da porta — ela ligava o computador e reclamava da maldita lentidão do

sistema. E talvez uns vinte minutos depois disso, Jo, Amy, Sarah ou alguém da sala ao lado a chamava e elas subiam para tomar o café da manhã na cantina do último andar.

Hoje foi a Carol.

— Você vem? — perguntou ela.

Kate já estava de pé, com a bolsa na mão.

— Com certeza, estou morrendo de fome.

— Bom dia, Annabel — disse Carol, gentilmente. — Quer que eu traga alguma coisa para você?

Algumas vezes elas me faziam essa pergunta. Nunca perguntaram se eu gostaria de ir com elas, é claro, pois tinham medo de que eu aceitasse e aí teriam que conversar comigo.

— Não, obrigada.

Logo elas sumiram pela porta e o escritório ficou abençoadamente calmo outra vez. Se alguma delas tivesse perguntado sobre meu fim de semana, eu teria contado. Se tivessem se dado o trabalho, teriam me ouvido contar como encontrei o cadáver na casa ao lado. Podia imaginar seus rostos, extasiadas, boquiabertas diante de seus sanduíches de bacon e queijo feitos na chapa. Pelo menos dessa vez, elas me escutariam sem interromper. Pelo menos dessa vez, minhas novidades superariam qualquer coisa que pudessem oferecer.

Mas não me perguntaram e então guardei tudo para mim.

Eu esquecera de pedir a Kate para trazer meio litro de leite da cantina, e de modo algum ela se lembraria sozinha, então, depois de aproveitar o sossego no escritório por dez minutos, eu me levantei, peguei minha bolsa e entrei no elevador para chegar ao último andar.

Estavam todas reunidas em volta de uma mesa perto do caixa, as cabeças próximas. Dava para ouvir fragmentos da conversa enquanto eu pegava meio litro de leite semidesnatado na geladeira e verificava a data de validade.

— Está vendo? Bem que eu disse, não foi?

— Ele apenas se mudou, Kate, nem levou todas as coisas dele ainda…

Então, Carol havia colocado o coitado do Rick para fora do apartamento. Fiquei esperando atrás de dois policiais completamente equipados: colete tático, rádios piscando. Atrás do balcão, Lynn acrescentava uma generosa porção de vinagre de uma garrafa de tamanho industrial dentro de uma panela para os ovos

pochés, que já estava cheia de uma espuma pardacenta de vinagre e clara de ovo flutuando na superfície. Desviei o olhar.

— Você já começou a falar com as paredes? — perguntou Sarah a Carol.

— Não tem graça nenhuma. Tudo está horrivelmente quieto agora, sem aquela droga de canal esportivo ligado o dia inteiro.

— O próximo passo é adotar um gato…

— Ei, não critique — disse Kate. — Se não fosse o gato, Annabel já teria ficado completamente maluca, sabia?

— Não seja malvada — retrucou Amy. — Ela não é maluca…

— Mas está quase lá, se quer saber o que eu acho.

Olhei para elas, me perguntando se realmente não tinham notado que eu estava bem ali, ou se estavam sendo deliberadamente grosseiras.

— Quer mais alguma coisa, Annabel? — perguntou Lynn.

Ela havia jogado alguns ovos na panela e os regava com aquela água marrom para apressar o cozimento. Eu me virei para o caixa, abrindo minha bolsa.

— Não — respondi. Minhas bochechas queimavam.

— Ai, merda. — Escutei alguém dizer na mesa atrás de mim.

Depois, todas se calaram. Entreguei uma moeda de uma libra, peguei o leite e saí apressada, sem olhar para a mesa, sem olhar para Lynn, apesar de ter escutado ela dizer: “Espere, o troco!”

* * *

O Resumo das Ocorrências chegou por e-mail às nove e meia, na mesma hora que Kate voltou para o escritório. Durante os vinte minutos, aproximadamente, que se passaram desde a cena lá em cima, na cantina, eu tinha vertido algumas lágrimas secretas, lavado o rosto no banheiro e decidido esquecer o episódio. Eu sabia que elas falavam de mim, afinal de contas. Elas falavam sobre qualquer pessoa que não estivesse presente, portanto, não havia razões para me considerar especial.

Kate ligou a chaleira atrás de mim e limpou a garganta.

— Quer um chá?

— Quero, sim. Seria ótimo.

Obviamente, ela esperava que eu fosse recusar, mas senti um prazer perverso

aceitando sua oferta. Quando ela colocou a caneca com força na mesa, vi que parecia muito leitoso. Eu estava com bastante sede a ponto de não me importar com isso. Afinal, ela estava se esforçando.

— Obrigada, Kate. Parece ótimo. Do jeito que eu gosto.

O resumo normalmente tinha uns cinco ou seis itens importantes: crimes e incidentes que tinham ocorrido no dia anterior. Tudo que pudesse ser classificado como incidente crítico estava incluído — assaltos à mão armada, mortes repentinas e suspeitas, suicídios. Eu tinha um interesse particular por estupros e homicídios, para o caso de um dos criminosos que eu devia monitorar ter saído da linha. Embora eu pudesse pesquisar os detalhes dos crimes da véspera no sistema, o resumo era um atalho conveniente, pois os mais sérios estavam sempre incluídos.

E lá estava.

Morte suspeita

Aproximadamente às 20h32 de sexta-feira, uma unidade de patrulha foi deslocada para um endereço na New Market Street, Briarstone. A vizinha sentiu um cheiro forte vindo do endereço em questão e entrou na casa, descobrindo os restos em decomposição de uma mulher na sala de estar. A falecida teve a idade estimada em 43 anos e morava naquele endereço. Parentes mais próximos foram informados. A Delegacia de Homicídios esteve presente no local e, embora as investigações ainda estejam em curso, acredita-se que não havia circunstâncias suspeitas.

Isso era tudo. Não sei o que eu estava esperando — algo um pouco mais eloquente, talvez —, mas se tratava de uma descrição insossa, deliberadamente feita para informar quem precisava saber e deixar as coisas obscuras para aqueles que não precisassem.

* * *

A casa vizinha atraiu um bocado de gente na maior parte do sábado. A perícia estacionou em frente à minha casa e, embora eu já tivesse falado com o primeiro policial que apareceu, fiquei por ali o dia todo esperando para ser interrogada de

modo adequado.

Meu estado emocional estava bem frágil, oscilando entre a náusea e o choque por tudo o que vi e fiz, o aborrecimento com toda aquela demora, e a culpa por não ter chamado a polícia imediatamente, em vez de arrombar casa, como se fosse alguma investigadora de série policial, uma Jessica Fletcher da vida real.

Depois de encontrar o corpo, voltei para casa e tranquei a porta. Em seguida, abri-a novamente, deixei a gata do lado de fora e fechei a porta. Ao colocar a mão sobre sua barriga, em vez do pelo macio, senti que estava toda suja e viscosa, úmida e fria.

Aquele cheiro nas minhas mãos, na meia-calça, na saia. Algo preto, verde e marrom, a coloração que conseguimos ao misturar todas as cores da palheta de tintas, e acrescente a isso um odor de putrefação. Tirei minha roupa ali mesmo na cozinha e a coloquei na máquina de lavar. Aumentei a temperatura para sessenta graus e estava a ponto de ligar o aquecedor quando, subitamente, me dei conta de que não deveria. Podia acabar sendo uma prova.

Prova de quê?

Lavei as mãos com um sabão antibacteriano que tinha um perfume forte, mas mesmo depois de enxaguá-las, continuavam cheirando mal. Peguei um pedaço de toalha de papel, molhei bem e depois aspergi um sabão azul em cima para esfregar minhas pernas, no caso de a substância ter passado pelas meias e alcançado a pele.

E durante todo o tempo, eu lutava contra a ânsia de vômito. De vez em quando, voltava a sentir o cheiro no fundo da garganta e começava a tossir e a engasgar.

Quando finalmente me senti limpa, liguei para a polícia.

— Distrito de Kent, posso ajudar?

— Acabei de encontrar um corpo na casa ao lado. Está horrível, em decomposição.

— Certo — disse uma voz feminina do outro lado da linha. Podia ouvi-la digitando no teclado, colocando o código 240B para “corpo suspeito”. — Pode me dizer o seu nome?

— Annabel Hayer.

Respondi a todas as perguntas — endereço, número de telefone, todos os detalhes que eu tinha percebido (como a luz acesa), escutado (nada), sentido (o

cheiro putrescente) e visto (o corpo na poltrona) — até me convencer dentro da minha cabeça de que eu tinha imaginado tudo.

— Estamos muito ocupados esta noite — disse ela —, mas vamos mandar uma unidade até aí, assim que alguma estiver liberada.

Subi a escada, tomei uma ducha, lavei o cabelo e vesti roupas limpas, mas ainda assim podia sentir o cheiro, mais suave porém ainda presente. Olhei para fora, nenhum sinal da polícia até então.

A gata miou, pedindo para entrar. Fechei a porta da cozinha e dei-lhe um banho improvisado na pia. Eu já tentara dar banho em gatos antes e, como das outras vezes, a experiência foi um pouco traumática. Ela arranhou meus braços, rasgando a pele, enquanto eu esfregava suas costas e flancos inferiores com meu melhor xampu sem aditivos e de pH neutro sob a água morna. Consegui limpá-la quase toda. Ela também andara se lambendo, os pelos estavam espetados para cima. Só em pensar no cheiro dela, mesmo depois de lavada, enxaguada e enxuta com um pano de prato, foi o bastante para me dar ânsias de vômito. Assim que se livrou do pano, a gata começou a correr para todos os lados da cozinha, em pânico, derrubando várias coisas. Temendo pelas louças, abri a porta dos fundos e ela fugiu.

A polícia tinha finalmente chegado e, tendo ido até a casa vizinha e verificado que havia de fato um cadáver, o fato foi notificado pelo rádio e eles concordaram em me deixar ir dormir.

Sob a luz fria da manhã de sábado, tudo parecia bem diferente. A gata estava sentada no degrau da porta dos fundos, parecendo excepcionalmente irritada. Quando abri a porta ela entrou e logo me deu as costas, sentando-se no canto da cozinha e só saindo de lá quando enchi sua tigela com biscoitos. O pelo de seu dorso e de seu ventre ainda estavam espetados, mas pelo menos o odor tinha se dissipado.

Eu nunca vira o policial da área de Homicídios que finalmente veio me interrogar e, embora tivesse me mostrado sua identificação quando o deixei entrar, de imediato esqueci seu nome. Ele me disse que havia trabalhado no distrito policial de Briarstone no ano passado e, quando ele disse isso, eu me lembrei de já tê-lo visto na cantina.

— Como você está? — ele me perguntou, entrando na sala de estar. — Deve ter sido um tremendo choque.

A tarde já chegava ao fim e eu não tinha comido nada o dia todo. Toda vez que pensava nisso eu me lembrava da aparência horrível daquele corpo inchado, da cor da pele e da poça sob a cadeira.

— Acho que sim — respondi. — De certo modo, eu já estava esperando por isso, considerando o cheiro.

— É verdade, o cheiro está forte lá dentro.

— Você aceita um chá, um café?

— Um café seria ótimo, obrigado. Dois cubos de açúcar. Tudo bem se eu usar seu banheiro?

Indiquei a direção para ele, depois fui até a cozinha, enchi a chaleira e fiquei esperando a água ferver. No parapeito da janela havia a estatueta de um anjo que eu comprara numa loja New Age, em Bath. Ela estava iluminada pelo sol e brilhava como se envolvida por uma auréola gloriosa.

Levei o café até a sala. Ele já estava sentado ali, com o bloco de notas no colo, escrevendo alguma coisa com a cabeça inclinada sobre o papel.

— Obrigado — disse ele. — Você trabalha no Setor de Inteligência, não é?

— Trabalho — respondi. — Sou analista de segurança pública. E lido também com as divisões policiais.

— Você tem dois empregos?

— Praticamente, sim. Antes, éramos quatro e eu só trabalhava na segurança pública, então no ano passado dois da equipe foram transferidos e agora somos só eu e outro analista. Dividimos as tarefas das divisões policiais.

Ele não estava nem um pouco interessado nas atribuições do meu emprego, mas eu sempre tinha a esperança de que alguém percebesse a injustiça de ter que fazer o dobro do trabalho sem ganhar mais por isso. Quase acrescentei que Kate fazia somente a análise da Divisão Norte e eu fazia isso *e* a segurança pública também. Mas, como de costume, mordi o lábio e fiquei calada.

— Então — prosseguiu ele. — Você entrou pela porta dos fundos, certo?

— Certo — respondi. — Havia uma luz acesa. Achei aquilo um pouco estranho, porque eu pensava que não tinha mais ninguém morando lá.

— Havia uma luz acesa? Onde exatamente?

— Na sala de jantar. Um abajur em cima da mesa.

Ele estava escrevendo. Tensa, esperei que terminasse.

— Vamos voltar um pouco. Pelo telefone, você disse que quebrou uma janela?

— Não, pelo menos não fiz isso de propósito. Empurrei a porta, o vidro estava solto e caiu dentro da cozinha, se espatifando no chão. Um dos vidros na parte de baixo da porta já estava quebrado.

— Mas a porta estava aberta?

— Não. A chave estava do lado de dentro. Eu a destranquei.

Mais anotações.

— E você disse que havia luz lá dentro…

— Havia. Na sala de jantar.

— E quando você saiu ela ainda estava acesa?

— Estava.

— Você não a apagou?

Eu olhei para ele, perplexa. Claro que não a apaguei. Por que faria isso? Para sair tropeçando no escuro? Mas eu não estava raciocinando direito no momento. Talvez eu a tivesse apagado, no final das contas.

— Acho que não a apaguei — falei, hesitante.

Ele fez um som com a boca parecido com "humm".

— Vocês vão me prender por ter arrombado uma residência? — perguntei, acompanhando a pergunta com uma risada que até para mim soou forçada.

— Não, agora não — respondeu ele com um sorriso. — Já tenho muito o que fazer.

Meu depoimento pareceu levar uma eternidade, embora tenha durado menos de uma hora. Ele pediu que eu lesse o que escrevera à mão e assinasse seu caderno, concordando com o que estava anotado. Depois, disse que iria digitar tudo e me dar a versão oficial para assinar em algum momento na segunda-feira, durante o expediente. Em seguida, ele voltou para a casa vizinha, me deixando em paz.

Não muito tempo depois, alguém bateu na porta da frente. Um homem que não reconheci: vestido com calça jeans e casaco mal-ajambrados, e com uma vasta cabeleira cinza puxada para cima, no que parecia ter sido um topete.

— Oi. Lamento incomodar — disse ele e, é claro, o que eu deveria ter feito era fechar a porta imediatamente. Mas, tola, e também bem-educada, não o fiz. — Eu sou repórter do *Briarstone Chronicle*. Estou aqui por causa de sua vizinha. Gostaria de saber se foi você que chamou a polícia.

Mordi o lábio.

— Não sei quem chamou a polícia — respondi. — Sinto muito.

— Disseram que foi um vizinho. Como não há uma casa do outro lado, achei que só podia ter sido você.

— Não sei de nada. Estou realmente ocupada agora, me desculpe.

— Tudo bem. Obrigado pela atenção.

Não lhe dei a chance de dizer mais nada. Fechei a porta com firmeza. Algumas horas mais tarde houve outra batida na porta. Olhei pelo olho mágico dessa vez, e vi outro homem que não conhecia, mas que com certeza não estava uniformizado. Jovem, vestido informalmente, de óculos e precisando cortar o cabelo preto. Havia uma mulher em pé, um pouco atrás dele, com uma câmera enorme pendurada na mão. Não abri a porta.

Apesar das três duchas e de ter lavado todas as minhas roupas, continuei fungando, e o cheiro perdurava em minhas narinas. Talvez fosse imaginação minha. A gata se aninhara no sofá, transformando-se numa bola emburrada, virando as costas para mim e para a sala. Levaria algum tempo até que se sentisse pronta para me olhar nos olhos novamente.

* * *

Já eram quase dez horas e eu não fizera praticamente nada de útil. Mas ainda não sentia vontade de encarar a Avaliação Tática, então abri o sistema de expedição de mensagens e fiz uma busca por meu nome e endereço. Estritamente falando, isso ia contra os regulamentos, mas, se alguém perguntasse, provavelmente eu poderia argumentar que havia um interesse profissional legítimo.

POR TELEFONE, INFORMANTE AFIRMA HAVER UM CADÁVER NA CASA AO LADO

*

NÃO HÁ NINGUÉM MORANDO NO LOCAL

*

INFORMANTE AFIRMA QUE GATA DO VIZINHO APARECEU CHEIRANDO MAL E COM UMA SUBSTÂNCIA NO PELO

*

CORREÇÃO: TRATA-SE DA GATA DO INFORMANTE, NÃO DO

VIZINHO
*
UNIDADES POLICIAIS: AT55 OCUPADA AZ31 OCUPADA AL22 EM MISSÃO DE CAPTURA
*
INFORMANTE AVISADO DE QUE UMA UNIDADE SERÁ ENVIADA ASSIM QUE HOUVER DISPONIBILIDADE
*
INFORMANTE CONFIRMA QUE AGUARDARÁ CHEGADA DA UNIDADE POLICIAL
*
SEGUNDO A LISTA DE ELEITORES: RESIDENTE IDENTIFICADA COMO SHELLEY LOUISE BURTON
*
FAVOR CHAMAR EM CASO DE OUTROS ACONTECIMENTOS
*
20H32: AL22 NO LOCAL
*
NINGUÉM ATENDE A PORTA
*
SOLICITADA PRESENÇA DA DELEGACIA DE SEGURANÇA PÚBLICA — DETETIVE INSPETOR PRESTON EM SERVIÇO
*
INFO SOBRE PROPRIETÁRIO, NENHUM REGISTRO DE PROPRIETÁRIO NO LOCAL
*
CONSULTAR SETOR DE INTELIGÊNCIA PARA ADICIONAR À LISTA

E assim seguia, por várias páginas. Diversas equipes foram convocadas, de acordo com o protocolo. As tentativas de encontrar parentes próximos de Shelley Burton foram cuidadosamente registradas; por fim, acharam uma tia idosa em Norfolk. Não havia menção alguma a seu companheiro, Graham, se é que o nome era esse mesmo.

— Você viu o Resumo das Ocorrências? — perguntei. — Houve mais um.

— Mais um o quê? — indagou Kate, espiando por sobre a tela de seu computador.

— Mais um corpo em decomposição. Tinha apenas quarenta e três anos.

Kate me olhou com desprezo. Ela sempre deixava passar essas ocorrências, considerando que, tecnicamente, não houve crime algum. Corpos encontrados no conforto de seus lares sem circunstâncias suspeitas aparentes não eram problema nosso. Se não fosse pelo fato de eu mesma ter descoberto o último, eu tampouco teria dado muita atenção àquilo. Mas havia mais uma coisa que estava me incomodando — aquele cara da polícia indagara sobre eu ter dito que a luz estava acesa. Com certeza, quando eles entraram na casa, a luz estava apagada. Não era isso o que me preocupava — afinal de contas, talvez eu a tivesse apagado sem pensar quando saí, ou talvez o primeiro policial que aparecera a apagara, ou talvez a lâmpada tivesse finalmente queimado. Mas me lembrei de que eu tinha pensado que havia alguém dentro da casa. Eu sentira alguma coisa — uma presença — e, na hora, descartara aquela impressão, ao encontrar o corpo na poltrona; e os ruídos que ouvi, considerei que eram da gata. Mas e se houvesse de fato mais alguém ali o tempo todo?

— Só acho que é uma pena — falei. — Estar morta por tanto tempo e ninguém sabe que você se foi.

— Hum — disse Kate, mas ela não estava realmente me ouvindo.

— Eu me pergunto quantos casos assim ocorreram esse ano.

Nenhuma resposta dessa vez. Não que eu estivesse esperando uma. Kate fingia estar ocupadíssima redigindo o relatório bissemanal que precisaríamos apresentar à coordenação na quarta-feira, quando na verdade estava atualizando seu status no Facebook pelo celular.

Que se dane. Eu não estava ocupada. Comecei então a pesquisar todas as ligações e incidentes em que um corpo havia sido encontrado desde o início do ano. Inseri os seguintes termos genéricos de busca: “decomposto” ou “decomposição”. Com certeza, não devia haver tantos assim, pensei.

Mas estava enganada.

— Vinte e quatro — exclamei.

— Vinte e quatro o quê?

— Corpos. Vinte e quatro desde janeiro. Só em Briarstone.

Kate suspirou e deixou o celular sobre a mesa. Ela virou o pescoço e me olhou

fixamente por cima da tela do computador.

— Que corpos? Do que você está falando?

— O total de corpos encontrados dentro de uma residência e em estado de decomposição.

— E por que você está procurando isso? Temos trabalho para terminar até a hora do almoço.

— E — falei, fazendo uma pausa de retumbante silêncio — adivinha quantos casos desses houve no ano passado?

Ela encolheu os ombros.

— Vinte? Dez?

— Quatro.

Ela me encarou por um instante, finalmente curiosa, e veio até minha mesa para olhar por sobre meu ombro. Os números estavam todos ali — os mesmos critérios de busca para os dois períodos, mostrando uma quantidade alta demais nesse ano, até agora, e um número estranhamente baixo no ano anterior.

— E nos outros anos? — perguntou ela.

— Acho que essa é a próxima coisa que vou procurar.

— Não vejo sentido nisso — disse ela. — Ninguém vai se interessar. Já é tão difícil fazer com que tomem alguma providência quando um crime é cometido, que dirá quando não houve crime algum.

— Ah! — exclamei, tocando a ponta do nariz com um dedo. — Trata-se do conjunto do programa. Segurança Comunitária. Medo da Criminalidade. Coesão Social. Política de Vizinhanças e tudo o mais.

Infelizmente, Kate tinha razão. Trabalhar como civil na força policial era com frequência um conflito cultural; precisávamos convencer os oficiais superiores de que tínhamos uma contribuição valiosa a dar para uma investigação, planejamento de recursos e iniciativas estratégicas, tanto quanto os policiais com experiência real, que saem às ruas e prendem pessoas. O mais perto que eu chegara de um criminoso tinha sido morar no meu feliz anonimato a duas ruas de distância do maníaco sexual do bairro, ou ao passar por alguém na recepção da delegacia que aguardava para ser detido. Eu nunca teria de acalmar alguém que portava uma faca, nem contar para alguém que a pessoa que amava estava morta. Nunca teria de tentar persuadir uma mulher a largar seu companheiro violento ou contar aos pais que seu filho estava sofrendo abuso sexual. Em vez disso, eu

observava os números, todos os dados brutos que chegavam dia após dia, formulando padrões comparativos, procurando alguma brecha. E mesmo assim, depois de achar algo potencialmente interessante, tentar convencer o oficial superior de que minhas recomendações eram dignas de ser seguidas costumava ser uma batalha. Como eu acabara de dizer para Kate, com cautela, era sempre uma boa ideia sugerir que havia benefícios maiores em termos de alcançar as metas do Ministério do Interior.

Dei uma olhada na minha lista de incidentes. Vinte e quatro pessoas, todas encontradas mortas, sozinhas, algum tempo depois do falecimento. Infelizmente, como os defuntos não eram classificados como vítimas de um crime, não havia como procurar outros parâmetros, tais como idade e sexo, mas examinando alguns dos relatórios de incidentes ficou claro que nem todas eram pessoas idosas.

Acessei o mesmo relatório até o início de 2005 e transferi todos os dados para uma planilha. Logo percebi que os últimos resultados eram bem interessantes — somente três corpos em decomposição em todo o ano de 2005. Nos sete anos, entre 2004 e 2011, vinte e dois corpos — a maior quantidade registrada foi em 2010, com onze, mas o inverno tinha sido demasiadamente rigoroso. E em 2012, vinte e quatro corpos nos primeiros nove meses do ano.

Na hora do almoço, saí, subi a colina até o centro da cidade, arfando um pouco. Do outro lado da rua, Kate e Carol também seguiam na mesma direção, conversando animadamente. Elas não tinham me visto, ou preferiram fingir que eu não estava ali. De qualquer maneira, caminhavam duas vezes mais rápido do que eu e em menos de dois minutos alcançariam o topo da ladeira e chegariam à esquina, sumindo de vista.

Ao voltar para o distrito policial, olhei para a fileira de casas geminadas ao longo da Great Barr Street, sucessões de degraus de aparência imunda e cortinas escuras. Pilhas de correspondências encostadas na porta de vidro fosco; algumas moscas mortas, com as patinhas viradas para o alto, sobre o peitoril da janela de outra casa. Quantas outras pessoas estariam lá, esperando para serem encontradas?

* * *

Peguei o carro no estacionamento, ao lado do ponto de ônibus, e dirigi até o supermercado, debaixo de chuva, com o rádio ligado. Mentalmente, eu passava a lista de todas as coisas que faria para cuidar de mim mesma, após o trauma do fim de semana. Talvez pedisse comida pelo telefone. Tomaria um banho demorado de banheira. Leria um livro ou veria um filme.

Fazia anos que eu morava sozinha e gostava disso. Além do mais, tinha minha gata. Os anjos me protegeriam.

A saúde da minha mãe estava ficando frágil. Desde que ela levara um tombo, no ano anterior, muito embora só tivesse sofrido arranhões, ficou nervosa demais para sair de casa — então ela me dava as listas de compras, instruções para ir pegar suas receitas, colocar suas cartas no correio, e no caminho de volta do trabalho, eu parava na sua casa, duas ou três vezes por semana, para preparar seu jantar e lavar a louça. Tecnicamente, ela poderia cozinhar para si mesma e lavar a própria louça, mas desde que adoecera por causa de uma infecção pulmonar em dezembro, eu estava cozinhando para ela e, embora ela agora já tivesse se recuperado, eu não conseguira me livrar desse hábito quando passava por lá.

Sua casa era de um antigo estilo vitoriano, na periferia do centro da cidade. Seu velho Nissan Micra continuava estacionado na rua, todo enferrujado e, mesmo assim, ela insistia em pagar os impostos e o seguro, no caso de ela repentinamente sentir necessidade de sair de casa. Estacionei atrás dele e continuei sentada por um momento, saboreando a sensação de estar só, de estar sossegada.

Abri a porta da frente com a minha chave, que mantinha num chaveiro diferente, como se fosse algum recado para mim mesma dizendo que aquilo não era um arranjo permanente.

— Sou eu, mamãe! — exclamei. Dava para ouvir o som alto da televisão vindo do quarto dos fundos; uma de suas novelas, a que sempre assistia aquela hora da noite.

— Oi, querida — respondeu ela, sem erguer o olhar. — Você pode aumentar um pouquinho o termostato? Está ficando um pouco frio.

Estiquei o braço sobre sua cabeça e girei o botão até ouvir o ruído do aquecedor a gás na cozinha acendendo outra vez.

— Trouxe uma daquelas sopas instantâneas — falei. — Brócolis com queijo.

Ela fez uma careta, mas disse:

— Tudo bem, querida. Se é só isso que tem.

Era minha sopa favorita; eu abri o pacote e a coloquei no micro-ondas, embora minha mãe sempre criasse caso quando eu não usava uma panela. A panela menor estava dentro da pia, toda incrustada com o que pareciam ter sido ovos mexidos, que ela preparara no café da manhã. Enquanto eu esperava a sopa esquentar, abri a torneira sobre a panela e joguei um pouco de detergente ali dentro. Interrompi a ação do micro-ondas antes de ele soar e despejei a sopa numa tigela, colocando-a sobre uma bandeja junto com um pão integral com manteiga, depois levei tudo até ela.

— Não tem pão branco? — queixou-se ela.

— Não tinha mais no Co-op — menti. — De qualquer maneira, o pão integral é melhor para você. Você precisa comer mais fibra, mãe, especialmente se fizer ovos mexidos todos os dias.

Sua atenção havia se voltado para a televisão.

Lavei a louça, esfreguei a panela até deixá-la limpa, pensando que pelo menos minha mãe poderia tê-la deixado de molho, depois limpei superficialmente a cozinha. Em seguida, voltei para a sala de estar. Ela tomara toda a sopa, apesar de dizer que não gostava.

— Aproveitando que você está aqui — disse ela —, pode procurar meu extrato bancário?

Havia sempre a hora do “aproveitando que você está aqui”, invariavelmente quando eu já havia vestido meu casaco e estava pronta para sair.

— Qual deles?

— O da poupança.

Fui até o outro quarto e abri a gaveta de cima da cômoda, onde ela guardava o passaporte expirado, a carteira de motorista, certificados de garantia e manuais de instrução para todos os aparelhos eletrônicos que comprara nos últimos trinta anos — todos os documentos da vida dos quais nunca mais precisaria e, enterrados sob eles, aqueles de que ainda precisaria: caderneta do crédito imobiliário, identificação de invalidez, fotografias da família.

— Mãe, está bem aqui.

Olhei para a gaveta aberta, o documento logo ali, onde nunca ficava — e percebi como tudo estava limpo e organizado, como se alguém tivesse feito uma boa arrumação. Ela mesma devia ter feito, colocado aquele caos em ordem uma

vez e, depois, se esquecido.

Ela estava ficando velha e esquecida, eu me peguei pensando, ao levar-lhe o extrato. Até agora ela havia se mostrado esperta e lúcida, apesar de sua fragilidade física. Até quando conseguiria se virar sozinha na própria casa, ainda que eu viesse visitá-la com frequência?

Briarstone Chronicle *Abril*

Corpo de jovem desaparecida é encontrado em Baysbury

A polícia foi chamada até um apartamento em Baysbury, na noite de terça-feira, e ficou chocada ao descobrir os restos mortais em decomposição de Rachelle Hudson, 21, que fora declarada desaparecida de sua casa em Hampshire desde dezembro último.

Vizinhos disseram ter visto a moça se mudando para o apartamento logo no Ano-Novo, mas imaginaram que tivesse se mudado novamente, pois não a viram mais desde então. "Fomos até lá para cumprimentá-la, mas ela não nos convidou a entrar", disse Paula Newman, 33. "Ela parecia ocupada. Não voltamos a procurá-la e, como não a víamos fazia algum tempo, achamos que tinha ido embora. Não consigo acreditar que ela estava ali esse tempo todo."

A família de Rachelle Hudson informou que a filha havia saído de casa, em Fareham, após uma discussão. Já fazia algum tempo que ela vinha sofrendo de depressão. Não se sabe o motivo que a levou a se mudar para Baysbury, nem a causa de sua morte. Só descobriram seu corpo quando a polícia foi avisada pelos proprietários do imóvel na Balham Drive, queixando-se de que o aluguel não estava sendo pago.

Um porta-voz da polícia declarou que "a unidade policial foi chamada até Baysbury, onde descobriu o corpo de uma moça em avançado estado de decomposição. A morte parece ter sido provocada por causas naturais".

Rachelle

Nos jornais, todos disseram não saber por que fui embora ou para onde tinha ido.

Disseram que era algo típico de mim. Disseram que eu tinha amigos e um lar adorável. Disseram que eu devia ter sido levada por alguém, porque, por conta própria, eu nunca teria ido embora. Minha mãe disse que eu estava indo bem nos estudos e tinha uma boa carreira me esperando. Tinha toda minha vida para viver. Disse que eu era uma menina linda, amada por toda a família.

Tudo mentira.

Ela apareceu na televisão, eu a vi, com lágrimas nos olhos, me pedindo para entrar em contato. E depois, suplicando a quem quer que tivesse me sequestrado — "Alguém, em algum lugar, deve saber onde está minha Rachelle, onde está minha filhinha…" —, pedindo para que entrassem em contato com a polícia, "para ajudar a reconfortar o coração de uma mãe, que estava ficando louca de angústia sem conseguir imaginar pelo que a filha estava passando".

Minha filhinha. Eu realmente escutei-a dizendo essas palavras. Eu estava sentada no sofá, no meu novo apartamento, em estado de choque total, vendo minha própria mãe na televisão, implorando para que eu entrasse em contato com ela. Eu estava enrolada em três casacos de lã, com frio, mas me preocupava demais com dinheiro para ligar o aquecedor. Eu sempre sentia frio, mesmo no verão.

Depois disso, eu não pude sair durante algum tempo. Já vira os vizinhos uma vez e esperava que não fossem me reconhecer. Tingi o cabelo de preto, cortei-o o mais curto que pude — difícil ver como tinha ficado atrás, mas era melhor do que nada; pelo menos, como meu cabelo era muito grosso, não dava para ver as partes irregulares. Com um pouco de maquiagem nos olhos eu parecia mesmo uma emo. Duvido que minha própria mãe tivesse me reconhecido, sério, mas também, mesmo antes da transformação, era difícil ela olhar para mim.

Depois de dois meses, meus remédios acabaram, mas eu não podia procurar um médico. Então, me virei sem eles, e ficou tudo bem. Eu já estava mesmo cansada daquele entorpecimento medicamentoso. Pelo menos, envolta numa nuvem negra, dava para saber meu paradeiro. Ela estava sempre lá, de qualquer maneira, exatamente como os comprimidos, ficava escondida, fora de vista. Eu gostava de saber que estava ali. Ainda que fosse ruim, pelo menos era real.

Depois de ver minha mãe no telejornal, fiquei sem poder sair por alguns dias. Se não saía, não podia comprar comida. Teria que me virar desse jeito. E quando realmente precisasse sair e fazer compras, já teria perdido… quanto? Dois

quilos? Talvez três? Já fazia tempo que eu não perdia tanto peso assim. Emagrecia um quilo aqui, às vezes meio quilo ali, e, de vez em quando, se tivesse um dia bem difícil, eu engordava um pouco, mas em geral dava um jeito de emagrecer novamente, bem rápido. Dizia a mim mesma que quando chegasse a hora de eu voltar (se um dia pensasse em voltar, é claro) estaria magra e linda e talvez então começassem a me escutar e a me tratar melhor.

Gosto desse apartamento. É claro que é pequeno, mas é mobiliado e me alugaram por seis meses. Usei o dinheiro que minha avó me deu. Eles não sabiam disso. Ela me deu sete mil libras antes de morrer, disse para eu colocar no banco e não contar para ninguém. Ela me deixou mais algum dinheiro no testamento, mas já sabia que iam ficar com ele.

A vovó foi a única pessoa capaz de me amar apesar de qualquer coisa, a única que entendeu meu esforço para alcançar a perfeição. Nunca me disse que eu estava perdendo tempo, ou magra demais, ou precisando engordar uns quilinhos. Nunca me disse que eu ficava feia daquele jeito, tampouco jamais me disse que eu era linda. Para ela, eu era apenas Rachelle. Era a mesma menina que brincara no seu quintal quando pequena, que gostava de usar seus vestidos elegantes e seus sapatos de salto alto.

Sempre que eu pensava na vovó, em ir para a casa dela, isso me fazia sorrir. Era a única coisa que me fazia sorrir.

Eu queria começar a correr. Pensei em sair de manhã bem cedo, antes de as pessoas acordarem. Quando estava na escola, eu adorava correr, adorava aquela sensação, e eu me dava melhor com a professora de educação física do que com qualquer um dos outros professores estúpidos que estavam sempre enchendo o saco com seus deveres, prazos e qualificação profissional. A srta. Jackson não dava a mínima para nada disso. Ela gostava de mim porque eu nunca desistia das competições e sempre a ajudava a arrumar os equipamentos de ginástica. No passado, a escola oferecia um financiamento específico aos atletas, levando os alunos para torneios contra outras escolas, mas depois pararam. Fui a única que me importei com isso, de qualquer forma. No final, fiquei tão mal que tive que sair da escola, muito embora ainda precisasse correr e, quem sabe, poderia ter me aperfeiçoado, se fosse capaz de me exercitar corretamente, levantar pesos, frequentar aulas de spinning e outras coisas que se fazem em algumas escolas.

Mas a corrida foi um erro. Eu me empenhei, mas minhas pernas não

funcionavam mais como antes. Era como se meu corpo já tivesse morrido e apenas esperasse minha mente alcançá-lo. E talvez a nuvem negra seja isso, afinal de contas. Talvez a nuvem negra seja a morte e eu simplesmente não a tenha reconhecido como tal. E tantos de nós ainda estamos perambulando pelo mundo, mas estamos simplesmente mortos por causa da nuvem dentro, fora de nós, ao nosso redor.

Eu estava sob essa nuvem e não havia como sair, não havia escapatória. Era como estar num labirinto em que cada passagem que você escolhesse fosse errada, todas as passagens levando a um beco sem saída. Exceto uma. Havia uma passagem que era a saída. Só precisava encontrá-la.

Colin

MAIS UM DIA SORUMBÁTICO NO TRABALHO, mas por outro lado já é terça-feira novamente, o que significa que vou para a academia de ginástica à noite, o que significa que talvez consiga dormir. Meu desempenho da semana passada está devidamente registrado na minha ficha de acompanhamento, esperando para ser superado.

Estou começando a me preocupar com a frequência com que me masturbo. Até agora, nessa semana, dediquei várias horas todas as noites a isso. Acho que essa obsessão deve ser fruto da combinação de tédio e excesso de pornografia.

Dessa forma, encontro um pouco de reconforto — ou algo assim — nas minhas rotinas. Segunda-feira à noite, eu estudo. Terça, vou para a academia. Quarta, lavo roupa e faço faxina em casa. Quinta, tenho aula. Sexta, como comida pronta e vejo um filme. Sábado e domingo… bem. Gosto de ter flexibilidade nos fins de semana, podemos dizer assim. E, é claro, visito meus amigos. Gosto de manter contato com eles.

No entanto, meu foco principal está sempre nos estudos. Embora o último curso que fiz tenha sido bem interessante, não foi algo desafiador. Cumpri o prazo de todas as resenhas que tive de fazer, terminei algumas até antes, e tirei uma nota alta sem me esforçar para isso.

Quando esse curso chegou ao fim, no ano passado, olhei as opções de aulas em período parcial e restavam poucas que me interessavam. Até pensei em estudar biologia outra vez, pois havia sido o mais divertido. Mas então vi um curso de “PNL e técnicas de análise comportamental para negócios e interação social”. A parte relacionada aos negócios não tem importância, não tenho interesse algum em progredir profissionalmente dentro do conselho municipal — mas fiquei intrigado com a ideia de que um curso pudesse me fornecer algumas percepções sobre o raciocínio e as intenções dos outros. E tem sido fascinante, ainda que pouco exigente. Pouquíssimas aulas que tive na faculdade eram rigorosas, e essa não era uma exceção. Não, o que me intriga são as

possibilidades adicionais que tenho conseguido explorar como consequência: transmissão de pensamento, hipnotismo (bem distinto de hipnoterapia, algo totalmente diferente), programação neurolinguística — um termo errôneo, se é que já houve um que não o fosse — e lavagem cerebral. Raramente faço um curso sem empreender algum estudo adicional, sobretudo quando o tema me agrada, e este em particular tem aberto um mundo inteiramente novo de possibilidades. Embora eu não costume dar continuidade a um tema além do ano previsto de estudo, a menos que seja de graduação, estou achando este particularmente cativante e então decidi passar para o curso de nível avançado. Foi uma grande surpresa que outros alunos tivessem feito o mesmo; eles nunca me chamaram a atenção por serem especialmente inteligentes.

E por que essas análises comportamentais resultam numa masturbação noturna regular, eu não tenho a menor ideia.

Logo que esse curso começou, eu me lembro de ter ficado detido no escuro, ponderando, como tenho certeza de que incontáveis homens solteiros já fizeram antes de mim, se poderia haver um jeito, no meio de toda essa droga de relacionamento humano, de encontrar uma mulher para dormir comigo.

Não é que eu seja horroroso, afinal de contas, ou sou? Tenho mais de um metro e oitenta, sou bem forte sem estar acima do peso, me visto bem e estou sempre impecavelmente limpo — o que mais poderia querer uma mulher que se dê o respeito? A única coisa que parece me faltar é a habilidade de compreender o que algumas delas querem que eu diga. Então, o que as mulheres realmente desejam? Não precisa responder. Acho que nem sou capaz de imaginar — e aposto que essa resposta varia de uma pessoa para outra.

Já pensei que poderia procurar uma prostituta, mas, para ser sincero, me recuso a pagar por algo que incontáveis idiotas insípidos e imundos por este país afora conseguem de graça. Sem mencionar a possibilidade de contrair alguma doença terrível. Mas, apesar da minha relutância, procurar uma prostituta continua sendo minha fantasia preferida. Eu me imagino seguindo pela London Road, dirigindo bem devagar em meio à escuridão, entre focos alaranjados de luz, vendo os vultos se movendo, mulheres distantes, uma delas apoiada na parede, talvez, ou caminhando pela calçada, os saltos absurdamente altos fazendo seus quadris balançarem. Eu estaciono atrás da figura — não posso vê-la com clareza. Na verdade, não vejo nada, mas por alguma razão a escolhi. Ela

se aproxima sob o foco de luz e inclina-se na janela aberta do carro.

Em algumas noites, ela é velha, tem cinquenta anos no mínimo, com cabelo cacheado que certamente deve ser uma peruca. Ela sorri para mim e entra no carro, depois seguimos para um apartamento sórdido que ela considera bem decorado com náilon rosa e poliéster, um tapete com a mesma estampa psicodélica da sala de estar da casa dos meus pais nos anos setenta; eu me deito na cama, que exala um cheiro de umidade e sexo, e a observo se despir, jogar toda aquela fibra sintética, rendas de náilon esgarçadas sobre um sofá estampado e puído. Seu corpo é velho e gasto, sua pele flácida sobre os ossos, o cabelo sob a peruca, grisalho e áspero. Tento trepar com ela, mas não sinto sequer as laterais de seu sexo imenso, então, ela acaba tirando seus dentes e me chupando vigorosamente com as gengivas até eu, enfim, chegar ao orgasmo. É claro que a fantasia só acaba depois que eu lhe dou uma soma em dinheiro repugnantemente superinflacionada e sou despejado na rua, cheio de calor e com o cheiro dela, imundo, e com seus vários fluidos corporais sobre o rosto, as mãos, o corpo e a roupa.

Algumas vezes, consigo realmente mudar tudo de modo que, quando a figura inclina-se sobre a janela do meu carro, ela tem uma beleza de tirar o fôlego, um anjo, cabelo louro e suave caindo como ondas sobre seus seios fartos; ela entra no carro e me leva para um hotel, direto para a suíte na cobertura, onde me despe apoiada na vidraça que descortina a linha do horizonte urbano. Seu corpo é voluptuoso e macio, sua pele cintila quando ela se deita de costas, sobre os lençóis de um branco ofuscante. E, mesmo assim, quando tento trepar com ela, não consigo. Não consigo fazer isso. Não consigo me forçar a olhar para ela, não consigo nem manter minha ereção patética.

O que há comigo que nem ao menos sou capaz de imaginar a felicidade?

Então, eu recomeço e vou comer a velha profissional em seu apartamento encardido subsidiado pela assistência social, que a esta altura está morta ou talvez apenas dormindo, e enquanto ela fica ali deitada, imóvel sob mim, com seus ossos pontudos e sua pele flácida, eu me permito uma triste ejaculação, depois vou tomar um longo banho, me perguntando que tipo de homem eu sou.

Na noite passada, depois de voltar para a cama, já seco e cheirando a sabonete líquido, pensei em Janice. Tenho pensado um bocado nela ultimamente, revivendo o dia em que nos contaram no trabalho que haviam encontrado seu

corpo.

Eu me pergunto se ela teria me deixado trepar com ela.

* * *

Ainda estou pensando em Janice quando chego à academia de ginástica, às sete horas. Trinta minutos de bicicleta, trinta de remo, trinta na esteira. Parece mais exaustivo essa noite, mas mantenho a cabeça ocupada pensando nela a maior parte dos noventa minutos.

Lembro-me da primeira vez em que Janice falou comigo. Ela já devia estar trabalhando no conselho municipal havia décadas, uma pessoa que fazia parte do cenário, como a xerox ou a pilha de listas telefônicas de dez anos, e eu nunca a ouvira dizer nada.

Naquele dia, ela trouxe a correspondência e, em vez de simplesmente deixá-la na bandeja ao lado da porta, levou um envelope até minha mesa, limpou a garganta e disse: “Isso é para você.”

Olhei-a com perplexidade.

Ela devia estar com uns trinta e tantos anos na época, a mesma idade que tenho agora, mas parecia mais perto dos cinquenta, seu cabelo castanho-claro preso num ralo rabo de cavalo, já ficando grisalho nas têmporas, olhos pálidos dissimulados num rosto cheio de rugas. Tinha um tipo de rosto que ficaria melhor com maquiagem, e não costumo dizer isso com frequência. Na verdade, podia imaginá-la num daqueles programas macabros de transformação, começando como uma solteirona desmazelada e terminando como uma mulher madura, bela e equilibrada.

Como se pudesse ler a minha mente, ela sorriu, e seu rosto mudou totalmente. Ficou quase linda — a velha bruxa se transformou em um anjo.

Depois disso, falei com ela mais algumas vezes. Nós parecíamos estar sempre ao mesmo tempo na cozinha, preparando chá. Ela nunca me pareceu ser loquaz, apenas educada, formal, e — não acredito que eu esteja dizendo isso — eu gostava da sua companhia. Quando ela ficou uns dias sem aparecer por estar doente, quase senti sua falta. Mas depois ela ficou tanto tempo ausente que esquecemos que ela existia, até o dia em que aquele palerma incompetente do departamento pessoal nos chamou à sala de reunião e nos contou que o corpo de

Janice havia sido encontrado em casa. Eu imaginei que ela tivesse sofrido um ataque cardíaco e estava esperando que nos dissessem quando poderíamos contratar outra pessoa, mas aí ele prosseguiu contando que ela ficara em sua casa apodrecendo durante quatro meses.

E isso foi logo antes do almoço.

O triste falecimento de Janice foi o assunto principal nos dias que se seguiram, a tal ponto que fiquei enjoado de ouvir falar sobre isso e estava prestes a me levantar e berrar algumas obscenidades se voltasse a escutar seu nome. No entanto, o mais alarmante foi que, naquele momento, meu nome surgiu na conversa.

— O que vocês estão dizendo?

Era Martha, evidentemente.

— Se estivesse prestando atenção teria escutado que eu só disse, Colin, que você era amigo dela, não era?

— De quem? Janice? Não era, não.

— Você falava com ela mais do que qualquer um de nós.

— Eu falava com ela. Isso não quer dizer que éramos amigos.

— De qualquer maneira, você não acha horrível que ela já estivesse morta por todo esse tempo e nenhum de nós tenha procurado saber como ela estava?

— Acho. É horrível — falei, entre os dentes.

Continuei trabalhando, na esperança de que todos entendessem a indireta e, felizmente, eles começaram a conversar sobre outra coisa.

Mas depois, me peguei pensando nela. Por que teria vindo falar comigo naquele dia, depois de tanto tempo sem me dirigir a palavra? Poderia ter sido por ela me achar atraente? Pensei mais sobre aquilo: o jeito como ela sorrira, o jeito como sua expressão mudara. Tentei imaginá-la na minha cama, em casa, tentei imaginá-la tirar seu cardigã e aquela blusa medonha e sem caimento que ela parecia usar sempre, revelando um sutiã que poderia ser generosamente descrito como robusto. Mas sob suas roupas, quando tudo o que eu precisava era de algo real, algo concreto, com pelos, rugas, pintas, curvas e o odor do suor, tudo o que descobri foi o corpo do meu anjo, firme, flexível, dourado e cintilante, sem falhas, sereno e intocável, e então meu ardor desfaleceu, como sempre acontece quando se está diante da perfeição.

* * *

A academia está esvaziando, e sigo para o vestiário, tomo uma ducha rápida para me livrar do suor e depois dou trinta voltas na piscina, num ritmo leve e agradável, capaz de me acalmar. Mesmo assim, fico de olho no relógio. Na semana passada, fiz isso em dezenove minutos. É possível que eu consiga reduzir para quinze, o que parece bem mais apropriado, mas vou precisar me esforçar. Pressionar a mim mesmo.

Quando comecei a frequentar essa academia, depois de sair da outra, no centro da cidade, adquiri consciência em relação aos exercícios que fazia. Na academia antiga, havia um grupo de meninas que parecia estar sempre lá quando eu chegava, rindo e sussurrando por trás das mãos. E o lugar estava sempre lotado — outra razão para sair de lá. Não há nada pior do que ficar observando a bunda suada de alguém remexendo no selim de uma bicicleta enquanto você espera ele acabar.

A academia atual é mais cara, mas acho que vale a diferença. É bem maior, o que significa mais aparelhos e seu preço garante que se pode esperar certo nível de clientela. As mulheres que não têm com o que ocupar seu tempo vêm durante o dia; as mães vêm com os filhos, depois da escola. Mas, tarde da noite, a academia é frequentada por outros profissionais solteiros que estão aqui para malhar e depois ir embora para casa, ou para um pub, ou para onde quer que pessoas como eu e, ao mesmo tempo, extremamente diferentes de mim vão.

Faz um ano esta semana desde que nos contaram sobre a morte de Janice. Talvez seja por isso que ela tenha estado na minha cabeça recentemente. Tem algo a ver com o tempo, as folhas mudando de cor, que me fazem pensar em deterioração, em cadáveres apodrecendo, dissolvendo, sem ninguém lá para ver. Eu devia ter lhe dado mais atenção. Havia tanta beleza nela que eu poderia ter observado, e me passou despercebida.

Mas depois tudo seria de novo apenas ainda mais incômodo, mais um transtorno, como aquela mulher demoníaca do asilo de idosos. Ela voltou a telefonar esta noite, antes de eu sair para a academia e, pensando que devia ser Vaughn, atendi sem olhar o número.

— Sr. Friedland?

Eu sabia que era ela. Seu jeito de pronunciar meu sobrenome com ênfase na

segunda sílaba, bem diferente da maneira como todo mundo o diz. Freed Land. A única razão pela qual eu não a corrijo é porque ela provavelmente pronuncia do mesmo jeito quando fala com a minha mãe. Quando penso nisso e, é claro, na incapacidade da minha mãe para exprimir sua indignação, acho bem divertido.

— Sim, sou eu — falei, fingindo ignorância.

— Sr. Freed Land, aqui é a enfermeira-chefe. De Larches.

— Sim — repeti.

— Sua mãe está muito bem, não há com o que se preocupar.

— Ah, que bom.

— Porém, ela sente muito sua falta.

Duvido, pensei.

— É mesmo? A senhora tem certeza de que ela pelo menos tem noção de onde está?

— Em algumas ocasiões tem, sim. Ela tem momentos de lucidez. E nesses momentos, ela parece sentir mais intensamente sua falta. Já faz muito tempo que o senhor não aparece para vê-la.

— Tenho andado ocupado — respondi. — Trabalhando demais.

— E nos fins de semana?

— Olhe, vou tentar passar aí no domingo, está bem? Agora, se me der licença, tenho coisas para fazer.

— Claro, claro. Nós nos vemos em breve, então.

Maldita mulher, arruinando uma noite perfeitamente interessante com sua conversa fiada. Que sentido teria ir visitar minha mãe, afinal? As chances de ela estar em um momento de "lucidez" na meia hora em que eu estiver por lá são tão remotas quanto desprezíveis. E se ela estivesse lúcida, só a ideia disso já é horrível demais para ser contemplada; depois de todo esse tempo, o que diríamos um ao outro? Mesmo assim, vou pensar sobre ir lá no domingo, nem que seja apenas para fazer aquela mulher horrível parar de me telefonar por algum tempo.

Atualmente, ela liga com menos frequência do que antes. No ano passado, quando minha mãe sofreu o derrame que lhe tirou a habilidade funcional enquanto ser humano adulto, o asilo ficou felicíssimo em acolhê-la. Não precisei de muito tempo para descobrir uma brecha no programa de saúde governamental para tratamento de enfermidades críticas, o que tornou possível que suas despesas fossem subvencionadas integralmente. Então eles não ficaram mais tão

felizes, embora eu ignore o motivo — afinal de contas, eles são pagos do mesmo jeito, e de modo mais confiável também, penso, considerando que esse fluxo de pagamento em particular nunca seca. Tenho a impressão de que eles querem que eu mantenha contato de modo a arrancar mais dinheiro de mim, dinheiro para coisas que o governo não financia. Mas que bem isso faria se ela tivesse uma televisão de tela plana no quarto, quando havia um bom aparelho na sala de estar do asilo à sua disposição, se estiver a fim de assistir? Para que precisaria de sapatos, se nunca iria pôr os pés para fora da porta?

Certa vez, tentei explicar tudo isso, mas o tom da enfermeira-chefe se tornou resolutamente ríspido. Depois daquela conversa em particular — que terminou com ela dizendo, num tom sarcástico desnecessário, que eu devia visitar minha mãe de vez em quando — eu me acostumei a deixar o telefone tocando quando via o número do telefone do asilo no identificador de chamadas. Não levou muito tempo para que ela nem se desse o trabalho de deixar um recado.

Estou realmente a fim de visitar minha mãe. Na verdade, é algo que espero fazer em um momento ou outro — uma viagem agradável num fim de semana ensolarado, comprar uns chocolates no caminho e, depois, comê-los no seu quarto, porque, afinal, ela não poderia comer, não é mesmo? —, mas com toda certeza me recuso a receber ordens de uma enfermeira-chefe velha e enrugada.

Da mesma maneira que me recuso a seguir o que qualquer pessoa me diz que devo fazer.

De qualquer forma, tenho planos para este fim de semana e espero ficar particularmente ocupado. Vários dos meus projetos de pesquisa estão quase se realizando — transformações fabulosas que devem ser observadas.

Briarstone Chronicle *Agosto*

Morte do pianista, uma “perda trágica”

O corpo do antigo pianista e concertista Noel Gardiner foi descoberto na casa que ele dividia com seu companheiro, o vocalista Larry Scott, em Catswood, no último domingo. Segundo informações da polícia, o corpo do Sr. Gardiner só foi achado “algum tempo” após a sua morte.

O falecimento do Sr. Scott, com 59 anos, de um ataque cardíaco, foi noticiado pelo Chronicle em maio. Amigos do pianista disseram ontem que o Sr. Gardiner se tornou uma pessoa isolada após a perda do parceiro.

“Nós tentamos fazer com que reagisse”, disse um amigo que não quis ser identificado. “Mas ele sentia demais a falta de Larry. Estavam sempre juntos.”

Noel Gardiner era um músico talentoso e se apresentou com sua orquestra em todo o mundo. As homenagens foram abundantes após o anúncio de sua morte e vários buquês foram deixados à porta de sua casa em Lenton Lane.

Obituário: página 46.

Noel

A primeira vez que o vi, eu soube que era ele. Soube da forma como eles sempre disseram que eu saberia, muito embora nunca tivesse acreditado em amor verdadeiro. Eu ria das pessoas que acreditavam.

Ele era tenor no coro e eu, o substituto que eles arranjaram de última hora, quando um pianista pulou fora. Eu toquei com o coração naquela noite, pode acreditar. Ousando olhar para ele algumas vezes, mas não com frequência,

sorvendo-o como se fosse um vinho, deixando ele correr minhas veias como o primeiro gole do álcool. Não tive coragem suficiente para ir falar com ele depois do concerto, mas, felizmente para mim, ele notou que eu o olhara e se aproximou, perguntando se eu poderia lhe mostrar o melhor lugar para um último drinque antes de dormir.

Levei-o ao Black Bull porque sabia que nenhum dos outros músicos estaria por lá — não queria dividi-lo com ninguém. Eu o queria só para mim. Se ficou surpreso com o pub — um tanto sombrio, para ser franco —, não deixou transparecer. Ele nos comprou uma garrafa de vinho barato e, quando terminamos com ela, permitiram-nos que tomássemos outra, embora quase não estivessem mais anotando pedidos. Mantivemos nossas cabeças próximas, sussurrando e idealizando o mundo, como se já nos conhecêssemos por toda a vida, e não acabado de nos encontrar naquela noite. Quando ele me acompanhou até minha casa, comecei a entrar em pânico, pensando que havia interpretado mal a situação, que aquilo era só mais um caso, mais um encontro movido apenas pelo aspecto físico. Ou mesmo, nem isso. Ele era mais velho do que eu, bonito, inteligente, e eu não achei que podia ter tanta sorte assim.

Mas estava equivocado. Eu era o cara mais sortudo do mundo.

Depois disso, estávamos sempre juntos. Todo dia. Todo trabalho que pegávamos, ou nós o fazíamos juntos, ou um de nós recusava qualquer outra apresentação para estar na plateia. Simplesmente não conseguíamos suportar ficar separados, não por mais de algumas horas. Sua voz me eletrificava; ouvi-lo cantando nutria minha vida. E ele ficava sentado, me escutando tocar, horas a fio, mesmo quando já havia ensaiado o bastante, ele fazia com que eu continuasse e, sentado na poltrona atrás de mim, os olhos semifechados, entregava-se à música.

Não acho que alguém tenha realmente compreendido como se tornou profundo. Ambos tínhamos amigos, é claro, família — a dele era mais afetuosa e solidária do que a minha —, mas o que tínhamos era sólido como uma rocha, se comparado à areia movediça de todos os outros relacionamentos, pessoas que entravam e saíam de nossas vidas, passando direto por nós.

Eu o encontrei no chão. Já estava ali havia algum tempo, embora eu tivesse apenas saído rapidamente de casa para comprar algo gostoso para o jantar.

Chamei a ambulância e enquanto a esperava chegar, tentei fazer tudo o que

podia por ele, massagens no peito, minha boca cálida tentando insuflar vida pela sua boca fria. Eu já sabia que era inútil. Ele se fora. A luz desaparecera de seus olhos.

Tinham-se passado três meses desde que ele me deixara, mas não tenho lembranças desse período. O tempo que veio em seguida não significou nada, nem tinha propósito. Eu não conseguia tocar; sequer tentei. Não podia ouvir música, não podia olhar para o céu, não podia andar ao ar livre sem ele, porque não havia razão para fazê-lo. Só o que eu podia fazer era esperar.

Annabel

FUI COM KATE À REUNIÃO TÁTICA na quarta-feira, ainda que fosse a vez dela. Geralmente, ela consegue encontrar um jeito de escapar, mas nessa ocasião se mostrou surpreendentemente entusiasmada. Estava abrindo a apresentação no computador, de costas para mim, a posição dos ombros e o sorriso parcial nos lábios me dizendo de modo implícito que ela achava que eu estava a ponto de me fazer passar por uma grande idiota, e ela iria se divertir com o espetáculo.

O inspetor Andrew Frost, a dois anos de se aposentar, uma das pessoas que eu mais gostava no trabalho, foi o último a entrar pela porta.

— Bom dia, Annabel. Bom dia, Kate. Hoje temos duas analistas pelo preço de uma, não é mesmo?

— Bom dia, senhor — respondi.

Senti um enorme alívio ao ver que seria Frost a comandar a reunião hoje. Alguns outros inspetores tendiam a fazer perguntas, um bocado delas, mesmo as que não faziam sentido algum. A impressão era de que eles queriam nos pregar uma peça, o tempo todo, tentando parecer espertos à nossa custa.

Todos sentaram-se à mesa, uniformizados de um lado, civis do outro. O inspetor na cabeceira; os policiais Ellen Traynor, Amanda Spitz e Brian Jones, também conhecido como “Salsicha”. Certa vez, perguntei a Trigger como ele ganhara aquele apelido, já que não tinha uma barbicha nem um cachorro chamado Scooby-Doo, e acabei descobrindo que, na verdade, era porque ele costumava entender as coisas errado e tinha, certa vez, respondido a uma acusação com a frase: “Não fui eu.” O apelido ficara por dez anos. Eu não esperava grande contribuição de sua parte. Do nosso lado da mesa estava Jo, do Setor de Inteligência, que cuidaria da ata, uma mulher do Serviço Social cujo nome eu sempre esquecia, desta vez acompanhada de um homem mais velho vestindo um suéter, Carol e nós duas.

Kate fez sua parte primeiro, e depois teve início uma discussão sem fim em volta da mesa sobre todas as missões em curso e como elas estavam sendo

conduzidas, o orçamento disponível que tinha sido destinado para elas, e se os riscos estavam sendo bem administrados.

Tentei não ficar inquieta e comecei a me preocupar sobre o que iria dizer.

— Certo, então alguma proposta? Não? Muito bem, então. Mais algum ponto a ser discutido, antes de concluirmos?

Eu me manifestei logo, antes que alguém começasse a pedir horas extras mais bem pagas.

— Sim, mais uma coisa.

— Annabel?

— Andei fazendo algumas pesquisas sobre mortes sem explicação em que o morto ficou um tempo sem ser descoberto. Ao que parece o número desses casos está anormalmente elevado até agora este ano. Fiz um gráfico…

Obediente, Kate passou da apresentação tática para o gráfico que eu terminara mais cedo, elaborado para mostrar o enorme aumento do número de casos.

— Devo ressaltar que esse pico representa este ano até a data de hoje, ao passo que os outros anos estão completos. Se as coisas continuarem seguindo essa média no restante do ano, podemos esperar que o número de casos ultrapasse trinta. Como podem ver, jamais tivemos mais de onze nos anos anteriores.

Olhei ansiosa ao redor da mesa. Todos continuavam sentados num silêncio de mármore, observando meu gráfico.

Por fim, Mandy Spitz falou:

— Desculpe, Annabel, mas não está claro para mim. Esses números representam homicídios?

— Não — falei. — São pessoas que morreram em suas casas e só foram achadas muito tempo depois.

Pensei ter ouvido um ruído, como alguém bufando, provavelmente Carol. Outra pessoa sussurrava algo. Senti minhas bochechas começarem a queimar.

Frost limpou a garganta.

— Você tem alguma teoria que possa explicar por que foram tantos assim? Alguma coisa relacionando os casos?

— Bem — respondi, olhando de relance para Kate e fazendo-lhe um gesto com a cabeça —, o próximo slide mostra alguns pontos interessantes…

Havia somente alguns asteriscos para chamar a atenção.

— Pois bem, há uma ampla faixa etária neste ano. A mais jovem tinha apenas

vinte e um anos, trata-se de Rachelle Hudson, tenho certeza de que todos se lembram dela, e a mais velha estava com noventa e poucos anos. Mas há também pessoas em torno de vinte, trinta, quarenta, cinquenta e sessenta anos. Em todos os anos anteriores, só encontramos dois corpos de pessoas com menos de sessenta anos. Um dos casos foi provavelmente provocado por uma overdose, outro acreditamos tratar-se de um suicídio. Mas neste ano todas essas pessoas, exceto uma, não tinham nenhuma causa aparente de morte.

— Você quer dizer que os corpos estavam em estado avançado de decomposição e não foi possível descobrir a causa da morte? — disse o homem de suéter. Sua voz era profunda, sonora, como se viesse de uma caverna imensa dentro dele.

— Mais ou menos — respondi, me preparando para abordar a questão principal. — Além disso, a maioria dessas pessoas foi encontrada em lugares comuns em suas casas: deitada na cama ou sentada na poltrona. Nos outros anos, encontramos corpos em decomposição com um nó improvisado em torno do pescoço, por exemplo, ou na banheira, como se pudessem ter se afogado. Alguns dos registros desses incidentes não especificam o local onde o corpo foi achado, mas, mesmo assim, não parece haver muitos casos que poderíamos explicar de outra maneira, senão que essas pessoas… bem, simplesmente morreram.

— Senhor, eu participei do caso de Rachelle Hudson com a equipe de Hampshire — disse Ellen Traynor a Frost. — Na época, achei muito estranho. Não parecia que ela simplesmente tivesse decidido se isolar da sociedade; parecia que ela tinha decidido morrer.

— Decidido morrer? — exclamou o inspetor Frost. Todos na sala se calaram.

— Isso mesmo. Não havia comida alguma na casa. Nem uma migalha. Ela estava deitada na cama do apartamento, o corpo já bem decomposto. O médico-legista não conseguiu determinar a causa da morte, mas sua teoria é que ela morreu de fome.

— Há meios mais agradáveis do que esse de acabar com tudo de uma vez — disse Mandy.

— Há vários — completou Frost, calando-se em seguida e examinando o slide.

Comecei a me sentir mal novamente.

— Não tenho certeza de que este seja o fórum adequado para isso, na verdade — ele se manifestou, enfim. — Se ao menos houvesse algo que

sugerisse um delito…

— Somente as idades incomuns — falei. — E o fato de todos aparentemente terem sido esquecidos por completo. Isso acontece às vezes, com idosos que têm tanto medo de serem despachados para um asilo que evitam contato com o mundo exterior, mas isso não acontece com os mais jovens.

— Esses dados se referem unicamente à nossa jurisdição? — quis saber Ellen. — E quanto ao resto do país?

Eu tinha me esquecido do último slide, que tolice.

— Isso é interessante também. Aparece na próxima tela…

Kate entendeu a deixa e apertou a tecla.

— Trata-se de um gráfico bem simples. Como podem ver, todas as outras áreas mantêm níveis similares aos dos anos anteriores. Não sei o que está causando esse pico no gráfico, mas é só aqui, em Briarstone.

Todos fixaram o olhar na apresentação. A mulher do Serviço Social estava boquiaberta. Frost passou a mão em seu cabelo cinza e curto.

— Vou comentar isso com o Grupo Tático — disse ele, por fim. — Vamos ver se um deles tem alguma ideia. Pode me mandar por e-mail esses slides, Annabel?

— Sim, senhor — respondi.

— Posso fazer agora mesmo, se quiser. Aproveitando que estão abertos — disse Kate, prestativa.

* * *

— Você vem? — Trigger perguntou a Kate, de pé ao lado da porta, enquanto colocava o casaco.

Eram três e meia da tarde. Trigger tinha uma vaga privativa no estacionamento, por conta de um problema nos quadris (que curiosamente não o impedia de fazer trilhas, seu passatempo favorito nos fins de semana e nas férias), e Kate com frequência pegava carona com ele.

— Tenho umas coisas para resolver, Trig — disse ela. — Mas obrigada, assim mesmo. Até amanhã.

Olhei para ela, surpresa. Normalmente, assim que as reuniões táticas quinzenais acabavam, ela se sentia tão esgotada que ia mais cedo para casa.

— Frost já mandou o e-mail para você? — perguntou ela depois que Trigger se foi. O distrito ficara calmo, mesmo o alto-falante estava mudo havia mais ou menos uma hora.

— Mandou — respondi.

Ele tinha me enviado cerca de uma hora antes, mas eu estava transtornada e frustrada demais para dizer alguma coisa.

— E aí?

— Ele falou que não quiseram nem olhar. Aparentemente, disseram que já estão sobrecarregados com os crimes de verdade que estão investigando.

— Eu avisei.

Sua resposta não ajudou muito, mas pelo menos ela mostrava algum interesse, ainda que isso só servisse para ratificar sua presunção.

— Esse distrito aqui está muito obcecado em atingir as metas do Ministério do Interior — falei. — Tudo o que importa são os índices de reabilitação e de criminalidade. Se não conseguem esclarecer alguma coisa, eles acham um jeito de fingir que nada aconteceu ou que, afinal de contas, não foi um crime. Eles simplesmente ignoram o fato de que estão lidando com gente de verdade, pessoas reais. Tudo acaba sendo destilado em números de criminalidade, a saída mais fácil. Isso me deixa louca.

Meia hora mais tarde, estávamos subindo juntas a ladeira indo na direção do ponto de ônibus. Ela jamais fora comigo a qualquer lugar antes, mesmo quando íamos para a mesma direção na mesma hora. Às quatro, desliguei meu computador e fui lavar minha caneca. Quando voltei, Kate havia vestido seu casaco e acabamos saindo juntas do distrito, como se isso fosse normal.

— Sabe — falei, bufando um pouco enquanto subíamos —, não é como se tivéssemos tido uma onda de calor, ou um inverno particularmente frio, nada disso.

— Ou inundações — acrescentou Kate. Suas pernas longas davam um passo que equivalia a dois das minhas, e sem fazer esforço.

— E, como eu disse na apresentação, os cadáveres não são todos de pessoas idosas. A desta manhã tinha só quarenta e três anos. E teve aquela mulher de Hampshire, lembra? A que encontraram em Baysbury? Tinha apenas vinte e um, e uma outra que acabei de ver, com somente trinta e nove.

— Quanto anos você tem mesmo? — perguntou Kate.

— Trinta e oito.

Ela soltou um risinho, um risinho de alguém que ainda tem só vinte e poucos e para quem quarenta anos parece algo infinitamente distante.

— Não consigo pensar em nada mais horrível do que morrer na própria casa e ser deixada lá, apodrecendo — falei, calmamente, entrando pela porta automática da farmácia e aproveitando o breve sopro de ar quente.

— Mas você não ficaria sabendo, já que estaria morta — disse Kate.

Mordi o lábio. Mas imagine se não for o fim, eu quis dizer. Imagine assistir ao seu corpo se decompondo e saber que não há ninguém por perto que se preocupe o bastante para se perguntar por que não a vê há tanto tempo.

— Você não acha — insisti, inspirando profundamente o odor vindo da confeitaria da esquina — que alguém perceberia? Principalmente quando é alguém jovem. Eles têm famílias, colegas de trabalho, amigos. Mesmo que não estivessem trabalhando, estariam procurando um emprego ou coisa assim. Deve ser bem difícil desaparecer, simplesmente.

— Imagino que sim. Acho que se eu não aparecesse no Facebook por alguns dias as pessoas iam começar a investigar.

Nós nos sentamos no muro, esperando pelo ônibus que nos levaria para o estacionamento onde estavam nossos carros. Quer dizer, Kate sentou-se e fumou um cigarro; eu me apoiei no muro, na direção contrária ao vento.

— Embora talvez ninguém desconfiasse de verdade, caso você fosse sumindo aos poucos — disse ela, alguns minutos depois.

— Sumindo de onde?

— Do Facebook. Quer dizer, se você tivesse a intenção de se afastar da sociedade, então, aos poucos, pararia de postar coisas no Facebook, não é? E, algum tempo depois, ninguém notaria sua ausência. Ou talvez notassem, e então poderiam enviar uma mensagem, um e-mail, mas se não recebessem resposta… bem, a maior parte dos nossos contatos não é realmente nosso amigo, não é? Amigos próximos, quero dizer. E aqueles que são, bem, e se você lhes dissesse que estava indo morar no exterior? Ou que seu computador quebrou, ou algo parecido? Quantos meses levaria até alguém se preocupar de verdade com por onde você anda?

— Eu não estou no Facebook — respondi.

Ela não estava me escutando.

— Mas ainda acho que não faz sentido levar isso adiante. Vinte e quatro corpos ou cinquenta e quatro, ainda estamos falando de pessoas que simplesmente… morreram. As pessoas morrem todos os dias, centenas delas. Nenhum desses cadáveres decompostos foi assassinado, de acordo com os registros, não é mesmo?

Balancei a cabeça.

— Eu vi um caso que o legista não conseguiu determinar a causa da morte, mas a maior parte parece ter morrido de causas naturais.

— Há algo de óbvio ligando todos eles?

— Além do fato de todos terem sido deixados se decompondo e de todos morarem em Briarstone… não vi nada até agora.

— Pois então. Infelizmente, somos analistas criminais. Não estamos aqui para lidar com questões sociais, é isso que vão dizer para você. E o que é pior — disse ela, pulando do muro e jogando o cigarro na lata de lixo — é que se eles acharem que você está ocupada pesquisando algo assim, vão acabar achando outro trabalho para você fazer.

— Ótimo — falei.

Só para variar, o meu ônibus apareceu na esquina bem na hora. Kate, que deixava seu carro em outro estacionamento, para os lados de Baysbury, teria que esperar mais um pouco.

Quando cheguei, não havia vaga para estacionar perto da minha casa. Tive que deixar o carro na rua principal, onde todos os vagabundos e viciados viviam e depois voltei para verificar as portas umas duas, três vezes, não deixando nada de interessante à vista no interior. Meu carro era um Peugeot com dez anos de uso, nada novo e digno de ser roubado, mas, infelizmente, suas especificações básicas faziam dele uma presa fácil. Não seria o fim do mundo, caso o roubassem, apenas um tremendo inconveniente.

Lucy veio me encontrar no fim da rua, saltando de um muro baixo do jardim vizinho e tentando me fazer tropeçar até chegarmos à porta, agindo como se não fosse alimentada havia três semanas. Tentei achar o buraco da fechadura no escuro — precisava trocar aquela lâmpada — e quando enfim abri a porta, o telefone começou a tocar.

— Alô? — Era minha mãe. — É, acabei de chegar em casa, mãe. Posso ligar de volta daqui a pouco?

— Está bem, eu esperei o dia todo, achando que você estaria ocupada demais no trabalho para falar comigo, mas se não pode falar agora…

— Desculpe, mãe. Só estou cansada.

— De qualquer maneira, não vai levar mais de um minuto. Você tem uma caneta?

Sentei-me no sofá ainda vestindo o casaco, equilibrei um bloco de anotações nas pernas e comecei a fazer uma lista de compras do que ela precisaria para o dia seguinte enquanto a gata se esfregava em volta dos meus tornozelos, arranhando minha saia e minha meia-calça, e eu a afastei de mim seguidas vezes, até desistir, encaixar o telefone entre o ouvido e o ombro e ir para a cozinha, procurar a ração da gata.

Fiz um omelete para acompanhar meu chá, assisti a um documentário sobre a África na televisão e depois fui tomar um banho. Fiquei sentada ali na água quente e espumosa, escutando o silêncio da minha casa, o silêncio ecoando.

Tentei imaginar o que poderia ter acontecido todo o tempo em que fiquei sem ver Shelley Burton. Talvez ela estivesse tão infeliz depois que o seu companheiro foi embora, que desistira de cuidar do jardim, desistira da vida. Talvez ele tivesse tido um caso com outra pessoa, e isso simplesmente a deixara devastada.

Todas essas coisas podiam ter acontecido na casa ao lado e eu não percebera. Fazia muito tempo que não a via. Talvez por isso, concluí que ela tivesse se mudado, que a casa estava sendo vendida ou alugada, e acabou que ela ainda estava morando ali, todo esse tempo.

Eu não me sentia triste, mas as lágrimas começaram a brotar, me pegando desprevenida. Lágrimas por causa do silêncio, por causa da solidão. Lágrimas pelas pessoas que morreram em suas casas e lá ficaram, os corpos apodrecendo, transformados em apenas fluidos, ossos e mucosas, não sobrando nada no final, a não ser uma mancha escura sobre o colchão ou a cadeira. Enterradas sem ninguém por perto, exceto uma mulher do conselho municipal que tentara sem sucesso encontrar alguém que as houvesse amado.

E se eu morresse aqui, agora, dariam pela minha ausência? Será que notariam minha falta no trabalho? Será que minha mãe telefonaria para a polícia, caso não conseguisse falar comigo? Talvez alguém viesse até aqui. E se eu não atendesse a porta? Quanto tempo levaria até que alguém a arrombasse? Dias? Semanas?

Em que estado estaria meu corpo quando fosse encontrado?

Do outro lado da porta do banheiro ouvi um som de arranhões. A gata, meu arrimo, minha rocha.

Colin

HOJE, NO TRABALHO, EU VI MARTHA conversando com Katrine, a nova interina. Mal registrei sua presença nas primeiras semanas, mas então ela sorriu para mim dentro do elevador e, desde esse momento, percebo sua presença sempre que ela está no mesmo cômodo que eu.

Aparentemente, ela é dinamarquesa, embora não tenha sotaque. Todo mundo fala dela, quando não está por perto, da mesma forma que, sem dúvida, falam de mim assim que eu saio. Eu odeio essa mesquinharia, essa safadeza, o modo como fingem ser amigos o tempo todo e então estraçalham sua presa verbalmente na sua ausência.

Eles tentaram me aliciar, perguntaram o que eu achava, mas então se deram conta de que eu não estava a fim de participar daquelas brincadeiras juvenis. Estou ali para trabalhar, não para socializar.

Na verdade, estou ali por que é conveniente para mim. Ganho a mesma quantia de dinheiro todo mês e posso fazer meu trabalho sem qualquer esforço intelectual. O fato é que, na maior parte dos dias, consigo terminar minhas tarefas antes das dez e meia da manhã, e depois disso, uso meu computador para fazer meus projetos ou minhas pesquisas de estudo. No fim das contas, não faz sentido procurar mais trabalho para fazer, pois isso só serviria para elevar o nível dos meus desafios no futuro. Não, faço o que tenho que fazer, faço-o bem, ligeiramente melhor do que qualquer um, e eles me deixam em paz.

Por ora, parei de me masturbar. Estava ficando com nojo de mim mesmo. Agora guardo para o fim de semana, quando posso gastar todo o meu tempo com isso, se tiver vontade. Como sempre, estou sob controle.

Vaughn Bradstock me perguntou se eu gostaria de ir jantar com ele e a encantadora Audrey no sábado.

A primeira coisa que pensei foi que isso atrapalharia minha noitada de punheta e pornografia; mas depois reconsiderei. Seria intrigante conhecer Audrey, após ter escutado quase todos os detalhes íntimos da sua vida, sua aparência e sua

personalidade, nos últimos meses. Aliás, ele desistiu de ir para Weston-super-Mare. Eu lhe disse que era uma sábia decisão. Se você estivesse indo a algum lugar com a mulher dos seus sonhos, então certamente acharia um local mais exótico do que Weston-super-Mare, não?

— Pode ser lá pelas seis e meia? — perguntou ele.

Bem típico, pensei.

— Pode ser um pouco mais tarde? Terei que dar um telefonema a essa hora.

Houve uma breve pausa.

— Ah, sim, acho que sim. Você não pode ligar para quem quer que seja mais cedo? É que Audrey não gosta de jantar tarde. Tem alguma coisa a ver com a dieta que está fazendo.

— Eu posso chegar às sete — falei, com firmeza. — Se não for possível, lamento, não poderei ir.

No final, ele concordou em marcar às sete e então me perguntou se eu tinha alguma restrição alimentar, o que me fez rir.

— É uma pergunta séria — insistiu ele. — Seria horrível se eu o matasse acidentalmente com alguma coisa porque você é alérgico.

— Não sou muito fã de berinjela — falei, por fim.

— Não vou esquecer. E lembre-se de que é Audrey quem vai cozinhar.

— E ela é boa nisso? — perguntei, pensando que ele certamente já devia ter comentado sobre o talento culinário de Audrey alguma vez; afinal de contas, ele me contara praticamente tudo sobre ela.

— Ah, é sim — respondeu ele com entusiasmo.

Mas, considerando o gosto de Vaughn no que diz respeito às mulheres, cerveja e música, aquilo não esclarecia nada. O jeito era esperar até sábado para tirar minha própria conclusão.

No caminho de volta para casa, parei para visitar minha amiga Maggie. A coitada não parecia muito animada. Ainda assim, sentei ao seu lado e conversamos um pouco. A casa dela me intriga: é linda, assim como tudo que tem dentro — no andar de cima deve haver uns seis quartos; não sei por que ela precisa de tantos, pois mora ali sozinha já faz alguns anos. Acho que não a incomodei demais, embora ela parecesse estar bem cansada. Eu lhe disse que voltaria no fim de semana para ver como ela estaria e depois fui embora.

Cheguei em casa, limpei a cozinha e o banheiro, coloquei roupas na máquina

de lavar e passei minhas camisas do trabalho enquanto assistia ao noticiário.

Com tantas coisas para fazer, teria que planejar cuidadosamente meu fim de semana. O jantar na casa de Vaughn, por mais divertido que pareça, é a menor das minhas prioridades no momento.

Briarstone Chronicle *Setembro*

Homem é achado morto no apartamento em Briarstone

O corpo em avançado estado de decomposição de um homem em torno de cinquenta anos foi encontrado pelos funcionários do conselho municipal ontem, num conjunto habitacional de Briarstone.

As autoridades do departamento habitacional foram até o apartamento após não receberem respostas das várias ligações e cartas oficiais enviadas. "O corpo foi encontrado sentado na sala de estar com a televisão ainda ligada", disse um funcionário da prefeitura.

Acredita-se que o homem seja Robin Downley, um desempregado. Os vizinhos já não viam o Sr. Downley havia algum tempo. Uma senhora que não quis ser identificada nos relatou: "Não parei de ligar para a prefeitura por causa do fedor. Devo ter telefonado umas trinta vezes e eles nunca apareceram."

Robin

Minha esposa me deixou, e este foi o início do fim da minha vida.

Eu me lembro de estar em casa com as crianças numa tarde de domingo, lavando a louça, quando tocaram a campainha. Era Elaine, a melhor amiga da minha esposa. Seus olhos estavam cheios d'água. Convidei-a a entrar e comecei a preparar um chá enquanto ela foi se sentar na sala e começou soluçar inconscientemente, fazendo uma barulheira danada. Felizmente, as crianças estavam lá em cima, fazendo também uma grande algazarra e não ouviram nada.

— Onde está Beverley? — perguntou Elaine, quando enfim conseguiu falar.

Pensei que ela estava procurando o ombro da melhor amiga para chorar, e não

o meu.

— Não sei muito bem — respondi. — Ela saiu.

Nós não éramos o tipo de casal que passava cada minuto junto. Tínhamos nossas próprias vidas, nossos próprios hobbies, nossos próprios amigos. Isso tornava o tempo que passávamos juntos mais excitante, mais precioso. Ou pelo menos, era o que eu achava.

Naquele mesmo instante, a campainha soou outra vez e me lembro de ter me sentido muito mal, como se de repente o mundo tivesse saído do eixo e eu não percebera, como se algo estivesse errado da maneira mais básica possível e eu tivesse sido o último a saber. Na porta, estavam Beverley e Mike, o marido de Elaine.

De mãos dadas.

Dei um passo para o lado, deixando-os entrar e eles logo seguiram para a sala de estar, onde Elaine estava sentada, presumivelmente já ciente da bomba devastadora que estavam prestes a lançar sobre nossas vidas. Eles estavam surpreendentemente calmos, racionais e impassíveis ao anunciarem a notícia. Eles tinham um caso havia cinco meses, e não estavam mais dispostos a continuar mentindo para todo mundo. Beverley me disse que não me amava mais, que amava Mike e queria que nós nos divorciássemos para que eles pudessem se casar.

No momento, aceitei as coisas muito bem. Acho que, se estivéssemos só Bev e eu conversando, eu teria me aborrecido, quebrado alguma coisa, certamente teria levantado um pouco a voz. Mas ali estávamos nós, os quatro, tendo aquela discussão civilizada lá embaixo, enquanto no andar de cima nossos filhos brincavam com algum jogo que envolvia um bocado de bagunça, barulho e batida de pés no corredor entre os quartos.

Eles conseguiram o que queriam, é evidente. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir aquilo e, além do mais, após a histeria inicial, Elaine pareceu se acostumar à ideia e logo deu a impressão de aceitá-la. Como eu poderia fazer um estardalhaço, quando ela estava sendo tão sensata?

Contudo, nos dias e semanas que se seguiram, eu me senti no início de uma espiral decrescente. Mudei-me para um apartamento alugado, deixando Bev e as crianças na casa, enquanto ela era posta à venda. Mas não era um bom momento para tentar vender uma casa com quatro quartos, e ela ficou disponível no

mercado por vários meses, enquanto eu pagava a hipoteca e o aluguel do apartamento, além de dar dinheiro a Bev para cuidar das crianças.

Sozinho no meu quarto e sala miserável, tentando entender o que eu fizera de errado, por que era eu que estava sendo castigado, se não havia sido eu que tivera um caso, que pedira o divórcio, comecei a beber toda noite e depois, por fim, de manhã também, ao acordar.

Em novembro seguinte, perdi o emprego no dia em que cheguei ao trabalho ainda parcialmente bêbado da véspera, e ainda mais bêbado pois tive que entornar uma garrafa de cidra forte, antes de encarar o dia.

Bev me ajudou um pouco. Ela era mesmo uma boa moça, gentil, uma das razões pelas quais me casei com ela, em primeiro lugar. Acho que se sentia culpada pelo modo como tudo acabou. Ela me disse que eu não precisava dar dinheiro para as crianças, por enquanto, até que eu resolvesse as coisas, e acabou que eu também não precisava mais pagar a hipoteca, pois Mike e Elaine tinham vendido sua casa e ele se mudara para morar com Bev e as crianças.

Consegui algum dinheiro com o seguro-desemprego e isso serviu para pagar o aluguel. O pouquinho que sobrava eu tentei gastar só com comida, contas e presentes de Natal e de aniversário para as crianças. Mas quase sempre eu ia até a loja da esquina e comprava algumas garrafas, só para me manter aquecido.

Foi assim que acabei, dois anos depois que tudo começou, naquele instante que na minha alegre ignorância eu lavava a louça numa tarde de domingo, enquanto meus filhos brincavam no andar de cima e minha esposa estava sabe-se lá onde fazendo sabe-se lá o quê.

Você nunca se dá conta do que é a solidão até que ela começa a rastejar dentro de você, como uma doença; é algo que vai acontecendo progressivamente com você. E é claro que o álcool não ajuda: você bebe para esquecer como é uma merda viver assim e então, quando para de beber, tudo fica infernalmente pior. Então você continua bebendo para tentar apagar tudo.

Sempre pensei que, se houvesse alguém com quem eu pudesse conversar, alguém que realmente me escutasse… Não o médico, que estava sempre apressado para que eu saísse do seu consultório, porque eu fedia à bebida e coisas piores; não as pessoas dos grupos de apoio, que ouviam histórias como essa o tempo todo; além do mais, existem histórias bem piores do que a minha.

Não havia ninguém assim, é claro. E se tivesse havido, se por acaso alguém

aparecesse no meio da rua e me perguntasse “Como vai você?” com toda a sinceridade, o que eu teria respondido a ela? Por onde teria começado?

Às vezes, eu fazia certas brincadeiras quando estava lá fora, só para ver se conseguia atrair a atenção de alguém, se conseguia fazer com que olhassem para mim, ainda que só por um minuto. E quer saber de uma coisa? Ninguém olha nos seus olhos. E eu percebi que fazia anos e anos que ninguém havia mantido contato visual comigo, e a última a fazer isso provavelmente foi Bev. Então, o que significava isso? O que podia significar? Se as pessoas pararem de olhar para você, você para de existir? Isso quer dizer que você não é mais uma pessoa? Isso quer dizer que você já está morto?

Annabel

EU SABIA QUE NÃO ERA COMUM acreditar em anjos.

Não falei sobre isso no trabalho porque, é claro, eu me tornaria a grande piada do escritório. Meus colegas lidavam com crimes horríveis todos os dias da semana, e a única maneira de aguentar isso era rindo sempre que possível. Eles faziam piadas sobre os colegas e todos aceitavam isso, bem contentes. Frequentemente, tiravam onda com a nossa cara, as analistas. Kate não se importava nem um pouco, é claro, mas também sua autoconfiança era tanta que você podia lhe dizer que ela era uma baranga e ela reagiria com uma piscadela, um sorriso e responderia algo do tipo: “Sou mesmo, querido.”

Eu sabia que era muito sensível. Tentava não ser assim. Tentava ostentar uma expressão corajosa e feliz e me esquivar das piores piadas sobre meu peso, ou minha carência de vida social, chegando mais cedo ao trabalho. Acho que eles sentiam que havia um limite que não devia ser ultrapassado.

Foi por isso que não comentei nada sobre os anjos. Como eles eram reais, sagrados, lindos e estavam o tempo todo ao nosso redor. Eu sentia a presença deles quando estava triste — um arco-íris, uma pena, um sopro de brisa na minha pele. Eu falava com eles e prestava atenção a tudo o que podiam me dizer. Tentava agir de um modo que os deixasse felizes.

Mas, naquele momento, eu não estava feliz. Andava pensando com frequência em Shelley Burton e em todos os outros, aquelas pessoas, aquelas pobres pessoas, sozinhas em suas casas na hora da morte, esperando para serem acolhidas pelos anjos, mas continuavam na terra, sabendo que iam ficar ali, apodrecendo, sem amor, ignoradas, desrespeitadas. Só de pensar nisso, me sentia doente e envergonhada. Eu me perguntei se elas realmente sabiam o que estavam fazendo, ou se a vida as havia tratado tão mal que a necessidade de morrer se tornara uma força maior do que a terrível perspectiva do que poderia lhes acontecer em seguida.

Hoje, três agentes do Grupo Tático participaram da reunião com o Setor de

Inteligência, e todos estavam se divertindo um bocado com meu fascínio repentino pelos cadáveres em putrefação. Ah, essa é boa, muito engraçado. Annabel, a gordinha desajeitada tem um fetiche com carne fétida, quem diria… Kate participava e ria com eles. Bem, para falar a verdade, até eu estava rindo, afinal o que mais poderia fazer — cair no choro? Não estavam sendo realmente desrespeitosos, porém, alguém de fora poderia ficar horrorizado com algumas coisas que diziam. Era somente o jeito deles de encarar aquilo com que tinham que lidar no dia a dia. Enquanto isso, fiquei com a mão no bolso, meus dedos sentindo a forma sólida do anjo de cristal que carrego o tempo todo, confiante de que ele me traria um pouco de paz. Esperando que pudesse fazer meu trabalho de forma adequada e persuadir alguém a examinar de perto aquele padrão de ocorrências alarmante envolvendo pessoas mal-amadas e indesejadas.

Esperando conseguir acabar com aquilo.

Mas eles não pareciam interessados. No final, respondi o e-mail de Frost, com cópia para o inspetor chefe da delegacia de homicídios, para Bill, e mesmo para a Assessoria de Imprensa (afinal de contas, por que não?). Sugeri que se tratava de uma tendência muito preocupante e que, ainda que não que houvesse realmente um crime, era um sintoma das comunidades conflituosas que estávamos tentando reparar. O inspetor chefe apagou o e-mail sem ler. A Assessoria de Imprensa o abriu e, depois, o apagou. Bill nem sequer abriu.

Bill era o analista sênior. Por conta da última medida de corte de gastos, ele também passou a se dividir entre a Divisão Leste, que sempre estivera sob sua responsabilidade, e a nossa divisão. Embora ele afirmasse estar “sempre pronto para atender nossas chamadas quando preciso”, nós só o vimos uma ou duas vezes nos seis meses, desde que passara a ser nosso analista sênior. Supostamente, era um sinal de nossa autossuficiência, de sermos capazes de continuar operando como sempre fizemos —, mas na verdade ele gostava da vida fácil, e dirigir trinta quilômetros até um distrito policial no centro da cidade, onde não conseguiria uma vaga para estacionar, estava um pouco além de sua capacidade.

Antes de quinta-feira, não tive tempo de pesquisar os cadáveres. Tinha outro trabalho para fazer, o perfil de mais um maníaco sexual, que no caso estava prestes a ser solto, após uma longa sentença. Era só uma questão de controle de riscos. Olhei sua ficha criminal, os lugares onde havia morado, suas relações, sua

família, sua situação atual, tentando encontrar um padrão para determinar se havia chances de ele representar um perigo. Mas não havia pressão, estávamos apenas falando do dano mais inimaginável que pode marcar jovens vidas inocentes.

Além disso, Kate estava de folga. O que só tornava as coisas ainda mais estressantes. Eu monitorava sua lista de tarefas, além da minha.

Estava tão absorvida que sequer notei que havia alguém atrás de mim, até que uma mão pousou sobre meu ombro e eu dei um pulo.

— Desculpe — disse ele, rindo como uma criança. Era Andy Frost. — Não quis assustar você.

— Não tem problema, senhor.

— Pare de dizer "senhor", Annabel. Eu já pedi isso.

— Eu sei, mas é a força do hábito.

— Li seu e-mail — disse ele, empoleirando-se na beira da mesa de Kate. — Você acha que poderia dar uma olhada mais atenta na lista de cadáveres? Poderia preparar uma análise comparando os casos?

— Claro. Mas provavelmente seria algo bem básico. Não esqueça que os casos estão limitados aos registros de incidentes; não são relatórios criminais. Alguns do que li eram inacreditavelmente breves.

— Sei — disse ele, pensativo. — Eu mencionei o assunto com o Grupo Tático. A delegacia de Homicídios não demonstrou o mais remoto interesse, é claro, mas isso não me surpreende. Eles estão sobrecarregados no momento. Mas Alan Robson pareceu interessado. Eu lhe disse que conseguiria mais informações.

— Alan Robson? O diretor do Programa de Redução da Criminalidade?

Andy aquiesceu.

— Ele mesmo. Foi transferido para o setor de Operações Táticas no mês passado.

— Deve estar procurando mais uma promoção.

— Mesmo assim, é melhor do que nada. Você pode muito bem ter descoberto algo e, é claro, como você disse, é uma questão comunitária, o que atraiu a atenção dele. E se acabarmos precisando fazer alguma coisa com o Serviço Social, ou a Associação da Terceira Idade, ou sei lá quem, é com ele que você vai contar para resolver isso.

Eu sorri para ele.

— Então, é melhor eu começar logo.

* * *

Voltei para casa, passando pelo supermercado e, depois, pela casa da minha mãe para entregar as compras que me pedira na véspera. Ela já havia telefonado outra vez à tarde: esquecera-se de me pedir outras coisas de que precisava e não queria passar o fim de semana sem elas, muito embora eu geralmente fizesse compras para ela nas manhãs de domingo. Quando entrei em casa, a televisão estava ligada, o som alto como sempre, e se não fosse pelo seu grunhido em resposta ao meu “oi”, eu teria achado que ela não percebera minha chegada. Guardei a comida na geladeira e coloquei uma torta de carne moída com batatas no micro-ondas para descongelar e, depois, liguei o forno e ajustei a temperatura. Enquanto o micro-ondas zumbia, eu lavei e sequei a louça da noite anterior e a tigela de cereais dessa manhã, guardando tudo no armário.

Minha barriga roncou quando senti o cheiro da carne e do molho emanando do micro-ondas. Quando ele apitou, coloquei a embalagem dentro de uma travessa e enfiei tudo no forno, marcando o tempo.

— Vai ficar pronto em uns vinte minutos, mais ou menos — avisei. — Quer que eu prepare algum legume?

— Só algumas ervilhas bastam — respondeu ela, sem levantar o olhar. — E batatas.

— Já tem batata. É uma torta de carne com batata.

Nenhuma resposta. Suspirei e pus água na panela para ferver. Peguei uma grande batata na gaveta de vegetais da geladeira e fiquei em pé, descascando-a, indagando por que todo aquele processo me dava vontade de chorar.

Quando acabei de cozinhar a batata e as ervilhas, a torta ficou pronta, a parte de cima parecia crocante e tinha tons marrons e dourados, o molho borbulhava no purê. Coloquei-a num prato e em cima de uma bandeja com garfo e faca, além de um papel toalha como guardanapo, porque todos os guardanapos estavam guardados em algum lugar dentro de caixas fechadas com fita adesiva que tinha perdido a cola havia alguns anos e estava se soltando da superfície.

Ela começou a comer sem dizer nada, soprando brevemente a fumaça a cada garfada, e então olhou diretamente para mim, o que fez com que eu me

levantasse e fosse pegar algo para ela beber. Quando coloquei o copo d’água na bandeja, ela me olhou com uma expressão de desgosto.

— O que é isso?

Naquela noite, eu não tinha energia para mais uma batalha. Às vezes, eu brigava e vencia, quase sempre era assim, mas naquela noite eu me rendi de primeira e voltei à cozinha. Na geladeira, havia uma garrafa de vinho branco fechada. Tirei a rolha e levei-a com uma taça para ela. Não fazia sentido lhe servir apenas uma taça. De qualquer modo, uma vez aberta a garrafa, ela acabaria com o vinho. Se ficasse bêbada até cair seria sua própria culpa.

E ficou por isso mesmo. Disse-lhe boa-noite, vesti meu casaco e saí para a noite.

A gata, pelo menos, pareceu bem contente em me ver, miando aos meus pés e pulando, como se isso servisse de alguma coisa, ronronando mais alto quando a tigela apareceu repentinamente em seu campo de visão. E, assim que acabou de comer, ficou miando perto da porta para poder sair. Abri a porta e ela se foi para o meio da noite, fazer seja lá o que for que ela passava horas fazendo quando escurecia. A casa ficou silenciosa, e eu estava sozinha novamente.

Colin

EU DEVIA TER LIDO SOBRE SUBMODALIDADES críticas antes da aula desta noite, mas em vez disso acabei me distraindo com os livros de biologia do ano passado. Lembro-me de ter lido sobre decomposição — um processo tão lindo e perfeito: criado pela natureza, maculado e deturpado pela atividade humana. Tantas variáveis, previsíveis, todo o sistema governado pela natureza, que está além do controle humano.

Entrei na internet para pesquisar sobre a Decadência, meu estágio predileto de Decomposição. A Decadência, tecnicamente, começa após o Inchaço, a notificação da natureza — os tecidos mais frágeis são logo reduzidos nesse período, especialmente se, durante a fase do Inchaço, a pele tiver esticado tanto a ponto de rachar. Assim como a atividade dos detritívoros, processos internos (os naturais) aceleram a decomposição, inclusive a infinitamente fascinante autólise, que é a destruição das células pelas enzimas do próprio corpo. O pâncreas, cheio de enzimas digestivas, é um dos primeiros órgãos a sumir. Ao final da fase de Decadência, não sobra quase nada, nem mesmo pele. As moléculas que uma vez constituíram um ser vivo, respirando e consciente são transformadas em átomos que nutrem o solo e encorajam uma nova vida. Uma reciclagem insuperável.

Por fim, tive que largar meu computador. A caminho do curso, passei numa casa em Catswood. Só uma visita rápida. Não muito esclarecedora.

O prédio da Universidade estava cinzento com a chuva, um bloco de concreto que as pessoas acham horrendo e eu acho interessante. Sua estrutura é muito uniforme, mas quanto mais perto se chega, melhor se percebem as rachaduras, o líquen invadindo, as texturas mudando por causa da corrosão climática.

Havia cinco pessoas na aula: Darren, Lisa, Alison, Roger e eu. Nigel, o professor, estava atrasado como sempre, e nós ficamos esperando fora da sala, que estava trancada, com nossos cafés extraídos da máquina, ali em pé numa espécie de silêncio austero. Eu me perguntei se eles também estavam pensando em alguma coisa inteligente para dizer. Esse é o problema desse curso — deixa

você sob a maior pressão para dizer algo interessante, quando consegue falar com outra pessoa.

Roger se aproximou de mim e limpou a garganta. Ele queria saber se eu já tinha colocado em prática algumas das técnicas.

— Nenhuma delas — respondi e logo depois sorri para ele, dando uma piscadela desanimada, pois sabia que, dada a natureza do estudo, ele seria capaz de descobrir que eu estava mentindo. Embora pudesse não ter percebido a mentira e interpretado mal a piscadela. Tão precária é a natureza de nossos métodos de comunicação.

Depois da aula, fiquei esperando na sala, fazendo perguntas fúteis sobre o potencial para estudos associados e quantos créditos esse curso me daria para uma formação posterior, dessa vez em psicologia — afinal de contas, por que não? —, mas estava de fato só protelando, de modo a não ter que andar de volta até meu carro com aquele bando de desiludidos.

Pelas portas envidraçadas, vi Lisa e Roger ao lado da entrada principal, conversando. Ela estava numa posição angular, seu quadril de frente para ele, a ponta de seu sapato apontando para o lado, longe dele. Roger se inclinava na direção de Lisa, rindo e — sim, pode acreditar — umedecendo os lábios com a ponta da língua. E ela riu também, jogando a cabeça para trás, expondo seu pescoço para ele.

Virei as costas para eles e examinei o quadro de avisos na entrada. Olhei os anúncios de apartamentos para dividir, outros de grupos sociais, sociedades esportivas e serviços para os estudantes, incluindo consultoria. Estes eu examinei mais detalhadamente. Um pequeno anúncio, escondido atrás de outro de um grupo de apoio à amamentação para jovens mães, chamou minha atenção, pois oferecia (Como é que pode? Logo ali?) apoio em caso de falecimento de entes queridos.

> *Somos um grupo de estudantes no qual todos sofremos com a perda de uma pessoa querida. Nosso objetivo é aceitar nossas diferentes situações através do apoio mútuo. Toda terça-feira, das 18h30 às 21h. Sala 13. Todos são bem-vindos.*

Fiquei olhando o anúncio por alguns instantes, sem querer me virar, no caso de

Lisa e Roger notarem minha presença e se perguntarem que diabos eu estava fazendo ali. Ao lado, havia outro anúncio, este para distúrbios alimentares. Outro, o maior, que parecia mais oficial, era dos Alcoólicos Anônimos.

É estranho como o destino intervém em momentos como este. Eu estava diante do quadro de avisos, lendo sobre alcoólatras e luto e, de repente, ela apareceu ali, ao meu lado, lendo as mesmas coisas inúteis que eu. Olhei-a de soslaio e senti algo, o rumor de uma excitação. Ela usava uma jaqueta jeans com uma echarpe que dava várias voltas no seu pescoço. Puxou as mangas surradas e desfiadas da jaqueta para esconder as mãos.

Olhei-a e arrisquei um sorriso. Ela encontrou meu olhar e desviou os olhos para o lado novamente. Havia aquele ar de desespero em seu rosto. Eu não sabia o que tinha provocado aquilo, de onde vinha. Mas, de um modo ou de outro, estava ali.

Coloquei a mão no seu braço e ela teve um ligeiro sobressalto.

— Olhe — falei. — Acho que é um anúncio assim que você devia estar lendo.

Apontei aleatoriamente para um aviso no quadro, o de um grupo de orientação para estudantes. De imediato, ela se inclinou, aproximando-se do quadro, e de mim, e examinou com atenção o pedaço de papel.

— Acho que…

— Ou você acha que esse outro pode ser o que você procura? — falei, apontando para outro anúncio.

— É — respondeu ela, olhando para mim e sorrindo. — É esse mesmo. Acho que é esse. Obrigada.

— É tão fácil melhorar as coisas — falei.

Ela fez um som com a boca. Estabeleci contato visual com ela no instante em que uma lágrima brotou no canto do seu olho e escorreu pela face.

Toquei novamente em seu braço.

— O que você precisa pensar em fazer é talvez ir comigo até o pub; isso seria bem fácil, não?

Sua hesitação foi bem imperceptível. Até me surpreendi.

— Ok, tudo bem — respondeu ela.

Felizmente, Lisa e Roger tinham ido embora. Eu a conduzi até o estacionamento, me perguntando se levá-la no meu carro tão cedo seria uma boa ideia. Havia um pub na esquina que não parecia estar cheio, o que significava

que teríamos mais chances de ser notados, mas não havia outro jeito. Não podia me arriscar levando-a no meu carro. Era um pub frequentado por pessoas mais velhas, o que aumentava a probabilidade de dois estranhos chamarem a atenção; por outro lado, era improvável que houvesse uma câmera de circuito interno funcionando.

Fui com ela para o bar e fiz com que se sentasse ao lado de uma lareira apagada.

— Onde você prefere se sentar? Aqui parece um bom lugar, não acha? — Ela aceitou sem hesitar. — Você quer beber uma Coca?

— Sim — disse ela.

Olhei para o velho sentado com uma caneca de cerveja preta à sua frente, era a única outra pessoa sentada no bar. Do outro lado, dava para ouvir o som de bolas de sinuca se chocando e as risadas de homens mais jovens. Aquele era o lugar certo.

Uma atendente surgiu de trás do balcão. Era jovem, o cabelo louro oxigenado preso em uma trança irregular que caía por um dos ombros.

— Do que gostariam?

— Uma Coca e uma caneca de John Smith’s, por favor — respondi, entregando-lhe o dinheiro.

Enquanto ela enchia a caneca, olhei para trás vendo minha acompanhante sentada onde eu a deixara, puxando nervosamente as mangas da jaqueta, como se estivesse esperando para ser atendida pelo dentista ou ser entrevistada para uma vaga de emprego. Todos esses anos imaginando como fazer para conseguir uma mulher e, na verdade, a coisa era ridiculamente direta. Basta lhes dizer o que fazer. É tão simples.

Levei as bebidas até a mesa e sentei à sua frente.

— Qual é seu nome? — perguntou ela.

— Meu nome é John — respondi, escolhendo um nome qualquer; toda vez, um nome diferente, um sinal de reconhecimento por ter que ser uma pessoa diferente para cada uma delas.

— John — repetiu ela, degustando a palavra.

— E o seu?

— Leah.

— Seu nome é Leah — repeti. — Isso aí.

Ela pegou o copo de refrigerante e bebeu, sem questionar, ou sequer parecer perturbada pela minha estranha escolha de palavras. Foi neste instante que eu soube que a tinha nas mãos. Ela agora é minha, toda minha, posso fazer o que quiser. Tínhamos muito sobre o que conversar, Leah e eu. Eu queria ouvir sua história, queria que me contasse tudo sobre suas angústias, seus medos e sua falta de esperança. E agora eu sabia como ajudá-la.

Annabel

— Aconteceu a mesma coisa em Bridgend — disse Trigger, largando o exemplar do *Briarstone Chronicle* sobre sua mesa abarrotada.

— Bridgend? — perguntei. — Você está falando dos adolescentes suicidas?

— É, foi uma coisa assim. E antes que você comece, já sei que todos foram casos de morte natural.

Eu não disse nada. Na verdade, não eram *todos* de causa natural; o relatório que o médico-legista nos forneceu identificava que dois morreram por causa do alcoolismo, e outro acreditava-se ter sido por overdose de barbitúricos. Vários outros pareciam ter morrido de fome. Pode ter sido algum tipo de causa natural, mas, se tivessem conseguido comer de vez em quando, é provável que ainda estivessem aqui.

— E agora essa droga de jornal também ficou sabendo. Isso vai virar uma grande dor de cabeça, pode escrever o que estou dizendo. Ontem, eu estava conversando com Dave Morris. Você conhece Dave? Inspetor de plantão na Sala de Controle que antes trabalhava no trânsito?

Assenti, como se soubesse de quem ele estava falando, só para fazer com que parasse de descrever o histórico profissional completo de Dave Morris.

— Ele disse que andam recebendo milhares de ligações falando sobre vizinhos, graças ao envolvimento da imprensa. A cada cinco minutos: “já não vejo a moça da casa ao lado faz algum tempo” ou “estou sentindo um cheiro esquisito por aqui, talvez alguém tenha morrido”. Ele disse que sempre mandam uma unidade, por via das dúvidas, mas está ficando irritante.

Sorri para ele, esperando que não achasse que eu fosse pedir desculpas. Era como se tudo fosse culpa minha, só por que tinha sido eu quem chamou a atenção para o caso.

Para variar, o sol brilhava lá fora. Concluí a análise comparativa dos casos e entreguei cópias para Andy Frost, Bill, Trigger e qualquer outra pessoa que demonstrasse interesse, com a vaga esperança de que alguém desse alguma

atenção. Na verdade, era um documento superficial. Não havia muitos dados além daqueles que eu já tinha descoberto; os gráficos pareciam impressionantes, mas minhas requisição e recomendações eram duas vezes mais longas do que todo o relatório principal. No fim, foi tudo o que pude fazer para me abster de implorar.

Eu já lera o jornal. Trigger e Kate estavam achando que eu tinha passado informações confidenciais, mas não fui eu. Repórteres têm seus próprios contatos no Instituto Médico Legal; deve ter bastado uma observação passageira do número de corpos decompostos para fisgar o interesse de um jornalista.

Quando Trigger saiu para dar algumas instruções de final de expediente, peguei o jornal na sua mesa e virei as páginas, até achar a matéria sobre os corpos. Demorei um tempo para encontrar o nome — perdido lá no final. Sam Everett. Anotei-o na minha agenda e coloquei o jornal de volta na mesa de Trigger, exatamente onde ele o deixara. Depois, recomecei a analisar os casos de arrombamentos para a reunião sobre crimes em série do dia seguinte. Tentei não olhar para o nome que eu escrevera, mas meus olhos eram atraídos para ele incessantemente. Era como se os anjos já tivessem me conectado a ele.

* * *

Depois do trabalho, voltei a subir a ladeira até o ponto de ônibus, olhando as vitrines das lojas. Apesar de ter saído tarde, porque não precisava fazer compras para minha mãe esta noite, não tinha pressa de voltar para casa. A gata poderia esperar um pouquinho mais para jantar. Eu queria estar onde outras pessoas estavam, ainda que todas essas pessoas estivessem com pressa de ir para outro lugar. Mais algumas horas e a cidade ficaria movimentada outra vez: as pessoas saindo para encontrar os amigos, para jantar, beber alguns drinques, talvez até para uma boate mais tarde. Eu não podia ficar à toa esse tempo todo — e além disso, qual seria a graça? Todos estariam se embebedando, fazendo arruaça, rindo uns dos outros e rindo de mim, a única pessoa em toda a cidade a sair sozinha à noite. Seria como nos tempos de escola.

Quando cheguei ao ponto, a traseira do ônibus ria da minha cara, já alcançando o sinal de trânsito, a cem metros dali. O próximo só passaria em vinte minutos, então continuei andando pela calçada. Havia outro ponto de

ônibus em frente à sede da prefeitura, que cortava o grande circuito pelo centro da cidade do caminho, e, se eu não perdesse tempo, conseguiria chegar lá cinco minutos antes de o ônibus passar. A calçada estava vazia, todas as lojas fechadas e trancadas, jornais e lixo voavam na minha direção, convergindo sob a força do vento.

Muitos anos atrás, meu pai trabalhava na sede da prefeitura. Ocupava algum cargo no departamento de contabilidade, embora mamãe não fosse muito boa em detalhes. Quinze anos antes, tinha surgido uma oferta de emprego para a qual quis me candidatar; na época, eu era auxiliar administrativa de um escritório de advocacia, estava entediada com o emprego e as mesquinharias entre as mulheres que trabalhavam lá. Mas mamãe me dissuadira.

— Você iria detestar — disse ela. — Seu pai nunca estava feliz. Toda aquela burocracia. E você não leva jeito com os números. Ia acabar ficando sempre toda enrolada.

O salário não era muito melhor do que aquele que eu ganhava, mas as perspectivas eram mais atraentes — naquela época, uma vez contratado pela prefeitura, o emprego era vitalício — e talvez tenha sido por isso que minha mãe não me encorajou a tentar. Já naquele tempo, há quinze anos, acho que tinha medo de que eu fosse embora.

Quando vi o anúncio da vaga de emprego na polícia, não lhe contei que havia me candidatado, até receber a carta me oferecendo o cargo. Ela ficou furiosa.

— Você vai ter que usar um uniforme — disse ela — e não vai gostar disso, não é? Isso se conseguirem arranjar um que caiba em você.

— É um emprego civil, mãe; eles não precisam usar uniforme, a não ser quem fica na sala de controle e no balcão da recepção.

— Mesmo assim, você sabe o que falam sobre os policiais.

— O quê?

— São todos promíscuos. Todos traem suas pobres esposas. Em menos de cinco minutos, eles vão cair em cima de você.

Como se isso fosse possível! Pensar naquilo agora me fazia rir, muito embora tenha sentido um pouco de medo quando comecei a trabalhar lá. Demorou um tempo para eu ganhar confiança — todos pareciam saber tão mais do que eu —, mas me concentrei nos detalhes e logo apareceram pessoas novas e era eu quem lhes mostrava o que fazer.

Estacionei o carro no escuro a três ruas de distância e caminhei rapidamente até minha casa. Meus pés doíam, apesar de ter ficado sentada o dia todo.

Tanto a minha casa quanto a do lado estavam no escuro, nada as distinguia da rua, ambos os jardins tomados por um matagal. Eu teria que cuidar disso no fim de semana. Fui atraída para a casa vizinha, espiei pela janela da frente, mas não consegui ver nada — não havia luz. A porta do corredor, lá dentro, devia ter sido fechada, como provavelmente sempre estivera.

Não dava para ver nada nem sentir cheiro algum.

A gata se enroscava nos meus tornozelos, sem dúvida se perguntando que diabos eu estava fazendo ali em pé no canteiro de flores descuidado da casa ao lado. Você não mora aqui, sua idiota, ela parecia estar me dizendo. Por acaso se esqueceu de onde mora, agora?

Saí sozinha da casa vizinha e enfiei a mão no bolso para pegar a chave. O corredor estava vazio e sossegado. Eu tinha esquecido de ajustar o *timer* do aquecedor central e estava um frio enregelante na casa. A gata tentou me fazer tropeçar até eu chegar à cozinha, apesar de eu resmungar que não teria muita utilidade para ela se caísse no corredor e quebrasse o tornozelo.

Acendi a luz da cozinha, peguei os biscoitos da gata no armário embaixo da pia e despejei um bocado na tigela. Ela miou para mim, sua voz desafinando nas notas mais agudas.

Tendo alimentado a gata, eu devia cozinhar algo para mim. Devia ir até a geladeira — ou ao congelador, mais provavelmente — para procurar algo decente para comer, algo que incluísse legumes e que fosse saudável. Mas estava sem apetite. Sorri ao pensar que toda aquela situação dos cadáveres estava finalmente me fazendo perder peso, enquanto todas as dietas anteriores haviam fracassado.

A casa parecia repercutir a quietude, assim como o frio.

Liguei o rádio na esperança de me livrar daquela mortalha sinistra que parecia cobrir meus ombros, torcendo para que estivesse tocando algo animado. A música, não identificada, já estava quase no final.

— Se você acabou de sintonizar com a gente, saiba que estávamos falando da campanha do *Briarstone Chronicle*, o que é uma boa notícia para todos nós, na verdade, não é mesmo? Sally, você conhece os seus vizinhos?

— Conheço, sim! Já faz alguns anos que moro na mesma casa, e somos bons

amigos. Mas no último lugar em que morei, não era nada assim. Vivi lá durante cinco anos e não tinha a menor ideia de quem morava ao lado. E acho isso uma pena…

— Hum, sei. É mesmo, e não parece haver razão alguma para isso. Só precisamos ser cordiais e fazer um esforço para conhecer as pessoas. Não é preciso fazer amigos se não estiver a fim, mas nunca se sabe quando precisaremos uns dos outros, afinal de contas…

— E a população está envelhecendo, não é mesmo? Acho que daqui a alguns anos haverá muito mais idosos morando sozinhos, e ter vizinhos nos quais possam confiar é muito importante…

— Vamos conversar com outros ouvintes sobre este assunto, então ligue para nós! Você é amigo dos seus vizinhos? Será que talvez você esteja envelhecendo e começando a se preocupar em ficar sozinho? Ou talvez esteja preocupado com seus vizinhos, mas não quer se intrometer? Ligue para nós no número de sempre e vamos conversar, vamos falar com algumas pessoas logo após as informações sobre o trânsito…

Estavam esquecendo o principal, pensei. Ter vizinhos não faz a mínima diferença, se você resolver ignorá-los.

— …e agora estamos na linha com Alan, de Briarstone. Então, você não conhece seus vizinhos, é isso?

— Isso mesmo, Rob. É o seguinte, aqui do lado mora um casal de idosos, pois é, e eles nem sequer falam comigo. Quer dizer, outro dia eu disse oi para eles e os dois apenas acenaram com a cabeça, só isso, e…

— Mas você não acha que eles podem estar esperando que você diga mais alguma coisa, Alan? Sabe, às vezes, as pessoas mais velhas podem se sentir vulneráveis, e não sabem em quem confiar.

— É, eu sei, mas as pessoas costumavam falar com todo mundo, quer dizer, quando eu era jovem, as pessoas se encontravam na rua o tempo todo para conversar e tudo o mais.

— E as pessoas ficavam mais tempo no mesmo lugar, não podemos esquecer disso. Hoje em dia, elas se mudam com mais frequência, trocam de emprego, seu estilo de vida varia o tempo todo…

Abri a porta dos fundos para deixar a gata sair e, relutante, respirei fundo. Havia uma brisa noturna balançando os galhos das árvores atrás da casa. Além

das árvores, estava a rua principal e, depois dela, o cemitério. Não sentia cheiro algum e, por um momento, me perguntei se eu havia imaginado que encontrara Shelley Burton na casa ao lado. O odor tinha se dissipado; os restos mortais haviam sido removidos, sem dúvida por funcionários da prefeitura, enquanto eu estava no trabalho. Ela se fora, completamente, sem deixar o menor vestígio, como se nunca tivesse existido.

Briarstone Chronicle *Outubro*

Moradora da cidade “estava morta havia meses”

Policiais foram chamados até uma casa em Newmarket Street, em Briarstone, sexta-feira passada e ficaram chocados ao encontrar o corpo de Shelley Burton, 43, na sala de sua residência. A Sra. Burton morava sozinha e não era vista havia alguns meses.

Ver comentário na página 12

Comentário do Editor

A descoberta do corpo de Shelley Burton, ex-atriz e modelo de 43 anos, foi a mais recente numa surpreendente lista de pessoas em Briarstone e arredores que faleceram sozinhas, em casa, só sendo encontradas depois de algum tempo.

É um triste sintoma de nossa sociedade que tantas pessoas de nossa comunidade não conheçam seus vizinhos, ou que prefiram acreditar que outras pessoas deveriam se preocupar, que outras pessoas sabem onde estão, os outros que assumam a responsabilidade. Mas, na verdade, essas outras pessoas não existem.

Morrer sozinho — A vergonha de nossas comunidades

O número crescente de corpos encontrados muito tempo após sua morte em Briarstone chocou a todos nós nos últimos meses. Ficou claro que o espírito comunitário, outrora o orgulho dos britânicos, mudou — não cuidamos mais de nossos vizinhos, nós nos tornamos uma nação de egoístas escondidos atrás das cortinas. Quem VOCÊ conhece na sua rua? Nós fomos para as ruas de Briarstone fazer essa pergunta.

“Já se foi o tempo em que conhecíamos todos em nossa rua”, disse Stan Goodall, 64. “As pessoas cuidavam umas das outras. A gente sempre sabia quando alguém precisava de uma ajudinha.”

“Não conheço nem um pouco meus vizinhos”, disse uma jovem, que pediu para não ser identificada. “Cada qual fica no seu canto e eu acho bom assim.”

“Eu tenho medo, sim, de morrer sozinha”, afirmou Ethel Johns, 78. Ela parecia fragilizada, mas não abatida, quando conversamos sobre as recentes descobertas. “Eu conhecia Judith Bingham, que foi encontrada em março, e não consigo deixar de pensar que ninguém notou que ela havia sumido. É triste pensar nela ali morta todo aquele tempo.”

O Sr. Alan Wilson, 47, concorda: “É uma desgraça. Dizer que temos espírito comunitário é uma grande piada.”

O seu Briarstone Chronicle *está lançando uma nova campanha para chamar atenção para as tragédias dessas pessoas desamadas. Agora é hora de cuidar dos seus vizinhos que vivem sós. Entre em contato regularmente com as pessoas. Crie redes de apoio dentro da comunidade. Fique atento aos eventos que têm o apoio do* Chronicle *na sua vizinhança nas próximas semanas, uma oportunidade para sair de casa e conhecer seus vizinhos!*

Shelley

Às vezes, essas coisas acontecem muito devagar, então você não percebe na hora. Comigo foi um momento, um único segundo que dividiu minha vida como um golpe de foice, de modo que houvesse sempre um antes e um depois.

Cinco de maio de 2011. Eram cerca de três da tarde, um dia bonito, e embora estivesse fazendo um calor sufocante durante várias semanas, aquele dia estava mais fresco. Havia uma brisa nos aliviando um pouco do calor. Eu estava indo de carro para o supermercado, pensando no casamento de minha amiga, que seria no fim de semana seguinte e me perguntando se o tempo continuaria bom. Era também um feriado bancário, o que é importante porque, é claro, se fosse uma segunda-feira normal, eu estaria no trabalho e talvez nada acontecesse.

Parei na rotatória, esperando para poder entrar no supermercado, e estava

quase acelerando, quando outro carro veio pela direita a toda velocidade. Então pisei no freio. Lembro-me de ter tido tempo de pensar em algo do tipo: *Ainda bem que os freios funcionaram* quando uma van bateu na minha traseira, lançando o carro para a rotatória e para o caminho do outro motorista.

Tive sorte: os ferimentos não foram graves. Alguns cortes e contusões, principalmente na perna direita, que ficou presa com o impacto. Os outros dois motoristas ficaram bem. Tudo aconteceu em estágios: aguardar a chegada da ambulância enquanto um bocado de gente se amontoava ao redor, falando comigo através do vidro rachado para me acalmar; e então, quando os bombeiros chegaram, iniciou-se o longo processo de me retirar de dentro do carro. Em seguida, o hospital. A chegada de Graham. A polícia me fazendo perguntas.

Tive alta na manhã seguinte, com uma receita de analgésicos e instruções para visitar meu clínico geral a fim de ser dispensada do trabalho. Lembro-me de ter pensado que tive sorte em escapar. Naquela noite, Graham e eu estávamos bebendo vinho — para fins terapêuticos, disse ele — e eu sorria, apesar do choque pelo qual passara, sorria para ele quando o ouvi dizer que eu devia ser feita de borracha ou algo assim.

Levou algum tempo até percebermos que tínhamos achado graça cedo demais. Algo havia acontecido em algum lugar dentro do meu corpo no momento em que o carro sofreu o impacto, algo havia sido quebrado.

A dor se tornou constante depois disso. Algumas vezes, diminuía um pouco, como se estivesse no olho de um furacão, e eu podia funcionar normalmente, andar até as lojas, pôr roupa na máquina de lavar — mas aí, então, ela voltava com toda a força e, nos piores dias, mal podia me mover sem gritar.

Eles disseram que era uma contusão no pescoço, pois as dores às vezes se concentravam nessa área, e possivelmente levaria meses para curar. A seguradora, finalmente, autorizou consultas com um fisioterapeuta, que não pareceu ajudar em nada. Além disso, a dor passou para outros lugares: era no pescoço e então, no dia seguinte, nos ombros, depois na lombar e, algumas vezes, nas pernas. Onde quer que fosse, estava sempre lá, um demônio que havia me possuído e me sujeitava a um sofrimento aparentemente sem fim.

Foram feitas pesquisas médicas, uma após a outra: exames, terapias, com semanas de espera entre uma e outra. Ouvi conselhos sobre como suportar as dores e tentei terapias alternativas também. Passei a frequentar o serviço pós-

traumático do hospital, que nunca ajudou muito, na verdade só me entorpeceu de remédios — e o sacrifício de ir até lá de carro anulava tudo. Meu médico continuou estendendo minha licença do trabalho até que, enfim, achei melhor pedir demissão. Na época, eu havia assinado os formulários de queixa para tentar conseguir alguma indenização de um dos motoristas responsáveis por arruinar minha vida. Eles me advertiram que poderia levar anos, e eu não conseguia deixar de pensar que, de qualquer modo, dinheiro não faria diferença alguma. Nem mesmo o dinheiro poderia me livrar das dores. Mas Graham insistiu e assim que o processo começou, faltou-me motivação para interromper tudo.

Aqueles motoristas tinham destruído completamente a minha vida. Tudo que, até então, era normal para mim se desfez no ar no momento da batida. Não tinha emprego. Não conseguia ir até o jardim, algo de que sempre gostei muito. Não conseguia me sentar confortavelmente no carro, mesmo como passageira, então quase nunca saía de casa. Graham e eu tínhamos conversado certa vez sobre ter filhos, mas agora, como eu poderia pensar em formar uma família?

Algumas vezes, eu acreditava que teria sido mais fácil se o acidente tivesse simplesmente atingindo minha coluna vertebral e me deixado paralítica, porque pelo menos assim seria evidente para todo mundo. Do jeito que fora, eu parecia perfeitamente normal. Ninguém consegue ver a dor. Não existe uma tabela referencial para avaliar a dor que outra pessoa sente. Tudo o que veem é a inatividade — que interpretam como preguiça. Meus amigos e familiares, que me visitavam com frequência no começo, foram aos poucos deixando de vir. Todos achavam que eu deveria me esforçar mais para superar, que eu não estava ajudando a mim mesma, ficando o tempo todo na cama ou no sofá, que eu deveria tentar um pouco de vez em quando e que assim melhoraria. Achavam que, ficando imóvel, o problema se agravaria. E enquanto isso, a dor vinha em ondas que me deixavam infeliz, irritadiça, e então eu passei a tratar mal as poucas pessoas que ainda iam me ver e, por fim, elas também pararam de se preocupar comigo.

O que mais me machucou em tudo isso, porém, foi Graham. Eu era feliz com ele, mas nunca sabemos como as pessoas vão enfrentar os problemas até que se deparam com eles. Nós nunca nos casamos, portanto ele nunca me prometeu aquela droga de “na saúde e na doença”. Achei que isso estivesse implícito e, se fosse a situação inversa, eu teria feito de tudo para cuidar dele. Mas o que se

pode fazer?

O pior acidente que ele já sofrera foi uma fratura no tornozelo, jogando rúgbi, e tinha se recuperado em seguida com a fisioterapia adequada. Ele achava que havia acontecido o mesmo comigo, ou que a dor do meu acidente talvez fosse, pela lógica, menor do que a dele, pois eu não fraturara osso algum. Ele se cansou de sair do trabalho para me levar a consultas médicas que sempre chegavam a resultados inconclusivos. Como as outras pessoas, ele não conseguia lidar com minha mudança de humor, e quando a dor estava particularmente forte, ele saía. Simplesmente, saía de casa, levando a carteira, a chave do carro, o celular, e ia para algum lugar, para o pub, ou para a casa da sua irmã, ou qualquer outro lugar onde pudesse esquecer sua companheira miserável e enferma.

Quando ele fazia isso, eu me sentia aliviada, pois então podia fazer barulho — podia gritar, gemer e xingar por causa da merda da dor e da porra das minhas costas, sem que ele tivesse que ouvir.

E, é claro, não era somente o mísero esforço extraordinário de me levar e me buscar, de ajudar a me vestir, de pedir comida pelo telefone quase toda noite, e trazer as compras do mercado para minha casa. Não tínhamos mais momentos íntimos. Mesmo nos melhores dias, quando a dor amainava, tornando-se só um incômodo, o máximo que podíamos fazer era nos abraçar e nos beijar. Ele precisava de mais, é claro, e não queria pedir ou me pressionar, pois tinha medo de piorar as coisas. E mesmo quando me sentia bem e capaz de tentar, eu temia começar algo que não seria capaz de concluir.

Ele aguentou até cinco meses após o acidente. Não sei se tomou essa decisão aos poucos, ou se eu disse ou fiz algo que desencadeou tudo, mas, uma manhã acordei e ele não estava mais lá. Tinha deixado um bilhete na mesa do andar de baixo.

Sua irmã apareceu no fim de semana seguinte e, juntas, fizemos uma mala com as coisas dele da melhor forma que conseguimos.

Pensei várias vezes em me matar, mesmo antes de Graham partir. Alguns dias, tudo que eu mais queria era a morte, porque assim me livraria das dores, mas não podia fazer isso enquanto Graham estivesse ao meu lado. E se ele me achasse? Ele me odiaria por estar desistindo, depois de todo o esforço que dedicara a mim, para que eu seguisse em frente.

Depois que ele se foi, não havia mais razão para que eu continuasse vivendo,

não sobrava mais ninguém que se preocupasse comigo o bastante para verificar se eu estava viva ou morta, mas eu tinha medo de fazer algo quanto a isso. Medo de que desse errado e que eu acabasse sentindo ainda mais dor do que agora. E, apesar da copiosa quantidade de remédios receitada, era difícil guardar comprimidos suficientes para fazer o trabalho corretamente. Mas pensei nisso, fantasiei sobre isso, sonhava com a morte como antes sonhava com o fim da dor, e como, antes disso, sonhava com jardins, filhos e viagens nos fins de semanas. A morte era meu amante esquivo, precioso, desejado e enciumadamente guardado, mas sempre distante. Sempre fora do alcance.

E minha vida era um tremendo desperdício. Uma grande ruína do que outrora havia sido bom. Tudo me fora arrancado, deixando aquele vazio, aquele abismo de dor e sofrimento.

Quem diria que tudo poderia ser tão simples? Afinal de contas, eu só precisava de alguém com quem conversar. Alguém que entendesse como eu estava próxima daquele ponto, e que me dissesse que era normal pensar nesse tipo de coisa. Todos deveriam ter o direito de decidir quando não aguentam mais. Por que eu deveria passar anos e anos naquele inferno, quando partir era algo tão maravilhosamente simples?

Colin

CHEGUEI À CASA DE VAUGHN EXATAMENTE às sete e trinta da noite, levando uma garrafa de vinho branco embrulhada num papel de seda. Tinha custado metade do preço no supermercado, tendo seu valor, que eu consideraria extravagante, reduzido a um que era aceitável; o mais provável seria Vaughn achar que eu gastara mais do que fora realmente o caso.

— Colin! — disse ele, ao abrir a porta para mim. Apertou calorosamente minha mão, o que achei bem estranho. Não estou acostumado a ter contato físico com Vaughn Bradstock. Já o conheço há uns quatro anos e não me recordo realmente da última vez em que toquei nele. Se é que de fato um dia o fiz.

Ele se afastou para me deixar entrar, e eu tirei o casaco no corredor e lhe entreguei a garrafa. Sua casa era surpreendentemente grande e decorada bem de acordo com a tendência atual: piso laminado e paredes de cores neutras. Como se chamava aquela cor? Cor de cogumelo? Cinza-acastanhado? Era medonho, de qualquer maneira, como a cor da água quando acabamos de enxugar o pincel de aquarela pela centésima vez. E ele tem um daqueles vasos horríveis, cheios de ramos secos, no canto da sala — ramos brotando de um bengaleiro de cerâmica perfeitamente funcional. Por que as pessoas seguem a moda dessa maneira é algo que nunca entenderei totalmente.

— Vamos, entre — disse Vaughn, sendo cordial. — Venha conhecer Audrey.

Também fiquei surpreso ao perceber que ele estava usando calça jeans e uma camisa que me pareceu ser de grife. Tinha uma aparência tão mais jovem do que aquela de quando nos encontrávamos na hora do almoço, a camisa velha e com gravata, o botão de cima sempre aberto. Sempre achei que ele tivesse pelo menos dez anos a mais que eu, porém não tinha mais tanta certeza assim.

A sala de estar era aberta, o teto alto e pintado com outra daquelas cores contemporâneas horríveis que ficarão terrivelmente datadas daqui a alguns anos. E que cor era aquela? Cor de trigo? Broa de milho? Queijo de Gloucester?

Eu estava tão ocupado olhando a decoração e as diversas obras de arte nas

paredes, que nem notei a mulher que saíra da cozinha, até Vaughn pigarrear sutilmente e dizer, com palavras dotadas de uma modulação curiosa, sugerindo adoração:

— Colin, essa é Audrey.

Desviei o olhar daquele turbilhão abstrato em cores de chocolate e café e, automaticamente, estendi a mão para cumprimentá-la. Ela apertou minha mão dando um sorriso, mas também se ergueu até minha altura e me deu um beijo em cada bochecha, o que me deixou surpreso e envergonhado. Acho até que me retraí um pouco. Estou muito desacostumado a isso, a esse contato social. Senti vergonha de estar ali. E era só o *Vaughn*, caramba, não era ninguém importante. Senti minhas bochechas corarem e, por um instante, não consegui olhar diretamente para ela, pois talvez tivesse percebido meu desconforto.

Isso não tinha importância, de qualquer maneira, pois ela retornara à cozinha, depois de dizer algumas palavras que mal absorvi — prazer em conhecê-lo, obrigada por ter vindo, está quase pronto, já vou servir… alguma coisa assim.

— Sente-se — disse Vaughn, enfim.

Vaughn tem sofás de couro, daqueles que sempre estão em promoção, presumivelmente sendo substituídos pelos proprietários sempre que redecoram a casa. Eu me acomodei no mais próximo deles. Pela primeira vez, percebi o som de uma música, um piano clássico contemporâneo. Seria Alexis Ffrench? Ou, possivelmente, Ludivico Einaudi?

— Você está bem, cara? — perguntou Vaughn. — Parece um pouco… tenso.

— É — falei, acho que foi a primeira vez que consegui dizer algo. — Estou, sim. Só fiquei preso no engarrafamento, sabe…

Minha repentina incapacidade de manter uma conversa não pareceu perturbá-lo nem um pouco, e ele continuou falando sem parar sobre qualquer bobagem — a situação econômica, seu carro novo, se devia ou não expandir a parte de trás do seu terreno — e durante todo esse tempo, eu pensava em Audrey, me perguntando por que ela estava com Vaughn.

Sempre tive a impressão de que ela era mais velha do que ele, mas agora não entendia por quê. Audrey tinha um cabelo liso e preto e olhos azuis cintilantes num rosto sem rugas. Era mignon, e mesmo usando calça jeans, parecia elegante, chique. Nunca considerei realmente o significado da palavra “chique”, mas não havia melhor palavra para descrever Audrey.

Enquanto Vaughn falava, eu me levantei e fui até a cozinha, sem pensar no que estava fazendo ou se pareceria grosseiro me afastar do meu anfitrião enquanto ele tentava estabelecer uma conversa comigo.

Queria ver Audrey.

Eu me apoiei na porta, segurando minha taça de vinho, numa pose que pretendia ser casual, convidativa, amistosa. De início, ela não notou minha presença, pois estava ocupada mexendo alguma coisa no fogão. Observei-a se movimentando.

— Ah! — exclamou ela ao me ver. — Não vai demorar.

Não sabia o que dizer, meu perpétuo problema, e ao mesmo tempo, não queria ficar calado.

— Há quanto tempo você conhece Vaughn? — perguntei.

Ela me olhou surpresa, como se eu tivesse lhe perguntado sua idade ou seu peso. Afinal de contas, o que havia de errado com aquela pergunta? Será que era muito tarde para voltar atrás?

— Ele não contou? Eu o conheci no ano passado, em um site de relacionamento.

— É mesmo? — indaguei, autenticamente surpreso. — Qual?

— O Matchmakers.

É claro que devia ser um desses sites mais novos, provavelmente destinados a pessoas do tipo que eu desconsideraria. Prefiro aqueles em que os critérios de seleção incluem detalhes sobre grau de escolaridade, aspirações profissionais e faixa salarial, em vez do tamanho do pênis. Embora, talvez tenha sido neste ponto que me enganei. Talvez devesse voltar a considerar os sites de relacionamento; afinal de contas, já faz muito tempo desde que molhei o dedo do pé em um lago metafórico. Mas minhas necessidades eram um pouco diferentes agora, certo? E além disso, as mulheres não entram mais em sites de relacionamento da mesma forma que antes. Elas entram e depois contam tudo para as amigas. Avisam para as amigas e a família onde estão indo, quem vão encontrar, a que horas devem voltar para casa. Elas não entram nesses sites, a menos que tenham esperança no futuro.

— Ah — falei, cheio de perguntas para fazer e indagando qual delas seria a menos ofensiva.

Ela me entregou um prato com fatias de melão e *prosciutto* sobre elas.

— Você pode ir levando isso?

Por um momento, estabelecemos contato visual. Foi imaginação minha ou ela de fato reteve o prato nas mãos, após eu já tê-lo segurado? Ela realmente sustentou meu olhar por uma fração de tempo a mais do que eu esperava? Havia um desafio no seu olhar, uma curiosidade… talvez. Quase um atrevimento?

Sorri para ela, sentindo o calor da minha vergonha se dissipar um pouco, pela primeira vez desde que chegara. Não estava exatamente relaxando, mas começava a antever as possibilidades noite adentro. *Audrey, Audrey*, pensei, *sua danadinha. Sua caixinha de surpresas.*

Vaughn sentou-se na minha frente à mesa de jantar, supostamente para poder tocar nas pernas dela com sua pata suada, mas estava claro que Audrey tinha outras coisas em mente. Senti seu pé roçar no meu, assim que começamos a comer o prato principal. De início, ela o puxou de volta e olhou para mim, com um sorrisinho de desculpas, como se tivesse me chutado com força e não apenas confundido minha perna com a da mesa. Olhei-a fixamente em resposta, e deixei meu pé onde estava. E, pouco tempo depois, seu pé voltou e, desta vez, pousou suavemente no meu, enquanto escutava Vaughn tagarelar sobre o preço das ações e se servia de mais uma colher cheia de molho. E a comida estava razoável, tenho que dar crédito a ela por isso.

Depois do jantar, Audrey pediu a Vaughn que levasse os pratos para a cozinha e me conduziu até a sala de estar, pegando uma segunda garrafa de vinho e servindo mais uma taça para mim assim que me sentei no sofá de couro de Vaughn. Quando ela se inclinou para a frente, apreciei seu generoso decote, embora tenha tentado disfarçar. Seus seios eram bem redondos, o tecido de sua blusa se esticava sobre eles, e senti um odor de perfume — ou talvez fosse somente o sabonete ou o gel de banho que usara mais cedo naquela noite enquanto se arrumava para a minha chegada. Fiquei me perguntando se ela teria pensado sobre a perspectiva de eu enterrar minha cabeça entre seus peitos, se tinha considerado a possibilidade de eu querer fazer sexo com ela.

— Esse é bom, não é? — comentou ela.

Decidira sentar-se ao meu lado no sofá, embora houvesse outro assento na sala, bem em frente àquele. Ela se encolhera confortavelmente, como uma gata aninhada num canto, seus pés apontados para mim, pequenos e descalços, com as unhas pintadas de rosa-claro. Como pude imaginar que ela teria quase

cinquenta anos? Tinha uns trinta, se tanto.

— O quê? — perguntei.

— O vinho.

— Ah, sim — respondi, embora para mim tivesse gosto de vinagre.

No final das contas, eu deveria ter trazido uma garrafa decente, algo que permitisse uma conversa adequada. Podia ver que ela era uma mulher que sabia o que queria.

Da cozinha, o som de pratos e talheres se entrechocando nas mãos de Vaughn fornecia uma percussão encorajadora para a melodia de nossa conversa.

— O que você faz? — quis saber ela. — Vaughn nunca me disse.

— Sou analista de desempenho executivo na prefeitura.

— Parece interessante — disse ela, e depois começou a rir, o que foi um alívio para mim, pois aquela era uma mentira óbvia. Estava sendo irônica. Um homem pode se apaixonar por uma mulher como esta, pensei. Não estava interessado em trepar com ela, eu queria me casar com ela.

— Alguém aceita um café? — perguntou Vaughn da cozinha.

— Sim, por favor — respondeu Audrey. Ela inclinou a cabeça para trás, apoiando-a nas almofadas, expondo o pescoço para mim e mais uma vez aquele delicioso decote. Senti vontade de passar a língua atrás de sua orelha e depois ir descendo até chegar entre seus seios, tirando o tecido do caminho.

— E você? — perguntei. — O que você faz?

— Trabalho com assistência social — respondeu ela.

Minha aguçada capacidade habitual de conversação travou nesse momento, muito provavelmente por causa da excitação: um excesso de fluxo sanguíneo desviado do cérebro para partes mais vitais de minha anatomia. Afinal de contas, que interesse poderíamos ter numa conversa assim? Não havia dúvidas de que queríamos passar a agir; certamente só precisávamos nos livrar de Vaughn para poder trepar. Era isso o que ela queria, tanto quanto eu.

No momento em que essa ideia surgiu em minha cabeça, soube que precisava fazer algo a respeito.

Limpei a garganta e me levantei. Ela me olhou, surpresa.

— Eu… hum… posso usar o banheiro?

Ela sorriu, aliviada.

— Claro, fica no alto da escada. Infelizmente, o deste andar está

temporariamente interditado.

Subi a escada um pouco desajeitado. Lá em cima, olhei para a esquerda e vi o quarto de Vaughn — algo que preferiria não ter visto, para ser sincero — paredes cinza-claro, a mais afastada decorada com um papel de parede dramático e de uma cor só. Uma "parede focal", é como chamam isso, não é? Eu ficaria com dor de cabeça, se tivesse que dormir ali.

E o banheiro. Não estava com vontade de usá-lo, é claro. Estava esperando por ela.

Entrei e fechei parcialmente a porta, olhando para os azulejos bege limpos, me perguntando quando Vaughn os tinha colocado — fazia pouco tempo, considerando o leve odor de argamassa —, e as torneiras brilhantes e cromadas que, sem dúvida, deviam ter custado uma pequena fortuna. *Audrey, Audrey*, pensei, como se pudesse fazer com que ela subisse a escada, só em repetir mentalmente seu nome, como um mantra.

Olhei para os artigos de banho enfileirados no peitoril da janela. Eram todos, sem exceção, masculinos: xampu, sabonete líquido, um barbeador e um creme de barbear com a base enferrujada da marca do supermercado. Não havia nenhum desses xampus caríssimos de cabeleireiro, nem perfume ou cosméticos.

Voltei a abrir a porta e segui direto para o quarto de Vaughn. Mais uma vez, um quarto seguramente masculino. Havia até alguns aparelhos de ginástica no canto, o que me fez rir alto. Imaginei Vaughn malhando ali, suando, à medida que remava em busca de um abdômen musculoso. Bem improvável. Duvidava que tivesse usado sequer um dia.

Então, a deleitosa Audrey ainda não tinha se mudado para lá. Tampouco dormia ali com frequência, caso contrário já teria trazido algumas coisas suas. Nada ali era dela. Eu me perguntei se haveria calcinhas na gaveta de Vaughn, talvez uma ou duas sobressalentes, ou talvez algo especial, aquela que só vestiria para ele, só quando estivesse planejando fazer sexo.

— Está tudo bem?

Audrey estava atrás de mim. Não a escutara subindo as escadas. Virei e sorri para ela, respondendo:

— Tudo.

— O que você está fazendo? — Sua pergunta era direta.

— Estava vendo se você já tinha se mudado para cá — respondi, preferindo

falar a verdade.

Se fosse Vaughn que tivesse subido até ali, eu faria algum comentário sobre o papel de parede. Mas era Audrey, e não fazia sentido mentir. Ela havia subido porque eu a intimara a fazer isso, tinha deixado transparecer o que queria fazer com ela. E ali estava ela, em pé ao meu lado, na verdade, bem próxima de mim, mais do que o necessário.

— Você poderia ter simplesmente perguntado. De qualquer maneira, não — respondeu ela com a voz baixa. Seu peito arfava como se estivesse sem fôlego.

— E por quê? — perguntei, dando um pequeno passo na sua direção.

Ela recuou. Ah, havia me precipitado? Muito? Rápido demais? Eu teria que ser cauteloso. Precisaria fazer isso delicadamente, para não assustá-la. Ela valia esse esforço. Valia a conquista.

Sua expressão ficou estranha.

— Tenho minha própria casa — disse ela.

Isso não era resposta. Por que tinha entrado em um site de relacionamento se não queria um compromisso? De fato, é isso o que todas as mulheres querem: um parceiro com uma casa para onde possam se mudar, casamento, filhos. A menos que quisesse outra coisa. A menos que só quisesse sexo.

Encontrei seu olhar outra vez. Sustentei o contato visual, um contato firme.

Ela não se mexeu.

Ah, a resistência! Gostei daquilo. Gostei que ela fosse um desafio. Sorri para ela, um breve sorriso encorajador.

— Audrey? Onde vai tomar seu café?

— Estou indo! — respondeu ela, sem desviar os olhos dos meus. Sua voz soou automática, desprovida de tom. Sua expressão era difícil de interpretar. Será que estaria atraída por mim? Queria que eu a beijasse? Como reagiria se eu o fizesse?

— Você é…

— O quê? — perguntei num sussurro, umedecendo os lábios com a ponta da língua. — Eu sou o quê?

— Porra, você é um cara muito estranho, Colin — disse ela, antes de se virar e descer a escada, sem olhar de volta para mim.

Ah, Vaughn. Naquele instante ficaria feliz se o tivesse matado. Poderia ter agarrado seu pescoço com as mãos e o esmagado até expulsar todo o ar de seus

pulmões. Se não fosse por aquela interrupção, ela teria cedido, eu sabia disso. Ela me queria.

Segui-a pela escada, me deliciando com seu perfume no ar. Tinha estado tão perto de mim. Gostaria que ela tivesse cedido. Mas na próxima vez, quem sabe, se entregaria. Eu me pergunto se conseguirei vê-la sozinha, encontrar alguma desculpa para visitá-la.

Ela estava de volta à cozinha com Vaughn. Pude ouvi-los sussurrando. Fiz um esforço para escutar, pensando que ela podia dizer algo útil, alguma coisa sobre como ela se sentiu impelida a agir de um modo estranho, como foi dominada por algo… Mas ela nada disse. Ouvi apenas aquele tom de voz urgente e murmurante de duas pessoas tentando não discutir diante de outras.

Eu me instalei no sofá de couro e bebi mais vinho. Mais dez minutos até eu pensar em uma desculpa para chamar um táxi e ir embora. A noite acabara sendo menos divertida do que eu tinha imaginado, e agora surgia um outro dilema: eu passara da fase em que precisava de uma mulher para a fase de perceber que não precisava de mulher alguma e, agora, estava precisando de uma novamente. Mas não de uma mulher qualquer, dessa vez. Somente ela. Somente Audrey.

Uma hora mais tarde, sozinho em casa, me aliviando enfim daquela tensão deliciosa que se tornara insuportável, comecei a pensar em como conquistá-la. Como fazer seu olhar se afastar do de Vaughn e se fixar no meu. E o que seria preciso fazer para que ela me quisesse.

* * *

Acordei no meio da noite. Estava sonhando com Audrey, é claro. Ela estava aqui, no meu quarto, e Vaughn também, aparentemente com o propósito de despi-la para mim. Eu estava deitado de costas na cama, o lençol na altura dos tornozelos. Vaughn a levou até ali, como um prêmio, como uma virgem sendo oferecida ao Templo, e tendo recebido um sinal de permissão, ele começou a tirar a roupa dela, uma peça de cada vez, enquanto Audrey permanecia imóvel, com uma expressão indecifrável. Tédio seria a palavra mais adequada para descrevê-la. Olhava diretamente para a frente, na minha direção, porém, sem me ver. Ela estava ali porque tinha que estar, não porque queria. A coação em si não me atraía, mas havia algo na sua presença que era inegavelmente excitante.

— Audrey — falei no meu sonho. Nem assim ela lançou um olhar na minha direção. Agora, parecia tão zangada quanto entediada, uma criança petulante que fora tirada de uma atividade prazerosa e levada para uma desagradável.

Vaughn tirou sua meia-calça — meia-calça, não sete oitavos — claro que não eram meias sete oitavos; por que eu precisava imaginar algo tão atraente para revestir aquelas pernas esguias, deliciosas? — e ergueu uma perna de cada vez, como um ferrador pondo ferraduras num cavalo, fazendo deslizar o náilon até o pé e deixando a meia-calça de lado, como se fosse uma pele arrancada.

E ela permaneceu ali, de calcinha e sutiã, funcional, incomparável — o sutiã meio fosco tinha um buraco na renda; a calcinha era grande e de algodão preto. Vestida, na cozinha de Vaughn, ela estava, se não exatamente linda, inegavelmente sexy. De qualquer modo, era sem dúvida atraente — atraente o bastante para me excitar. Mas agora, nos meus sonhos, tudo ficara insípido. Seu cabelo não tinha mais aquele tom lustroso de castanho, caindo em ondas brilhantes sobre seus ombros. Estavam pardos, os cachos frouxos, lânguidos. Seu rosto, pálido, os olhos de um azul acinzentado e sujo. Nada nela era atraente da forma convencional.

Vaughn parecia incapaz de parar, muito embora fosse isso o que eu queria. *Pode parar, Vaughn*, eu queria dizer — *pare agora. Não quero ver o resto*. Mas ele continuou, automaticamente, como se seguisse um programa que não podia ser interrompido antes da hora.

E agora, semiacordado, minha mão se movia depressa sob o lençol e me surpreendi arfando e gemendo ao ver Vaughn arrancar os últimos fragmentos de náilon cinza e algodão preto da pele de sua indiferente, apática e cúmplice namorada. Nua, ela ficava pior. Deselegante, exaurida, tufos de pelos grisalhos entre as pernas; até seus joelhos eram canhestros e repletos de verrugas. Apesar disso, apesar do fato de que ela preferiria claramente estar em qualquer outro lugar do planeta em vez de estar ali, nua, no meu quarto, eu atinjo um orgasmo de intensidade ofegante, insaciável e vertiginosa. Algo como olhar para o abismo e vê-lo olhar de volta direto para mim.

* * *

Depois do jantar com Audrey e Vaughn, acordei tarde no dia seguinte. Fiquei

deitado com os raios de sol entrando pela brecha das cortinas, pensando nas minhas últimas noites com a garrafa de uísque esvaziando rapidamente e me perguntando se ainda era cedo demais para eu considerar a possibilidade de procurar ajuda terapêutica para o meu problema. E quanto à masturbação — bem, graças ao meu sonho, ou terá sido um pesadelo, de ter gozado com o prolongado e decepcionante striptease de Audrey, tenho absoluta certeza de que serei capaz de seguir o caminho da abstinência por pelo menos uma semana. Há algo de profundamente desconcertante em ter que trocar os lençóis e tomar uma ducha no meio da madrugada por ter se sujado com uma ejaculação noturna como um adolescente cheio de hormônios. Até mesmo meu subconsciente considera isso uma conduta repugnante.

Finalmente, me levantei e preparei o café da manhã, depois me lavei e me vesti. A manhã estava ensolarada, então resolvi sair para dar uma caminhada e refletir sobre como preencher o resto do meu fim de semana.

Na rua principal, encontrei um texugo caído no acostamento, a cabeça esmagada pela roda de um carro. Ainda estava relativamente fresco, apenas começando a entrar na fase de Inchaço, suas quatro patas erguidas e estiradas devido aos gases da Putrefação que dilatam o abdômen, o sangue ainda vermelho em torno de sua cabeça. Fiquei ali, observando por algum tempo. Não havia uma calçada, só mato na beira da pista com uma cerca viva, além do campo.

Pensei em voltar para casa, pegar um saco qualquer e levá-lo para outro lugar, onde poderia assistir ao desenrolar do processo, mas é claro que não tinha sentido intervir. Isso acabaria com todo o objetivo. A deterioração devia acontecer ali, onde o animal morreu, do contrário, não seria um processo autêntico. Então o deixo ali, relutantemente, pensando em voltar no dia seguinte depois do trabalho, se tiver tempo, supondo que os funcionários da prefeitura ainda não o terão encontrado nem o jogado na caçamba da caminhonete que retira os animais mortos na estrada.

Após o almoço, estudei um pouco, revendo as frases interrogativas, comandos embutidos e vínculos duplos, pensando no texugo, pensando em Leah, cada um deles tão diferentes; cada qual com necessidades tão distintas.

Ela me contou o que aconteceu, por fim. Não foi preciso muito para lhe fazer falar, e quando começou, reagi de modo apropriado, provocando seu relato,

puxando a linha bem devagar para depois vê-la desmoronar. Ela estava trabalhando num hipermercado, fazendo um treinamento gerencial, e o chefe vinha paquerando-a havia várias semanas. Ele era mais velho que ela e, gradualmente, Leah começou a ceder ao seu charme e a admitir para si mesma que o achava atraente. Finalmente, certa noite após o expediente, ela aceitou sair para beber alguma coisa com ele, e depois disso voltaram para o hipermercado. Eu queria detalhes, é claro — afinal de contas, é a parte mais interessante —, mas pressioná-la sobre isso acabaria desviando-a do objetivo principal de nossa conversa, que era ajudá-la a encontrar o caminho certo. Fazer com que se recordasse dos detalhes do seu caso sexual não ajudaria em nada. Então, eles tiveram um caso que consistia basicamente em fazer sexo no hipermercado após o expediente, ou no carro dele, estacionado numa área rural afastada. E aí, a esposa dele descobriu o que estava acontecendo e, em seguida, ocorreu um encontro humilhante no trabalho, com Leah envergonhada na frente de todos os funcionários e de alguns clientes também. Eu não teria acreditado que isso seria possível, quando a encontrei pela primeira vez — uma moça tão tímida e quieta —, mas ela, honestamente, não se dera conta de que ele era casado. E depois disso, é claro, ele passou a evitá-la de todas as maneiras, manteve-se afastado e a excluiu do treinamento para se tornar gerente, do qual ela deveria participar. Ela pediu transferência, mas o pedido foi recusado pelo escritório central. E apesar de tudo isso, apesar da conduta estarrecedora do homem, o que trouxe Leah até mim foi que ela ainda o amava, apesar de ser impossível.

Ela falou essa palavra: *impossível*. A palavra que eu precisava ouvir para começar tudo.

— É fácil melhorar as coisas — falei. — É fácil achar a luz no fim do túnel, e o caminho para isso é simplíssimo.

— Tenho medo da dor — replicou ela.

— E pode haver alguma dor pior do que essa?

— Não. Mas posso fazer errado. Pode não dar certo e isso seria pior…

— Não existem escolhas erradas. Você pode tomar essa decisão e sentir-se melhor em relação a tudo. É uma decisão sua. Está inteiramente nas suas mãos. Você tem o poder para isso e a força para fazê-lo.

— Acho que sim.

— Sempre existirá a paz — comentei com a voz bem suave. — Paz, sossego e

um fim para todo o sofrimento. Você pode escolher que seja indolor e brando, vai ser exatamente como decidir. Cabe a você.

Do ponto de vista puramente técnico, é mesmo facílimo. As técnicas que aprendi — padrões de linguagem, induzindo a um estado de transe e a um elevado estado de relaxamento das pessoas unicamente através da conversa — era a parte mais simples de tudo. Trata-se apenas de escutar com atenção o que elas estão lhe dizendo, não somente com as palavras, mas, principalmente, com seus corpos, seus olhos, seus gestos e as mudanças de tom sutis. Não chega a ser uma ciência espacial (um imperdoável clichê), mas tampouco uma pseudociência. É de uma facilidade tranquilizadora saber como.

Você quer saber como eu faço, não é? Posso imaginar seu interesse ardente, sua curiosidade, que os outros podem classificar como mórbida: posso ver no brilho de seus olhos. Pois bem, me pergunte. Vamos. Sei que você está morrendo de vontade de…

De qualquer modo, não posso e não devo revelar os detalhes. Você acha que aprendi isso de um dia para o outro? Acha que esse nível de consciência é algo que qualquer um pode dominar? É um processo lento e longo, não se trata apenas de aprender as técnicas necessárias, mas do esforço exigido para ajustar esse mesmo processo ao indivíduo em questão. Começa com uma simples conversa, que é apenas o primeiro de vários encontros, de várias conversas assim. O mais difícil é saber se estão prontos e identificar aqueles que estão bem perto de fazer o processo funcionar.

Não tenho certeza de que Leah já esteja nesse ponto e estou pensando em dar algumas semanas a ela e talvez voltar a entrar em contato daqui a algum tempo. Ela vai seguir um caminho ou outro. Se escolher o lado certo, então estarei pronto para ela.

Às vezes, encontro pessoas que não estão prontas, e as deixo seguir seu próprio caminho. Se precisarem de mim mais tarde, eu as encontrarei novamente.

De qualquer maneira, não é como se eu não tivesse outras à espreita.

Annabel

SEGUNDA-FEIRA DE MANHÃ, FUI PARA O trabalho me sentindo vazia. O céu estava cinza-escuro, ameaçando chuva, assim como dentro do meu coração.

Kate estava de folga naquele dia, o que significava que éramos só Trigger e eu. Não estava com paciência para aturá-lo, ele e seu humor instável, num minuto parecia contente, no outro, irritado. Mas o escritório estava deserto. Como de costume, a caixa de leite que eu comprara na sexta-feira e da qual tinha me servido só uma vez estava vazia dentro da geladeira. Eu precisava de uma xícara de chá e o roubo do leite, que coisa feia, me deu vontade de chorar. Era provavelmente alguém do plantão anterior, que começava a trabalhar bem antes de o comércio abrir as portas e precisava de uma bebida para enfrentar as horas escuras antes do amanhecer. Mas isso não era uma desculpa para a preguiça ou negligência de não trazer seu próprio leite para o trabalho. Na verdade, a geladeira da cozinha no corredor da diretoria tinha um cadeado, e por isso não a atacavam.

Resolvi preparar um chá verde e me conectei ao sistema. Abri meu e-mail. Vinte e quatro novas mensagens desde meu último acesso ontem à noite. De onde vieram elas?

Examinei-as, procurando as que fossem interessantes e meus olhos foram atraídos por um nome: Sam Everett. Ignorei-o, procurando me concentrar em todos os relatórios de informações e solicitações para me desconectar de sistemas que de qualquer forma eu não acessava, pois eles acabavam reiniciando os servidores. Havia um e-mail da Associação Recreativa da Polícia me convidando para uma loteria mensal, outro de um sargento do setor de Operações Táticas que planejava correr uma maratona no Tibete e buscava patrocínio, e por fim, um pedido de cópias adicionais do bimensal “Perfil de Violência” por parte de duas pessoas que tinham acabado de entrar no Departamento de Planejamento Estratégico.

Isso era tudo. Não podia adiar mais. Sam Everett — serviço de notícias,

Briarstone Chronicle. O assunto do e-mail: “Mortes recentes.”

Prezada Annabel,

Espero que não se importe que eu esteja entrando em contato diretamente com você. Tive uma reunião com o inspetor Andrew Frost há poucos dias e ele me disse que você talvez pudesse me fornecer mais alguns dados referentes ao recente aumento dos — ainda não sei como os estão chamando — corpos abandonados? Cadáveres em decomposição? Mas você sabe a que me refiro, não é mesmo? Sei que deveria mandar uma requisição para o departamento de comunicação da polícia, mas até agora não retornaram os meus telefonemas nem responderam meus e-mails. Por favor, entre em contato comigo e talvez possamos nos encontrar para discutir esse assunto.

Cordialmente,
Sam Everett
Repórter Sênior, serviço de notícias.
Briarstone Chronicle

Logo embaixo havia seus números de telefone fixo e celular. Fechei a mensagem e fui ver as outras, abrindo-as uma por uma, metodicamente, até terminar a triagem e começar a trabalhar no próximo perfil de maníaco sexual.

Colin

NA COZINHA DO TRABALHO, ALGUÉM DEIXOU um exemplar do dia do *Briarstone Chronicle* em cima da mesa. Está coberto de migalhas de pão e tem manchas de manteiga na primeira página. Em circunstâncias normais, eu o levantaria entre dois dedos e o jogaria na lata de lixo, antes de limpar a mesa com desinfetante e lavar as mãos.

Mas então a coluna lateral da primeira página chama minha atenção. Apoio-me na mesa. Era sobre a patética campanha "Ame seu vizinho", que eles lançaram na sexta-feira — e parecia uma exortação para que todos batessem na porta dos vizinhos e verificassem se ainda estavam respirando.

Se não estivesse ao alcance auditivo de duas pessoas sentadas em mesas próximas à porta da cozinha, provavelmente eu teria dado uma gargalhada. De que eles acham que isso vai adiantar? Na melhor das hipóteses, tudo o que conseguirão é encontrar aqueles que ainda não foram achados. Não sei quantos são. Não leio o jornal sempre, e muitos casos sequer chegariam a ser noticiados.

E, de repente, tenho uma ideia brilhante. Uma ideia maravilhosa, resplandecente, deliciosa e perigosa. Eu poderia telefonar para eles, para essas pessoas do jornal, e dizer onde deviam procurar. Com isso, poderia poupá-los dessa campanha. Afinal de contas, a brava gente de Briarstone tem mais o que fazer de seus dias do que se incomodar verificando se seus vizinhos estão bem. Certamente, seria muita gentileza da minha parte contar a eles (sem perturbar a polícia, que, sejamos honestos, já está sob enorme pressão para elucidar arrombamentos, agressões e todos os outros tipos horríveis de crime) onde os outros podem ser encontrados.

De repente, estremeço com uma excitação e, para minha surpresa, ostento uma brusca e enorme ereção.

Sento-me à mesa da cozinha, algo que em geral nunca faço, pois não sei qual daqueles safados sentou-se ali antes, a fim de disfarçar o volume na minha calça. Seria capaz disso? Deveria ir em frente? Afinal de contas, por que não? Poderia

fazê-lo de tal maneira que não identificassem meu envolvimento. E tornaria tudo repentinamente mais interessante e muito mais emocionante. Eu me diverti bastante neste último ano, mas os anteriores não foram assim tão legais. Ainda me parece a coisa certa a ser feita, e sinto um arrepio de excitação cada vez que me afasto deles, deixando-os para trás, mas o estímulo que sinto agora não chega nem perto do que experimentei nas primeiras vezes. Preciso — como é que os jornais dizem mesmo? — elevar minha aposta.

E daí, se a imprensa ficar sabendo que isso está sendo feito propositadamente? Os jornalistas não terão a menor ideia de como e por quê. É muito provável que não acreditem que uma coisa desse tipo seja possível. Todos os indivíduos em questão morreram de morte natural, afinal de contas. Não chega a ser um crime.

A ideia é ligar para alguém — ou não, talvez fosse melhor mandar um e-mail, ou uma carta — e ver o resultado! O que publicariam na próxima edição? Seria algo estrondoso. Pode até atrair a atenção nacional.

Minha ereção estava aumentando, e não diminuindo. Já tinha passado da fase de decidir. Não se tratava mais de “se” — agora era uma questão de “quando” e de “como”. Isso me proporcionou um modo inteiramente inédito de abordar o assunto. Uma nova inspiração.

Pego o jornal, sem mais me preocupar com as migalhas e as manchas de manteiga, e o dobro ao meio. Carrego-o casualmente, encostado na frente do corpo, saio da cozinha, passo apressado por algumas mesas no saguão e entro num banheiro para deficientes, escondido num canto ao lado dos elevadores. Tranco a porta e abro minha calça, deixando o jornal aberto no chão imundo, uma página dupla com as fotos de todos, como eu nunca os vira, fotos de rostos sorridentes e de diversas idades, rostos felizes antes de eu os conhecer, antes de libertá-los de seus sofrimentos, antes de lhes mostrar o caminho para escapar de tudo. E olhar para eles me deixou ainda mais excitado, começo a me esfregar com tanta força que até sinto dor, fechando mais meu punho até conseguir me aliviar, em cima do jornal, em cima de seus rostos.

Annabel

O ESTACIONAMENTO ESTAVA CALMO NA HORA do almoço daquela terça-feira. Eu só o vira assim antes às sete da manhã, os ônibus cheios circulando, mas o estacionamento ainda vazio. Foi preciso então ir até o ponto mais longínquo para encontrar uma vaga. É irritante ter que andar até o ponto de ônibus e depois andar tudo de volta até o carro, antes de poder seguir para casa. E depois, sem dúvida, ainda ter que ser obrigada a estacionar a três ou quatro ruas de casa.

Por ter o horário flexível, tinha ficado em casa de manhã porque acordara com uma forte dor de cabeça, a ponto de sentir náusea. Quase torci para que durasse o dia todo, mas lá pelas onze horas a dor diminuiu, restando apenas uma leve pressão nas têmporas e, de qualquer maneira, eu estava entediada em casa.

No ônibus, meu celular tocou. Isso era tão raro, que tive um sobressalto. Procurei o telefone, que vibrava e tocava uma breve versão de Mozart no fundo da minha bolsa, em meio às besteiras que carregava para todo canto e de que nunca precisava. Alguém sentado atrás de mim começou a bufar, irritado com o ruído, que foi ficando cada vez mais alto, enquanto eu remexia a minha bolsa aberta.

Finalmente, quando me convenci de que a pessoa que estava ligando iria desistir e deixaria uma mensagem na caixa postal, senti o aparelho vibrando e o agarrei.

— Alô?

Houve um silêncio e de novo pensei que tivessem desligado.

— Alô, é Annabel que está falando?

— Sou eu — respondi, me perguntando se era alguém de telemarketing e como poderia dispensá-lo. — Estou dentro do ônibus, não estou ouvindo direito.

— Aqui é Sam Everett — disse a voz. — Sou jornalista do *Briarstone Chronicle*.

— Hum, sei. Recebi seu e-mail. Como você conseguiu o número do meu celular?

— Ah, foi uma moça do seu trabalho que me deu; desculpe se estou atrapalhando, mas ela disse que achava que você não se incomodaria.

É evidente que Kate acharia isso; nada me incomodava, não é? Fiquei irritada, mas isso não faria a menor diferença agora.

— Não, não está atrapalhando.

Por algum motivo, eu tinha pensado que Sam Everett era uma mulher. Não sabia por quê; simplesmente pensei que um jornalista interessado numa história humana como aquela só poderia ser uma mulher; questão de empatia, compreensão. Talvez para o homem Sam Everett o interesse nisso fosse de ordem bem distinta, talvez estivesse interessado nos corpos, na decomposição, em seu potencial de violência.

— Você está podendo falar?

— Na verdade, não. Estou no ônibus, a caminho do trabalho.

— Sei. Talvez possamos nos encontrar mais tarde. A que horas você sai?

— Bem, já estou atrasada.

— Não vou tomar muito do seu tempo. Olhe, estou no centro da cidade. Posso encontrar você no ponto de ônibus e nós tomamos um café bem rápido. O que acha?

— Hum…

No trabalho, eles sequer sabiam se eu iria ou não, para ser sincera. Eu não telefonara para avisar, pois considerara que Kate e Bill não atenderiam os telefones e, se o fizessem, provavelmente não dariam a menor importância.

— Seria bom se você pudesse — disse Sam. — Realmente acho que podemos nos ajudar, sabe? Ninguém está levando isso muito a sério, e há pessoas demais morrendo.

— É verdade — concordei. Para onde aquela conversa estava indo? Estava começando a me sentir desconfortável.

— Então, pode me encontrar? Em que ônibus você está?

Respondi, o que o fez compreender que eu aceitava.

— Salte no ponto antes do centro comercial que eu estarei esperando por você lá, ok? Até já, então.

Ele desligou. Coloquei de volta meu celular dentro da bolsa e olhei pela janela as casas enfileiradas na rua. Casas grandes, com amplos jardins à frente. Por causa do trânsito, o ônibus parou em frente a uma que obviamente estava vazia:

janelas sem cortinas, a grama alta, capim brotando das fendas entre as pedras. Será que haveria alguém lá dentro? Alguém esperando para ser encontrado?

Alguns minutos depois, o ônibus fez a curva e entrou na High Street. Quase quatrocentos metros à frente, o centro comercial era o primeiro dos dois pontos possíveis, ali ou no memorial de guerra; do centro comercial, eu caminharia sob a arcada, geralmente fria e deserta nas primeiras horas da manhã, mas àquela hora do dia estaria fervilhando de gente. E o ônibus também estava lotado, as pessoas se preparando para saltar. Foi por isso que ele me pediu para encontrá-lo no primeiro ponto — não haveria ninguém lá além de mim. Não precisaria tentar adivinhar quem eu era e não correria o risco de que eu fosse embora sem falar com ele.

Eu me levantei e segui até a parte da frente do ônibus, me segurando e balançando à medida que ele avançava pelo asfalto irregular. Podia ver pelo para-brisa um sujeito em pé, esperando no ponto e, ao chegar mais perto, me dei conta de que devia ser Sam Everett.

Ele era mais jovem do que eu tinha imaginado, certamente mais jovem do que eu, talvez não tivesse mais que vinte e cinco anos. Seu cabelo preto era bem comprido, com os cachos à altura do pescoço. Ele usava uns óculos bacanas, calça jeans preta e um casaco da mesma cor que batia na altura das coxas por cima do que parecia ser uma dessas camisetas de bandas de rock. Achei que já o tinha visto em algum lugar, mas não lembrava onde. Quando desci do ônibus, vi que usava uma camiseta da banda Pulp e relaxei um pouco porque, quando estava na faculdade, eu adorava Pulp, era minha banda favorita de todos os tempos. Sorri para ele.

— Annabel? — indagou ele, estendendo a mão para mim. — Sou o Sam.

— Muito prazer — falei.

— Vamos ali?

Entramos numa cafeteria chamada Lunch Box. Antes era uma espelunca que atendia motoristas de táxi e de ônibus em seus intervalos, mas havia sido redecorada e reequipada, e agora servia *paninis*, saladas, além do café da manhã inglês tradicional e sanduíches de batata frita.

Encontrei uma mesa nos fundos e, enquanto Sam fazia nosso pedido no balcão, observei-o ali em pé e por um instante achei que ele parecia um pouco perdido. Não sei bem o que eu esperava da aparência de um jornalista, mas

provavelmente não era aquela. Fiquei me perguntando por que ele me parecia familiar, e então me dei conta de que fora ele o jornalista que batera à minha porta no dia em que achei Shelley Burton. O que aparecera com um fotógrafo.

— Obrigada — falei. — Quanto foi?

Minha bolsa já estava aberta, mas com um gesto ele recusou.

— Não se preocupe com isso.

Certamente, essas despesas eram reembolsadas pelo jornal, então guardei minha carteira na bolsa sem insistir. Estava agradável ali dentro, depois de sair do frio lá de fora, e senti minhas bochechas ficarem incandescentes. Aquela não havia sido uma boa ideia, pensei. Não deveria estar ali com aquele homem.

— Então — disse ele, depois que o atendente nos trouxe dois cafés e os deixou na mesa, à nossa frente — você está trabalhando com os corpos decompostos, não é?

— Não diria que estou trabalhando com eles, exatamente. Tenho tentado descobrir quantos deles existem e procurado estabelecer algum padrão comparativo. Olhe, realmente acho que você deveria conversar com a Assessoria de Imprensa e não comigo, não acha?

— Tentei entrar em contato com eles; sei que é assim que deve ser feito. Mas não tinham conhecimento algum sobre o assunto. Ou então, não queriam conversar sobre isso.

— É mesmo?

— Talvez você não tenha percebido, mas a política de relações-públicas da polícia é bastante restritiva. Eles só dizem o que querem que você fique sabendo. O que não é muita coisa.

— É?

— Estudei com Ryan Frost. O filho de Andrew Frost. Vejo Ryan o tempo todo, às vezes saímos juntos nos fins de semana. Sábado passado, fui até a casa de Ryan e o pai dele, desculpe, realmente tenho dificuldade em chamá-lo de Andrew, estava lá, então lhe perguntei sobre os corpos. Na verdade, venho examinando o caso há algum tempo. Fiz uma solicitação com base na Liberdade de Informação para conseguir números e também falei com o Instituto Médico Legal.

Olhei para ele. Estava corado, inclinando-se na mesa em minha direção. Parecia empolgado com tudo aquilo.

— Quantos você contou? — perguntei. — Ainda não vi o jornal de hoje.

— Dezenove — respondeu ele.

— Eu descobri vinte e quatro, incluindo o da semana passada.

— Isso é ruim — disse ele. — Você não acha que isso é terrível? Todas essas pessoas. Deve haver alguma ligação entre elas.

— É isso que não paro de procurar, mas ainda não achei nada.

— Quero dizer, são pessoas tão diferentes. Idades diferentes, classes sociais distintas, umas com família, outras sem. Não consigo encontrar nenhuma semelhança entre elas.

— Pensei que poderia haver algum aspecto clínico. E cheguei a questionar se todos não teriam sido operados pelo mesmo médico, ou frequentaram o mesmo hospital, ou, sei lá, praticavam serviços sociais, ou coisa parecida.

— Já ouviu falar em *hikikomori*?

— Não. O que é isso?

— É um fenômeno no Japão. Todo um segmento da sociedade, em geral adolescentes, especialmente rapazes, se isolam. Eles se trancam em seus quartos e ficam sem sair de lá por anos.

— Por quê?

— Há um bocado de teorias, mas ninguém sabe a verdade. Acreditam que possa ser uma reação negativa ao sistema educacional de alta pressão no Japão. Esses garotos, em geral, têm um desempenho excelente, vêm de famílias ricas, estáveis… Não há motivo aparente para que tenham desejado se revoltar. É como se simplesmente tivessem desistido da vida. Mas há tantos deles agora que acabaram dando um nome para isso. As estimativas variam em relação a quantos são, mas é provável que esse número esteja em torno de três milhões, numa população de cento e vinte e sete milhões.

— Mas eles ficam dentro dos quartos até morrer?

— Em geral, as famílias deles continuam alimentando-os, ou no meio da noite eles vão até um *konbini*, uma espécie de loja de conveniência. Mas é a escolha que fazem que me intriga.

Ele deu um gole no café, que estava esfriando na mesa à sua frente. Eu já terminara o meu, em dois goles.

— A escolha de se isolar?

— Exatamente. A escolha de se isolar, seja qual for o motivo. Talvez apatia, ou

um ato de rebelião. Talvez os casos daqui sejam semelhantes a esses.

— Mas se rebelam com o quê?

— Não sei, pode ser um efeito colateral da recessão: crise econômica, depressão, desespero. Ou então, talvez haja algo na sociedade com o qual não querem se comprometer. E é por isso que acho que você pode estar certa, ao procurar nos serviços públicos, sistema médico, Serviço Social, esse tipo de coisa.

— Não consigo ter acesso a tudo isso — falei. — Já tentei.

— Há alguma coisa nos arquivos desses casos?

— Não há arquivos desses casos, esse é o problema. Não se trata de homicídios. Nem sequer são, na maioria dos casos, mortes suspeitas. São simplesmente pessoas que morreram. Uma vez levadas pelo serviço funerário, deixam de ser problema da polícia. As famílias, quando conseguimos encontrá-las, são avisadas e acaba aí nosso envolvimento no caso. Nada é registrado, não faz sentido. Das pessoas que tinham de fato uma família, praticamente não disponho de informação alguma. Somente as mortes não reivindicadas ainda continuam sendo de algum interesse.

Ele estava inclinado para a frente, franzindo as sobrancelhas, escutando.

— Sabia que fui eu que encontrei Shelley Burton?

— Jura? Não sabia disso.

— Sou vizinha dela. Pude sentir o cheiro. Pensei que a casa estivesse vazia, mas ela estava lá o tempo todo.

— Deve ter sido uma descoberta muito traumática — disse ele.

— Foi horrível. Ela estava…

Eu havia falado demais e, naquele instante me dei conta de que a emoção de encontrar alguém que demonstrasse algum interesse me fizera tagarelar. E não era qualquer pessoa, tampouco; aquele homem era um jornalista. Poderia até estar gravando nossa conversa! Não tinha pensado nisso… que idiota! Aquilo ia acabar custando meu emprego. Não conseguia acreditar que tinha sido tão burra.

— O quê? — perguntou ele. — O que houve?

— O que você quer dizer?

— Você parece… sei lá. Preocupada.

Sem dúvida ele era observador. Provavelmente fazia parte do seu trabalho: a capacidade de identificar desconforto no seu interlocutor; a capacidade de fazer

perguntas pertinentes e impertinentes; de memorizar longos trechos de conversa e então, sutilmente, adaptá-los de modo a fazer parecer que, na verdade, a pessoa dissera o que você queria que ela dissesse, sem que ela jamais tenha dito aquilo realmente.

— Preciso ir — falei, me levantando da cadeira.

— Annabel, espere um minuto.

— Não, sério, obrigada pelo café, mas preciso ir embora…

— Posso vê-la outra vez?

Parei de ajeitar o casaco sobre os ombros e o encarei. Aquela frase soou tão esquisita.

— Para quê?

Ele se levantou, obstruindo meu caminho até a porta da cafeteria.

— Sei que isso é importante para você — disse ele. — Não quero comprometer seu emprego de maneira alguma, e não quero que você fique constrangida. O que quer que esteja acontecendo, não vai simplesmente parar. Precisamos tentar fazer com que tomem alguma providência, e o único jeito de conseguirmos isso é descobrindo o que está acontecendo. Você me ajuda?

Mordi o lábio. Ele estava bem perto de mim e não gostei disso. Minhas costas encostavam na parede, em vários sentidos.

— Não sei o que mais posso fazer — respondi. — Já tentei de tudo.

— Deixe o mais difícil comigo. Só preciso dos seus dados. Os mesmos dados com os quais tem lidado e examinado diariamente. Posso pressionar as autoridades importantes publicando mais informações sobre as pessoas envolvidas e posso conseguir essas informações em outros lugares. Preciso apenas ter uma ideia mais clara sobre quem eram essas pessoas.

— Tudo isso é mantido como confidencial pelo Artigo de Proteção de Dados — falei sem muita convicção.

— Não se as pessoas estiverem mortas. Esse artigo não pode ser aplicado em caso de morte.

— Sei disso. No entanto, ainda pode ser solicitado se houver uma investigação em andamento. E, de qualquer modo, também se aplica às famílias delas — falei, tentando me recuperar. Ele conhecia a legislação melhor do que eu. Não me levaria a nada tentar bancar a esperta diante dele.

— Não pensei que *houvesse* uma investigação em andamento.

Então ele deve ter notado meu embaraço, porque se afastou e me deixou passar.

— Vou acompanhá-la até o final da rua, pode ser?

Murmurei alguma coisa e ele me seguiu até a rua principal, que estava iluminada e fria. Havia uma multidão na calçada e, embora caminhássemos juntos, acabamos mantendo certa distância um do outro.

— Olhe — disse ele por fim, quando viramos na esquina e saímos em uma grande calçada que descia até o rio. — Gostaria muito de manter contato. Você é a única pessoa com quem falei que está levando essa história a sério. Estou tentando fazer com que minha editora se envolva também. Ela concordou em começar essa campanha para fazer todo mundo conferir se seus vizinhos estavam bem, mas continuo achando que é algo um pouco mais sinistro do que uma simples falta de espírito comunitário.

— Sinistro?

— É. Talvez tenham sido assassinadas.

Parei na hora e me virei para ele.

— Não acho que tenham sido assassinadas — falei.

— Não mesmo? Tem certeza?

— Não há nenhum indício disso. Não houve arrombamentos — exceto a casa ao lado da minha, pensei, lembrando do vidro da porta quebrado no chão da cozinha —, não houve ferimentos, nenhuma agressão. Elas apenas morreram.

— Talvez tenham usado um veneno de ação lenta — disse ele. — Ou foram intoxicadas pelo aquecedor, algo assim.

— Você está indo um pouco longe demais. Não há provas. O que o fez pensar que elas foram assassinadas?

Suas bochechas coraram e ele baixou a voz de tal modo que tive que me aproximar dele para ouvir.

— Tudo bem, então, talvez não assassinadas. Porém, tem mais alguém envolvido nisso. Todas não podem ter, espontaneamente, resolvido morrer, não é?

— Por que não? Isso é quase a mesma coisa que os adolescentes japoneses fizeram.

Continuamos andando. No fim da ladeira, eu atravessaria a rua indo para a outra calçada e enfim chegaria no distrito policial. Não queria nem um pouco

que me vissem conversando com um jornalista e estava pensando em um jeito de me separar dele antes de chegar ao cruzamento.

Ele mantinha as mãos nos bolsos, os ombros curvados. Parecia pensativo, como se estivesse tentando bolar um argumento conclusivo, que acabaria com a divergência de opiniões.

Parei na esquina.

— Vou por este lado — falei, num tom que sugeria uma despedida definitiva. — Foi bom conversar com você.

— Foi mesmo.

Só isso? Depois de toda aquela pressão, ele ia desistir assim tão facilmente?

— Até mais, Annabel.

Apertei sua mão, cálida e firme.

— Tchau. Boa sorte.

— Para você também.

Observei Sam se afastar, depois me virei e apertei o botão do sinal para atravessar, esperando os carros para poder seguir meu caminho e ir trabalhar.

* * *

A única pessoa no escritório era Kate.

— Pensei que estivesse doente e fosse ficar em casa — disse ela. — Por que veio trabalhar?

— Estava com dor de cabeça — respondi, tirando meu casaco e pendurando-o atrás da porta —, mas já passou.

Eu me sentei, liguei o computador, inseri o login e a senha, depois aguardei a verificação, antes de poder começar a trabalhar. Como sempre, levou séculos.

— Vou falar com uma pessoa rapidinho — avisei a Kate, que estava olhando pensativa pela janela.

— Ok — disse ela.

Frost estava em seu escritório, a porta semiaberta. Bati e a empurrei de leve.

— Você está terrivelmente ocupado? — perguntei.

Ele ergueu o olhar da tela.

— Nunca estou ocupado demais para você. Pode entrar e se sentar.

Deslizei para a cadeira diante da sua mesa.

— Acabei de conhecer um amigo seu — falei.

— Ah, é mesmo?

— Sam Everett.

Frost começou a rir.

— Conheço Sam Everett desde que ele era pequenininho.

— Você sabe que ele está interessado nos corpos. Está tentando convencer sua editora no jornal a fazer uma grande matéria sobre isso.

— E o que você contou para ele?

— Nada — respondi prontamente. — Não há nada que possa lhe contar, não é? Ele não deveria entrar em contato com a Assessoria de Imprensa em vez de me procurar?

— É o velho problema de sempre. A Assessoria de Imprensa tem sua própria agenda, e lamento dizer que nossos corpos não fazem parte dela.

Nossos corpos. Será que ele estava começando a se interessar agora? De verdade?

— Você sabia que eu descobri o último deles?

Ele se inclinou para a frente.

— Não, eu não sabia.

— Foi na casa ao lado da minha. Isso acabou despertando meu interesse nos casos.

— Ah, Annabel. Isso deve ter sido difícil. Você está bem?

Ele parecia estar sendo sincero.

— Estou — respondi. — Acho que sim. Mas o cheiro… fica entranhado na gente, não é?

— Fica, sim. Meu primeiro cadáver, eu tinha dezoito anos e havia começado a apenas duas semanas o meu período de treinamento. Eu havia tentado me preparar para aquilo, mas a verdade é que é impossível. Entrei numa casa e os vizinhos disseram que fazia três semanas que não viam a senhora que morava lá. Pude sentir o cheiro antes de chegar à porta dos fundos. Quando entrei… bem, foi horrível. Ela estava deitada na cama e, quando enfim moveram o corpo, seu escalpo ficara preso na cabeceira e se soltou do crânio. Vomitei no quintal.

— Eu não vomitei. Talvez tivesse sido melhor se vomitasse. Só tomei várias duchas. E ainda tive que dar banho na gata, pois ela ficou rolando no sangue.

— Argh.

— Olhe — falei —, você acha que eles vão começar a levar isso a sério? Já é o vigésimo quarto. O próximo vai ser logo. Existem muitas pessoas lá fora, esperando que nós as encontremos, você sabe disso, não é?

— Não — respondeu ele. — Nada indica que acharemos outras.

Mordi o lábio. Aquilo era tão frustrante. Um minuto atrás, eu pensara que ele estivesse do meu lado, mais do que qualquer um dos outros. Ninguém mais entendera, mas pensei que ele tivesse sido capaz. Ele sabia que aquele era um problema que não iria desaparecer.

— Você sabe que isso não é certo, não é mesmo?

Ele olhou bem nos olhos.

— Se tiver tempo mais tarde, vou tentar falar novamente com alguém lá em cima, ok?

"Alguém lá em cima" significava alguém do corredor da diretoria — o comandante de área ou um dos inspetores chefes. Mas todos eles tinham visto minha apresentação, na última reunião. Todos tinham as informações. Se não foram suficientes para convencê-los, nada mais seria.

— Deixe comigo — disse ele, num tom que sugeria que eu fosse embora.

— Tudo bem. Obrigada.

Eu me levantei para ir embora. Ele já voltara sua atenção para o computador e eu me perguntei se, em cinco minutos, ainda se recordaria da minha visita.

* * *

Dentro do ônibus, voltando para casa, fechei os olhos e encostei a cabeça no vidro gelado. Tinha ficado no trabalho mais tempo do que o normal, tentando compensar as horas perdidas de manhã.

A avaliação tática estava atrasada, mas a culpa não era toda minha; uma falha no sistema do quartel-general deixara o software das principais bases de dados temporariamente inacessível.

O dia havia sido longo e arrasador, e minha dor de cabeça estava voltando. Para piorar tudo, na hora em que estava entrando no ônibus, vasculhando minha bolsa atrás da passagem, que pelo visto eu perdera de forma inexplicável, o meu celular começou a tocar. Por um instante, achei que podia ser Sam Everett outra vez e comecei a escolher palavras que deixassem bem claro meu desinteresse —

mas era minha mãe, é claro, ditando a lista das compras de que precisava. Anotei na minha mão com uma caneta preta, esperando que não ficasse marcada para sempre. Açúcar, leite, ervilhas congeladas, batatas, creme de leite, saquinhos de chá.

— Você está me parecendo tão fraquinha. Por que está parecendo tão fraquinha?

— Estou no ônibus, mãe. Acabei de sair do trabalho.

— Por que trabalhou até tão tarde?

— Tive dor de cabeça de manhã. Não estava me sentindo bem. Fui trabalhar mais tarde.

— Foi trabalhar mais tarde? O que você precisa é de uns analgésicos e ser um pouco mais durona. Você não consegue se controlar. E tampouco se alimenta corretamente. Açúcar demais, gordura demais, é esse seu problema.

— Eu sei, mãe — respondi. Era mais fácil concordar com ela. — Posso levar essas coisas para você amanhã? Não precisa de nada disso com urgência, não é?

— Ah, também gostaria de uma boa garrafa de vinho branco. A que você trouxe para mim na semana passada estava deliciosa.

— Vou comprar amanhã, quando sair do trabalho, ok? Vou pegar uma na geladeira do Co-op.

— Você precisa assumir um pouco de responsabilidade pessoal. Como é que você vai ficar, daqui a algumas semanas, quando os relógios forem atrasados, hein? Ninguém vai aguentar você.

Eu poderia ter lhe contado que eu andava acordando antes de amanhecer desde setembro, mas não teria adiantado nada. De qualquer modo, ela não estava me escutando.

— Mas você não precisa dessas compras para hoje à noite, não é?

— Sim, preciso. E eu não consigo andar até a cozinha, meus joelhos estão me matando hoje. Nem almocei. Não comi nem bebi nada desde ontem à noite. Você sabe que preciso me alimentar, tomando esses comprimidos, caso contrário começo a me sentir toda estranha.

Ela tampouco devia consumir álcool junto com os comprimidos, mas esse detalhe parecia ter lhe escapado. Eu lhe disse que chegaria dentro de uma hora, mais ou menos, e por fim, ela acabou desligando.

Senti a dor de cabeça começando a pulsar, o cansaço piorando tudo. Apalpei o

anjo que carregava dentro do bolso do casaco, sentindo os contornos de suas belas asas. Certamente, deveria haver uma razão para que tudo isso estivesse acontecendo. Certamente, alguém, em algum lugar, tinha um plano e, uma hora ou outra, isso tudo iria fazer algum sentido.

O ônibus parou no estacionamento e eu me ergui pesadamente. Minhas costas estavam me matando. Eu tomaria um belo banho quando enfim voltasse para casa, com uma gota de óleo de eucalipto na água, bom para aliviar as dores.

Olhei para o carro, uma solitária forma cinzenta apenas visível na escuridão. As luzes alaranjadas dos postes de rua cintilavam em meio ao nevoeiro. Pensei que outras pessoas sentiriam medo ao andar até seus carros no escuro. Outras mulheres se sentiriam vulneráveis. Mas eu não sentia medo. Apenas cansaço.

O carro estava frio e úmido e o motor não queria pegar. Após girar a chave duas, três vezes, ele estremeceu e ressuscitou. Segui para o supermercado a fim de fazer as compras para minha mãe.

Colin

PASSEI A NOITE DE SEGUNDA-FEIRA TENTANDO estudar, mas estava muito disperso. Tendo jogado o exemplar imundo do *Briarstone Chronicle* na lata de lixo da cozinha do trabalho, comprei um novo, a caminho de casa. E bastou ver a primeira página dobrada do jornal sobre o balcão, com a metade superior da cabeça de Rachelle, para eu ter outra ereção. Apesar de minha autoimposta regra de abstinência, depois de começar a beber uísque ao cair da tarde, ficou difícil me conter e não passar a maior parte da noite me masturbando. Foi por causa da matéria no jornal — e a centelha de uma ideia que não queria inflamar, pouco importando o ângulo que eu adotava para abordá-la.

Naquela noite, parei no supermercado depois do trabalho para comprar pão, leite, azeitonas e chouriço. Enquanto minhas mercadorias deslizavam sobre a esteira do caixa, ergui os olhos e meu olhar encontrou o de uma mulher na fila de outro caixa. Acima do peso — gorda, mesmo; com o cabelo preso para trás num descuidado rabo de cavalo desprovido de substância e estilo. Estava começando a ficar grisalha nas têmporas, mas, como Janice, provavelmente não era tão velha quanto parecia. Não usava aliança no dedo e nada em sua esteira sugeria que estivesse fazendo compras para a família em casa. Além de seu comportamento em geral, seu olhar era igual ao de tantas delas: o olhar do derrotado. Parecia esgotada, como se o dia tivesse sido impiedoso com ela, como se ele a tivesse buscado de manhã e a devolvido no final do dia desfigurada, como um pano de prato sujo, cheio de manchas e amarrotado, secando em cima da torneira.

Ela conseguiu esboçar um sorriso para a atendente do caixa e, como acontecia com Janice, o sorriso iluminou seu rosto — por um ínfimo segundo. E, assim como Leah, ela não está pronta para mim, quem quer que fosse. Mas podia ser apenas uma questão de tempo. Espero vê-la outra vez. Ela parece precisar da minha ajuda.

O surgimento repentino de uma nova perspectiva, ainda que ela não estivesse

bem madura, me deu uma brilhante ideia. Eu andava tentando pensar em como poderia entrar em contato com o jornal e, ainda assim, manter meu completo anonimato. Evidentemente, poderia enviar uma carta à moda antiga — impossível de ser rastreada —, mas assim abriria mão do prazer de ouvir a reação deles. O único jeito de poder escutar seria ir lá pessoalmente, ou ligar para eles.

Foi então que percebi como devia fazer. Nietzsche disse: “O verdadeiro homem quer duas coisas: perigo e jogo.” Eu me diverti com elas sempre que tive vontade, porém, isso já não bastava mais. Agora, ao que parecia, também queria correr perigo…

No momento, eu tinha três delas, todas em diferentes estágios de prontidão — aguardando o instante de agonia e o começo da transformação. A que estava mais avançada nesse processo, mais preparada, calhava também de ser a que morava mais perto do supermercado. Estacionei na rua atrás de sua casa e cortei caminho por uma alameda nos fundos. Não havia ninguém por perto, as ruas estavam desertas. Vi um gato se contorcendo ao lado das latas de lixo. Fora isso, nenhum movimento.

Fiz uma ligação, mas ninguém atendeu. Indaguei se aquilo significava que era tarde demais, mas como estava tão perto da casa, segui em frente assim mesmo. Quando cheguei, a porta dos fundos estava aberta e entrei, sem bater ou gritar o nome de alguém.

Ela estava dormindo, deitada na cama, sua respiração produzindo um som rouco e seco. Eu disse seu nome e, depois, mais uma vez, mais alto.

— Você pode abrir os olhos?

De início não houve resposta alguma. Ela respirava de forma regular, hesitante e, depois, começou a respirar fundo, entre intervalos. Ela estava bem distante.

Eu me perguntei o que deveria fazer, e se conseguiria cuidar daquilo sozinho — afinal de contas, o que importava era o local e, potencialmente, poderia elevar o tom da minha voz ao de um falsete em nome da diversão. Mas foi decepcionante. Desde que tivera aquela ideia, a excitação vinha crescendo dentro de mim, e lá estava eu, tão perto, dominado por uma ansiedade quase febril.

Mas então, para minha surpresa, ela se mexeu. Ergueu lentamente a cabeça.

— Consegue se sentar? — perguntei, ajudando-a, segurando seu braço. Ela estava quente, sua pele tinha a textura de um papel.

Demorou um pouco para que ficasse pronta, mas eu só precisava que ela se concentrasse por um breve instante. Seus olhos brilhavam, era seu único vestígio de umidade: os lábios estavam ressecados, o cabelo caído em cachos murchos em seu rosto.

— Tome — falei. — Pegue este papel. Acha que consegue ler?

Ela olhou para a folha de papel, confusa. Os olhos estavam embaçados.

— Não estou entendendo.

Já esperava por isso. Ela havia cruzado o limite dos sentidos.

— Você bebeu alguma coisa hoje?

Ela olhou para mim, perplexa.

— Não estou entendendo.

Meu Deus, pensei. Era o lado negativo daquele processo, acabar com o que ainda restasse do desejo de lutar, com a força, a atividade. Tudo que precisavam fazer a partir desse ponto tinha que ser especificamente instruído, passando de um padrão que exigia de forma vaga a linguagem, a metáfora, utilizando simples anedotas a fim de explicar algo, para um que dependia de instrução direta.

Fui até a cozinha e abri a torneira. A água caiu na pia produzindo um leve som metálico. Já tinha som de casa vazia, apesar de ela ainda estar ali. Nem sequer partira, mas sua presença já desvanecia. Achei uma xícara e a enchi pela metade — mais do que isso a deixaria doente, colocando em risco todo o processo — e levei até ela.

— Agora beba isso — ordenei.

Entreguei-lhe a xícara e ajudei a segurá-la. Ela bebeu alguns goles obedientemente, mas sem tomar cuidado, a água escorrendo pelo canto da boca e em cima do seu vestido. Em seguida, ela virou o rosto. Tinha bebido o bastante, pensei. Devia estar próxima da transição. Com delicadeza, peguei a xícara de suas mãos, colocando-a no chão, fora de seu campo de visão.

— Agora — prossegui, tocando em seu braço. — Olhe para este papel. Consegue ler?

— Tenho algo importante a dizer… — recitou ela.

— Muito bem — falei. — Agora chega. Vou ligar para um número de telefone e, quando atenderem, quero que você leia o que está escrito no papel. Entendeu?

Ela não respondeu de imediato. Toquei outra vez seu braço e ela se retraiu. E então disse, hesitante:

— Entendi.

— Muito bem. Vamos fazer isso agora.

Disquei o número para ela e depois segurei o telefone perto do seu rosto. Eu queria colocar no viva-voz, para poder ouvir a reação deles, mas a casa estava tão silenciosa que consegui ouvir chamando no outro lado da linha. Tudo o que dissessem, eu escutaria.

— Alô, Editoria de Notícias.

Toquei seu braço, estimulando-a, mas acho que nem precisava.

— Alô — disse ela com a voz lindamente modulada e serena. — Quero falar com Sam Everett.

— Sou eu. Posso ajudar?

— Tenho algo importante a dizer. Há outros corpos — disse ela, como se estivesse anunciando a chegada de um trem na plataforma sete. — Há um em…

— Espere um pouco — interrompeu-a Sam Everett do outro lado da linha. — Espere só um segundo. Deixe-me anotar aqui.

Ela fez uma pausa de alguns segundos e depois continuou, com um tom de voz indiferente ao assunto:

— Há outros corpos. Tem um no número 36 da Hawthorn Crescent, em Carnhurst. E ainda outros.

Eu não conseguia ouvir nada do outro lado da linha e me aproximei ainda mais dela. Sam estava escrevendo, anotando tudo. Apontei para a linha seguinte do script. E ela a leu, submissa.

— Você quer que eu repita. — Tecnicamente, era uma pergunta, mas sua voz saiu sem entonação alguma.

— Onde estão os outros? E quem está falando, por favor? Qual é o seu nome?

— Você quer que eu repita.

— Não, não. Só quero saber com quem estou falando. Qual é o seu nome?

Apertei o botão que desligava o telefone. Sam Everett seria a última pessoa, além de mim, com quem ela falaria. Ela não fazia a menor ideia disso. E não havia problema. Se eu tivesse lhe contado, se tivesse lhe explicado isso, ela não ficaria mais preocupada do que já estava naquele exato momento.

— Muito bem — falei, colocando o celular para carregar. — Você foi muito bem.

Ela olhou para mim. Em qualquer outro momento e lugar, poderia até ter dado

um sorriso, mas estava cansada, inimaginavelmente exausta, com o esforço de se concentrar para obedecer às minhas instruções. Ela voltou a se deitar.

— Estou cansada — disse ela. — Minha cabeça dói.

— Eu sei. Pode dormir se quiser.

— Ok.

Ela estava linda à beira da morte, enraizando-se nela, animada com isso. Não sentia dor, raiva ou medo. Ela se aproximava do fim como todos deveriam fazê-lo, com consenso, graça e em perfeita paz. A água que ela bebera não parecia ter desacelerado o processo, como pensei que aconteceria. Ela já estava em um estágio muito avançado para isso.

— Agora — falei, segurando seu braço. — Você está pronta. Sabe o que precisa fazer.

— Dormir — respondeu ela.

— Isso mesmo. Agora você vai dormir. Está na hora.

Antes de sair da casa, limpei todas as superfícies em que tinha tocado, apesar de estar usando luvas de látex desde que chegara. Ela não as notara, sequer olhara com curiosidade. Não sei por que me dei o trabalho de usá-las, pois, teoricamente, ela havia me convidado a entrar e não teria feito objeção à minha presença ali. Mesmo num momento como aquele.

Na porta dos fundos, parei um instante e olhei mais uma vez para dentro da casa. A próxima pessoa que entrasse ali seria a primeira a encontrá-la. Eles rastreariam a ligação, sem dúvida, e depois disso, iriam ali procurar por ela. Eles a encontrariam ainda fresca se tivessem juízo. Então, me ocorreu que poderiam achá-la cedo demais, antes que morresse. Era um risco. Mas é provável que fossem primeiro até o endereço que ela dissera para eles, e só lhe restavam algumas horas de vida. Pouco importava o que acontecesse, eles achariam esses restos humanos antes de ela ter a oportunidade de se transformar, como aconteceu com os outros. Era seu infortúnio, e uma pena, considerando como havia me servido tão bem hoje. E também vou sentir falta de tomar conta dela, de observar e documentar sua transformação. Mas, no fim das contas, aquilo precisava ser feito e, desta vez, a diversão seria outra.

* * *

Com toda aquela excitação do início da noite, fiquei muito distraído na academia, incapaz de alcançar minhas metas. Trinta minutos em cada aparelho, minha rotina habitual, mas as trinta voltas na piscina que me tomam quase vinte e três minutos. Na ginástica, consegui desconectar meus pensamentos com as batidas frenéticas dos alto-falantes e o ritmo hipnótico da bunda da mulher na esteira à minha frente, mas depois, na piscina, só pensava em Sam Everett, e no que ele fez com todas as informações que lhe dei. Era tentador, mas tão tentador, fazer um desvio por aquela casinha esquálida de dois andares no final da Hawthorn Crescent, mas em vez disso voltei para casa ao terminar de nadar.

Antes mesmo de desempacotar as compras, me senti arrebatado por tudo aquilo. Minhas mãos tremiam, retirando o jornal do saco de compras. Nunca me senti tão excitado na vida. A emoção de deixar alguém para trás entregue à transformação eclipsou totalmente a emoção de permitir a alguém descobrir o segredo, mesmo que não tenha sido o segredo completo, mesmo que não tenha sido eu a revelá-lo.

Queria gritar para todo mundo, mas aí o segredo não me emocionaria mais — e eu provavelmente seria preso. Eles me deixariam preso para sempre pelo que fiz. Será? Não fiz nada contra aquelas pessoas, além de ajudá-las a escapar do peso das vidas que vinham levando até então. No máximo, minha contribuição é catártica; uma misericordiosa libertação. Elas teriam se matado, mais cedo ou mais tarde, e meu método é infinitamente mais limpo, menos doloroso e, é bem possível que seja menos desordenado. Não fiz mal a ninguém. Simplesmente cristalizei seus pensamentos, incitei-as a agir, o que de outra maneira levaria muito tempo para acontecer, e durante esse tempo teriam sofrido, hesitado e, provavelmente, deixado muitas outras pessoas para baixo com ela. E eu as anestesiei também, para que, a partir do momento em que a decisão foi tomada, elas não sentissem dor alguma, não sofressem qualquer ferimento, tampouco angústia. Era perfeito.

Levo o jornal para cima, tiro a calça e a dobro sobre o mesmo cabide de onde a peguei de manhã. Também jogo a cueca no cesto de roupas. A expectativa me dá arrepios. Abro o jornal no meio, nas páginas centrais em cima das quais me masturbei no banheiro para deficientes físicos, na hora do almoço de ontem, e depois o estendo sobre a cama.

Ligo a televisão e, em seguida, aperto o botão play no controle remoto do

DVD, que solta um chiado, um estalo e relampeja de vida. O mesmo filme pornô a que assisti no último fim de semana, uma bobagem americana com duas piranhas gordas se atracando como cães esfaimados. Segundos depois, desligo. Não está funcionando para mim; está me distraindo. O jornal, por outro lado, funciona. Aqueles rostos — todos sorridentes, felizes em cerimônias de casamento, com outras pessoas nas fotos, pessoas que fizeram parte do passado, cuidadosamente recortadas de suas vidas, cuidadosamente descartadas — e meu pênis fica tão duro que chega a doer, ainda machucado por causa da fricção que lhe causei no dia anterior, e na última noite, e no dia antes de ontem também, e ainda assim é tão gostoso, reconfortante poder segurá-lo novamente.

Desta vez, quando gozo alguns minutos depois, tomo cuidado para usar lenços de papel, deixando o jornal limpo e ileso para outro dia.

Annabel

EU ESTAVA NA CAMA, MAS NÃO conseguia dormir, quando o telefone começou a tocar.

Ouvi-o tocando em meio ao sossego da casa, me perguntando quem poderia estar me ligando àquela hora da noite e se valia a pena tentar descobrir. Eu só tinha um aparelho, no andar de baixo, pois o telefone não tocava com tanta frequência a ponto de justificar a instalação de uma extensão no quarto.

Após o sexto toque, saí da cama, enfiei os pés nos chinelos, vesti meu roupão e desci a escada. Pensei que provavelmente ia parar de tocar no momento em que encostasse nele.

— Alô?

— É Annabel? Annabel Hayer? — Era uma voz masculina, alguém idoso. Um tanto hesitante.

— Sou eu mesma.

— Aqui é o Len, que mora ao lado. É sobre sua mãe.

Por um instante não o reconheci. Que mora ao lado? Ao meu lado não morava ninguém chamado Len. Então me dei conta de quem exatamente ele era — o coroa que morava ao lado da casa da minha mãe, o cara que a acolhera no dia em que a encanação estourou. Ele morava com a esposa — qual era mesmo o nome dela? Carol?

— Minha mãe? Qual é o problema? Estava com ela até há pouco…

— Ela sofreu uma pequena queda. A ambulância está aqui, estão levando-a para o hospital St. Mary. Demorei um pouco para conseguir encontrar o número do seu telefone. Ela devia tê-lo anotado em algum lugar sempre à vista, sinceramente.

— Ela está bem?

— Acho que sim, querida. É melhor você ir até o hospital.

— Ok, muito obrigada.

— Vou trancar a porta. Ela me deu a chave. Não precisa se preocupar com

nada.

Quando desliguei, um pouco depois, fiquei sentada, num silêncio atordoante e, em seguida, lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto. Não sabia ao certo por que estava chorando.

— Pare! — falei bem alto. — Pare agora mesmo.

Esfreguei as mangas do roupão nas bochechas e voltei para o andar de cima para me vestir.

* * *

No lado de fora da entrada principal do hospital, várias pessoas em cadeiras de rodas e de roupão desafiavam abertamente a proibição de fumar, com seus companheiros menos deficientes. Lá dentro, todas as lojas estavam fechadas e a recepção, vazia.

Fiquei em pé ali por alguns instantes, confusa. Aonde ir para procurar alguém, quando a recepção principal está fechada? Então reparei que a maior parte da circulação de pedestres se dava no corredor à minha esquerda. Um aviso na parede listava as várias unidades que podiam ser encontradas naquela direção, inclusive a de emergência. É claro que era para ali que a ambulância a levara.

Apesar da adrenalina, meu cérebro não parecia estar funcionando direito. Não estava acostumada a ficar acordada àquela hora da madrugada e, depois de várias noites maldormidas, estava começando a sentir minha cabeça girar estranhamente.

Havia um bocado de gente ao redor do balcão da Unidade de Emergência. Eu me posicionei onde pensei ser o fim da fila. A mulher sendo atendida naquele momento discutia com a recepcionista, e cada vez mais ruidosamente, algo desagradável de ouvir. O motivo da altercação em si não fazia o menor sentido, apenas girava em círculos e então notei que ela estava embriagada, segurando-se no balcão com uma das mãos, enquanto seus pés tentavam manter o equilíbrio. Finalmente, dois seguranças apareceram e levaram a mulher para um canto a fim de falar com ela, e a próxima pessoa na fila avançou.

Olhei desesperada ao meu redor, esperando ingenuamente ver minha mãe sentada em uma das cadeiras da sala de espera. Nenhum sinal dela. O lugar estava abarrotado também, uma porção de gente esperando. Eu me perguntei

como devia ser aquele local nas noites de sexta e sábado. Devia ser infernal.

— Posso ajudar? — Uma segunda recepcionista chegara e fizera sinal para que eu me aproximasse.

— Minha mãe foi trazida para cá. Iris Hayer, ela sofreu uma queda.

A moça digitou algo no teclado.

— Hayer? Pode soletrar?

Soletrei meu sobrenome para ela. Dava para ver o reflexo da tela em seus óculos enquanto ela movia o mouse e clicava com o dedo.

— E você, como se chama? — perguntou ela.

— Annabel Hayer.

— E é filha dela?

Já havia dito isso antes, pensei, irritada.

— Isso.

— Ok, vamos ver. Se quiser se sentar, logo alguém virá falar com você, está bem?

Quando achei um lugar para me sentar, pensei em todas as perguntas que eu deveria ter feito. *Como ela está? Posso vê-la? Quanto tempo terei que esperar?* Mas eu tinha sido dispensada e, olhando novamente para o balcão, percebi que a fila agora estava duas vezes maior do que antes.

Eu me sentei ao lado de uma máquina que vendia barras de chocolate. Meu estômago roncou ao vê-la, muito embora aquela hora eu devesse estar dormindo profundamente. Pensei em pegar um café e alguma coisa para comer, mas, com certeza, assim que fizesse isso, alguém apareceria no corredor, chamando meu nome.

Verifiquei meu celular, como se mais alguém pudesse me ligar no meio da noite. Olhei para a moça sentada à minha frente, numa cadeira de rodas do hospital, um dos pés descalço, inchado e pálido, a pele tão esticada que chegava a brilhar. Mais adiante, na fila de cadeiras, havia dois rapazes, as camisas cobertas de sangue. Um deles encostava uma toalhinha na testa, que nem aquelas usadas nos pubs para enxugar a cerveja do balcão. Eles conversavam e riam animadamente, falavam sobre futebol, algo que eu não estava nem um pouco a fim de escutar, mas não tinha como evitar.

Tentei imaginar como a moça tinha machucado o pé, e estava prestes a lhe perguntar, quando um funcionário apareceu e a levou dali. Então, me levantei e

fui até uma mesa próxima que sucumbia sob revistas com as pontas das páginas dobradas. Escolhi três das que tinham mais matérias de fofoca e fui me sentar outra vez, lamentando não ter trazido um livro, para poder me desligar de tudo. Na entrada, um grupo de rapazes fazia uma algazarra cada vez maior. Tendo resolvido o caso da paciente desagradável, os seguranças chegaram como abutres vestindo jaquetas fluorescentes.

Acima do barulho dos jovens berrando na entrada, uma criança que antes estava apenas choramingando passou a expandir seus decibéis berrando ensurdecedoramente. Era um garotinho com o rosto vermelho, esperneando e se contorcendo no colo da mãe. O cabelo louro e liso estava colado na sua testa suada, os olhos, esbugalhados. Sua mãe tentava acalmá-lo e o ninava sem obter resultados, tentou lhe dar a chupeta, mas ela foi rejeitada. Houve uma pausa misericordiosa e pensei que tinha ficado surda, mas ele apenas recuperava o fôlego para começar a gritar outra vez.

Olhei para a primeira revista, tentando me concentrar nos rostos das celebridades. Só reconheci uma delas. Folheei as páginas até chegar a que trazia oito fotos do que parecia ser Elton John levando o lixo para fora. Desisti e deixei a revista de lado. Quanto mais tempo eu esperava, pensei, menos provável seria que a situação da minha mãe fosse grave. Se ela estivesse bem mal, acho que teriam vindo me ver logo, não?

E, é claro, naquele instante, uma enfermeira surgiu de trás de uma cortina.

— Annabel Hayer?

Eu me levantei imediatamente, ficando tonta, mas tentando parecer o mais normal possível.

— Sou eu — respondi.

— Oi — disse ela, já voltando para o lugar de onde saíra, esperando que eu a seguisse. — Está esperando há muito tempo?

— Não. Acho que não. Como está minha mãe? Ela está bem?

Ela abriu uma porta e se afastou para que eu entrasse. Pensei que fosse uma salinha, mas estávamos na entrada da área de atendimento da Unidade de Emergência.

— Sente-se, por favor — disse ela. — O doutor já está chegando.

E antes que eu pudesse perguntar mais alguma coisa, ela se foi, fechando a porta que dava para a sala de espera.

Observei a área de atendimento, tentando não chorar. Eu queria telefonar para alguém, mas por nada neste mundo conseguia pensar em quem. Com quem eu poderia falar? Minha única prima, na Escócia? O que ela poderia fazer, do outro extremo do país? Talvez pudesse telefonar para Kate. Mas eu realmente não a conhecia assim tão bem para chamá-la numa situação crítica como aquela. Ela acabaria me odiando ainda mais do que já odiava. Não tinha ninguém. Eu estava sozinha.

A criança chorona (ou talvez agora fosse outra; todas soavam iguais para mim) estava sendo atendida atrás de uma cortina. Acima dos gritos, pude ouvir vozes tranquilizadoras, com inflexões altas e baixas: Pronto! Bom garoto, como você é corajoso. Vai acabar logo. Está quase acabando. Mamãe, você pode segurar a mão dele? Isso mesmo. Segure firme… Isso… Agora, pronto! Viu, acabou mesmo.

Ouvi passos rápidos sobre o soalho de linóleo e um homem vindo do outro canto, vestindo uma camisa azul com as mangas dobradas acima dos cotovelos, um estetoscópio em volta do pescoço e um crachá de identificação no peito. Ele parecia bem jovem e cansado, mas conseguiu esboçar um sorriso. Eu me levantei desajeitadamente, minha bolsa ia cair do meu colo se não a tivesse segurado.

— Srta. Hayer? Obrigado por aguardar. Meu é nome Jonathan Lamb, sou um dos médicos que está atendendo a sua mãe. Poderia vir comigo, por favor?

— Como ela está? — perguntei, tentando acompanhar seus passos apressados. Ele me conduziu pelo corredor, passando por várias baias fechadas por cortinas, todas ocupadas. Na mais distante, ele parou e esperou. Eu estava vários passos atrás dele, sem fôlego por causa do esforço, muito embora não tivéssemos caminhado mais de cem metros.

— Pelo que entendi, ela levou um tombo em casa, foi isso?

— O vizinho dela me telefonou. Não sei o que aconteceu — expliquei.

— Aqui está ela.

Ele puxou a cortina e deu um passo para o lado me deixando passar. Mamãe estava deitada com tubos e equipamentos por todos os lados.

— Ah, mãe! — exclamei, sem conseguir me conter.

Atrás de mim, o *pager* do Dr. Jonathan Lamb começou a apitar.

— Eu… Eu volto num instante para conversarmos. Pode se sentar.

Ergui a mão da mamãe, que estava pesada, quente e em cima do lençol que a

cobria. Ela usava uma roupa hospitalar. *Eu deveria ter trazido uma camisola para ela*, pensei; *ela detestaria aquilo*. O traje era pequeno demais para ela.

— Mãe?

Ela não reagiu quando apertei seus dedos. Nada.

Fiquei ali em pé, segurando sua mão por um tempo que pareceu imenso. Minhas costas doíam naquela posição, inclinada. Mas foi só quando a dor se tornou insuportável que larguei sua mão e me sentei na cadeira ao lado da cama. Tentei puxá-la para perto, mas era pesada demais. Achei um lenço na minha bolsa, enxuguei meus olhos e, depois, assoei o nariz. Não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Parecia tão irreal.

Havia um relógio na parede, acima da minha cabeça, e eu me contorci para olhar na sua direção, observar os minutos avançando. Era quase uma hora. Decidi esperar até uma e meia, antes de ir procurar alguém.

Vinte minutos depois, eu me levantei e me espreguicei. Então a cortina foi aberta e Jonathan Lamb entrou, desta vez acompanhado por uma enfermeira, que me lançou um sorriso caloroso e solidário.

— Oi — cumprimentou ela.

— Sinto muito pelo atraso — disse o médico. — Sente-se, por favor.

Fiz o que me pediu e ele desapareceu novamente, voltando em seguida com duas cadeiras de plástico encaixadas. Ele as separou, arrastando-as ruidosamente no assoalho. O médico se sentou, e a enfermeira o fez em seguida. De forma bizarra, aquilo mais parecia uma entrevista.

Ele olhou para a prancheta com suas anotações e começou a falar. Ouvi as primeiras palavras que pronunciou:

— Lamento, mas tenho notícias bem ruins…

E não escutei quase nada do que veio depois. Um derrame, embora ele desse um nome diferente a isso: AVC? Acidente cardiovascular, era isso. Aquilo soava como um acidente, como se pudéssemos ter feito algo para evitar. O motivo de terem me deixado esperando era porque tinham que aguardar os resultados dos exames ficarem prontos.

— Ela teve uma infecção pulmonar recentemente?

— O quê? Ah, é… já faz algum tempo. Estava tomando antibióticos.

— Infelizmente, é bastante comum que isso aconteça. Sinto muito.

Pensei ter perdido a parte em que ele dizia o que aconteceria com ela.

— Ela vai melhorar? É isso que está dizendo?

— Não, sinto muito, mas não vai haver melhoras. Tudo o que podemos fazer agora é deixá-la o mais confortável possível.

Eu o encarei. Depois, olhei para a enfermeira.

— Annabel, você quer que eu telefone para alguém? Alguém que possa vir e ficar com você?

— Não — respondi.

O médico parecia desconfortável. Por um breve instante, me perguntei quantas vezes ele já dera más notícias aos parentes.

— Mas… Mas ela está respirando, não é? Não estou entendendo.

Olhei para a cama, para a minha mãe, que não se movia, porém, com a máscara de oxigênio no rosto, certamente, ainda respirava. Com toda certeza, ainda estava viva.

— Ela está respirando, mas a tomografia mostrou que, definitivamente, não há chances de recuperação. É só uma questão de tempo. Sinto muito mesmo.

Foi a enfermeira que falou em seguida, com a voz serena:

— Estamos nos preparando para transferir sua mãe para a UTI, lá em cima; espero que não tenhamos que esperar muito. Lá é bem mais confortável.

O médico se foi. Não sabia o que dizer à enfermeira, então fiquei apenas olhando para ela, desamparada. Eu me perguntei se ela estava acostumada a ver as pessoas chegando desorientadas, após serem acordadas por um choque no meio da noite.

— Provavelmente, ela pode ouvir, se você quiser falar com ela — disse a enfermeira com gentileza.

Eu me levantei outra vez e empurrei a cadeira de plástico que o médico colocara ao lado da cama. Peguei a mão da minha mãe. Estava tão quente, as articulações inchadas por causa da artrite que a atormentava.

— Mãe — falei. — Sinto muito. Sinto muito por não ter estado lá.

Eu soava estúpida, conversando com alguém que provavelmente estava mergulhada em profunda inconsciência. E ainda que pudesse me ouvir, o que dizer? O que eu poderia lhe dizer? A enfermeira me deu um lenço de papel e assoei o nariz.

Fechei os olhos, ouvindo o bipe rítmico dos equipamentos, tentando me desligar daquele lugar. Precisaria ligar para o trabalho, pensei.

Ouvi um ruído e abri os olhos, pensando que mamãe havia acordado e dito alguma coisa, mas ela permanecia imóvel. A enfermeira se fora. Quando ouvi o mesmo som outra vez, percebi que vinha da cama ao lado, separada de nós apenas por uma cortina.

* * *

Nas primeiras horas da manhã, transferiram mamãe para a UTI, um procedimento complicado, envolvendo um maqueiro, a enfermeira, um outro médico que ia e vinha e, finalmente, carregaram o leito com todos os equipamentos por vários corredores até um elevador. Eu estava sempre ao lado, tentando acompanhar o maqueiro, que parecia decidido a passar por cada porta à velocidade da luz.

Houve uma troca de turno na recepção, e uma enfermeira diferente me levou até uma sala sossegada "só por um instante, enquanto instalamos melhor sua mãe". Ela perguntou se eu tinha comido ou bebido alguma coisa e se aceitaria uma xícara de chá. Primeiro, recusei, mas depois, mudei de ideia. Estava quente lá embaixo na Unidade de Emergência, mas agora sentia um frio inexplicável. Ela me deixou sozinha. Fechei os olhos outra vez, me encostei na cadeira, que era a mais acolchoada que experimentara naquela noite. Poderia dormir aqui, pensei.

Abriram a porta de novo. Era a enfermeira, com uma caneca na mão.

— Pode vir comigo? Ela já foi instalada.

Mamãe estava num quarto lateral, vestida com uma nova roupa hospitalar mais larga nos ombros e no peito. Continuava deitada, quieta e, muito embora estivesse exatamente na mesma posição em que estivera na Unidade de Emergência, ela não parecia mais confortável. Havia uma agulha perfurando o braço, mas a máscara de oxigênio sumira. Parecia em paz, embora a respiração fosse ruidosa, como se estivesse roncando.

— Pronto — disse a enfermeira. — Você deve estar arrasada. Posso conseguir uma cama extra para você, se quiser tentar dormir um pouco.

— Não, obrigada — respondi, pois não queria incomodá-la. Havia uma cadeira igual a da sala de espera. Poderia dormir ali.

— Estou esperando alguém do acompanhamento psicológico — disse ela. —

Eles virão para explicar o que vai acontecer em seguida.

— Muito obrigada.

— Se tiver alguma pergunta… Qualquer coisa, fale comigo.

Eu devia ter uma centena de perguntas a fazer, mas naquele momento não conseguia me lembrar de nenhuma. Ela colocou o chá numa mesinha entre a cadeira e o leito da minha mãe.

— Você está bem? — perguntou ela. — Sei que é uma pergunta tola, desculpe.

— Hum… — grunhi, olhando para ela.

— Não foi culpa sua — disse ela. Sua mão pousou em meu braço. — Essas coisas acontecem, sabe, são coisas horríveis. Às vezes é muito difícil lidar com elas.

— Acho que sim.

Ela era tão amável; senti as lágrimas brotarem. Passei a mão no meu cabelo. O couro cabeludo parecia irritado, os fios fracos.

— Obrigada — falei novamente.

Depois que ela se foi, só restamos minha mãe e eu.

Dormi intermitentemente, sentada na cadeira. Em algum momento, devo ter caído no sono profundo, pois quando acordei havia um cobertor em cima de mim. Voltei a fechar os olhos e quando os reabri, já era quase dia lá fora. As cortinas estavam fechadas, mas a luz conseguia atravessá-las.

Mamãe não tinha se mexido. Eu me espreguicei e joguei o cobertor de lado, em seguida me levantei da cadeira. Eu me senti tonta por um instante, depois, quando passou, fui claudicante até a janela e puxei as persianas para olhar lá fora, o estacionamento dos fundos. Sobravam vagas. Era um dia cinzento, com nuvens pesadas no céu. As árvores, depois do estacionamento, balançavam, portanto devia estar ventando.

Voltei para a cadeira.

Às sete horas, desci e fui até a recepção tomar um pouco de ar fresco. Ainda havia um bocado de gente na área reservada para fumantes. Eu me perguntei se seriam as mesmas pessoas. Meu telefone tinha bateria suficiente só para que eu enviasse uma mensagem para Bill e outra para Kate. Em seguida, subi de volta para o quarto da mamãe. Nada havia mudado.

Por volta das nove horas, saí para dar uma volta no hospital. Estava bem mais movimentado, as pessoas passando de um lado para outro nos corredores. Leitos

com rodinhas, parentes empurrando seus familiares em cadeiras de roda, carrinhos de bebê. Fui até a cafeteria perto da entrada principal, mas o cheiro de comida me deixou enjoada, então segui para a loja ao lado e comprei uma garrafa de água e um saquinho de balas. Aquilo serviria.

Continuei até o fim de um dos corredores, passando por enfermarias, salas de radiografia, oncologia, até chegar à porta dupla no final. Depois, dei meia-volta e refiz o mesmo caminho. Mas então desisti de andar e retornei para a UTI.

Às dez e meia, uma senhora do acompanhamento psicológico veio me ver. Era uma enfermeira, mas estava vestindo uma calça elegante, um suéter verde e um colar grosso. Àquela altura, acho que a informação de que minha mãe iria morrer já tinha sido absorvida. O som da sua respiração também mudara. Os roncos ficaram mais fortes e depois, gradualmente, pareceram se abrandar por algum tempo, antes de ela recomeçar a arfar com certa regularidade.

— A morfina vai deixá-la mais confortável — disse a enfermeira. — Agora, ela está num sono bem profundo.

— Por quanto tempo vai ficar assim?

— Difícil dizer. Poder ser um ou dois dias, talvez menos. Mas não por muito tempo. Você precisa telefonar para alguém?

Eu me esquecera da minha prima, mas que sentido teria lhe contar agora? Fazia dez anos que não nos víamos.

— Não — respondi.

Por fim, ela foi embora. Mais uma hora e meia se passou. Já estava praticamente na hora do almoço, então abri o saco de balas e peguei uma. Enquanto contemplava uma quarta bala, houve uma breve e ríspida batida na porta e duas enfermeiras entraram, usando aventais e luvas.

— Viemos trocar a roupa da sua mãe — avisou uma delas. — Para deixá-la mais à vontade.

— Quer que eu saia?

— Talvez seja melhor. Não vamos demorar.

Fui para a sala de espera, onde estivera no meio da noite. Havia uma televisão no canto, ligada em um programa de entrevistas que nunca vira antes. Eu me sentei para assistir, sem prestar atenção alguma. Estava pensando no trabalho e na gata.

Meia hora mais tarde, voltei para junto da mamãe e as enfermeiras não

estavam mais lá. Depois fui até a enfermaria. Havia três delas sentadas, tomando chá.

— Desculpe incomodar — falei.

— Tudo bem, não se preocupe — respondeu a que estava mais perto. Era a mesma que antes fora ver minha mãe.

— Queria saber se tem algum problema eu dar um pulo na minha casa. Preciso dar comida para a gata…

— Claro, pode ir! — disse a enfermeira. — Aproveite para tomar uma ducha, comer alguma coisa, ok? Posso ligar para você se alguma coisa acontecer.

Quando estava saindo, passei pelos fumantes, de cabeça baixa, na esperança de ninguém notar meu desespero. Não tinha com o que me preocupar, pois muito embora alguns daquele grupo estivessem seriamente doentes, o ambiente, em geral, parecia ser hilário.

Estava caminhando tão concentrada na calçada que não notei o homem à minha frente, até esbarrar nas suas costas. Ele se virou e me segurou pelos cotovelos, no momento em que torci o tornozelo e quase caí no estacionamento de ambulâncias, na entrada principal.

— Sinto muito — exclamei. — Eu estava…

— Annabel?

Olhei para o alto, surpresa. Por um instante, me senti perdida ao encará-lo.

— Sam — disse ele. — Nós nos encontramos ontem.

Ontem? Parecia ter sido anos atrás.

— Ah, sei — reagi. — Claro. Desculpe. Estou tendo um dia… longo.

— Está tudo bem? — perguntou ele, apontando para a entrada principal do hospital.

— Minha mãe… ela sofreu uma queda.

— Lamento muito. Ela está bem?

Ela está morrendo, pensei. Senti o gosto de bílis naquelas palavras, e não fui capaz de pronunciá-las.

— Ela está inconsciente — respondi. — Eu estava indo para casa.

Comecei a seguir na direção do estacionamento, ignorando a forte dor no tornozelo. Tudo bem, disse a mim mesma; não foi uma torção séria, só preciso andar um pouco que vai passar. E então me lembrei de ser educada.

— E você? — perguntei. — O que está fazendo aqui?

— Esses últimos dias têm sido muito, muito loucos. Estou só esperando um táxi, mas acho que seria mais fácil ir andando.

— Posso dar uma carona para você. — As palavras escaparam da minha boca. — Para onde está indo?

— Voltando para a cidade. Keats Road.

— Não sei onde fica. Você vai precisar me indicar o caminho — falei, seguindo para o estacionamento.

— Obrigado. Que bom encontrar você assim, de repente.

Eu tentava andar sem mancar.

— Você está bem? Está mancando.

— Não é nada — respondi, cerrando os dentes. — Juro. Só torci um pouco o tornozelo.

— Aqui — disse ele, me oferecendo o braço.

— Pode deixar, estou bem.

Ele encolheu os ombros, como se dissesse: "você que sabe" e enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Eu podia ver o estacionamento à frente, cheio de carros circulando devagar, aguardando alguém sair para pegar a vaga.

Achei a chave, abri a porta do carro e me sentei atrás do volante. Estava frio lá dentro. Estendi o braço e destranquei a porta ao lado. Além da minha mãe, ninguém até aquele dia havia se sentado naquele lugar.

Dei partida no motor e liguei o aquecedor no máximo, tentando desembaçar o vidro para enxergar alguma coisa.

— Então — disse ele —, Andrew Frost contou para você o que aconteceu comigo, ontem?

— Não. O que foi?

— Recebi um telefonema na redação do jornal, quando estava prestes a ir para casa. Era uma voz de mulher, mas ela soava estranha, distante, sei lá. Enfim, ela me disse que havia outro corpo e me deu até o endereço.

— E o que você fez?

— Fui verificar.

— E?

— Então liguei para a polícia.

— Você achou alguém?

— Achei. Bem, fui até o endereço e olhei pela janela, depois liguei para a

polícia. Passei as últimas três horas no hospital tentando conseguir alguma informação com o pessoal do necrotério, mas a pessoa com quem costumo falar está de férias. Além disso, estão com poucos funcionários e nenhum deles está a fim de conversar com um repórter, é claro… Ou seja, não descobri nada.

— O que você viu, quando olhou pela janela?

— Não muita coisa. Deu para ver o que parecia ser uma perna esticada em uma cadeira. Na verdade, só reconheci que era uma perna porque estava calçando um chinelo. Tinha uma cor estranha. A perna, quero dizer. O chinelo era… vermelho-escuro… com uma estampa de bolinhas brancas…

— Pelo menos, você seria uma boa testemunha — falei. — Tenho certeza de que vão lhe perguntar como era o chinelo dela.

Sam deu uma breve risada.

— Eu estava tentando não olhar para a perna.

Imaginar a cena deve ter feito as extremidades da minha boca se erguerem, bem de leve, porque em seguida ele disse:

— Você deveria sorrir com mais frequência.

Então, fechei a cara. Eu não devia estar sorrindo de jeito nenhum. Onde estava com a cabeça? E o que ele queria dizer com aquilo, exatamente? A impressão era de que ele estava dando em cima de mim e não ter certeza disso — nunca fui boa para perceber essas coisas — me deixava sem graça.

Ele deve ter observado minha reação e se calou. O vidro do carro estava um pouco menos desembaçado, por isso acendi os faróis e saí de ré do estacionamento.

— Obrigado pela carona — disse ele, finalmente. — Meu carro está na revisão. Pensei que fosse conseguir um de cortesia por um tempo, mas isso não aconteceu. Mas como eu deveria ficar no jornal o dia todo, achei que não faria diferença. Acabei pegando um táxi.

Eu não estava realmente escutando o que ele dizia. Estávamos parados no sinal, aguardando para entrar na rua principal, indo em direção ao centro.

— O que está havendo?

— Como assim? Nada.

— Você parece distraída.

— Só estou cansada. Passei a noite toda no hospital.

— Parece que é algo grave, então.

— É, sim, acho que é. Vou em casa só para alimentar minha gata e mudar de roupa, depois volto.

— Lamento ter que ouvir isso, Annabel. Sabe, acho que não precisa se incomodar em me dar uma carona, posso pegar um táxi…

— Não, tudo bem. Não se preocupe. É bom ter alguém com quem conversar.

— Ter contatos faz toda a diferença — disse ele. — Tenho alguns bons amigos no meu trabalho, sabe. Não só para conseguir uma matéria, trata-se de construir relacionamentos com as pessoas, de modo que elas confiem em você. Elas ficam desconfiadas quando descobrem que você é jornalista; e se for gentil, acham que só está agindo assim porque quer publicar detalhes íntimos da vida delas. Não sei que tipo de jornal elas pensam que o *Chronicle* é, pelo amor de Deus…

O tráfego estava intenso no centro da cidade, era hora do almoço. Um dia cinzento de outono. Os sinais pareciam levar séculos para ficarem verdes.

— …mas não é assim que eu trabalho, quero dizer, é legal quando as pessoas me contam as coisas, mas elas não entendem que a informação de que preciso é algo bem específico. Mesmo que citem alguma coisa, é provável que eu use apenas algumas palavras do que disseram. É só um trabalho, afinal de contas, como qualquer outro…

O trânsito avançou novamente e eu cheguei ao centro da cidade, saindo do outro lado, num bairro em que todas as ruas levavam nomes de poetas, com meus pensamentos dispersos.

— Mas tudo fica mais fácil quando você tem os contatos certos, pessoas que nos conhecem e confiam em nós, sabendo que não vamos deixar que pareçam idiotas com o que publicamos. Simplesmente adoro conversar com as pessoas, fazer novos amigos… você deve ter percebido…

Seguimos pela rua principal, todas as perpendiculares tinham nomes que eu aprendera na escola uns cem anos atrás. Longfellow Drive. Wordsworth Avenue. Keats Road…

— É a próxima — disse ele.

Entrei à esquerda e o carro avançou por uma rua larga: casas geminadas, com janelas enormes e jardins asseados atrás de muros de tijolos baixos. Estava começando a chover.

— Depois daquele carro azul. Esse aqui.

Estacionei. Era uma casa normal, maior do que a minha, com uma varanda.

Por um instante, achei que ela era bem grande e que os jornalistas deviam ganhar mais do que eu imaginara, mas depois me dei conta de que provavelmente ele ainda morava com os pais, como vários outros jovens adultos atualmente, sem condições de subir na escala habitacional.

— Olhe — disse ele —, quer entrar para tomar um café? Você parece estar precisando de um. Posso preparar um almoço também.

— Obrigada, mas eu realmente preciso ir para casa.

Ele não deu sinais de que estava prestes a soltar o cinto de segurança e sair do meu carro. Por um momento, senti uma breve fagulha de medo e me perguntei se ele havia me convidado para algo mais do que só um café. Eu era muito ruim em interpretar situações assim. Sempre achei que ninguém me considerava sexualmente atraente e, por conseguinte, quem demonstrasse algum interesse em mim devia ser alguém perigoso.

Ele se virou parcialmente na minha direção. Eu me encolhi encostada na porta.

— Então — disse ele —, posso telefonar para você mais tarde, só para saber se está bem?

— Não sei — respondi. — Minha bateria está quase acabando.

— Ah, sei — replicou ele, olhando para mim como se quisesse me perguntar se eu já ouvira falar daquela coisa mágica chamada carregador de bateria. Por fim, ele soltou o cinto e abriu a porta. — Até mais, então. E obrigado pela carona.

— Tchau.

E assim que ele bateu a porta eu arranquei com o carro.

* * *

Não havia onde estacionar, é claro, pelo menos não perto da minha casa. Voltei andando da Howard Street, cabisbaixa, pensando na minha mãe. Era tudo em que eu conseguia pensar no momento. O que quer que ele, Sam, tivesse dito, nada ficou registrado.

Podia ver a gata na esquina, seu rabo se agitando de um lado para o outro, em saudação ou insolência, difícil saber. Quando cheguei mais perto, ela continuou parada esperando por mim, como se tivesse alcançado a fronteira de seu universo familiar e atravessar a rua fosse algo além de sua capacidade, por isso

estava roçando seu corpo no poste de luz, afetuosamente, um território demarcado por centenas de cães antes dela.

— Oi, gatinha — falei baixinho e ela respondeu com um miado, se esfregando em meu tornozelo assim que pôde e, depois, correu à minha frente, rolou no chão e saiu correndo outra vez, me mostrando o caminho de casa. Assim que entramos, ela galopou alegremente até a cozinha.

Mas logo percebi que ela trouxera comida de fora. Um camundongo morto, cuidadosamente dissecado, com suas suculentas entranhas expostas. O rabo e as patinhas ela deixara para mim.

* * *

Acordei totalmente desorientada. Estava na minha cama, toda vestida, e a gata dormia na curva de meus joelhos. Eram três e dez e a luz do dia já esmaecia. Eu me sentei rapidamente e verifiquei meu celular, que deixara carregando ao lado da cama. Não havia nenhuma chamada perdida.

Liguei para o hospital e quando enfim atenderam na UTI, não souberam me informar muita coisa, além de que ela estava “confortavelmente” instalada; não houvera “mudança”. Avisei que iria para lá o mais rápido possível e a enfermeira — ou quem quer que fosse — falou que eu não precisava ter pressa.

Perguntei outra vez se me ligariam, caso algo acontecesse. Apesar de ela afirmar que tinha o número do meu celular anotado na ficha, eu lhe disse novamente e ela repetiu bem devagar, demonstrando que o estava escrevendo.

Depois disso, fiquei calmamente sentada por um momento, me perguntando o que aconteceria em seguida. O aquecedor central desligara e o ar parecia frio, um pouco úmido. Era como se a casa não quisesse que eu ficasse lá e me empurrasse para a porta, uma mão fantasma nas minhas costas tentava restaurar a ordem num ambiente onde não havia nenhuma.

Lá embaixo, no corredor, a gata miava para a porta da cozinha e arranhava o tapete com suas garras. Desci estalando os degraus, bocejando e, quando abri a porta, a gata se precipitou à minha frente, olhando para mim e choramingando, como se fizesse semanas que não comia. Para agradá-la, esvaziei um saco individual de ração cremosa e cara para felinos dentro da sua tigela limpinha, muito embora ainda faltasse muito para a sua hora de comer. Liguei a chaleira

enquanto ela se deleitava delicadamente, lambendo o molho e depois escolhendo os pedaços, um de cada vez.

Enquanto eu esperava a água ferver, liguei para o trabalho, direto para o número de Kate para evitar ter que falar com a telefonista.

— Serviço de Inteligência. Kate falando.

Havia um modo oficial para atender as chamadas, sancionado pelo setor de comunicação, mas nenhum de nós jamais conseguia se lembrar, quando sob a pressão de um telefone tocando. Na maioria das vezes, eu estava tão distraída quando o atendia, que dizia apenas "Alô", torcendo para não ser um superior no outro lado da linha.

— Sou eu. Annabel. — falei, no caso de ela ter se esquecido de mim.

— Você está bem? Como vai sua mãe?

— Ainda está inconsciente.

— Quer que eu fale com Bill?

— Não, tenho algumas coisas para resolver. Eles disseram que me ligariam se… Você sabe, se houver alguma mudança.

— Frost andou procurando por você, mais cedo.

— É?

— Não quis me dizer qual era o assunto. Falou apenas que você deveria ir vê-lo assim que chegasse. Quer que eu lhe diga que você vai ficar ausente por mais algum tempo?

— Não. Devo voltar… hum… em breve. Eu aviso.

Não queria que ela pensasse que eu estava sendo negligente. Não queria lhe dar razão alguma para se queixar da minha ética profissional, e aliás, tampouco queria que ela assumisse minhas responsabilidades.

— Há certamente alguma coisa acontecendo com seus corpos em putrefação, sabia? Veio gente aqui o dia todo, procurando por você.

— É mesmo?

— Mas não me disseram nada.

De súbito, me lembrei do repórter, Sam, me contando que tinha recebido um telefonema, e quase deixei escapar para Kate, mas me dei conta de que eu não devia andar conversando com um repórter, muito menos lhe dar carona até em casa. O que ele dissera mesmo? Uma mulher ligara para ele…

— Já acharam outro corpo?

— Acharam. Há um constando no resumo das ocorrências desta manhã. Quer que eu peça a Frost para ligar para você?

Acabei cedendo.

— Com certeza, meu telefone está carregado.

— Vou avisá-lo.

— Obrigada, Kate. Até mais.

Depois de desligar, continuei sentada, observando a fria sala de estar por alguns momentos, meus olhos incapazes de se fixar em algum ponto. Minha mãe vai morrer, pensei. Não lhe resta muito tempo. Certamente, havia coisas que eu deveria lhe dizer, coisas que eu deveria estar fazendo.

* * *

Frost não ligou e, depois de me impacientar por meia hora, eu não aguentava mais esperar. Peguei o carro e fui para o trabalho. Como já era final de tarde, me arrisquei indo até o estacionamento. Felizmente, havia várias vagas. Deixei minha autorização em cima do painel junto com um cartão plastificado que eu tinha feito com meu número do trabalho e do celular, no caso de alguém precisar que eu retirasse o veículo dali.

Quando cheguei ao escritório, Kate ainda trabalhava arduamente, martelando o teclado.

— Frost conseguiu falar com você? — perguntou ela sem erguer o olhar.

— Não. Por que você ainda está aqui?

— O que acha? — respondeu ela com a voz aguda. — O relatório tático não vai se fazer sozinho, sabe?

— Sinto muito — falei. *Minha mãe está morrendo*. A única razão pela qual não mencionei isso foi por não saber como lidar com seu constrangimento, e porque sabia que Kate não diria aquilo que eu precisava escutar.

— Perdi muita coisa?

— Perdeu Trigger fazendo chá — respondeu ela. Essa era a piada habitual. Trigger só fazia chá quando uma de nós não estava no escritório. Em outras palavras, jamais.

— Como está sua mãe? — perguntou Trigger, ignorando as farpas no comentário de Kate.

— Continua na mesma. Obrigada por perguntar. Depois daqui, vou direto para o hospital; só quis passar para falar com Frost.

Kate não falou nada. Pensei em ligar o computador, mas não tinha energia para isso. Fui até o escritório do inspetor, mas a porta estava aberta e ele, ausente.

Segui para a porta seguinte, o escritório principal do Serviço de Inteligência. Ellen Traynor estava ali sozinha.

— Você sabe onde está o inspetor? — perguntei.

— Deve estar na Sala de Operações Especiais — respondeu ela. — Ele passou o dia todo entrando e saindo de lá.

Sala de Operações Especiais? O que estava acontecendo? Fui de elevador para o andar de cima, ainda que fosse só um lance de escada. Ainda me sentia cansada, apesar de ter dormido em casa, meus membros estavam doloridos. Eu ia bater à porta da Sala de Operações Especiais, mas a tinham deixado aberta, um homem de terno a retinha com o pé enquanto gritava com alguém do outro lado de uma das mesas e falava no celular.

Eu me esgueirei para entrar, depois de ter visto Frost numa cadeira, inclinado em uma mesa bem à esquerda da porta. Ele pareceu ridiculamente aliviado ao me ver.

— Senhor, o que está acontecendo?

Ele sequer percebeu o “senhor” desta vez, apenas acenou com a cabeça.

— Que bom ver você, Annabel. Venha dar uma olhada nisso.

Eu fui para trás dele e espiei a tela do computador acima de seu ombro.

— O que é isso?

— É um depoimento de nosso amigo em comum, o repórter.

— Um depoimento? Um depoimento sobre o quê?

Ele me olhou, surpreso, e em seguida se deu conta de que, obviamente, precisaria voltar algumas páginas metafóricas atrás para que eu entendesse.

— Ontem, no início da noite, Sam Everett recebeu um telefonema de uma mulher afirmando que havia outro corpo que ainda não tínhamos encontrado e deu o endereço. Ele o anotou e foi averiguar, como os jornalistas fazem, é claro, embora tivesse sido muito melhor se pensasse em entrar em contato conosco primeiro. E nesse endereço, notou que havia um corpo, pois conseguiu ver parte dele pela janela do térreo. Só nessa hora ele ligou para nós.

— Então deve ter sido algum vizinho que ligou para ele, não é?

— Não, e esta é a parte mais interessante. Rastreamos a chamada e descobrimos um endereço em Briarstone, bem do outro lado de Carnhurst, onde estava o corpo. Ninguém respondeu. Telefone fora de área. Uma mulher chamada Eileen Forbes mora lá.

— E?

— Morta. A menos de vinte e quatro horas.

— Assassinada?

Ele deu de ombros.

— Precisamos aguardar o laudo do legista, mas, pelo visto, o caso se assemelha estranhamente aos outros. Não havia comida em casa, nenhum sinal de atividade, apenas a mulher, sozinha. As cartas cuidadosamente empilhadas em cima da mesa, fechadas. Já conseguimos alguns dados telefônicos. Ela só fez essa ligação para o jornal. A única chamada feita em semanas. As ligações recebidas não foram atendidas. Como se estivesse deliberadamente evitando contato com todo mundo. E, por ora, não conseguimos estabelecer conexão alguma entre ela e o corpo encontrado em Carnhurst.

— Então, a mulher que telefonou, ela morreu de fome?

— É o que parece.

— E o corpo, o de Carnhurst?

— A mesma coisa.

— Mas como essa tal de Eileen sabia que o corpo estava lá?

Seu rosto se iluminou.

— Exatamente! — exclamou ele.

Olhei ao meu redor e para as pessoas arrastando cadeiras de rodinha, falando ao telefone. Já havia seis mesas apinhando a sala, um escritório pequeno no canto, cercado por uma divisória com um painel de vidro no alto.

— Então — comecei, me perguntando se estava somente cansada ou sendo terrivelmente estúpida — tudo isso…?

— Foi montada uma célula de crise. Vão considerar isso, por ora pelo menos, como uma investigação de homicídio real.

— Jura? — perguntei, estupefata. — Vão mesmo?

— E querem você como analista.

— Eu?

— Quem mais, Annabel? Você está mais por dentro disso do que qualquer um.

— Nunca trabalhei numa Sala de Operações Especiais antes.

— Pois então, esta é sua oportunidade.

Eu me sentei e me encolhi numa cadeira, o pensamento de que toda aquela agitação era minha responsabilidade, de repente, me deixou desnorteada.

— Ei, está tudo certo — disse Frost. — Você vai se sair bem.

— Não é isso. Estou cheia de problemas. — Minha voz saiu inesperadamente trêmula. — Minha mãe… minha mãe foi levada para o hospital.

— Kate me contou. Sinto muito, de verdade. Será que você devia estar aqui mesmo?

— Na verdade, não há muito o que eu possa fazer. Ela está inconsciente. Disseram que me ligariam se alguma coisa acontecesse.

— Andy!

Um homem entrou na sala, alguém que reconheci vagamente, mas era incapaz de identificá-lo. Vestia-se com elegância, tinha o cabelo preto.

— Ah, você deve ser Annabel. Prazer em conhecê-la.

— Annabel, este é o inspetor chefe Paul Moscrop, Operações Especiais.

Ele estendeu a mão e apertou a minha com firmeza.

— Oi — cumprimentei-o.

— Pelo que me contaram é você que tem monitorado todos esses incidentes, não é?

— Exatamente. — *E você é aquele que apagou meu e-mail*, pensei.

— Gostaria de ver tudo o que você conseguiu reunir até agora. Seria realmente útil para acelerar nossa investigação. Posso sentar para conversar com você daqui a uns vinte minutos mais ou menos?

— Pode. Acho que sim.

— Isso é ótimo, obrigado. Excelente trabalho. Andy, posso falar com você um segundo?

O inspetor chefe conduziu Frost até a salinha do canto e fechou a porta. Desci a escada. Trigger saíra para uma reunião e levara Kate com ele. O escritório estava silencioso, exceto pelo zumbido dos computadores. Fechei a porta ao entrar.

Depois de entrar no sistema, acessei meus documentos e arquivos até encontrar um assinalado prosaicamente: “Operação Solidão”. Tudo em que a polícia trabalhava recebia um nome de operação e era provável que este também

teria um; mas enquanto isso eu escolhera um nome por conta própria.

Dentro da pasta estava o documento que eu preparara para a reunião: os diapositivos, as planilhas de dados que eu mantinha com as informações de todos os corpos encontrados até então, como nomes, endereços e outras coisas, que poderiam conter algo que os ligasse, os parentes mais próximos, datas aproximadas da morte, data da descoberta do corpo, possíveis causas do óbito. E agora, ao que parecia, eu tinha mais dois a acrescentar à lista.

Imprimi todos os documentos e uma versão básica da planilha, juntei tudo e estava pronta para sair pela porta, quando o telefone tocou.

Olhei para o aparelho, como se tentasse definir pelo olhar se era ou não algo importante.

Depois, quase me arrependi de ter atendido, pois era ele, o jornalista.

— É você, Annabel? Aqui é Sam Everett.

— Oi.

— Como vai sua mãe?

— Bem, obrigada — respondi. — Na mesma.

— Para falar a verdade, achei que você não estaria no trabalho.

— Pois é, só dei uma passada. Vou voltar para o hospital daqui a pouco.

Ele hesitou um instante, como se esperasse que eu dissesse mais alguma coisa. Mas o que mais tinha a dizer? Não iria entrar em detalhes sobre o estado clínico da minha mãe com uma pessoa relativamente estranha.

— Eu estava pensando se você teria outras novidades… sobre a investigação?

— Que investigação?

Ele suspirou e acabou recorrendo ao sarcasmo.

— Você sabe, aquela sobre os cadáveres? Sobre o telefonema estranho que recebi de uma mulher que sabia onde o próximo corpo estava esperando por vocês.

— Não precisa falar assim. — falei, estremecendo.

— Desculpe. Olhe, fiz minha parte ontem à noite: liguei para a polícia assim que vi que não ia fazer ninguém perder tempo. Será que tem alguma chance de você me dar algumas notícias?

— Que tipo de notícia? Não sei o que você está querendo — respondi.

— Que tal alguma coisa sobre a mulher que telefonou para mim. Vocês conseguiram rastreá-la?

— Conseguimos.

— E?

— E o quê? Ela está morta.

— Morta?

— Aparentemente, tinha morrido havia menos de vinte e quatro horas, quando encontraram o corpo hoje. Igual às outras, só que ainda não estava em decomposição.

Houve um silêncio no outro lado da linha. Não deveria ter dito aquilo, pensei; agora eu ia me meter em mais confusão. E a investigação começara há apenas poucas horas.

— Você pode me dizer quem é ela?

— Isso eu ainda não sei. Não sei nada, na verdade. Faz apenas meia hora que cheguei aqui. E eu não deveria falar com você sobre isso de jeito nenhum. Conheço pessoas que foram demitidas por divulgarem detalhes de uma investigação.

— Annabel, não estou tentando colocar você numa situação difícil. Tenho certeza de que posso descobrir o nome com um de meus outros contatos. É só que você é a única pessoa que de fato entende o que pretendo com esta matéria. Não quero que você revele nada, pensei apenas que poderíamos nos ajudar mutuamente. Não há mais ninguém com quem eu possa conversar sobre isso que se importe de verdade. Será que posso encontrá-la mais tarde?

— Preciso voltar para o hospital — falei.

— É claro. Sinto muito.

Eu me dei conta de que estava sendo indesculpavelmente má com ele, sem outro motivo senão o de ele estar fazendo uma pressão indevida para eu lhe passar informações.

— Tudo bem. Vamos fazer assim: se eu souber de alguma coisa que possa ser útil para você, telefono, ok?

— Ótimo! — Seu entusiasmo voltara. — Seria muito bom. Obrigado, Annabel. Agradeço de verdade.

Quando desliguei o telefone, juntei toda a papelada novamente e fui para a Sala de Operações Especiais.

* * *

O hospital ligou para o meu celular às quinze para as sete. Eu estava tão ocupada, a cabeça confusa com pensamentos, propostas, considerações e recomendações, ideias para tentar desembaraçar o emaranhado das pessoas e suas vidas que, quando o telefone tocou e a mulher me disse a palavra “hospital”, percebi que não havia mais pensado nisso desde o telefonema de Sam Everett, mais cedo.

— Alô — atendi, esperando que me dessem uma lista das coisas de que a mamãe precisava. Camisolas? Calças? Meias?

— Estou falando com Annabel Hayer?

— Sim, sou eu.

— Srta. Hayer, lamento, mas estou ligando para dar más notícias. Sua mãe faleceu há cerca de dez minutos. Sinto muitíssimo.

— Meu Deus. — Fiquei sentada na cadeira, boquiaberta, pasma com o choque. Eu não estava ao seu lado. Eu devia ter estado lá. — Obrigada — falei finalmente, como se ela tivesse me ligado para oferecer um vale para colocar vidraça dupla nas minhas janelas. — Preciso fazer alguma coisa?

— Você deveria vir até aqui, assim que possível — respondeu a mulher. Será que ela era uma enfermeira? Ela tinha dito quem era? Não conseguia me lembrar do início daquela conversa. Ela me ligara, ou tinha sido eu? — Seria bom que viesse acompanhada, para que não ficasse sozinha numa hora como essa.

Aquilo quase me fez rir. Quem eu poderia levar? Simplesmente, não havia ninguém.

— Já estou indo, então. Mais uma vez, obrigada.

— Tudo bem — disse ela. — Nós nos vemos mais tarde, então. Passar bem.

Coloquei o telefone de volta no gancho e olhei ao redor do escritório. Eu estava sentada na Sala de Operações Especiais, numa das mesas sobressalentes, e à minha volta todos conversavam, alguns falavam ao telefone. Um homem em pé ao lado da porta estava rindo de algo com outra pessoa do lado de fora, além do meu campo de visão. Nenhum deles tinha a menor ideia do que havia acontecido. Nenhum deles sabia.

Eu me levantei e me sentei novamente, pois senti que minhas pernas não me sustentariam.

— Você está bem? — perguntou o policial sentado à mesa ao lado da minha. O nome dele era Gary, ou eu acabara de inventar isso?

— Minha mãe morreu — respondi.

Acho que pensou que eu estava brincando, no início, ou talvez tenha pensado que não entendera direito, porque ele sorriu para mim. Em seguida, deve ter percebido pela minha expressão que eu não estava brincando mesmo, e disse, com delicadeza:

— Ah, meu Deus, sinto muito. Foi seu pai que telefonou para você?

— Não, foi o hospital.

Tentei me erguer e, dessa vez, minhas pernas pareceram mais seguras, então murmurei algo sobre ir pegar meu casaco, disse um breve "com licença" aos dois homens que contavam piadas ao lado da porta. Aquilo simplesmente não era adequado durante uma investigação de assassinato, e qualquer um teria ficado irritado, mesmo sem acrescentar a aflição de ter acabado de ouvir que sua mãe morreu — o fim da sua família.

* * *

O hospital preparara uma bolsa com todos os pertences da minha mãe, o que não era muito, pois eu não tivera a oportunidade de levar nada para ela.

Uma das mulheres uniformizadas da ala — possivelmente uma enfermeira, talvez uma atendente hospitalar ou seja lá como for que a chamem — me conduziu até a capela funerária. Todas as pessoas que vi falaram comigo sussurrando, num tom gentil. Acho que era a instrução que recebiam, uma maneira de evitar que eu ficasse histérica. Mas, apesar da tumultuada sequência de eventos que culminara naquele ponto, não me sentia histérica. Estava calma, quase distante de tudo aquilo. Eu tinha coisas para fazer, uma lista de providências a serem tomadas para poder continuar tocando minha vida.

A primeira delas era ver minha mãe.

Depois, pegar um formulário com alguém. Já tinham me avisado.

Em seguida, levá-lo até o cartório e obter um certificado de óbito.

Ir ver o advogado da minha mãe e conseguir uma procuração temporária para responder pelos seus bens.

Conferir se a casa dela está ok.

Entrar em contato com a funerária.

Organizar o enterro.

Embalar as coisas da minha mãe.

Colocar a casa à venda.

Havia centenas de outros passos que se inseriam entre esses, mas me concentrar nessas referências iniciais, enquanto ficava ali sentada ao lado do corpo da minha mãe na capela, era realmente o único jeito de conseguir enfrentar tudo.

Eu me perguntei se deveria falar com ela. Mas o que poderia dizer?

Meu cansaço era tanto que mal conseguia pensar direito. Minha cabeça girava em torno dela, tentando apreendê-la, como eu fazia com os anjos quando precisava deles. Eu podia perguntar e conseguir uma resposta, sentir uma mão reconfortante no ombro, sentir um suspiro ou ouvir uma voz sussurrante e afetuosa. Fechei os olhos e tentei sentir sua presença, muito embora ela estivesse bem ao meu lado.

Mãe, pensei, *me ajude. Não sei o que fazer. Não sei o que devo fazer*.

Não consegui sentir coisa alguma. Nada. A impressão que tinha era de que ela já havia ido embora.

Voltei a abrir os olhos. Uma música tocava ao fundo, era clássica, sem ser religiosa. Provavelmente devia ser uma das vinte mais tocadas na Capela Funerária FM, e esse pensamento desaguou num sorriso que ameaçou se transformar numa risada inapropriada. E então outra coisa me surpreendeu. Eu já estava com quase quarenta anos e nunca vira um cadáver. E agora, no espaço de poucos dias, já vira dois.

Eu me levantei. Olhei para ela mais uma vez, pensando que deveria tocá-la, dar-lhe um beijo de despedida, deveria fazer *alguma coisa*… mas me sentia incapaz. Em vez disso, deixei-a ali deitada, o lençol branco até o queixo, virei as costas e saí, batendo com força a porta atrás de mim.

Peguei o formulário, que precisava ser levado ao cartório assim que possível.

— Posso ir agora? — indaguei à moça que me deu o formulário.

— A esta hora deve estar fechado — respondeu gentilmente a enfermeira. — Acho que vai ter que deixar para amanhã.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi que eu devia trabalhar amanhã, mas eles provavelmente esperavam que eu tirasse o dia de licença. Iria ligar para Bill e descobrir o que queriam que eu fizesse. Afinal de contas, não faltava o que fazer no trabalho. Eles estavam enfim iniciando a investigação que eu vinha

incentivando. Quanto tempo poderia ficar ausente?

Poucos minutos depois, segui pelo corredor, voltando para a entrada principal, pensando na minha lista de coisas para fazer e, mentalmente, ia rabiscando umas tarefas, reorganizando outras e acrescentando novas.

— Annabel!

Olhei na direção da recepção lotada e para minha surpresa lá estava ele outra vez. Sam Everett. Continuei caminhando para a porta, torcendo para que ele estivesse ali por alguma outra razão, e não porque estava me perseguindo.

— Ei, Annabel!

Ele puxou a manga da minha blusa, e então acho que não tinha mais como ignorá-lo.

— Sam. Oi de novo.

Ele me olhou bem de perto.

— Está tudo bem?

Percebi que devia estar me comportando de modo esquisito.

— Minha mãe morreu. Só vim buscar algumas coisas dela.

— Sinto muito — disse ele. Sua expressão parecia sincera e, ao mesmo tempo, era como se já esperasse por algo assim. — Venha, vamos beber alguma coisa.

— Não, obrigada. Tenho muitas coisas para fazer.

— Só um café, bem rápido. Ali — disse ele, apontando para uma cafeteria lotada. — Vamos.

Era mais fácil ceder. Segui-o, ainda agarrada à bolsa que tinham me dado com os pertences da minha mãe. Fiquei parada como uma idiota atrás dele enquanto avançávamos com uma bandeja de modo dolorosamente lento, até alcançar a máquina de bebidas e, depois, o caixa.

— Café? — perguntou ele, quando enfim chegamos ao caixa. — Um capuccino, então?

Todos os demais botões da máquina estavam cobertos com uma fita onde se lia EM MANUTENÇÃO com uma caligrafia hesitante.

— Ótimo.

Enquanto ele pagava, fui me sentar e, poucos instantes depois, uma mulher surgiu e removeu as duas bandejas sobrecarregadas com pratos sujos e sobras de comida rejeitadas, que estavam ocupando a maior parte da mesa.

— As pessoas deviam retirar as bandejas sozinhas — disse ela, apontando para

um aviso. — E a gente pensava que todo mundo sabia ler hoje me dia, não é mesmo?

Olhei na sua direção e ela não voltou a falar comigo. Eu me perguntei se haveria alguma etiqueta colada na minha testa. Algum aviso dizendo: “Luto Recente, Manuseie com cuidado.” Cheguei a sorrir para ela, mas a mulher deixou por isso mesmo, levando embora as bandejas sujas.

Sam sentou-se à minha frente e empurrou uma caneca com espuma bege na minha direção, seguida por alguns saquinhos de açúcar e um chocolate Kit Kat.

— Não tomo com açúcar — avisei.

— Você já comeu alguma coisa? Quando foi a última vez que bebeu algo? Acho que um pouco de açúcar faria bem para você.

— Você agora é meu nutricionista pessoal, ou coisa assim?

— Sou, sim — respondeu ele. — Ponha açúcar aí dentro e talvez eu deixe você em paz por algum tempo.

Ele me fez sorrir e acabei fazendo o que me pediu. Quando comecei a comer o chocolate, me dei conta de que estava faminta. Meu estômago roncava e se contorcia com a perspectiva de ser alimentado. Dei um gole na bebida, pensando que estaria fervendo, mas estava apenas morna.

— Acho que a máquina deles está pifada — falei. O café tinha um gosto de leite UHT.

— É.

— Você não vai me perguntar nada sobre o caso?

— Por mais interessante que essa conversa possa ser, não é por esta razão que estou aqui.

— Ah, é? E por que está aqui?

Ele se inclinou ligeiramente para a frente.

— Liguei de novo para o seu escritório. Depois telefonei para o inspetor Frost. Ele me falou que você sofreu uma perda recente e que ficaria ausente por algum tempo.

— Então você veio aqui…

— Para encontrar você.

— Por quê?

— Para ver se estava bem. Você tem mais alguém? Irmãos, irmãs? Outros parentes?

— Não que seja da sua conta, mas não. De qualquer maneira, como já disse antes, estou bem. Não precisa se preocupar comigo. Posso cuidar de tudo, como sempre fiz. Só preciso seguir as tarefas da lista…

Bebi um gole de café, pensando que quanto antes eu o terminasse, mais rápido poderia sair dali e voltar para casa. Alguma coisa parecia crescer dentro de mim, uma sensação de desconforto, como se fosse ficar enjoada ou tivesse sido infectada por alguma coisa. Não queria mais ficar ali. Queria sair ao ar livre e, depois, gostaria de voltar para casa, trancar a porta e não abri-la mais.

— Olhe — disse ele —, perdi minha mãe no ano passado. Tenho uma ideia de como é. Só achei que eu poderia ajudar com um pouco de apoio.

— Por quê?

— O quê?

— Por que ela morreu? Estava doente?

— Estava com câncer.

Assenti com a cabeça, embora não tivesse nenhuma referência. Minha mãe sofrera um derrame. Pois é, ela não podia mais sair de casa. Sim, estava velha e frágil. Mas, fora isso, e a infecção no peito, não estivera seriamente doente. Ainda ontem, ela resmungava alguma coisa sobre o Primeiro-Ministro enquanto eu preparava seu jantar e guardava as compras.

Tentei me lembrar da última coisa que me dissera. Será que teria sequer se despedido de mim? Quando foi a última vez que lhe dissera algo afetuoso? Que lhe perguntara como se sentia, se estava feliz? Quando foi a última vez que lhe dissera que a amava?

— Acho que eu devia estar chorando, mas não me sinto capaz.

— Você não devia nada — disse ele. — E, além disso, vai levar muito tempo para você processar isso tudo.

— Como assim? — exclamei. — Não sou uma fábrica, sou um ser humano. Não vou “processar” coisa alguma. Não vou aceitar essa ideia, superá-la ou lidar com ela. Vou simplesmente seguir com a minha vida porque é só isso que posso fazer, como sempre fiz.

Ele fez um ruído, como um suspiro e estava prestes a falar alguma coisa, mas desistiu e, em vez disso, bebeu o resto do seu café.

— Desculpe — falei, minutos depois.

Ele deu de ombros.

— Sem problemas. Só estava tentando ajudar.

— E então, imagino que o jornal deve ter ficado um pouco agitado depois do telefonema de ontem, não?

— Pode-se dizer que sim.

— Esse é o fim da campanha “Ame seu vizinho”?

Ele riu.

— Não acho que isso vai levar a algum lugar. De qualquer jeito, estava se tornando mais uma campanha “Espione seu vizinho” ou “Reclame do seu vizinho”.

— Bem, acho que pelo menos isso é mais o jeito britânico de fazer as coisas.

Houve um curto silêncio.

— A polícia vai verificar os computadores dessas pessoas?

Eu o encarei. Estava passando dos limites.

— Ora, vamos — disse ele. — É uma pergunta bem genérica. Pensei que fossem averiguar alguma relação com sites de suicídio ou coisa semelhante. Pode haver uma ligação.

— Eu ficaria surpresa se todas as vítimas tivessem computadores. Algumas eram bem idosas, não se esqueça disso.

— Você está incluindo as idosas?

— Bem, *eu* estou. Agora depende da equipe de investigadores, vamos ver se prestam atenção ao que tenho a dizer.

Ele olhou para sua caneca vazia. A minha ainda estava pela metade, mas não queria mais beber. Era como tomar água suja.

— Não acho que elas tenham se matado — falei. — Pelo menos, não do jeito que costumamos ver os casos de suicídios em geral. Não foram atos deliberados. Foi mais como… se tivessem simplesmente desistido.

— E isso é possível?

— Deve ser.

— Mas certamente o corpo anularia esta decisão, não é? Com certeza, afinal a fome e a sede são forças primárias. Seria preciso ter uma determinação férrea para apenas continuar sentado e aos poucos ir morrendo de fome.

— Não sei. Por causa do telefonema, agora podemos ter razoavelmente certeza de que alguém ou algo está por trás de tudo isso. Estou achando que todas essas pessoas sofreram alguma pressão para agir assim, algo capaz de superar seus

instintos humanos de alguma forma.

Ele se sentou mais à frente na cadeira.

— Agora, isso é muito interessante.

— É?

— O que seria capaz disso? O que poderia sobrepujar o instinto básico humano?

— Não faço ideia.

— Mas é aterrorizante, não é mesmo?

Concordei, sem ter certeza absoluta do que ele queria dizer.

— Aterrorizante que alguém solto por aí seja capaz de fazer isso — prosseguiu ele. — Quero dizer, qualquer um de nós poderia ser uma vítima, não?

Balancei a cabeça.

— Acho que não.

— Por que não?

— Bem, embora não haja nada de óbvio ligando os casos, isso não significa que não tenham algo em comum. Para começar, todas as pessoas moravam sozinhas. Nenhuma delas tinha um emprego, por um motivo ou outro.

— Você ainda está falando de uma parcela bem considerável da população — disse Sam.

— Você quer sair e prevenir todas as pessoas que moram sozinhas e não têm emprego?

— Por que não?

— Porque você deixaria todas elas em pânico.

Nós dois imaginamos uma massa histérica de pessoas solitárias e isso nos fez sorrir.

— Os dados demográficos são interessantes — disse ele, mudando de tópico, voltando a falar dos corpos.

— Por quê? Por serem tão variados?

— Exatamente. Quero dizer, e se alguém estiver se divertindo com a situação? Não sei, é tudo tão bizarro. O que pode estar ganhando com isso? Será que as vítimas deixaram testamentos, ou coisa parecida?

— Não tenho acesso a esse tipo de dado — respondi. — Talvez a investigação chegue a isso bem rapidamente.

— Não consigo imaginar que seja algo assim tão simples.

— Não. Eu acho… — Parei de falar.

— O quê?

Desviei o olhar por um instante, depois o fixei no tampo da mesa.

— Acho que devo ir embora. Tenho muita coisa para fazer.

— Não era isso que você ia dizer.

Minhas bochechas ficaram coradas e, para disfarçar meu desconforto, me levantei.

— Obrigada pelo café.

— Estava horrível, não? Da próxima vez beberemos um café decente.

Eu não iria concordar com outro encontro, não importava o pretexto que ele inventasse.

— Vou acompanhar você até o estacionamento — disse ele, sem me dar a menor chance de recusar.

Andei o mais rápido que pude, na esperança de deixá-lo para trás. Mas a rapidez dos meus passos era semelhante ao caminhar de uma pessoa normal e ele conseguiu me acompanhar com facilidade.

— Meu carro está ali — falei enfim, arfando. — A gente se vê.

— Annabel — disse ele —, você sabe que eu gostaria de ajudar, se puder. Eu me lembro de como foi quando perdi minha mãe. Há tanto a fazer, a gente acaba se esquecendo das coisas. Se eu puder ser útil, me avise, ok?

— Você é muito gentil.

— Você ainda tem meu telefone?

— Tenho — respondi, mas, como demorei uma fração de segundo para responder, ele sacou um cartão de visita do bolso e me entregou.

— A gente se vê em breve, então — disse ele. — Ligue para mim, ok?

Ele saiu andando de costas para o estacionamento, o que era uma ideia estúpida. Logo um carro buzinou e ele deu um pulo, saindo da frente de um 4x4 que procurava desesperado uma vaga.

Apesar da tristeza das últimas horas, vê-lo novamente havia feito o impensável — me alegrara. Mas, nos momentos após sua partida, eu me senti mais sozinha do que jamais me sentira antes. Havia gente ao meu redor, carros passando, mas eu estava completa e extremamente só. Senti medo e, depois, uma grande onda de infelicidade. *Não tenho ninguém*, pensei. *Nenhum objetivo, ninguém de quem cuidar ou lutar para proteger. Não me restou nada.*

Colin

DEPOIS DO ORGASMO, NA NOITE PASSADA, não dormi bem.

Acordei cedo bastante agitado, preparei um banho quente na banheira e fiquei me perguntando se o Sr. Thomas Stearns Eliot provocara ou contribuíra para meu fascínio pessoal pelo tema da morte e da transformação do corpo, ou se meu interesse datava da morte de meu pai. Ou quem sabe fosse ainda mais antigo.

Sentado na banheira, os olhos fechados, tentando relaxar, recitei os dois primeiros versos de “Sussurros de imortalidade”, me demorando nas palavras, saboreando-as. E mesmo horas depois continuo pensando neles.

Acho que sexo e morte estão tão inextricavelmente ligados. Membros mortos, luxúria e luxo. Sexo, desejo, decomposição. E palavras assim tão eróticas, tão suaves na ponta da língua: “estreitando suas luxúrias”… “se agarra”… “sem seios”… “sem lábios”… Tão perfeito, tão óbvio, tão lindo. Penso em Janice, que também me inspirou a seguir por essa vereda… penso nela enterrada (embora tenha sido cremada, eu a imagino enterrada), mais adorável em seu momento de deterioração do que jamais fora enquanto respirava.

Annabel

NO CAMINHO DE VOLTA, PASSEI NA casa da minha mãe. A força do hábito quase me fez desviar para o supermercado, mas nada disso era mais necessário, não é mesmo? Fiquei sentada no carro por algum tempo. A casa já parecia vazia. Eu me perguntei quem teria apagado todas as luzes, depois que a ambulância saiu levando minha mãe.

Mas não estava chegando a lugar algum com isso e tinha muita coisa para fazer. O jardim da frente parecia negligenciado — desde quando? —, ervas daninhas crescendo pelas rachaduras do pavimento, a grama do pequeno canteiro se transformara em ramagens disformes. Seria preciso trazer o cortador e dar um jeito naquilo, antes do inverno, especialmente se eu tivesse mesmo que vender a casa.

Mentalmente, acrescentei mais um item à lista de coisas a fazer.

Encontrei a casa aquecida, diferente do que estava esperando. Mas é claro que o aquecedor ainda estava programado para ser acionado no horário usual. Eu deveria desligá-lo. Mas, se fizesse isso, talvez a água congelasse no interior dos canos, quando esfriasse demais. Isso me fez lembrar do freezer — eu deveria esvaziar, desligar e, por fim, descongelá-lo. A geladeira também. Devia desligar todos os eletrodomésticos, na verdade, porque agora estavam apenas desperdiçando dinheiro. Talvez devesse cortar a eletricidade geral. E o gás — mas aí o aquecedor não funcionaria e, quem sabe, a água nos canos acabaria congelando.

Minha mente começou a girar em círculos extenuantes, então me forcei a deixar essas ideias de lado. Acendi a luz, coloquei a bolsa no corredor e pendurei meu casaco no cabideiro, como fazia sempre que ia ali.

Ela se mudara para lá quinze anos atrás, quando sua irmã, minha tia, foi morar na Escócia. Elas haviam dividido uma casa, depois que fui para a faculdade, mas, quando tia Bet se mudou, minha mãe quis viver perto de mim. Na época, ela era ativa, ainda ia jogar bingo com as amigas, ia ao supermercado sozinha

três vezes por semana e, em alguns fins de semana, fazia uma excursão de ônibus com o grupo da Organização Social. Não acho que eu tenha realmente percebido que ela estava envelhecendo, mas, olhando para trás, os sinais estavam presentes. Ela acabou brigando com alguém do grupo e parou de frequentá-lo. Tia Bet morreu cinco anos atrás, e a morte de sua única irmã lançou minha mãe numa espiral descendente. Ela começou a se inquietar com o dinheiro, embora contasse com uma boa aposentadoria e nunca tivesse se preocupado com isso antes. Pouco depois, ela também parou de ir jogar bingo. E então, só restara eu. Eu era a única pessoa que lhe sobrara, fora os vizinhos, que passavam de vez em quando para saber se ela estava bem, e mesmo nessa época, ela reclamava deles para mim, quando eu ia visitá-la.

"Estão sempre me aborrecendo", sussurrava ela, como se pudessem estar escutando com copos encostados nos ouvidos do outro lado da parede. "Eles têm vindo aqui com frequência. Isso não é muito conveniente."

"Por quê?", eu perguntava. "O que você pode estar fazendo?" Eu me recusava a baixar minha voz nessas circunstâncias. Nós nunca os ouvíamos falando; por que eles conseguiriam nos escutar?

No fim das contas, Len, seu vizinho de porta, quase salvara sua vida, e certamente me dera a oportunidade de me despedir de certa maneira dela, ainda que não pudesse me escutar. Eu deveria ter ido vê-la na noite seguinte, mas àquela altura ela já estaria morta. Se minha mãe tivesse sido um pouco mais acolhedora em relação a ele, talvez a tivesse descoberto um pouco antes e quem sabe assim pudesse ter sobrevivido.

Fui até a sala de estar, acendi a luz e estava quase esperando vê-la sentada na poltrona. O impacto da poltrona vazia me atingiu como uma força física, e dei um passo para trás. Sempre que a visitava — três ou quatro vezes por semana — ela estava sentada ali. Ocasionalmente, se levantava enquanto eu estava presente para ir ao banheiro ou fazer alguma coisa na cozinha, ou usava a bengala ou minha mão prestativa para se erguer da cadeira, mas, quase sempre, ficava sentada esperando que eu buscasse as coisas para ela.

E a poltrona, vazia. A almofada deformada e as mantas desbotadas e sujas por causa dos anos de uso. Os braços da poltrona tinham ficado cinza devido ao toque constante de suas mãos. Ela não estava mais ali.

Comecei a respirar rápido e senti um pânico estranho crescer. Eu me perguntei

o que tinha provocado aquilo em mim de repente. A casa estava muito silenciosa, quieta. Será que já tinha estado ali sem que a televisão estivesse ligada? Até mesmo o ar parecia diferente sem sua presença ali.

Respirei fundo e reassumi o controle de mim mesma. Aquilo não era nada bom, eu tinha coisas para fazer.

Virei as costas para a poltrona e fui até a cozinha. Estava realmente escuro ali, a janela dando para o quintal vazio e para as janelas apagadas da casa vizinha. Acendi a luz.

Tudo estava surpreendentemente limpo. Mamãe não gostava de lavar a louça, e quando eu vinha lhe trazer o jantar, era comum que eu começasse lavando a louça das refeições anteriores. Mas a pia estava vazia, o pano de prato cinza dobrado e deixado na torneira, gotejando com certa regularidade dentro da pia. Abri a geladeira. O interior parecia quase vazio — dois vidros de geleia, um pote com molho de salada, uma caixa de ovos, a manteigueira, um pacote de queijo ainda fechado, uma garrafa de vinho branco que também não havia sido aberta. Tinha sido eu quem comprara aquelas coisas? Não conseguia me lembrar. Onde estavam os legumes que eu colocara ali… quando mesmo? No domingo? Ela não teria conseguido comer tudo antes de sofrer a queda. E quanto ao leite? Eu tinha comprado uma garrafa de um litro na véspera.

— Annabel, é você que está aí?

O som, vindo por trás de mim, me fez dar um pulo. Len estava bem próximo. Não fazia ideia de como ele conseguira entrar sem que eu o ouvisse, considerando o silêncio dentro da casa.

— Oi, Len — respondi. — Você me deu um susto.

— Lamento, querida. Como você está?

— Minha mãe morreu hoje de manhã — respondi. Eu precisava achar uma maneira melhor de dar a notícia para as pessoas.

— É, eu sei. Sinto muito. Coitada de você.

— Como ficou sabendo?

— Hoje pela manhã, liguei para o “ospidal” para saber como ela estava.

Fui obrigada a reprimir uma risada totalmente inadequada. Mas ele dissera mesmo “ospidal”.

— Como você está lidando com isso? — perguntou ele. — Minha esposa e eu ficamos preocupados com você quando soubemos.

— Estou bem. Só tenho muitas coisas para fazer.

— Eu sei, é uma situação difícil. Você sabe que se houver algo que possamos fazer para ajudar…

— Obrigada.

Fiquei ali, pouco à vontade, uma das mãos na geladeira, imaginando o que mais ele queria. E me perguntando por que ele continuava indo lá, agora que estava claro que minha mãe não voltaria.

— Você esvaziou a geladeira?

Acho que perguntei de maneira um pouco brusca, pois ele corou e trocou embaraçosamente de posição.

— Esvaziei, bem, não queria que a comida estragasse. Pensei que você demoraria algum tempo para voltar aqui. Você sabe, o luto… e tudo o mais.

— Sei, foi bem gentil da sua parte. Mas, de verdade… posso me virar.

— São momentos difíceis. Muito difíceis. Minha esposa e eu, você sabe, fizemos o melhor possível para ficar de olho nela, mas sua mãe estava ficando muito frágil. É bem difícil superar isso, mas no fim das contas, tudo é uma questão de tempo, não é mesmo? Acontece com todos nós, certo? No fim?

— Pois é… — falei.

— Claro que é diferente, quando a família está próxima, como aconteceu com a sua mãe. Nossos dois filhos estão crescidos e se mudaram, já faz muito tempo. Como eles têm suas próprias famílias, sabe, fica mais difícil porque estão sempre ocupados e sabem que nós estamos bem, temos um ao outro, podemos nos virar sozinhos, então acabamos não os vendo muito. No Natal, sim, e eles vieram para o aniversário de setenta anos da mãe, ano passado, mas só isso. O que nos faz pensar, não é mesmo, em todas essas histórias nos jornais sobre pessoas encontradas mortas sem que ninguém percebesse, isso só nos faz pensar sobre o que poderá acontecer no futuro.

— Eu sei.

— Enfim, não posso ficar aqui batendo papo o dia todo, ela vai se perguntar o que aconteceu comigo. Vou indo. Quer que eu traga as coisas de volta?

Essa última frase foi jogada no ar casualmente, já de costas, uma derradeira pergunta tão inócua, mas mesmo assim, ele se virou e me encarou com os olhos arregalados. Ah, então ele ainda não as havia jogado fora? Na verdade, ele fora até lá roubar todos os alimentos frescos de minha mãe que estavam na geladeira.

Fiquei surpresa que tivesse deixado para trás os ovos e a manteiga.

— Não, claro que não — respondi.

— Está bem então. Vou embora. Você sabe onde nos encontrar caso precise de alguma coisa. É só ligar, ok? Posso cuidar das correspondências e coisas assim, se quiser. Está certo então. Até mais ver.

Ouvi-o batendo a porta da frente. Ele não a batera da mesma forma quando entrara. Devia ter fechado a porta delicadamente, rastejado os pés pelo corredor, pisando com cuidado no soalho de madeira. Não queria que ele cuidasse das correspondências. Não queria que tivesse uma chave. Eu passaria por lá ao sair e a pediria de volta.

Olhei de novo para a cozinha silenciosa, tudo em seu lugar. Tudo aguardando para ser usado novamente, retribuindo meu olhar com expectativa. De repente, tive uma ideia e abri o armário onde ela guardava os mantimentos — saquinhos de chá, cereais… bem em cima, havia uma lata de chá: a embalagem comemorativa do casamento de Sua Alteza Real Príncipe Charles com Lady Diana Spencer, em 1981. Lá dentro, ela deixava o dinheiro para as despesas de casa, o que sobrava de sua aposentadoria e com o que comprava comida e gastava com outras coisas incidentais. Eu solicitara ao banco o débito automático de sua conta-corrente para os demais gastos mensais, e verificava isso uma vez por mês a fim de me certificar de que tudo estava pago e havia fundos na conta. Quando fazia compras para ela, eu pegava dinheiro na latinha de chá e deixava o recibo. Costumava arredondar para cima ou para baixo, sem nunca me preocupar com as moedas, pois no fim tudo se equilibrava. Quando estivera ali, domingo passado, havia oitenta libras em quatro notas de vinte. Eu pegara vinte libras e deixara depois uma nota de dez, da minha carteira, pois as compras tinham dado um total de doze libras e noventa e oito centavos. Mas, quando passei ontem, estava tão cansada por ter trabalhado até tarde que me esquecera de fazer isso; o recibo ainda estava no fundo da minha bolsa.

Dentro da lata havia exatamente vinte libras. Uma única nota de vinte libras. Cinquenta libras tinham desaparecido desde a última vez que verificara, poucos dias antes. Por alguns instantes, fiquei ali, olhando para aquela única cédula, me perguntando se não tinha me enganado. E imaginando com o que ela poderia ter gastado o dinheiro.

Depois disso, fui até a escrivaninha na sala de jantar, cuja gaveta inferior

continha todas as coisas importantes: passaporte, talões de cheques, certidão de nascimento. Dei uma rápida vasculhada ao redor, mas um olhar teria bastado para saber que estava tudo no lugar. Isso foi um alívio; sendo assim, será que talvez tinha sido tudo imaginação minha? Pode ser que houvesse menos dinheiro quando olhei, ou então estava confundindo com outra ocasião. Ou talvez ela tivesse chamado alguém para limpar os vidros das janelas, ou dado algum dinheiro para caridade.

Mas cinquenta libras?

Dei uma olhada no restante da casa, sem saber ao certo o que estava procurando. Do seu quarto emanava aquele silêncio que sugeria que ninguém dormia lá havia algum tempo. As roupas penduradas no armário eram velhas, já fora de uso regular: uma blusa cintilante, com contas de pratas pesadas. Uma saia preta longa. Ela havia usado aquele conjunto no almoço de meu vigésimo primeiro aniversário. Por que o tinha guardado? De jeito nenhum o usaria mais uma vez. E havia outras roupas com as quais eu me recordava de tê-la visto vestindo — um blazer que costumava usar para trabalhar, antes de se aposentar. Os sapatos na parte de baixo do armário para a mulher que nunca ia além da porta da frente.

O quarto de hóspedes estava repleto de caixotes que ela nunca se dera o trabalho de abrir quando se mudou para lá, tanto tempo atrás. “Um dia…”, dizia ela, como se estivesse esperando que todos os compromissos e frivolidades sociais desaparecessem, antes de poder se acomodar adequadamente. Tudo parecia imperturbável lá dentro.

Enfim, não havia como adiar isso, por mais que eu odiasse qualquer tipo de confronto, este eu não poderia evitar.

Ele pareceu surpreso ao me ver, quando abriu a porta.

— Está tudo bem? — Ele mastigava alguma coisa e eu me perguntei se não seria um sanduíche feito com o pão que era da minha mãe.

— Oi de novo. Acabei de me lembrar que preciso pegar a chave de volta com vocês. Afinal, não faz sentido se incomodarem com a casa, agora que mamãe se foi, não é?

— Você não quer que eu cuide das correspondências? Para que você não precise vir até aqui o tempo todo?

— Não, está tudo bem, de verdade. Não moro muito longe.

— E se houver uma emergência?

— Se houver uma emergência — repeti com firmeza, sem saber que tipo de emergência poderia haver, já que mamãe estava morta —, vocês podem me telefonar, não é?

De repente, sua expressão ficou abatida.

— Ah. Entendo. Está certo então. Espere um minuto.

Ele deixou a porta entreaberta e sumiu pelo corredor, me deixando no degrau da entrada. Um cheiro de comida, não muito agradável, chegou a mim com uma rajada de ar quente. O corredor havia sido redecorado recentemente, o papel de parede com relevos felpudos… Como se chamava? Um nome esquisito. Ana-alguma coisa…

— Aqui está — disse ele, vindo pelo corredor. De um molho cheio de chaves, ele tentava soltar uma. Eu me perguntei se aquele era o chaveiro que usava sempre, ou se aquela era uma coleção com as chaves das casas de outras pessoas.

Estendi o braço e ele colocou a chave na palma da minha mão, com força suficiente para que doesse.

— Mais uma coisa, Len — falei, odiando a situação, mas sabendo que precisava perguntar. — Você sabe se o rapaz que limpa as janelas passou por aqui esta semana? Ou qualquer outra pessoa a quem minha mãe possa ter dado dinheiro?

— Não. Ted passa aqui na primeira semana do mês, normalmente. Por quê?

Bem, já que ele perguntou, pensei.

— Minha mãe guardava algum dinheiro dentro de uma latinha, e não sobrou quase nada. Estava lá, quando olhei da última vez. Tem alguma ideia?

Eu disse isso casualmente. Por mais que ele tentasse ostentar aquela aparência de “gentil senhor da casa ao lado”, seu olhar em mim brilhava, desconfiado.

— Nós fizemos algumas compras para ela na segunda-feira — disse ele. — Dissemos que íamos até o centro da cidade e ela pediu para trazermos umas coisinhas. Ela me deu o dinheiro e eu lhe entreguei o recibo. Você não o achou?

— Que coisinhas?

— Hum… Deixe-me ver. Ela pediu um bife do açougue. E bateria para o telefone sem fio… Ah, três carnês de selos postais. E também outra coisa… Mas não consigo me lembrar de jeito nenhum.

Olhei para a chave na minha mão, pensando se aquela discussão era de fato

necessária. Foram apenas cinquenta libras, afinal de contas.

— Obrigada, Len — agradeci, por fim. — Sei que ela apreciava muito tudo o que vocês faziam por ela.

— Tudo bem. Você sabe, sempre ficamos felizes em poder ajudar. Quando precisar, avise, querida. Tem certeza de que não quer que nós fiquemos de olho na casa?

— Não, obrigada. Vou transferir o endereço na agência dos correios, de qualquer maneira.

Eu não tinha certeza de que algo assim era possível, quando a pessoa já faleceu, mas não queria que ele arrumasse um pretexto para entrar de novo na casa da minha mãe.

— Tem certeza de que é isso o que quer fazer? Quero dizer, nós podemos…

— Não, Len. Sinceramente, vocês já fizeram o bastante. Obrigada.

Eu me virei e segui em direção ao carro. Estava escuro e frio, e eu queria voltar para casa naquele momento, fechar a porta e ficar sozinha, onde ninguém pudesse me ver.

Colin

O TRABALHO TINHA SIDO DISPERSIVO E monumentalmente monótono. Eu me sinto agora como se estivesse além de tudo isso, como se houvesse à minha frente um destino mais extasiante do que cuidar das finanças municipais.

A paciência é uma das minhas virtudes mais poderosas, sempre achei isso. No ano que se seguiu à morte do meu pai, tive dificuldades em me empenhar nos estudos. Tudo parecia tão tremendamente sem sentido. Eu arrumava confusão com frequência, embora nunca radicalizasse. Se o assunto não me interessava mais, eu ficava sentado na sala de aula, olhando fixo para a frente, inflexivelmente paciente e consternado de forma incansável, indiferente ao que o resto da turma estava fazendo.

— Friedland — dizia o professor. — Você não vai tentar?

— Não — respondia, se me desse vontade.

— Não, *senhor*.

Eu o encarava com uma expressão que ele devia considerar insolente. Para mim, era só indiferença.

— Então está bem. Para mim, chega. Pode ir para a sala do diretor.

Isso acontecia quase diariamente. Eu era punido com chibatadas na mão. Nessa época, esse tipo de punição não era somente autorizado, mas, no sistema educacional britânico, uma tradição. Eu nem sequer sentia dor, não da maneira que esperavam. Não me sentia humilhado. O castigo não fazia efeito algum em mim. O diretor sabia que eu não era idiota. No começo, ele até se mostrou solidário — pois também havia perdido o pai quando jovem —, mas a paciência durou pouco.

A fleuma, era este o segredo. Ele falava em colocar as necessidades dos compadres à frente de si próprio. Participar do jogo.

E eu não estava participando do jogo.

No final, ele praticamente ficava me esperando; se eu não entrasse na sua sala antes do almoço, ele começava a se perguntar onde eu estava. Minha mãe era

chamada. Foi sugerido que talvez valesse a pena me transferir para outra escola, na qual pudesse me adaptar melhor. Um novo começo. Minha mãe olhava distraidamente para a frente, entorpecida por algum tipo de benzodiazepina que estavam testando naquele mês, enquanto eu ficava atrás dela, na sala do diretor, as mãos enfiadas nos bolsos, embora tivesse recebido um castigo pela mesma desatenção um dia antes.

— Ela não se importa — falei.

— Friedland — replicou ele. — Você só está aqui presente porque sua mãe pediu. Mas deve ficar calado.

— Eu me importo — disse ela, embora o tom da sua voz sugerisse o oposto. — Simplesmente não sei o que fazer em relação a isso.

O dinheiro que financiava meus estudos vinha do meu pai. Ela recebia uma pensão e uma indenização, mas não estava acostumada a lidar com aquele tipo de assunto. Ela nunca trabalhara, nunca tivera que pagar uma conta, nunca precisara falar com ninguém sobre algo mais complicado do que o cardápio do jantar e para onde iríamos nas férias.

O diretor nos dispensou logo depois, identificando outra parede de tijolos por trás de todas as outras que eu já havia construído nas últimas semanas.

No final, tornei tudo mais fácil para ele. Dois dias depois da reunião com minha mãe, um garoto do sexto ano fez um comentário sobre meu pai e meu comportamento quando nossos caminhos se cruzaram no corredor. No final da tarde, eu o encontrei sozinho e levei-o para dentro de uma das salas de aula vazias, onde dei-lhe tantos socos que o fiz cair inconsciente e cheio de sangue.

O esforço de achar outra escola que me aceitasse estava aquém da capacidade da minha mãe. Além disso, conforme tinha me dito em mais de uma ocasião, visto que ela não tinha a intenção de arrumar um emprego, era preciso economizar o que sobrara da indenização do seguro de vida do meu pai para suas próprias despesas.

E assim, fui matriculado na escola secundária mais próxima de casa para concluir minha escolaridade.

* * *

Na hora do almoço, Vaughn telefonou me convidando para encontrá-lo no Red

Lion. Era a primeira vez que entrávamos em contato desde o jantar na casa dele, embora eu tivesse lhe enviado uma mensagem de texto, agradecendo pela noite fantástica. Talvez a tenha interpretado como sarcástica.

Nós nos sentamos com nossas canecas de cerveja à frente. A televisão, instalada precariamente na extremidade do balcão transmitia a Sky Sports News, uma confusão sem fim de cores primárias com um homem no meio, de terno, revelando provavelmente informações vitais sobre times que não me interessam nem um pouco.

— Como vai Audrey? — perguntei, por fim.

— Vai bem, acho — respondeu ele.

Bebi um gole da minha cerveja, fazendo uma careta e pensando que o gosto seria muito melhor se acompanhado por um sanduíche de picles e queijo. Olhei esperançoso para o balcão, mas a garçonete, uma mulher adequadamente gorda como um barril, que usava meia-calça vermelha e botas pretas até a panturrilha, o que ficava chocante numa pessoa tão baixa, não estava por lá.

— Foi um bom jantar — comentei. — E foi legal conhecer a sua casa.

As pessoas dizem coisas desse tipo. Elogiam umas às outras, comentam a decoração em suas respectivas casas, mesmo quando a consideram medonha. Assim como eu faço.

— Para falar a verdade — replicou ele —, ela não está realmente bem. Ficou meio estranha.

— Como assim? — perguntei.

— Ela está um pouco… bem, distante. Depois daquela noite.

— Ah, sei — falei, por não ter conseguido pensar em outra coisa mais apropriada a dizer.

— Liguei para ela algumas vezes. Ela atendeu uma vez e pareceu incrivelmente vaga. Quando passei no apartamento dela, não a encontrei.

— Talvez tivesse dado uma saída — sugeri, tentando parecer útil. — Ou talvez ande ocupada com outras coisas.

Vaughn bufou.

— Não sei com o quê.

— Você ainda acha que ela está tendo um caso?

Ele ergueu o olhar de sua caneca, espantado.

— Por que está dizendo isso?

— Porque você comentou isso comigo outro dia. Você estava pensando em convidá-la para ir até Weston-super-Mare no trailer, lembra?

— Ah, é… Acho que sim.

— Vaughn, você está mesmo perdendo a memória.

— Tenho andado distraído.

E, para minha surpresa, ele apoiou a cabeça nas mãos em cima da mesa e seus ombros começaram a tremer. Encarei-o com curiosidade. Logo ali, no Red Lion?

— Vaughn — falei. — Que diabos está acontecendo?

Ele fungou, pegou um lenço de papel no bolso da calça e, nervoso, enxugou os olhos, assoando o nariz ruidosamente. Aquele espetáculo me deu arrepios, mas pareceu resolver o problema dele, que se recompôs outra vez.

— Eu gosto de Audrey de verdade.

— Sei disso — afirmei, embora o que se passasse entre ambas as orelhas de Vaughn fosse um mistério para mim, assim como o que pensa qualquer outra pessoa. — Ela é uma moça adorável.

— Acho que estamos nos separando. A verdade é essa.

— Talvez vocês devessem levar a coisa para um outro nível — sugeri, tomando emprestado o vocabulário estranho desses programas de televisão a que às vezes me pego assistindo. — Talvez você devesse pedi-la em casamento ou algo assim.

— Verdade? Você acha mesmo?

— Por que não?

Sempre achei que o relacionamento de Vaughn era, em vários aspectos, idílico. Alguém morando em outra casa e, eventualmente, aparecendo em busca de companhia, conversa inteligente e, o mais importante, sexo. E depois, esse alguém fazia a limpeza e voltava para a própria casa. Mas isso não parecia satisfatório, afinal de contas, pelo menos não para Vaughn, que sem dúvida precisa de mais amparo emocional de uma mulher do que eu. Isso não me faz a menor falta.

Eu estava esperando que Vaughn não apresentasse uma série de contrapropostas racionais porque estou muito mal preparado para lidar com elas, mas na verdade não devia ter me preocupado. Ele estava sorrindo, o largo sorriso de gato de Cheshire diante de uma iluminação repentina.

— É isso o que vou fazer — disse ele. — Vou pedir Audrey em casamento. É

claro! Como pude ser tão idiota?

— Não estou entendendo — retorqui. A estupidez não é algo que costuma me passar despercebido, mas, no caso de Vaughn, prefiro pensar que só estava confuso.

— Ela tem me dado dicas. — Ele parecia animado. — A irmã dela se casou no ano passado e, desde então, ela fica fazendo piadas sobre já ter virado uma solteirona, sobre estar velha demais para se casar, mas é isso que ela estava pretendendo há muito tempo!

Ele bebeu o resto da cerveja com uma pressa indecente, considerando que eu tinha pago por ela, e colocou sua echarpe em volta do pescoço.

— Para onde você vai?

— Comprar um anel, meu prezado amigo! — Somente Vaughn poderia usar a expressão “meu prezado amigo” e não soar como um imbecil pretensioso. — Ainda tenho meia hora até voltar ao trabalho. Preciso sair e ir atrás de uma joalheria!

* * *

Escola Secundária Gaviston, Grove Road. Estudei ali quando tinha treze anos, sete meses antes do meu décimo quarto aniversário. Já recuperado do choque inicial do luto, eu entrara numa fase que poderia muito bem ser descrita como soturna. Não tinha vontade de encontrar ninguém, falar com ninguém ou participar de qualquer tipo de atividade, educativa ou social, portanto, aquele ambiente, é óbvio, me convinha muito bem.

No meu terceiro dia, dois meninos de outra sala me encurralaram no vestiário.

— Você é novo aqui — disse um deles.

Era um garoto pálido, com um daqueles cortes de cabelo imbecis que usavam na época, as laterais raspadas, da cor de camundongo, espetado para o alto e com um ridículo rabo de rato trançado caindo pelas costas. Ao seu lado, o companheiro era menos musculoso do que corpulento, mas, ainda assim, pelo menos trinta centímetros mais alto do que eu. Levaria ainda dois anos para que eu começasse a crescer, até conseguir passar um metro e oitenta.

— Sou — respondi, já atento para não falar demais e denunciar um sotaque que não tinha nada a ver com o deles.

— De onde você vem — disse o outro. Aquilo era para ser uma pergunta? Não soara assim e, portanto, não senti necessidade de responder.

Quis ir embora, mas estavam bloqueando meu caminho. O menor dos dois disse:

— Você é meio esquisito ou coisa parecida? Um pouco pirado?

O gordo bufou e se aproximou de mim, ficando perto o bastante para me fazer sentir o cheiro das suas axilas.

Não penso que estavam sendo particularmente ameaçadores. Com certeza, eles não me davam medo. Mas bloqueavam meu caminho e eu não estava a fim de ficar mais tempo naquele buraco fedorento e cheio de pichação nas paredes.

Acho que a minha principal vantagem em relação às outras pessoas é a surpresa. Eu ajo rapidamente, não hesito e nunca me rendo.

Chutei a virilha do gordo e ele se curvou, caindo no chão, soltando um gemido feminino e agudo demais para um cara tão grande. O menor olhou para mim, os olhos esbugalhados. Tinha mais ou menos a minha estatura e meu palpite é de que ele nunca havia sido desafiado, nunca tivera que enfrentar ninguém fisicamente, sem a assistência de seu colega.

Ele deu um passo para trás e me deixou passar. Na hora até pensei em sair, de verdade, mas o gordo de merda ainda estava se contorcendo no chão, chorando, e pela primeira vez em meses, senti algo vibrar dentro de mim, algo que não me era familiar. E me senti bem. Estava me divertindo.

E tudo foi tão, mas tão fácil. Agarrei o menor pelo ombro, girei-o e o joguei na parede. Ele estava dizendo: “não, me desculpe, não fiz por mal, você é legal, juro, me deixe ir embora” desordenadamente, sua voz atingindo a mesma lamúria pré-pubescente, no mesmo tom de seu amigo, como se o choque e o medo os tivessem emasculado.

Era simplesmente muito tentador. Pressionando ele na parede com o peso do meu corpo e meu punho fechado empurrando suas omoplatas, enrolei o estúpido rabo de rato, dando duas voltas ao redor da minha mão e com um esforço surpreendentemente pequeno — muito embora, fosse possível que a intenção por trás daquilo alimentasse minha força — o arranquei. E assim os dois ficaram se contorcendo de dor, e o menor começou a uivar no lugar do outro, que estava mais calmo, tendo sido reduzido a um trêmulo lamento. Por um instante, eu os encarei, pensando em todo o barulho que os dois faziam e se o que acontecera

era suficiente para justificar tudo aquilo, depois, olhei para o rabo de rato na minha mão. Um pedacinho brilhante de pele branca tinha saído junto. A outra extremidade continuava bem presa com um elástico.

O menorzinho havia colocado ambas as mãos atrás da cabeça, como se estivesse sendo detido ou coisa parecida, me espiando com uma expressão indefinível, as sobrancelhas vincadas, lágrimas brotando dos olhos e as bochechas vermelhas. Ele fixava os olhos em mim enquanto eu olhava despreocupadamente para trás. O sangue escorria entre seus dedos entrelaçados, as articulações empalidecidas por conta do esforço.

Larguei o estúpido rabo de rato, deixando-o cair no chão.

— Boa noite, senhoritas — falei, deixando-os choramingando.

Fui suspenso por uma semana, mas não me expulsaram. Os dois garotos eram valentões conhecidos, embora eu obviamente não soubesse disso. Quando me mandaram falar com o professor chefe (não havia um diretor naquele lugar, mas um professor chefe, que apesar de ser macho era um homossexual de meia-idade que incentivava atitudes liberais no ensino e esperava, agindo assim, contar com o apoio dos demais docentes), ele só faltou me agradecer. Não havia ficado nem um pouco furioso.

— Não é assim que fazemos as coisas — disse ele. — Machucar seus colegas de escola; essa não é a maneira certa de agir, ok? Não é a melhor escolha, certo?

— Suponho que não.

— O que eles fizeram a você?

Refleti sobre como responder. Na verdade, eles não tinham feito praticamente nada.

— Ficaram no meu caminho.

— Eles disseram alguma coisa?

— Não que me lembre.

— Você estava com medo deles, foi isso o que aconteceu?

— Não tenho medo de ninguém.

— Isso é ótimo, Colin. É assim que se deve ser.

— Não vou ser castigado com a palmatória?

— Não — respondeu ele. — Prefiro não fazer isso. E acredito que você sente muito pelo que fez, não é?

A essa pergunta não respondi. Ele não teria gostado da resposta e eu não me

sentia preparado para mentir: não lamentava nem sentia vergonha. Na verdade, até gostara da peleja; havia aliviado o tédio do dia.

— Bem, de qualquer modo, compreende que preciso suspender você, não é?

— É justo — respondi.

— Uma semana? — Ele parecia estar me perguntando, e não me informando. — Se eu suspender você por uma semana, promete que vai se comportar quando voltar?

— Tudo bem.

— Vou escrever uma carta para a sua mãe. Já falei com ela mais cedo, pedi que viesse até aqui, mas… de qualquer jeito… Vá pegar sua mochila e seu casaco, em seguida, volte aqui para buscar a carta.

Eu me virei para sair.

— Colin!

— Sim?

— Não faça mais isso.

Não voltei a fazer algo assim, pelo menos não nas dependências da escola, porque de um jeito estranho, eu admirava o professor chefe. Ele não era tão fraco quanto aparentava; era um homem justo que tentava fazer a coisa certa em circunstâncias bem difíceis, e eu queria que ele gostasse de mim. Além disso, a essa altura, minha mãe, que atravessara uma fase que ela descreveria mais tarde para qualquer um disposto a ouvi-la como um "período muito árduo", estava começando a se recuperar. Embora o professor chefe parecesse realmente incapaz de sentir raiva, minha mãe não era nada assim.

Minha mãe passara alguns anos num estado semioficial de luto, após a morte do meu pai. Ela era esse tipo de pessoa. Finalmente, se deu conta de que os outros tinham parado de prestar atenção quando ela se enfurecia e então resolveu que era hora de ser corajosa e seguir em frente. Contudo, nunca havia sido uma mulher paciente e agora que éramos só nós dois, tornara-se ainda menos. Seus amigos, a família de meu pai, até mesmo sua irmã, haviam todos chegado a um ponto em que não queriam mais saber dela, consequentemente, eu era a única pessoa ainda disponível para a qual ela podia direcionar sua frustração e sua ira. Ela parou de tomar antidepressivos e passou a se automedicar com álcool de propósito.

Nós nos odiávamos com uma fúria tão poderosa quanto tácita. Ela foi violenta

até perceber que eu era grande o bastante para reagir e, a partir daí, sua amargura se restringiu a ataques verbais que eram, de várias maneiras, igualmente nocivos.

— Você matou seu pai — disse ela para mim, certa noite. — Sabia disso? Eu sempre soube. Foi toda a pressão que você depositou nele, sempre nos respondendo e nunca fazendo o que pedíamos.

Estávamos ambos sentados na sala de estar, jantando juntos em silêncio. Isso acontecia com uma frequência cada vez maior — a civilidade dando lugar à hostilidade sem razão aparente. Ela tinha bebido vinho no jantar, gim antes disso e xerez ainda mais cedo, mas, mesmo assim, não se podia dizer que estava bêbada. A televisão soava ao fundo e, porque tínhamos discordado sobre ao que assistiríamos, a tensão aumentara. Ela me culpava totalmente pela morte de meu pai, assim como eu a culpava. Isso ajudava a fazer o tempo passar.

— Você o matou, seu merdinha. Ele era tão feliz comigo, antes de você chegar.

Procurei uma arma adequada como resposta e escolhi usar Kafka.

— Morrer não significaria nada se não devolver o nada ao nada.

— Kafka novamente? — exclamou ela. — Que monte de bobagem.

— Kafka era um niilista. E se considerarmos seu ponto de vista para saber qual de nós é responsável pela morte do meu pai, veremos que isso não importa.

— Queria que você nunca tivesse nascido — respondeu ela friamente.

— Eu também — falei.

Algumas vezes, essas trocas ficavam ainda mais engraçadas. Era tão fácil fazer com que ela reagisse. Quanto mais me odiava, mais divertida ela ficava. E com tudo isso, continuamos vivendo na mesma casa, mesmo depois que deixei a escola. Ela preparava o jantar às vezes, quando não estava bêbada demais para ficar de pé. Eu cuidava da maior parte da louça e da limpeza. Ela fazia compras, pois assim podia comprar álcool. Tínhamos um relacionamento estranho, simbiótico e adverso que servia aos propósitos de ambos.

* * *

Em geral, me pego pensando na minha mãe nas noites de quarta-feira e, ocasionalmente, me perguntava por que isso acontecia, até me dar conta de que, é claro, quarta-feira à noite é meu dia de lavar as roupas e fazer faxina, e essas tarefas servis me lembram do tempo que moramos juntos naquela casa, após a

morte de meu pai.

A mulher do asilo de idosos ligou de novo meia hora atrás. Minha mãe precisa de uma camisola nova, ao que parece, e tem perguntado por mim, mas sei que isso é mentira. Por que estão tão ávidos para que eu vá visitá-la? Não tenho nada a lhe dizer e, se por algum milagre ela estiver lúcida no momento em que eu chegar, as chances de ter algo relevante a me dizer são de verdade muito ínfimas.

Um dia desses, vou berrar com a enfermeira no telefone, seja ela quem for. Vou passar da loucura para a fúria por causa de sua falta de sensibilidade. *Essa mulher me maltratou*, vou gritar. *Ela arruinou minha infância e como consequência tornou impossível que eu conseguisse ter um relacionamento adulto funcional com uma mulher. Não quero vê-la. Que ela apodreça sossegada e fedendo em sua confortável poltrona…*

Vamos ver se ela vai ligar outra vez.

Nesse ínterim, enquanto estou terrivelmente distraído, pensando na próxima edição do jornal e nos detalhes deliciosos que deverá conter, também estou muito consciente do fato de que, no momento, só tenho duas pessoas, e estava acostumado a ter três. Três é um número administrável, lindo, elegante e equilibrado. Quando uma delas finalmente se vai, sempre arranjo outra para substituir. Estou ficando tão bom em identificar quando estão por perto. Porém, infelizmente, tenho andado distraído nos últimos tempos e precisei apressar um pouco o processo com a última.

Então… onde vou arranjar a próxima? Lá na faculdade? Aquele lugar tem se mostrado especialmente frutífero; encontrei três delas por lá. Quem podia imaginar que o vestíbulo de um prédio da universidade atrairia uma proporção tão alta de depressivos? No consultório médico também, consegui várias assim. Mas é um lugar perigoso… se eu continuar, vão acabar notando certo padrão. O supermercado é sempre uma aposta mais segura. E há tantos deles que teria chance de não estabelecerem ligação alguma entre as pessoas. Tem um truque para isso: a hora do dia. Entre seis e meia e nove da noite é o período em que se expõem.

É fácil identificá-las também. Descartando os pais exauridos que dão uma escapada para as compras, assim que o parceiro volta para casa do trabalho e põem os filhos para dormir — nos carrinhos de compras: fraldas, refeições prontas, remédio em gotas para as cólicas. Os executivos, solteiros talvez, mas

que têm ótimos empregos — carnes de qualidade, pequenas embalagens de legumes exóticos, molhos prontos, ainda vestidos de paletó e gravata.

Aqueles que procuro são os que parecem estar vestindo as roupas com que foram dormir na noite anterior. Aqueles que saem à noite, por não conseguirem suportar as multidões. Não fazem compra durante o dia, pois acham que o som de crianças berrando pode perfurar seus tímpanos e lhes dar vontade de chorar também. Saem para as compras à noite, quando está calmo, escuro e ninguém irá encará-los, ninguém irá reparar neles, ninguém dirigirá um segundo olhar para eles. Percorrem o supermercado como se fossem invisíveis, porque é assim que se sentem. Em seus carrinhos haverá comida congelada, basicamente, pois só fazem compras uma vez por mês, se tanto. Levam uma lista na mão, por não quererem voltar, no caso de esquecerem de alguma coisa. Não estabelecerão contato visual. Não falarão com ninguém.

Pensando nos supermercados, me lembrei daquela moça que vi no início da semana. Ela parecia quase pronta. Talvez eu volte para ver se consigo encontrá-la. Mas ração para gatos, isso era um problema. Os gatos têm o hábito de atrair atenção, caso não sejam alimentados. Os cães são ainda piores, é claro, pois podem latir a qualquer momento. Mas gatos… eles adicionam um elemento de risco, e o risco é algo que eu tento eliminar a qualquer custo.

Há muita gente por aí que não tem gatos. Continuarei procurando.

Preciso de um lugar público, para onde pessoas tristes vão…

Annabel

EU NÃO SABIA ABSOLUTAMENTE NADA SOBRE como planejar um funeral, mas, quando fui ao cartório de manhã pegar o atestado de óbito da minha mãe, eles me deram um folheto com uma lista útil para me guiar, e ainda outra, com os endereços dos agentes funerários. De volta em casa, sentada à mesa de jantar com um bloco de notas e uma caneta à minha frente, só ouvi recados gravados com os horários de atendimento, dizendo o quanto apreciariam que retornasse as ligações. No terceiro que tentei — Co-operative Funeralcare — fui atendida por um ser vivo.

— Minha mãe morreu — falei, à guisa de introdução.

A mulher que me atendeu era muito calma e profissional. Ela me disse que sentia profundamente a notícia e que a melhor coisa a fazer a partir dali seria que eles viessem me ver para discutir possíveis opções para o enterro.

Olhei ao redor da sala de estar, para o estado em que estava.

— Posso ir até aí? — perguntei. — Sair um pouco me faria bem.

Eu me sentia tonta depois de tudo aquilo, fora brusco demais e minha rotina fora intensamente perturbada. Mal tinha dormido, nem feito uma refeição de verdade, e isso já fazia alguns dias. No dia anterior, tinha ido para cama cedo e, após duas horas de desassossego, me levantei e assisti a televisão até as quatro da manhã. Depois, voltei para cama e, ao acordar outra vez, eram dez para as onze. Eu me sentia à deriva, como se estivesse precisando de algum tipo de plano ou propósito, e alimentei a gata — que não estava interessada — e depois preparei torradas, que acabei não comendo. Decidi então me recompor, começando a planejar o funeral da minha mãe.

No fim do dia, fui de carro até o pequeno centro comercial na periferia da cidade, um bloco de concreto com corredores repletos de lojas, no final das quais estava o Co-op, onde eu costumava parar na volta do trabalho, onde fazia compras para a minha mãe. Bem ao lado do supermercado, para minha surpresa, embora devesse estar ali há anos, ficava a Co-operative Funeralcare.

Fiquei uns minutos do lado de fora, pois estava adiantada, olhando as lápides pela vitrine. A maioria tinha esculturas da Virgem Maria, as mãos acolhedoramente estendidas, ou de Jesus apontando para o próprio coração. Havia também um anjo de aparência triste. Na extremidade, uma lápide simples, feita de granito vermelho, as únicas palavras gravadas nela com uma caligrafia pomposa e dourada: “Com amor e saudades”. Nenhuma, como eu estava esperando, tinha uma simples indicação, como: “Ponha o nome da pessoa amada aqui”.

Entrei na loja.

— Sra. Hayer?

A mulher atrás do balcão estava sobriamente vestida com uma blusa branca e uma saia cinza-escuro, uma mecha de cabelo loura descolorida enfiada cuidadosamente atrás de cada orelha com brincos de diamante. Ela me olhou com seus olhos azuis solidários, inclinando um pouco a cabeça para o lado.

Não vou começar a chorar, eu queria dizer. Não se preocupe, não vou desabar.

— Sou eu, sim — consegui falar finalmente, estendendo a mão. — Você deve ser Jackie.

Ela me levou até um escritório no fundo da loja que parecia uma sala de estar, sofás confortáveis, mas com encostos verticais, uma mesa baixa onde havia vários álbuns com capa de couro e uma caixa com amostras de tecidos. Na parede, uma grande ilustração emoldurada de uma paisagem silvestre encoberta pela neblina. No canto, uma planta enorme e vigorosa reinava num vaso. A janela dava para o estacionamento nos fundos, onde pessoas passavam carregando suas compras.

Jackie me mostrou as opções para organizar um funeral. Eles podiam fazer todo o trabalho por mim, disse ela, desde o caixão até o transporte, cuidariam da falecida, planejariam a missa junto com o crematório ou na igreja de minha escolha. Ou ainda, se eu preferisse, o que algumas pessoas escolhiam hoje em dia, poderiam fazer um serviço muito bonito e humano e realizar um sepultamento natural num bosque especialmente destinado a este fim. E tudo isso poderia ser feito mediante um custo módico, com opções de parcelamento sem juros, se necessário.

Eu só queria assinar e pronto, me livrar daquilo. Ela ergueu o olhar para o relógio na parede, acima da minha cabeça, e disse que provavelmente seria

melhor eu pensar um pouco e, se estivesse de acordo, nos veríamos no dia seguinte. Ela me deu um catálogo com vários modelos de caixão e cores de madeira, mais um sobre os enterros no bosque e um maço de outros papéis.

Quando saí e fiquei de novo embaixo da arcada do centro comercial, fazia frio e já anoitecia. A maioria das lojas estava fechando. Fiquei ali por um instante, desorientada, me perguntando como o dia podia ter passado tão depressa.

— Você está bem?

Eu me virei e me surpreendi ao ver um homem em pé ao meu lado. Ele era alto, usava um blazer marrom com uma echarpe em torno do pescoço e, apesar de ter a cabeça raspada, era mais jovem do que aparentava ser. Ele não estava sorrindo, mas mesmo assim parecia me conhecer.

— Estou — respondi. — Está tudo bem.

— Ótimo — disse ele.

Por um instante, ele hesitou, ao meu lado. Eu o conhecia? Achei que devia saber o nome dele e, mentalmente, arrisquei alguns. Ian? Não, não era esse… Dave? Simon? O problema, ao reconhecer de repente as pessoas, era que seria possível eu o conhecer do trabalho — não como um colega, mas sim como objeto de trabalho — alguém sobre quem eu pesquisara, um nome cujo rosto me era familiar e ainda assim, com quem nunca falara, nunca falaria.

Ele pôs a mão no meu braço.

— Escute — disse ele gentilmente —, só achei que parecia estar perdida.

Sua mão continuava no meu braço, cálida e bem firme. A impressão era de que eu estava me inclinando na direção dele. Como se eu o tivesse tocado, e não ele, algo muito curioso. Ao mesmo tempo em que tinha consciência de que aquilo era estranho, injustificado — mesmo com todas aquelas camadas de roupa entre a pele dele e a minha —, ser tocada daquela maneira era reconfortante. Aquilo me consolava. Senti um conflito interior entre a parte de mim que considerava aquilo desnecessário e intrusivo, e a parte que precisava ser reconfortada.

E a palavra veio borbulhando dentro de mim, como se tivesse sido cavada até o fundo e, em seguida, liberada.

— Não — retruquei. — Perdida, não. Não estou perdida. Estou apenas…

— Como você se chama? — perguntou ele.

— Annabel. E você?

Sua mão ainda estava no meu braço e, depois, ele a escorregou para longe de

mim. Senti um frio repentino naquela parte do braço, como se uma corrente de ar passasse por ali. Ao nosso redor, as pessoas pareciam apressadas para voltar para suas casas, carregando sacos de compras, agasalhadas para se proteger da brisa que soprava pelos corredores. Tive a impressão de recuperar a consciência. Podia ouvir ruídos, pessoas falando; duas senhoras idosas saíram do salão de beleza ao lado, rindo, com capuzes de plástico transparente cobrindo os penteados recentes.

— Ed — disse ele. — Meu nome é Ed.

Seus olhos eram verde-escuros. Não me lembrava de já ter observado um par de olhos e identificado sua cor antes. Se me perguntassem qual era a cor dos olhos da minha mãe, de Kate, de Sam Everett, não seria capaz de dar uma resposta exata. Mas os olhos dele eram verdes.

— Não parece certo — falei.

— O que você quer dizer? — perguntou ele. O tom de sua voz havia mudado: soava desconfiado, prudente. Não gostei nem um pouco daquilo. Era como se tivesse havido alguma espécie de teste e eu fracassara.

— Esse não parece ser seu nome verdadeiro.

Ele riu, mostrando os dentes.

— É mesmo? Mas garanto que é.

— Ed — repeti.

— Exatamente. Você precisa se lembrar disso.

— Sei — respondi. — Bem, precisarei voltar aqui amanhã de manhã.

— Ok. Encontro você aqui amanhã.

— Tudo bem — falei.

Acho que ele falou algo mais. Ele dissera outras coisas também, coisas das quais não conseguia me lembrar.

Alguns minutos depois disso, ou talvez uma hora, ou quem sabe um dia inteiro, eu estava de volta no meu carro no estacionamento, com o motor funcionando. O aquecedor estava ligado e fazia calor lá dentro. Olhando pelo vidro do carro, na escuridão, o estacionamento parecia quase vazio. Não havia ninguém mais ao redor. Olhei o relógio e vi que já passava das seis horas. A que horas eu saíra da funerária? Parecia ter sido somente alguns segundos atrás, como se tivesse saído da loja, entrado no carro, ligado o motor e então esperado que algo acontecesse. Era como se o tempo tivesse saído do meu alcance.

— Que coisa mais estranha! — falei em voz alta.

Era como despertar lentamente. Da mesma forma quando você está deitada na cama no meio da noite e se dá conta de que está acordada, não adormecida, mas ficou deitada em cima da própria mão e ela está entorpecida, parecendo pertencer a outra pessoa e você precisa permanecer deitada, quieta, aguardando que ela volte a fazer parte do seu corpo. Era assim que eu me sentia. Mas também estava bem, confortavelmente aquecida dentro do carro.

E então percebi o que havia acontecido. Acabara de encontrar meu anjo.

Colin

VAUGHN ME LIGOU À TARDE NO trabalho para dizer que Audrey estava na casa da mãe.

Felizmente, me calei a tempo de não lhe perguntar por que ele achava que essa informação me interessaria. O expediente chegara ao fim e eu estava arrumando minhas coisas, me aprontando para ir embora, quando ele telefonou. Eu estava com pressa de chegar ao Co-op, antes de ir para a faculdade, e lá estava eu, com o casaco pendurado no braço, falando no telefone e me sentindo razoavelmente entediado.

— Ela não estava em casa — disse ele, com um entusiasmo pueril. — Não estava me ignorando, não; só tinha ido passar uns dias com a mãe. Ela disse que me avisou, mas com certeza eu não estava escutando.

— Ou então se esqueceu — acrescentei, tentando ser útil, pensando que era totalmente possível que ele estivesse sendo vítima de uma demência precoce.

— Enfim, achei que devia ligar para você ficar sabendo — informou ele. — Eu sabia que você estava preocupado.

Ignorei aquela leve sugestão sarcástica presente no último comentário.

— E você comprou um anel?

— Comprei. Estou pensando em qual será o melhor momento para fazer a proposta. O que você acha?

De todas as pessoas, ele foi perguntar logo para mim. Como se eu tivesse alguma ideia sobre aquele assunto.

— Você poderia levá-la a algum lugar — sugeri. — No fim de semana. Ou algo assim.

— Weston-super-Mare? — indagou ele.

— Não. Não para Weston-super-Mare. Um lugar romântico. Paris, Bruges. Ou talvez até Roma.

— Roma? — repetiu ele, como se eu tivesse lhe sugerido a Sibéria. — Sinceramente, eu estava guardando um lugar mais exótico assim para a lua de

mel.

— Vaughn — falei. — Agora preciso mesmo ir.

— Ah, me desculpe, meu camarada. Estou atrasando você?

— É, está.

Ele desligou e fui para casa, passando antes no supermercado para comprar algumas coisas essenciais. E, depois disso, uma dessas deliciosas coincidências aconteceu, o que me levou a supor que alguma força superior guiava minhas mãos naquele empreendimento. Saí do Co-op com a intenção de esperar um pouco por ali, para ver se detectava alguma nova vítima, qualquer uma que parecesse promissora dentre as que acabaram de perder alguém. E lá estava ela — a mulher que eu vira na fila do caixa na noite de terça-feira. E embora não tivesse me parecido pronta apenas dois dias atrás, agora ela certamente estava. Observando-a, senti um arrepio de afeto e excitação que me convenceu completamente de que acabara de encontrar a próxima.

Ela carregava uma bolsa, uma espécie de mochila de lona num tom sujo de marrom, as alças cruzadas em seu peito. Parecia pesada. Eu me perguntei por que sentira aquele tremor repentino, ao olhar para aquela bolsa, e depois, me dei conta de que era porque Helen tivera uma exatamente igual. Era a bolsa que levava para a escola — coberta por frases, assinaturas e desenhos feitos a hidrocor de várias cores, um emblema pedindo o desarmamento nuclear, e outro, maior, onde se lia “Free Mandela” e em cima do qual algum gaiato escrevera “na compra de qualquer mercadoria”.

* * *

No meu último ano em Gaviston Comprehensive arrumei uma amiga, ou algo parecido. Ela entrara na escola no último ano do ensino médio, pois no seu colégio precedente não havia curso pré-vestibular. Durante a maior parte desse período, mal notei sua presença. Era do tipo confiante, uma garota que não tinha dificuldade em fazer amizade. Ela se misturava com aqueles que saíam todos os fins de semana e, depois, passavam o resto da semana falando sobre isso.

Eu sobrevivia sem essas complicações.

Numa sexta-feira, eu estava voltando da escola e já havia escurecido, portanto deve ter sido no inverno. Helen estava indo para casa também, andando uns

cinquenta metros à minha frente, e não lhe dei atenção. Acho que, parte do caminho, ela percorreu com outra garota e então, em um determinado momento, elas se separaram e se despediram. Helen seguiu andando e eu desacelerei um pouco, devido à pausa rápida que ela fizera, pois não queria reduzir a distância entre nós.

No alto da ladeira, ela atravessou a rua principal e seguiu por um beco ao longo da parte de trás do centro municipal de lazer, para em seguida sair na Newarke Street. A ruela era iluminada somente por um poste, que ficava no meio do caminho.

Ela estava andando mais devagar, o que começou a me irritar. Reduzi meu ritmo para evitar alcançá-la, não só furioso com seu ritmo, mas também com o próprio fato de que pensar nisso estava desviando minha atenção de algo em que eu queria pensar, especificamente as dificuldades em manter a frequência de ressonância com um mínimo de corrente elétrica.

Já havíamos cruzado um quarto da extensão do beco, quando notei que havia alguém andando à frente dela, alguém que também desacelerara os passos. Alguns instantes depois disso, Helen parou de andar. Estava a ponto de entrar no foco de luz formado pelo poste de iluminação; na verdade, estava parcialmente iluminada por ele, seu cabelo formava uma auréola alaranjada em torno da cabeça. Ela olhou para trás, me viu e depois virou-se na outra direção.

Claramente, eu devo ter parecido menos ameaçador se comparado ao que ela vira à sua frente, pois logo se virou e começou a andar na minha direção, os passos ficando mais apressados. Suspirei aborrecido. Não queria ter que dar um passo para o lado para lhe dar passagem no beco estreito de modo que não nos tocássemos, não queria ter que sorrir ou acenar com a cabeça ou seja lá o que for que se deve fazer em situações como aquela.

Apesar de tudo isso, alguma coisa me chocou. É a única maneira de descrever o que aconteceu. Não acho que tenha sido a expressão dela — que era estranha. Mas sim o fato de estar olhando para ela propriamente pela primeira vez, e ela me encarando, articulando a palavra: “SOCORRO.”

Ela veio até mim e, atrás dela, vinha outra menina da mesma série, outra daquelas com as quais eu não queria ter relação alguma. Não conseguia sequer me lembrar do seu nome. Ela avançava na nossa direção e Helen ficou parada atrás de mim, sem se mover, simplesmente ficou atrás de mim, como se fosse

esperado que eu devesse fazer alguma coisa; mas o quê? Ficar entre elas? Agir como uma espécie de amortecedor físico para que pudéssemos continuar voltando para casa na mesma direção?

A situação era muito peculiar. Eu me senti constrangido com aquilo tudo. Não era medo, essa não era a palavra certa.

E estava mais constrangido com Helen se protegendo atrás de mim do que com a garota que vinha na nossa direção.

Ela trazia uma faca na mão. Eu me lembro de ter indagado o motivo de ela estar exibindo aquilo. Como se as pessoas saíssem todo dia carregando uma faca consigo, mas exibi-la assim para todo mundo era de algum modo completamente inadequado.

— Está se escondendo atrás de Colin, o Sinistro, não é? — disse a menina. — Acha que isso vai adiantar alguma coisa?

Eu estava parado e à vontade, as pernas parcialmente afastadas. Foi então que senti alguma coisa, uma excitação. A perspectiva de um confronto era algo que eu costumava evitar, mas aquele tinha um contexto que me dava permissão a me comportar de certa maneira. Afinal de contas, eu estava sendo ameaçado. Mesmo que a faca se destinasse a Helen, no momento estava apontada para mim.

— Tome cuidado, ela tem uma faca — disse Helen, de algum lugar atrás de mim.

— É, obrigado, mas estou vendo — respondi.

Bastou um soco para derrubá-la. Não pensei que seria tão fácil, e se tivesse descoberto isso antes, teria colocado um pouco mais de força para poder aproveitar ao máximo. Imagino que ela simplesmente não esperava que eu a acertasse. Eu não tinha o costume de bater em meninas, nem mesmo em meninas que vinham na minha direção empunhando uma faca, e de todas as pessoas, ela provavelmente não esperava que eu fosse lhe causar qualquer problema.

Atrás de mim, Helen soltou um grito de surpresa.

A garota, quem quer que fosse, aterrizara num monte de terra ao lado do muro de tijolos que delimitava a fronteira do jardim de alguém. Perto dali, um cachorro latia. A menina não se mexia. Eu me virei para encarar Helen. Ela estava ofegante, seu peito arfando sem parar, boquiaberta com o choque. Para minha surpresa, sob a luz do poste, vi lágrimas em sua face. Quase perguntei: “Por que você está chorando?”

Mas ela apenas olhou para a garota e depois para mim, antes de sair andando na direção de casa. Seus passos foram acelerando e de repente ela começou a correr cada vez mais rápido.

Olhei as pernas brancas da garota no chão. Ela estava estremecendo, fazendo um ruído como se estivesse sem fôlego, lutando para respirar. A faca estava no chão imundo, onde caíra.

Havia várias opções à minha frente, várias. Qualquer uma que escolhesse mudaria minha vida a partir daquele instante. Mas eu ainda não estava preparado para isso, na época. Frequentemente, volto a pensar naquela noite, já pronta para acolher o inverno, o ar frio, mas ainda não cortante, o som dos passos de Helen, correndo pela ruela, a imagem da garota com as pernas esticadas, a cabeça apoiada na base do muro, o rosto nos cacos de vidro, sujeiras e merda de cachorro acumuladas ao longo da passagem.

Foi então que eu a chutei. Não vi onde o chute acertou, e foi apenas um, só para ter certeza de que ela ainda estava viva. Não lhe disse nada. Simplesmente fui embora, na mesma direção que Helen, mas andando no ritmo de uma caminhada resoluta. Sequer olhei para trás.

Quando voltei para casa, subi e fui direto para o banheiro. Minha mãe estava na cozinha preparando o jantar. Não tinha certeza de que ela me ouvira entrando em casa; de qualquer maneira, fui para o banheiro e tranquei a porta. Havia sangue na manga da minha camisa da escola, e as articulações dos meus dedos estavam vermelhas e inchadas, embora não doessem. Não fazia ideia de onde tinha vindo aquele sangue. Coloquei a manga da camisa embaixo da torneira e esfreguei com uma escova para unhas até ficar limpa, depois coloquei a camisa no aquecedor para secar. Estava ciente do meu estado de excitação, mas apenas de um modo abstrato, até me despir e entrar no chuveiro. Era a isso que a violência me induzia?, eu me perguntava. Ou era só porque eu batera em uma garota? E então, a imagem dela caída, estendida na sujeira e no lixo do chão, quase imóvel — suas pernas brancas entreabertas — e o ruído dos passos de Helen, Helen fugindo. E o cabelo de Helen, como uma auréola em torno de sua cabeça, o formato da sua boca quando sussurrou aquela palavra para mim… SOCORRO. Eu provavelmente tinha interpretado mal toda a situação; entendera tudo errado. Mas nada disso importava enquanto eu me aliviava debaixo do chuveiro, pensando numa combinação de todas essas coisas, e o fato de que

aquilo talvez não fosse o que o mundo considerava normal nem me passava pela cabeça.

Helen começou a se comportar de forma estranha comigo, após o incidente no beco. Na escola, ela ficava me encarando. Quando estava com as amigas, me cumprimentava e as outras a cutucavam e riam dela. Na hora do almoço, ela se sentava ao meu lado e começava a falar sobre ao que assistira na televisão na noite anterior. Eu fazia de tudo para tentar evitar suas abordagens, mas, embora elas não fossem facilitadas, tampouco eram indesejadas. Toda vez que a via, eu sentia o mesmo leve abalo que sentira no beco, quando ela veio na minha direção com aquela palavra silenciosa nos lábios.

Quanto à menina que eu derrubara — imaginei que se recuperara completamente. Nunca mais ouvi falar sobre o assunto e nunca mais voltei a vê-la.

Helen não mencionava o incidente em seus monólogos, o que tornava suas abordagens ainda mais estranhas. Todas as suas amigas pareciam achar que ela ficara totalmente louca a ponto de conversar comigo. Mas isso continuou durante o verão, no nosso último semestre, quando estávamos todos sob pressão para entrar na faculdade, e o calor e as reações alérgicas piorando a cada dia.

A última prova de Helen era na quinta-feira; a minha, no dia seguinte. Ela foi para o pub com os amigos, assim que a prova terminou e, logo que acabei minha revisão na biblioteca, ela já estava indo para casa. Consegui alcançá-la porque ela andava devagar, sorrindo e cantando em voz alta.

— Colin! — exclamou ela ao me ver. — Tudo terminou. Não é incrível?

— Para mim, ainda não. Minha última prova de física é amanhã.

— Hunf, física.

Ela balançava a bolsa na altura do tornozelo e nós caminhamos na direção do beco. Tínhamos feito esse trajeto — juntos — quase todos os dias, desde o incidente no inverno, porém, não trocamos nenhuma palavra sobre o assunto. Mas naquele dia, ao entrarmos no beco, ela pareceu hesitar, embora fizesse sol e estivesse bem claro.

Nunca me sentira à vontade com uma garota antes de Helen, e havia levado meses desde que ela começara a sorrir para mim e a conversar comigo para que eu passasse a confiar nela. Mas nas últimas semanas, justamente naquele verão tenso, cheio de estudos, pressão e profunda concentração, eu começara a me

perguntar se ela se sentia atraída por mim. Uma vez que essa ideia entrou na minha cabeça, não saiu mais, e passei a tentar interpretar tudo o que ela dizia, todos os breves comentários, as risadas, como se talvez fosse seu jeito de flertar comigo.

Para mim, não fazia sentido algum o sistema complicado de interação entre os sexos. O modo como as garotas ficavam paradas ou se moviam. Aparentemente, era possível saber se alguém gostava de você pelo jeito como a pessoa se comportava quando você estava por perto.

Era o último dia de Helen no colégio. As provas haviam terminado, ela não tinha mais motivo para aparecer por lá e preencheria o resto do verão com dias preguiçosos, pegando sol e fazendo compras, viajando com os pais e saindo à noite com as amigas. Aquela seria nossa última caminhada juntos para casa. E minha última chance de descobrir se havia algo a mais naquilo tudo.

— Você podia me ligar — disse ela enquanto andávamos. — Nós podíamos nos encontrar, sabe. Se você estiver a fim.

— Ou então, você podia me ligar — falei, já sabendo que ela não faria isso.

— Anote seu telefone na minha bolsa — pediu ela, pegando um hidrocor preto na sua mochila de lona e arrancando a tampa com os dentes.

Não tive escolha, senão obedecer. Havia um pedaço pequeno ainda não utilizado na parte de dentro da aba da bolsa, e ela apoiou a mão do outro lado para aplainar o tecido enquanto eu escrevia o número do meu telefone, seguido do meu nome em letras maiúsculas. A tinta se dissolveu um pouco na lona e eu me perguntei se ainda estaria legível mais tarde. A cabeça dela estava perto da minha, raios de sol iluminando seu cabelo. Devolvi-lhe a caneta e continuamos andando.

— Helen — chamei, ao chegarmos no fim do beco.

— Hum? — respondeu ela, parando de andar assim como eu. Parecia sonolenta, os olhos semiabertos, uma das mãos fazendo sombra para protegê-la do sol, enquanto tentava olhar para mim.

Eu não conseguia pensar em mais nada para lhe dizer, então a beijei. Empurrei-a delicadamente no muro e a beijei. Mesmo agora, não sei como eu imaginava que seria, mas estava despreparado para a reação dela, e quando ela correspondeu, emiti um som que pareceu assustá-la, fazendo com que se afastasse de mim.

— Colin? Está tudo bem.

Então a beijei de novo, e dessa vez também foi embaraçoso. Eu era bem mais alto do que ela e meu pescoço estava inclinado num ângulo desconfortável para facilitar o beijo.

Quando acabou, me lembro de ir andando para casa — não exultante, nem um pouco, mas decepcionado. Então era só isso?, lembro-me de ter pensado. Aquela sensação quente e viscosa de ter a língua de outra pessoa encostando na sua? O gosto do chiclete de hortelã e da cerveja que ela bebera… Por pouco não estremeci.

A prova final baixou minha nota de A para B, e eliminou de fato minhas chances de conquistar uma vaga em Oxford ou Cambridge. Nunca mais vi Helen. Ela nunca me ligou, é claro, e possivelmente isso acabou me causando certo alívio.

Enquanto eu conversava com a mulher mais cedo, naquela noite, em frente a agência funerária do centro comercial, olhei para baixo — só uma vez — e vi a bolsa de lona que carregava e me perguntei se caso a abrisse encontraria meu nome escrito ali com a ponta de um hidrocor, ao lado de um número de telefone desbotado no tecido.

* * *

De qualquer modo, Vaughn entrou em contato com Audrey, portanto, tudo vai bem no mundinho dele. Não sei se tomou a decisão de lhe pedir em casamento. Mas acho divertido tentar imaginá-los em diferentes situações e qual delas ele escolheria para executar a façanha… ajoelhado, no cinema? Mergulhando de cilindro? Assistindo a televisão comendo um prato requentado no micro-ondas, cada qual em sua mesinha dobrável?

Estou sendo indelicado. A refeição que serviram fora perfeitamente aceitável, e estou mesmo feliz pelos dois, apesar de Audrey ter dado em cima de mim de forma audaciosa na outra noite. Ela foi meio, como diria, atrevida.

Estou ansioso para ler a edição de amanhã do *Briarstone Chronicle*. Pretendo comprar um exemplar a caminho do trabalho e, depois, espero lê-lo no carro antes de chegar lá. Desconfio que vou achá-lo bastante… divertido. Em seguida, é claro, tenho que cuidar da minha nova descoberta. Tenho que me certificar de

que não ficarei disperso demais por causa do jornal, a ponto de perder a oportunidade de observar essa nova criatura se transformar.

Imagino se, rapidamente, eu dissesse alguma coisa um pouquinho — inoportuna — para Audrey e ela tomasse a mesma decisão das outras? Não era de modo algum minha intenção. Mas me pergunto, às vezes, se não sou simplesmente bom demais nisso. Talvez eu não tenha plena consciência de como esses poderes são excepcionais. Ou talvez eu esteja ficando tão à vontade que começo a confundir os limites entre o que é e o que não é aceitável.

De qualquer maneira, como eu digo, estou feliz que ela tenha reaparecido, bem e em segurança. Audrey sobrevive para enfrentar mais um dia… e quem sabe, com ou sem pedido de casamento, eu conseguirei encontrar uma oportunidade para tentar dar outro bote nela, um dia desses. Talvez eu devesse retribuir a gentileza e convidar os dois para jantar na minha casa. O que pensariam disso, eu me pergunto, desse casarão em estilo eduardiano? Aposto que ficariam surpresos ao ver que moro num lugar como aquele, e sem hipoteca a pagar, tampouco, é claro — todo o meu salário para eu fazer o que bem entender com ele. E, quando minha mãe finalmente resolver assumir seu lugar no reino da eterna danação, meu nome também estará na escritura.

Briarstone Chronicle *Outubro*

Denúncia leva à descoberta de mais dois corpos. Polícia caça o assassino

A polícia de Briarstone confirmou o início de uma investigação de homicídio, após a descoberta de mais dois corpos no bairro, na noite de terça-feira e na manhã de quarta-feira, revelou hoje um porta-voz da polícia. Dana Viliscevina, 30, originária da Sérvia que estava morando na Hawthorn Crescent, em Carnhurst, foi descoberta após o Chronicle receber por telefone a denúncia de uma mulher que afirmava saber o paradeiro de outros corpos abandonados. A denunciante desligou sem informar seu nome. Ontem, uma fonte da polícia disse que um segundo corpo havia sido encontrado. A segunda vítima foi identificada como Eileen Forbes, 45, residente na Oak Tree Lane, em Briarstone. Acredita-se que a Sra. Forbes tenha morrido somente poucas horas antes de ser encontrada, mas nossa fonte confirma que sua morte está estritamente ligada à investigação em andamento.

A Sra. Viliscevina trabalhava na escola primária St. Margaret's Church of England, em Newington, como professora assistente. A diretora da escola St. Margaret's, Bethan Davis, disse ontem que a Sra. Viliscevina estava havia muito tempo de licença médica. "Não fazíamos ideia", disse ela ontem. "Eu mantinha contato regularmente com ela e seu estado parecia melhorar. Todos nós esperávamos que voltasse logo ao trabalho. As crianças ficaram bem abaladas." Um serviço de apoio psicológico foi acionado para atender aos alunos que tiveram a Sra. Viliscevina como professora no início deste ano.

Os dois corpos descobertos esta semana levam a um total de 26 cadáveres encontrados até o momento, na área de Briarstone, desde o início do ano. A campanha "Ame seu Vizinho" foi lançada pelo Briarstone Chronicle *num esforço visando transmitir a importância de cuidar das pessoas solitárias e*

vulneráveis de nossa sociedade. Todavia, parece claro, considerando a denúncia telefônica, que o aumento do número de corpos em decomposição em Briarstone não se trata de uma coincidência aleatória, e tampouco retrata uma falha da comunidade em cuidar de nossos vizinhos. Atualmente, a polícia procura um indivíduo que pode ter tido contato com todas as pessoas que foram encontradas mortas, esperando descobrir exatamente como elas faleceram.

Quem tiver qualquer informação relacionada à morte de Dana Viliscevina deve telefonar para a polícia de Briarstone.

É bom lembrar também que nunca é tarde para conferir como estão seus vizinhos!

Segundo o inspetor Andy Frost: "Todos nós temos o dever de cuidar das pessoas que sabemos que moram sozinhas. Há várias pessoas vulneráveis em nossa comunidade e as notícias recentes indicam que devemos cuidar delas e não deixar que outra pessoa faça isso."

Dana

Faz anos que estou neste país, mas nunca o considerei um lar. Vim para cá pois queria fugir da guerra civil que se intensificava, das histórias que escutávamos sobre os soldados atacando as aldeias e as cidades ao norte, e as coisas que faziam. Peguei todo o dinheiro que tínhamos economizado e paguei a passagem para meus pais idosos e para mim. Primeiro, fomos de navio até a Sicília, onde desembarcamos na véspera do Natal. O lugar estava caótico. Outras pessoas tentavam seguir para o norte, para o centro da Europa, pegando carona com caminhoneiros, ou se escondendo em contêineres, quando era possível.

Meus pais não tinham condição de fazer isso. Na época, minha mãe já estava doente, cuspindo sangue e muito fraca. Meu pai tinha uma artrite grave e estava com dificuldade para andar. Ainda nos restava algum dinheiro e eu sentia que era perigoso que eu ficasse com ele, então comprei passagens de avião para nós e dois dias após o Ano-Novo aterrissamos em Londres.

O aeroporto fechou após nossa chegada, por causa do mau tempo. Fomos levados para um asilo em algum lugar fora da cidade. Minha mãe foi

transportada para o hospital e faleceu no dia seguinte. Teve pneumonia e demoraram demais para lhe dar os remédios que poderiam ter ajudado a salvar sua vida.

Meu pai tentou seguir em frente sem ela, mas não conseguiu. Morreu um mês depois devido a um “infarto do miocárdio”, segundo o atestado de óbito. Mas a verdade é que ele não via razão para viver sem ela. Não lhe restara mais vontade ou força. E assim, ele também me deixou.

Esta é a história de como vim parar nesse país. Na minha terra, eu era professora do ensino fundamental e um membro bem respeitado da sociedade. Aqui, eu não era nada. Ganhava dinheiro servindo mesas nos restaurantes de Londres, ajudando na cozinha. Durante algum tempo, trabalhei num hotel londrino. Fazia qualquer coisa para poder pagar o aluguel do conjugado que eu dividia com três outras meninas do leste europeu, todas refugiadas, assim como eu, de guerras civis e limpezas étnicas. Todas tinham histórias para contar sobre o que viram, e o que enfrentaram para conseguir escapar. Todas as três tinham sofrido mais do que eu.

Economizei o máximo que pude e, finalmente, juntei dinheiro suficiente para fazer um curso que me qualificava como professora assistente no Reino Unido. Procurei emprego por todo o país e, por fim, consegui ser contratada na escola primária de Briarstone.

Nunca ouvira falar de Briarstone antes, embora ficasse mais perto de Londres do que todos os outros cargos aos quais eu me candidatara. Era uma escola pequena, agradável e os funcionários eram gentis — mas eu não tinha nada em comum com nenhum deles. Eles não me conheciam e não fazia sentido lhes contar o que acontecera comigo nos últimos anos.

Não sei o que desencadeou o problema. Fiquei na escola por um bom tempo. Vi as crianças progredindo, do maternal até chegarem à puberdade, e depois, foi a vez de ver o crescimento dos irmãos mais jovens.

Acho que pode ter sido pelo fato de eu estar me sentindo cansada há tanto tempo, de ter lutado por um longo tempo para seguir em frente. Eu sentia que minhas forças estavam no fim e estava tão exausta que após fechar os olhos todas as noites era uma luta para voltar a abri-los pela manhã. Acho que se eu tivesse encontrado alguém, um amigo, um namorado — alguém para me fazer companhia, um motivo para ser feliz — então talvez tivesse ficado viva. Mas

simplesmente não restara mais nada. Nenhuma força, coragem ou energia. E em casos assim, a única solução é ficar deitada, calma, e esperar.

Eileen

não houve ato de violência perpetrado contra minha pessoa nenhum Ato de Violência nenhum ato de violência nenhum Ato. Não houve violência eles disseram que viriam até mim um dia e eles vieram me disseram o que falar quando falar e o que fazer quando falasse

não foi violência não machucou

foi a escolha que fiz escolha de minha livre vontade meu próprio destino a distância entre nós parecendo espaços como o vazio no meu coração as vozes em meu coração as profundezas da minha alma as profundezas do meu desespero

você pode arrancar isso de mim essa dor esse sofrimento pode arrancar de mim e fazer com que desapareçam

me faça desaparecer

paz na paz em pedaços

minha escolha minha decisão minha profanação minha vontade meus ossos minha alma meu caminho que escolhi fiz do meu jeito e vocês não podem tirar mais nada de mim agora não podem tirar nada

Annabel

DORMI BEM. FOI A PRIMEIRA COISA que passou pela minha cabeça quando acordei. A gata estava me chamando da beira da escada, e despertei no mesmo instante, me sentando na cama e olhando para o sol fraquinho clareando os galhos das árvores no meu quintal. Tinha dormido bem, e para variar, estava me sentindo otimista, pronta para encarar as coisas. Pronta para fazer o que precisasse ser feito.

Eram quase oito horas. Eu me vesti depressa e desci para alimentar Lucy, que trotava toda serelepe à minha frente, a caminho da cozinha, o rabo erguido como um ponto de interrogação.

Lá pelas nove, eu já estava de volta ao estacionamento do centro comercial. Fazia um dia bem mais bonito. Lá no alto, o céu de um azul cintilante manchado por algumas nuvens de algodão branco recentemente lavadas, e a chuva que caíra durante a noite deixara tudo brilhando. O anjinho que balançava no meu espelho retrovisor parecia dançar, animado.

Eu não sentia nada. Nada, a não ser uma necessidade instintiva de seguir em frente, um passo após o outro, ir em frente, completando uma tarefa de cada vez, um dia de cada vez, até que tudo chegasse a uma espécie de fim. De repente, eu me senti tão cansada. Completamente esgotada.

Meu celular tocou no instante em que eu trancava o carro. Era Andy Frost. Depois das condolências iniciais, ele hesitou.

— Eu só… só queria dizer que pode ter o tempo que você precisar. Só queria que mantivéssemos contato, para saber se você está bem. E se há algo que podemos fazer…

Tentei escutar, tentei prestar atenção, mas não parava de pensar que eu tinha algo importante a fazer e aquela conversa por telefone estava me atrapalhando.

— Acho que eu deveria voltar ao trabalho — falei, esperando que isso fosse fazer com que se calasse.

— Nada disso, você deve dar mais um tempo, deve, sim. Pelo menos duas

semanas. É uma licença por falecimento de familiares, não precisa se preocupar.

— Está bem, então.

— Está tudo certo, Annabel — prosseguiu ele. — Estamos mantendo tudo sob controle. Vamos precisar de você quando estiver pronta, não antes.

Mordi o lábio. Haviam me substituído, pensei. Tinham convocado um dos outros analistas, talvez até Kate, para fazer todo o trabalho. Era *meu* emprego! Eles não teriam a menor pista por onde começar se não fosse pela minha planilha. Pois bem, agora podiam se virar sozinhos. Não era mais problema meu, não é?

— Está certo — assenti.

— Então, não precisa se preocupar com nada. Estamos avançando com o caso, não fique inquieta.

— Vocês não precisam de mim — afirmei, constatando um fato.

— Annabel, vamos ficar bem. Por mais que eu queira acreditar que podemos resolver isso da noite para o dia, o caso vai continuar aqui, esperando você voltar, quando estiver pronta. Está bem?

Desliguei e algo estranho aconteceu. Fiquei imóvel e esperei. Após alguns instantes, me senti calma, o ressentimento e a frustração se dissiparam. Tive a impressão de que deveria estar mais aborrecida, mais preocupada com aquele telefonema, mas eu já mal conseguia me lembrar do que ele dissera. Estava cansada demais para me concentrar naquilo. E depois, só de pensar nisso eu me sentia exausta.

Havia algo que eu precisava fazer. Enquanto andava em direção ao centro comercial e à agência funerária, um arco-íris surgiu brilhando no cinza dos prédios de concreto. Pareceu um sinal, algo positivo, algo a que me agarrar.

Colin

HOJE CEDO, LIGUEI PARA O TRABALHO, lhes disse que tiraria a manhã de folga e, em seguida, fui para o centro comercial conforme planejado, com o intuito de me encontrar com minha nova descoberta. Ela foi mais fácil do que pensei — aquiescente e madura, uma imensa mudança em relação ao que eu vira no supermercado na noite de terça-feira. Tratava-se evidentemente de um luto. Em geral, este é o caso. Enquanto esperava por ela, fui até o Co-op e comprei o jornal e um pouco de leite.

Ela me aguardava em frente à agência funerária. Pensei que ela me dissera que tinha um compromisso, mas, se era verdade, ela se esquecera completamente. Aquilo me aborreceu, porque eu pretendia passar algum tempo sozinho para poder ler o jornal — mas isso teria que esperar. Ela me disse onde morava e eu a segui até lá, deixando minhas compras na parte de trás do carro. Conversamos um pouco na cozinha dela. O gato estava do lado de fora, miando e arranhando a porta e, por um momento, pensei que ela fosse abrir e deixar aquele bicho infernal entrar. Eu lhe disse que não havia nada melhor do que silêncio e paz. Não ter nada mais com o que se preocupar. Aquilo pareceu funcionar, pois o gato foi ignorado. No final, acho que ele acabou desistindo, porque quando subimos a escada, o barulho tinha cessado.

Deixei-a sozinha cerca de uma hora mais tarde e voltei para minha casa com as compras. Será necessário termos mais conversas como essa, antes que ela esteja pronta, mas isso pode esperar, por ora.

Sinto um arrepio de excitação ao abrir o jornal.

Há menos informações do que eu esperava encontrar. Sim, acharam Dana e Eileen, como eu sabia que fariam. Sim, eles muito sensatamente perceberam que há algo mais ligando essas pessoas do que só a depressão e a falta de atenção dos vizinhos. Mas o que estão fazendo quanto a isso? Muito pouco, ao que parece.

Mas será que manteriam o *Briarstone Chronicle* atualizado com os detalhes da investigação? Bem improvável. Eu me pergunto se não fiz uma grande besteira,

permitindo que soubessem das minhas atividades.

Quando chego ao trabalho, me sinto tomado por uma tensão nervosa crescente e mal consigo me conter. Eu me sento à mesa e ligo o computador sem falar com ninguém, esperando que as planilhas de contabilidade consigam me deixar calmo novamente.

Do outro lado da sala, Garth está respirando ruidosamente pelo nariz. Quando nos mudamos para aquele escritório, vindos do térreo, há um ano, no mês de dezembro, acabei ficando com a mesa bem em frente a de Garth. Ele invariavelmente cheirava mal, à mofo e fazia muitos barulhos: não era sequer capaz de respirar em silêncio. Se não estava respirando, estava roncando, ou cantarolando, ou rindo sozinho, resmungando, batendo nos dentes da frente com a ponta de um lápis, ou passando a mão compulsivamente pelo cabelo oleoso e escasso, ou coçando a barba curta, lambendo os lábios, pigarreando, ou se inclinando em sua cadeira, deixando a camisa se soltar do cinto e assim exibindo uma parte de sua barriga branca e peluda.

Aturei isso por um dia e meio. Depois, procurei Martha e lhe disse que precisava ficar próximo da janela porque eu era claustrofóbico. Não conseguiram convencer Alan a trocar de mesa comigo, então, me deslocaram para um espaço exíguo ao lado da xerox, atrás da qual havia uma janelinha que dava para o estacionamento. Bastava para mim. Estou longe de todos os outros. E embora ainda possa vê-los e ouvir suas conversas imbecis, posso me concentrar tranquilamente no meu trabalho sem as percussões dissonantes das funções corporais de Garth.

Isso é fácil, desde que Garth esteja em boa condição de saúde. Mas, se ele não estiver bem, como é o caso hoje, os níveis de ruído aumentam a tal ponto que consigo ouvi-lo do outro lado da sala, apesar do espaço entre nós. E seu cheiro percorre o ambiente como um gás mostarda atravessando as trincheiras. Os ruídos: catarro, mucos, nariz sendo assoado, as suas escavações nasais com o lenço; e então, os suspiros, os gemidos, os chiados.

Procuro o iPod dentro da minha bolsa, que pelo menos abafará os sons das enfermidades recentes de Garth, mas para minha decepção descubro que o deixei em casa.

No final, resolvo falar com ele.

— Garth.

Ele não me escutou, pois naquele exato instante estava assoando o nariz com um lenço, o barulho úmido de um par de botas de pescaria sendo atirado do último andar de um edifício-garagem.

— Garth!

— O quê? Não estou ouvindo direito — berra ele do outro lado da sala. — Meus ouvidos estão entupidos.

— Você se incomoda em fazer menos barulho? — peço bem alto, tentando manter um tom cordial.

— Sinto muito, cara. Vou tentar.

Aquela familiaridade me faz estremecer.

— Deixe-o em paz — intervém Martha, erguendo o olhar atrás da tela de seu computador. — Ele não está bem.

E então seu telefone toca, antes que possa dizer mais alguma coisa ou que eu consiga formular uma resposta, e sou obrigado a ouvir sua conversa com uma de suas colegas da Contabilidade, rindo e fazendo piada, como se estivessem numa mesa de bar e não num ambiente de trabalho. Por que todos eles são tão BARULHENTOS?

Olho para a planilha, mas não consigo me desligar deles, e agora, Garth começou com uma crise de tosse que está me deixando enjoado de verdade. Quase consigo ver os germes vindo pela sala na minha direção. Eu me levanto, jogando a caneta em cima da mesa e vou até a cozinha. Nenhum deles percebe.

Na cozinha, depois de desinfetar a mesa, encher a chaleira com água fresca e lavar as mãos, fico ali em pé, esperando a água ferver. Alguém deixou por ali um exemplar do *Briarstone Chronicle*, outra vez, e apesar da aflição dolorosa que ainda restou no meu peito, acabo relendo a matéria.

Vinte e seis, dizem eles. Será que foram mesmo tantos assim? Mas também, deve haver alguns que não têm nada a ver comigo, e o jornal e a polícia não seriam capazes de encontrar a diferença.

Olhando as fotos, eu me lembrei daqueles que conheci… que sensação deliciosa a de deixá-los para trás para passarem pela transformação: espécimes vulgares, imundas e nojentas da humanidade pairando entre a desgraça da vida e o vazio da morte. Depois de deixá-los, eles têm um momento de transição e então tudo fica bom, puro; não restam mais decisões a tomar; tudo o que se segue é ditado pela natureza. Suas transformações obedecem às leis imutáveis da

deterioração, regras das quais não se pode desviar. Há uma beleza e uma simplicidade nisso que é exatamente a mesma de quinhentos anos atrás. Inalterada assim como a trajetória da Terra. O processo desnaturado do mundo moderno sendo finalmente superado pela natureza, de modo tão glorioso e inevitável quanto a própria vida.

Annabel

EU ESTAVA DEITADA NA MINHA CAMA, olhando as tramas de luz dançarem no teto. Tinha a impressão de ter dormido e acordado, mas não me lembrava de ter despertado. O sol brilhava lá fora e refletia em algo que cintilava no meu quarto. Devia ser a luz do dia. Talvez já estivesse de tarde.

Olhei para o relógio ao lado da cama e notei que marcava 12:05. Devo ter me sentido cansada e resolvi dar um cochilo, mas tinha somente vagas lembranças de ter voltado para casa. De manhã, estive… em algum lugar… de carro. Estacionei o automóvel e vi um arco-íris. Disso eu me lembro, com certeza. Frost tinha me ligado. Falei com ele quando estava no estacionamento observando o arco-íris. E depois… para onde fui?

Estava conversando com alguém. Eu me lembro de ter conversado com uma mulher em algum lugar, durante um bom tempo — mas isso foi ontem à noite ou hoje de manhã? Estava escuro lá fora — então deve ter sido ontem à noite.

Mas de qualquer maneira isso não importava, não é mesmo?

Eu me sentei na cama, lentamente, sentindo tontura e uma onda de náusea. Meu estômago fazia barulho e pensei em descer e preparar algo para comer, mas ao mesmo tempo não estava precisando muito. Nada disso era necessário.

— Seis horas — disse ele.

Por algum motivo, não parei de pensar nisso. Seis horas. O que aconteceria então? Algo de que eu precisava me lembrar… algo que eu tinha de fazer. Às seis horas. Ele disse que eu não precisava me preocupar e eu não estava preocupada, mas pensei que deveria me lembrar de alguma coisa que não parecia mais estar ali. Tinha ido embora, o que quer que fosse, esquivo e escorregadio, como um peixe escapando em meio a algas marinhas.

Pude ouvir um ruído familiar vindo lá de baixo, algo sendo arranhado de maneira irritante e persistente. Uma batida, remota, como se alguém tentasse entrar na casa. Arranhões.

Isso teria que esperar, independentemente do que fosse. Poderia esperar até as

seis horas e então alguma coisa aconteceria. Diminuí o volume dos arranhões na minha cabeça, apaguei-o. Então me concentrei no arco-íris e no anjo, meu anjo.

Fiquei olhando para o relógio até quase seis horas. Depois, saí da cama, desperta e pronta para qualquer coisa que tivesse que fazer. Já estava vestida, mas sentia frio. Encontrei meu casaco pendurado no corrimão, no alto da escada e o vesti.

Desci até a cozinha e, na porta dos fundos, pude perceber a forma da gata atrás da portinhola. Ao me ver, ela se ergueu sobre as patas traseiras e arranhou a porta, atirando-se na direção dela. Era esse o barulho que eu ouvira. Olhei para a gata e me perguntei por que ela não passava pela portinhola, se queria entrar.

Um telefone estava tocando, fui até a sala, seguindo o som. No sofá havia uma bolsa, minha bolsa, e o som vinha de dentro dela. Olhei para o telefone e estava escrito “RESTRITO”.

Apertei o botão verde.

— Alô?

Ele me disse algumas coisas. Sua voz soava calma, uniforme e reconfortante, muito embora eu não me sentisse transtornada ou aborrecida. Eu estava tão calma. Era como se estivesse flutuando na superfície de uma água morna, deixando as ondas me levarem para algum lugar onde eu ficaria confortável e em segurança.

— Eu preciso fazer alguma coisa — falei.

— Lembre-se de botar o telefone para carregar — respondeu ele. — Eu já lhe falei sobre o carregador. Está dentro da sua bolsa. Quando acabarmos de conversar, você deve conectar o telefone no carregador imediatamente. Está entendendo?

— Estou. Você me falou sobre o telefone.

— Exato. Você pode fazer isso quando acabarmos essa conversa.

— Tem outra coisa — falei. — Eu devia fazer outra coisa…

— Não. Tudo já foi feito, Annabel. Tudo o que você fizer é porque decidiu que fosse assim. Está tudo bem. Você está bem. Está segura dentro de casa.

— Estou — concordei. — Eu me sinto segura.

— Vou visitar você em breve, mas não precisa se preocupar com isso. Agora, pode dormir, volto a ligar amanhã. Às seis horas. Está entendendo?

— Às seis horas — repeti. — Ok.

Então, ele se despediu e o telefone ficou mudo na minha mão. Fiquei um instante olhando para ele. Aquele telefone não era meu. Era pequeno e preto e tinha uma tela pequenininha. Procurei meu telefone na bolsa — grande, volumoso, um modelo antigo —, mas não estava lá. Em vez disso, achei o carregador, levei-o até a cozinha e o conectei na tomada ao lado da chaleira. Enfiei a outra extremidade na parte debaixo do telefone. A tela se acendeu e uma luzinha começou a piscar com a palavra “CARREGANDO”. Deixei o telefone ali.

Fiquei imóvel na cozinha. Um barulho vinha da porta dos fundos, mas era um ruído normal e parei de prestar atenção. Depois, subi a escada e fui me deitar na cama. Ainda estava vestindo o casaco. Sentia-me aquecida, segura, em casa. Tudo estava bem. Não precisava fazer nada. Só ficar deitada e esperar dar seis horas.

Colin

PARECE BIZARRO QUE A CASA DELA seja vizinha da outra que visitei meses atrás. Deve ser uma rua cheia de suicidas potenciais. Desgraça gera desgraça, afinal de contas — contagiosa, a densa atmosfera do desespero. Eu deveria ter esperado. E é claro, foi ela quem encontrou Shelley, foi ela quem me deu o maior susto na noite em que eu estava visitando aquela casa. Ouvi o som de vidro sendo quebrado na porta dos fundos e fui até o corredor, pensando em escapar pela porta da frente, mas algo fez com que eu continuasse ali. Tenho uma forte tendência protetora para com meus amigos, especialmente quando eles ainda não completaram o processo de transformação, e pensar que a metamorfose de Shelley podia ser interrompida por algum jovem delinquente era mais do que eu poderia suportar. E então, ouvi sua voz dizendo alguma coisa — "Olá", "Tem alguém aí?" — ou algo parecido, por isso, fiquei parado no corredor. Eu sabia que ela não vasculharia a casa, quem quer que fosse. Ela chegaria no máximo até a sala de estar, até Shelley, não mais longe que isso.

Eu estava intrigado com a ideia de observar a reação de outra pessoa ao se deparar com Shelley em estado de putrefação. Afinal de contas, sei que não sou normal, mas sempre há a possibilidade de outras pessoas enxergarem nesse quadro a mesma beleza que eu vejo e, quem sabe, talvez tenha encontrado alguém com quem compartilhar tudo aquilo. Ou então, isso acrescentaria uma nova dimensão, voyeurística e erótica, a todo o processo.

Ela estava tão magnificamente calma. Não gritou, nem vomitou, sequer se virou. Vi pela brecha da porta que dava para o corredor que ela ficou ali parada, observando Shelley por um bom tempo, a expressão serena, somente sua respiração ofegante denunciando o choque pelo qual passara.

Eu não a reconhecera no supermercado, é claro — estava fora de contexto —, mas é maravilhoso que seja ela minha próxima missão. Adoro a simetria em todas as coisas. Observá-la testemunhando a deterioração de outra chega a ser poético.

Annabel

ABRI OS OLHOS E NÃO ME senti sozinha.

O quarto estava escuro, mas meus olhos se adaptaram e, depois de um momento, pude ouvir uma respiração que não era a minha.

Ergui a cabeça. Foi preciso um grande esforço, como se ela fosse feita de ferro, e meu pescoço, de borracha.

Havia um homem sentado numa cadeira ao lado da porta. Ele estava me vigiando. A luz da janela incindia no quarto como um halo alaranjado e iluminava seu rosto. Ele sorriu para mim, e me senti segura e tranquila, porque sabia que ele era o meu anjo e estava ali, tomando conta de mim.

— Durma — disse ele, sua voz não passava de um sussurro.

Os anjos falavam comigo com uma voz que era apenas um murmúrio, um suspiro. Eles me acolhiam em seus braços e me apoiavam em momentos de dificuldade. Quando estava sozinha, ou assustada, os anjos apareciam.

Eu me encostei no travesseiro e fechei os olhos.

Colin

PRIMEIRAMENTE, ASSIM QUE ESCURECEU, FUI ATÉ a casa na Newmarket Street. Não encontrei vaga para estacionar o carro, o que foi um pouco irritante. Acabei parando num espaço reservado para moradores na rua seguinte e voltei andando até a casa. Não vi sequer uma pessoa no caminho e, embora tenha verificado minha retaguarda antes de atravessar do jardim até a porta da frente, a rua estava silenciosa e deserta. Usei a chave sobressalente que ela me dera e, ao abrir a porta, um vulto entrou, atravessando como um dardo meu campo de visão — aquele maldito gato, sem dúvida. Fechei a porta e fiquei só escutando por um instante. O único som vinha do gato, miando de um cômodo dos fundos da casa. Fui até lá e achei ração dentro de um armário. Joguei um pouco do conteúdo dentro da tigela que estava no chão. Teria que deixá-lo sair novamente, e talvez devesse colocar um pouco de comida lá fora, para que ficasse quieto.

Lá em cima, ela dormia profundamente na cama. Encontrei uma cadeira perto da escada e a levei para o quarto, assim poderia me sentar e observá-la por um tempo. Ela estava tão imóvel e quieta que era quase possível imaginar, fingir que já havia morrido, que eu chegara no momento perfeito, no início do processo — as últimas respirações, exaladas dentro da atmosfera estagnada do quarto, as batidas cardíacas desacelerando, as células sanguíneas parando de correr pelo corpo, a tensão sumindo de cada músculo. Tudo apaziguante e calmo.

Em geral, só começo a me sentir excitado quando o processo de deterioração tem início, mas me imaginar ali no momento exato em que ela passasse da vida à morte era emocionante. Mudei de posição na cadeira para desfazer o repentino desconforto, e estava começando a abrir minha calça quando a ouvi suspirar. Meus gestos devem tê-la perturbado, pois a fizeram erguer a cabeça, abrir as pálpebras e olhar para mim.

Esbocei um sorriso benevolente e reconfortante.

— Durma — sussurrei.

Ela adormeceu novamente. Aquele momento perfeito e imperturbável se fora,

e com ele minha excitação.

Alguma coisa roçou na minha perna e me assustou — o maldito gato outra vez. Eu me levantei, peguei-o com uma das mãos pela barriga e o levei para baixo, até a cozinha. A essa altura, ele já se contorcia e se debatia em meus braços. Destranquei a porta dos fundos e meio que o joguei, o larguei na noite.

Quando voltei para dentro de casa, levei meia hora até me livrar dos pelos do gato que ficaram na minha calça, usando uma fita adesiva. Não o alimentarei mais.

* * *

Já é tarde da noite e estou no computador com um copo de puro malte, explorando o mundo a partir da escuridão do meu escritório. Ouço Shostakovich. Estou muito mal-humorado esta noite para pensar em pornografia: será preciso buscar inspiração em meus livros.

Primeiro, biologia, e o tópico importante desta noite — os detritívoros, o assunto escolhido devido às imagens que vi depois do trabalho. Edward, acho que era este seu nome, ou talvez Eloise, aquele que se vestia como mulher e me enganou totalmente, até me confidenciar os detalhes de sua família miserável. Ele ou ela deixara a janela aberta no primeiro andar e, é claro, como nunca interfiro nos processos naturais, a janela permanecera aberta e, em consequência disso, os detritívoros chegaram logo e se fartaram.

Minhas fotos digitais costumam ser bem estáticas, mas as que fiz de Edward foram um verdadeiro dramalhão.

Detritívoros — organismos vertebrados ou invertebrados que consomem matéria orgânica em decomposição — são atraídos para os seus alimentos pelo odor. Diferentes odores são produzidos como derivados do objeto em questão em diversos estágios do processo de decomposição, o que significa que o consumo, a reciclagem ou a destruição (como preferir) do morto é realizado por uma variedade de detritívoros. Em outras palavras, não se trata de uma comilança frenética. As moscas varejeiras gostam de alimento fresco. As larvas das traças tineídeas e piralídeas só consomem restos pútridos quando estão secos e não aparecem até que as varejeiras tenham terminado. É um banquete que a natureza organiza cuidadosamente por estágios, uma série de processos dispostos uns

após os outros, com os aromas perfeitos — para atrair apenas os convidados que apreciarão cada sabor — oferecidos precisamente nos momentos exatos.

Quando acabei de me deliciar com minha paixão pela biologia, guardei as imagens e os cadernos no esconderijo deles e passei para o tópico menos controverso da Programação Neurolinguística.

O professor do curso de PNL chama-se Nigel. Ele trabalhou na bolsa de valores, um tempo atrás, sem ser muito bem-sucedido inicialmente, até descobrir a PNL. Depois disso, se dermos crédito ao que diz, teve tanto sucesso que foi capaz de se aposentar com trinta e dois anos. Concluíra que a vida de corretor era estressante demais e passou a trabalhar como professor em meio período. E é assim que ele divide seus conhecimentos conosco.

Justiça lhe seja feita, ele é quase sempre bem divertido. As aulas em grupo começam com uma estrutura aparentemente firme, mas em seguida caímos em piadas engraçadas sobre as experiências de Nigel na bolsa — ou então sobre as tentativas de um ou outro participante de pôr em prática as técnicas aprendidas — e no final da aula, o professor revela com um floreio dramático que, depois de nos treinar por tanto tempo, o que aprendemos hoje foi realmente algo bastante inusitado.

Em certa ocasião, quando ele afirmava estar nos ensinando a desviar uma conversa do confronto e conduzi-la no sentido de chegar a uma solução, acabou nos contando uma história sobre como ele usava a PNL para dormir com a mulher que quisesse.

Naquela noite, éramos seis na sala de aula. Lisa não estava presente, por algum motivo, deixando Alison com cinco homens. Alison trabalhava num banco. Seu interesse com aquele curso era aprender um meio de aumentar sua confiança ao lidar com os clientes, especialmente os mais complicados. Ela queria se tornar capaz de transformar uma reclamação numa venda.

Era possível perceber que Nigel estava guardando esse tópico em particular pelo seu jeito de saborear a expectativa ao contá-lo. Alison estava inquieta em sua cadeira, assim como o coroa que mudava de um curso noturno para outro, regularmente — ele já estivera em três outros cursos que eu fizera —, um modo de escapar dos horrores de ter que iniciar uma conversa com a esposa. Mas os outros — dois rapazes, Roger e Darren, que esperavam construir uma carreira na área de vendas, e o produtor musical que queria influenciar os críticos —

estavam atentos a cada palavra do professor.

Ele conseguira conquistar a mulher, é claro, porque Nigel não falhava em nada e, se fosse o caso, não estaria contando logo aquela história. A mulher que ele queria tinha ficado desamparada e impotente diante de seu charme. Conseguira dormir com ela e acabaram engatando uma relação que durara três anos. E então, ela teve que se mudar para os Estados Unidos a fim de dar continuidade à sua carreira de atriz e modelo. Tudo acabara de forma amigável. E foi então que ele conheceu sua esposa, e não usou nenhuma técnica de PNL para seduzi-la, o que também foi um sucesso.

E a moral da história, em parte, era que tudo isso era imoral. A PNL era uma ferramenta poderosa que deveria ser usada com integridade, disse ele. Funcionava melhor quando as pessoas se serviam dela para gerar um resultado positivo e fortificante para ambas as partes. Tratava-se de técnicas de aperfeiçoamento que todos os seres humanos tinham, mas não se davam conta. Era tentar ser o melhor possível. Se a mulher não se sentisse atraída por ele, argumentou Nigel, ela jamais sucumbiria às suas sugestões e influências cuidadosamente planejadas. Era uma questão de maximizar as oportunidades que já existiam, não falsificá-las ou levar as pessoas a fazerem coisas contra a própria vontade. Era preciso conduzi-las por um caminho por onde elas já estavam pensando em seguir. Era necessário incentivá-las a fazer o que queriam, mas não tinham coragem, concentração ou determinação para fazerem sozinhas.

Como Nigel costumava dizer, todos saíam ganhando.

Eu me esforcei ao máximo, mas não conseguia ver como algo do que dissera significava que eu não deveria usar essas técnicas para seduzir uma mulher. Sairíamos todos ganhando, não é?

Pensei bastante em tudo isso. A ideia foi crescendo e se espalhando em mim como um melado, a ponto de eu não conseguir pensar em outra coisa. Poderia encontrar uma mulher que se sentisse razoavelmente atraída por mim e, em vez de arruinar minhas chances dizendo as coisas erradas, eu poderia fazer com que se interessasse por mim, gostasse de mim. E talvez, por que não, fazer com que quisesse dormir comigo. E, depois disso, presumivelmente, se fôssemos compatíveis e eu gostasse dela o suficiente para continuar com aquilo, talvez pudesse mesmo acabar resultando na coisa mais dramática e inesperada: Um Relacionamento. Li vorazmente tudo sobre o assunto, todos os livros que

encontrei, todas as páginas da internet que discutiam o Modelo Meta em oposição ao Modelo Milton, espelhamentos, estratégias, calibragem, transes diários. Pratiquei no trabalho, muito embora fosse incômodo; eu puxava conversa com Martha e com os outros e depois observava a mudança embaraçosa deles, passando da cautela para uma espécie de aceitação reservada. Era inegavelmente fascinante. Funcionava, e quanto mais eu me empenhava, maior ficava minha confiança.

Annabel

QUANDO ABRI OS OLHOS NOVAMENTE, ELE não estava mais lá. Eu esperava sentir alguma coisa, mas não havia nada. Não estava com medo.

O tempo estava passando, porque, quando abri os olhos outra vez, já era dia claro, e depois já tinha escurecido. Deu seis horas da tarde duas vezes. Eu tinha atendido o telefone preto, escutado e falado, embora não me recordasse de nada.

Minha boca estava seca, pegajosa, desagradável. Essa era a única coisa que me incomodava. E então, até isso passou.

O telefone estava ao lado da cama. Coloquei para carregar, como ele me dissera para fazer.

Eu tinha a impressão de estar esperando alguma coisa.

Quando ela chegar, eu saberei, pensei. *Eu a saudarei como uma velha amiga*.

Colin

ASSUMO MINHAS RESPONSABILIDADES COM MUITA SERIEDADE, embora deva admitir que ando distraído, desde que li a matéria no jornal na sexta-feira.

Passei quase todo o sábado em casa, só me aventurando a sair quando anoiteceu, e ainda assim, apenas para fazer uma visita. Depois de ter passado na sexta-feira pela casa na Newmarket Street, resolvi deixá-la em paz até que a transformação ocorresse propriamente. Não é nada legal ser interrompido pelos vivos. Em vez disso, fui ver Maggie. Com frequência, penso que ela será a última a ser encontrada, o que é de certo modo irônico, pois ela é a pessoa mais rica com quem já fiquei por algum tempo. Era de se esperar que seus amigos e familiares mostrassem mais respeito por ela, pois claramente Maggie tinha muito a lhes oferecer. Mas, até o momento, e já faz meses, ela continua sua transformação sem ser interrompida. Sua casa é linda, e o cenário rural significa que o cheiro provavelmente não incomodará os vizinhos, como costuma acontecer em áreas urbanas.

Em geral, vou visitá-la nos fins de semana e, algumas vezes, durante o dia, porque jamais vi uma alma sequer nessa estrada e não me preocupo muito em ser visto. Você acha que eu devia me preocupar em ser visto, não é mesmo? Mas, na verdade, sou uma pessoa bem discreta. Se você me encontrasse na rua, ouso dizer que não ligaria muito para minha presença, e é assim que deve ser. Todavia, prefiro não ser notado.

Quer saber o que faço nessas visitas? Imaginei que quisesse.

Passo um tempo observando as mudanças que ocorreram desde a última vez que fui lá. Faço anotações, porém na maioria das vezes deixo para fazer isso em casa, mais tarde. Tiro fotos com minha câmera digital, as quais examino bem depois, catalogo e guardo em casa. Após um tempo, quando já anotei tudo o que precisava, fico um pouco sentado com elas, observando-as. Sempre tomo cuidado para não perturbar algo no ambiente, nunca deixar nada meu para trás.

Devo dizer que, com muitas delas, a emoção não é mais como antes. A

excitação que outrora era altamente erótica foi sendo aos poucos substituída por uma espécie de afeto. Eu diria até, embora nunca tenha entendido por completo o sentido dessa palavra, por amor. Afinal de contas, às vezes passo meses com elas. Acabo conhecendo-as com o mesmo afeto de um amante. Eu vi seus momentos mais íntimos e conheço mais seus corpos do que os próprios maridos, parceiros, mães. Vejo coisas que eles nunca viram em si mesmos: o momento em que o corpo se revela, uma parte de cada vez, quando se abre como uma flor para exibir sua beleza interior.

Algumas vezes, converso com elas, embora, é claro, não possam me ouvir. É um meio de lembrar a mim mesmo que elas são — ou eram — seres humanos, ainda que, é óbvio, de um ponto de vista puramente científico, estejam se tornando depressa uma matéria em deterioração. Acho que elas me excitam mais quando chegam a esse ponto — definam como quiserem — em que deixam de ser uma pessoa. Eu me pergunto o que há em mim que considera o intercurso sexual com outro ser humano algo tão desafiador e, ainda assim, consegue imaginá-lo prontamente, quando este ponto é alcançado.

E quanto ao cheiro? Posso ouvir vocês perguntando: o cheiro não é ruim? Sei que vocês querem saber, não é? Esta seria a primeira pergunta que eu faria se estivesse no seu lugar.

Todos eles têm um odor diferente, é claro, o que faz parte do charme. Embora o cheiro seja penetrante e fique por muito tempo nas narinas, após deixá-las, nunca os considerei intolerável. Quando se passa um longo período perto delas, dá para notar como o cheiro muda e se desenvolve à medida em que a decomposição progride. Às vezes, cheira a queijo rançoso, vômito, carne estragada, outras, chega a ser até adocicado, como uma sobremesa exótica que você precisa ser corajoso para experimentar. Eu me oponho ao cheiro de alimentos em decomposição, é claro. É semelhante, só que menos atraente.

Eu visto sempre as mesmas roupas quando faço minhas visitas, e as lavo com frequência. O odor fica entranhado nos tecidos, como imagino que deva ocorrer com o perfume de um amante, e por mais que eu aprecie o cheiro que fica nas minhas roupas, não posso me arriscar a deixar os outros perceberem.

Na verdade, não falei toda a verdade aqui. Eu disse que nunca acho o cheiro intolerável, mas houve um caso assim. Robin, acho que era esse o nome dele. Um alcoólatra, embora me lembre de que ele era um homem inteligente que

seria um conversador arguto e interessante, não fosse sua vida trágica. Eu não tinha percebido a profundeza de seu alcoolismo até ele começar a se decompor, e o odor de seu fígado fermentado era bem diferente de qualquer outra coisa que eu já sentira. Até mesmo eu achei difícil de suportar. Passei a visitá-lo com menos frequência, mas a cada vez ficava pior e, após mais algumas vistas, parei de ir lá.

Passei um longo período ontem à noite com Maggie, como não fazia há muito tempo. Assim que começo a falar, acho difícil parar. Ela é uma excelente ouvinte.

* * *

No fim, já era bem tarde quando voltei para casa e, em consequência disso, dormi demais hoje de manhã.

Depois do almoço, resolvi num rompante ir visitar minha mãe em Larches. Achei que isso seria uma benéfica distração para minhas preocupações com a investigação policial.

Ela estava dormindo numa cadeira de encosto vertical na sala de recreação, a cabeça repousando num ângulo desconfortável. Algumas senhoras estavam assistindo a um jogo de futebol numa tela grande de televisão, o som alto o bastante para impedir qualquer conversa. Peguei um banco alto e me sentei perto da minha mãe, esperando que ela não acordasse antes que eu tivesse conseguido ficar ali por meia hora, o que eu considerava um período de tempo razoável. Assisti ao jogo de futebol, na falta de algo melhor para fazer, mas o jogo estava inacreditavelmente entediante.

Quando voltei a olhar para minha mãe, ela estava acordada e me encarava, muito embora não houvesse sequer movido a cabeça.

— Oi, mãe — falei.

Ela não respondeu, mas continuou me olhando, sem piscar. Havia um resto de comida grudado nas extremidades de sua boca aberta.

Eu me recordei, repentinamente, de um momento da minha infância — embora meu pai já estivesse morto, portanto, eu talvez já fosse adolescente — quando ela me obrigou a comer uma panela cheia de repolho, que eu deixara cozinhando sem água. Por alguma razão, ela acreditava ter me deixado

responsável pelo jantar enquanto ia na casa ao lado, conversar com uma amiga, e quando voltou, a cozinha estava tomada por uma fumaça amarelada que tinha um cheiro asqueroso, e a panela estalava no fogão. Eu estava no meu quarto, lendo um livro, ignorando o que acontecia.

Meu jantar foi colocado à minha frente na mesa, um pouco mais tarde, uma panela cheia de repolho agarrado no fundo e um garfo para raspar. Quando me recusei, ela me deixou sentado ali por uma hora, olhando triste para a panela. Depois de uma hora, ela raspou bastante repolho com suas unhas afiadas e o enfiou na minha boca, enquanto eu me debatia e gritava, lutando para respirar.

— Você me odeia — sussurrei para o fantasma da minha mãe, sentado na cadeira ao meu lado —, não é mesmo?

Seus olhos cintilaram na minha direção.

Pouco depois, fui embora, passando pelo escritório da enfermeira-chefe para me certificar de que ela estava bem ciente da minha presença e, assim, não voltaria a me telefonar nas próximas semanas.

Mais de uma vez, me ocorreu que a coitada da minha mãe está precisando de uma piedosa liberação. Posso imaginar que ela, aprisionada num corpo que agora está além de seu controle, possivelmente preferiria estar morta, considerando que, segundo dizem, sua mente ainda está bem lúcida. Não tenho a menor dúvida, a julgar pelo olhar vil em seus olhos hoje, que esteja inteiramente consciente. E, embora esteja em meus poderes ajudá-la a dar um fim àquela existência miserável — no caso de ser esta sua escolha, é claro —, descubro que estou saboreando a ideia de privá-la até mesmo disso. Agora, o equilíbrio de forças está a meu favor, e eu prefiro deixá-la como está — humilhada, amargurada, encurralada.

Isso me proporciona imensa satisfação pessoal.

Amanhã, volto ao trabalho. Imagino como estará Vaughn. Acho que vou precisar de uma boa cerveja e uma conversa fútil durante o almoço.

Briarstone Chronicle *Outubro*

Mais uma morte solitária — A comunidade está em estado de choque

Mais uma vez, esta semana, a polícia de Briarstone fez uma descoberta sombria, ao ser chamada até uma casa em Blackthorn Row, em Swepham, após denúncias de um cheiro pútrido na área. O corpo de um homem, que se acredita ser Edward Langton, 28, foi encontrado no quarto de sua residência. O Sr. Langton ficou vários meses sem ser visto e uma fonte informou que o corpo foi achado em estado avançado de decomposição.

Até o fechamento desta edição, nenhum parente do falecido havia aparecido. A triste morte do Sr. Langton é a mais recente na espantosa série de corpos decompostos que foram encontrados em residências de Briarstone nos últimos meses.

Ainda não se sabe se a polícia fez alguma ligação entre a morte do Sr. Langton e as de Dana Viliscevina e Eileen Forbes, ambas encontradas em suas casas na semana passada. As investigações continuam.

Campanha "Ame seu vizinho" — Próximos eventos no seu bairro, páginas 34-35.

Eloise

Soube que estava no corpo errado, quando era muito nova, provavelmente, antes que soubesse de qualquer outra coisa, este era um fato concreto. Eu brincava com as meninas o tempo todo, minhas duas irmãs e todas as suas amigas, e até

os oito ou nove anos, não me considerava nem um pouco diferente delas, não fazia nenhuma distinção. Se não fosse pelo meu pai, tudo poderia ter continuado como era e minha vida teria sido muito diferente. Mas meu pai era um machão, ex-minerador, que queria que eu jogasse rúgbi e, se não fosse capaz disso, ele me faria jogar futebol; ele queria que eu estivesse sempre ao seu lado enquanto crescia. Queria alguém com quem pudesse ir ao pub domingo de manhã enquanto minha mãe nos preparava um bom cozido para o almoço e minhas irmãs gorjeavam e arrulhavam em volta de seus bebês.

Eu amava e odiava meu pai, igualmente; ele nunca foi violento comigo enquanto eu crescia, mas seu desgosto bastava. Então aprendi a lidar com seu jogo, aprendi a modular minha voz de forma a se encaixar na conversa, a me sentar quieto, em cima das mãos e com a cabeça baixa.

Quando entrei na faculdade, me ofereceram uma vaga na escola de artes de Londres. Meu pai queria que eu estudasse engenharia, já que eu ia “perder meu tempo”, em vez de ir atrás de um emprego decente. Discutimos sobre isso e pensei que não teria autorização para ir. Minha mãe acabou o convencendo no final, e ele cedeu porque a amava e ela era o rochedo sobre o qual sua vida se sustentava.

Por fim, fui embora para a cidade grande. Foi como conquistar a liberdade, após passar a maior parte da vida na prisão. Estudei moda e design, e toda vez que desenhava uma figura feminina e a vestia com lindos tecidos e acessórios, sabia que era assim que eu era por dentro, não aquele cara magricela que todo mundo obviamente achava que era gay. Naquela época, eu também tinha amigos de quem gostava e nos quais confiava. E um homem mais velho que me ensinou o que era ser amado da forma adequada pelo que eu era. Eu não tinha dinheiro, mas comecei a pensar seriamente em uma cirurgia de mudança de sexo. Cheguei até a conversar sobre isso com meu médico e lhe perguntar se havia algum jeito de ser custeado pelo sistema público de saúde.

Minha mãe estava a par disso, mas nós duas sabíamos que não era a hora certa para contar ao meu pai. Era uma coisa que levaria muito tempo para ele entender; não seria algo que ele aceitaria da noite para o dia. Ela queria lhe contar que eu era gay, mas isso não era o certo a fazer. Eu não era gay, era uma mulher que gostava de homens da mesma maneira que minhas irmãs gostavam. Minha genitália estava errada; meus hormônios eram um equívoco. Para mim,

era simples como ter uma doença, uma deficiência física, o que significava que algo em mim tinha um problema de má-formação e mau funcionamento. Na verdade, não era nada diferente de diabetes, hipertireoidismo ou qualquer enfermidade relacionada às enzimas ou hormônios errados.

Por fim, ela acabou não contando para ele. Deixou que eu o fizesse no momento certo.

É claro que o momento certo nunca chegou, até ser tarde demais. Eu começara a frequentar uma clínica de identidade sexual e, depois disso, passei a viver como mulher em bases permanentes. Isso era relativamente fácil em Londres, sobretudo no mundo da moda e da arte em que eu vivia. Tudo pareceu certo, pela primeira vez — exceto meu relacionamento com Derek, que titubeava. Embora eu não fosse um homem gay, ele era e, por mais que me amasse, não estava procurando uma fêmea como parceira para a vida.

Então saí de seu apartamento em Londres e voltei a morar com alguns amigos da faculdade.

No meu vigésimo primeiro aniversário, ainda bêbado por causa de uma festa que durara o fim de semana todo, me surpreendi voltando para a casa dos meus pais de trem. Nossa casa ficava perto da estação e eu acabara dormindo no trem e, para ser sincero, não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Estávamos no meio da manhã e, num dia normal, meu pai estaria no trabalho. Só que ele conseguira uma licença de um mês para se recuperar de uma depressão, algo que minha mãe não me contara. Então, girei a chave na fechadura e entrei na sala de estar, esperando que mamãe preparasse uma xícara de chá para mim e me oferecesse um pedaço de bolo que ela mesma tinha feito, apesar de não estar esperando minha visita, mas não a encontrei lá. Só ele. Estava assistindo ao canal de notícias e ergueu a cabeça para me ver no meio da sala, sua terceira filha, sem que se desse conta. Só que eu ainda era Edward naquela época, com uma saia curta e uma sandália plataforma da mesma cor. Ele me olhou de cima a baixo, boquiaberto. E o choque ao vê-lo caiu sobre mim como se eu tomasse uma ducha de água fria, e só fui capaz de dizer: “Oi, pai.”

Ele soltou um berro raivoso e desesperado, levantando-se do sofá e se lançando na minha direção. Saí de casa tão rápido quanto cheguei. Corri pela rua de volta para a estação, achando que ele estava me seguindo e que, a qualquer instante, acertaria minha cabeça com um golpe violento. E, quando alcancei o

final da rua e olhei para trás, não o vi em lugar algum.

Quando cheguei a Londres, telefonei para minha mãe. Ela já havia voltado do trabalho e o encontrado. Ele estava bem, ela me garantiu. Mas é claro que não era verdade. Ela tentou me proteger de tudo aquilo, mas ele se enforcou uma semana depois. Não fora só por minha causa, é claro, ou pelo menos foi o que ela insistiu em dizer. Talvez estivesse apenas sendo gentil.

Ela me pediu para vestir "algo decente" no enterro. Aquilo me machucou bastante. Senti profundamente a perda de meu pai, que eu tanto amava. A falsidade da aprovação da minha mãe foi mais uma punhalada. Minhas irmãs, então, se viraram contra mim, embora ambas já soubessem da minha transformação e tivessem até me visitado em Londres, vendo como eu era realmente. Usei um terno sob medida no funeral e arrumei meu cabelo especialmente para a ocasião. Não era minha aparência habitual, e sim uma concessão, mas apesar disso eles não foram capazes de reconhecer como tal.

Nunca mais voltaram a falar comigo, e quase não falei mais com a minha mãe depois disso também. Com minha parte da herança, dei entrada numa casa não muito longe daquela em que eu crescera. Queria me sentir próxima do que restava do meu pai, que teria sido um homem diferente se nascesse uma geração depois, e perto da minha mãe, que agora sofria por não ter mais de quem cuidar. Eu queria ajudá-la, mas não podíamos mais ficar tão próximas, não depois de tudo o que aconteceu.

Pensei que eu estava começando a superar isso, pensei que tinha conseguido colocar a cabeça para fora d'água, mas recebi hoje uma carta do sistema público de saúde dizendo que não financiariam mais minha cirurgia, pois tinham conhecimento de que eu dispunha de meios próprios para me submeter a ela. Mas não tinha, é claro; gastara tudo comprando a casa. Tentei vendê-la, mas, na época, os preços despencaram e tampouco havia compradores interessados. Pedi ajuda a minha irmã mais velha, mas ela desligou o telefone na minha cara e, quando fui até sua casa, ela não quis abrir a porta, embora seu carro estivesse na garagem e eu pudesse ouvir seus filhos brincando no quintal.

Não tinha me dado conta de como a solução era fácil, não mesmo. Não até alguém me mostrar. Tudo o que você precisa fazer é ir para casa e fechar a porta. Para certas pessoas é mais difícil — elas precisam planejar e fazer tudo aos poucos. Eu fizera a parte mais difícil sozinha, bastou uma cutucada, um sussurro

para que eu percebesse que a coisa mais fácil a fazer era deixar de existir.

Então, fui para casa, fechei a porta e aguardei que a nuvem negra viesse e levasse o sol embora.

Annabel

— BEBA ISSO — DISSE ELE.

Abri a boca e tentei alcançar a xícara, o copo, segurá-lo, mas ele o reteve e o vidro bateu em meu lábio inferior e em meus dentes.

— Deixe que eu seguro — afirmou ele. — Beba.

Estava gelado e me fez tossir. Quando parei de tossir, abri os olhos e vi que ele continuava segurando o copo e, desta vez, bebi dois ou três goles. A água gelada desceu pela minha garganta. O gosto era estranho e me deixou enjoada.

— Você está me reconhecendo, Annabel? — perguntou ele.

Encarei seu rosto por um instante. Havia um nome para ele, mas não conseguia me lembrar. Era como se tivesse sido apagado.

— Sou eu, Sam. Sam Everett. Você se lembra de que já nos encontramos algumas vezes?

— Não sei.

— Vai ficar tudo bem — disse ele. Sua voz soava estranha para mim: irritante, dissonante e agitada, como uma mosca, uma vespa, voando pelo quarto. — Você vai ficar bem, juro. Vou cuidar de você.

— Vá embora — falei.

— Não vou, não. — Sua voz agora parecia triste. — Não vou a lugar algum. — Ele levou o copo até meus lábios mais uma vez, mas virei a cabeça. Aquilo não adiantava mais. Eu não devia mais fazer aquilo. — Não durma, Annabel — disse ele. — Fique comigo. Fique acordada.

Meus olhos estavam se fechando. Eu estava cansada e precisava esperar dar seis horas.

Colin

HOJE, LIGUEI PARA VAUGHN ÀS ONZE horas, perguntando se ele gostaria de sair para tomar uma cerveja. Parecia ter passado muito tempo, desde a última vez que o vira — na verdade, a última tinha sido aquela em que ele saiu correndo do pub atrás de uma aliança para Audrey, uma semana inteira atrás.

— Colin — atendeu ele, jovialmente. — Que número é esse? Seu rostinho alegre não apareceu na tela.

Tive que pensar rápido por um segundo e logo me dei conta de meu engano.

— Ah, é que estou ligando do celular do trabalho. Tem problema? Sou eu, assim mesmo.

— Posso salvar este número na minha agenda, então? — perguntou. — Não costumo atender quando não identifico a chamada. Já falei isso para você, lembra?

— Não precisa se dar o trabalho. É provável que na semana que vem já seja outro número. Estão trocando os nossos aparelhos por modelos novos aqui.

Isso pareceu deixá-lo satisfeito, de qualquer jeito. Eu me esquecera de que uma vez ligara para ele do telefone errado, e isso o deixara bem irritado.

Caso estivesse esperando que uma cerveja e um sanduíche com Vaughn fosse me animar um pouco, eu teria ficado tristemente decepcionado. Não há nada de estimulante no lugar em si, com seus tapetes marrons, bancos instáveis ao lado do balcão; e não havia nada capaz de levantar o astral na fisionomia ou na conduta de Vaughn. Ele parecia tão infeliz quanto eu.

— Como vai Audrey? — perguntei, depois de pedir meu sanduíche e me sentar à sua frente.

— Ela disse não — respondeu ele, abatido.

— Não? É mesmo? Por quê?

— Disse que não está pronta para uma união estável.

— Pensei que você tivesse dito que ela andava dando umas dicas.

— Bem, isso foi o que achei. Mas acabou que entendi tudo errado.

Tomei um bom gole da minha cerveja amarga. No fundo, o gosto pareceu ligeiramente estragado.

— Como assim? O que ela quer então?

Vaughn soltou um suspiro profundo.

— Não tenho ideia, Colin. Desisti de tentar entender o que as mulheres querem ou esperam de nós.

— Então — falei, tentando escolher cuidadosamente as palavras e ainda assim fracassando —, ela acabou tudo com você?

Ele pareceu espantado.

— Não, nada disso!

— Mas o que houve?

— Ela só não quer um compromisso sério, é isso.

Fiz um ruído que tentava exprimir solidariedade por Vaughn, desgosto por Audrey e alívio, por ainda estarem em um relacionamento ou algo parecido. Saiu algo como: “Humm. Pfft.”

— Essa cerveja está ruim — comentei depois e pedi para trocarem o barril.

Os problemas de Vaughn são mínimos, inexpressivos e desinteressantes em comparação aos meus. Ninharias. Perdi uma das minhas pacientes — a moça da mochila de lona. Isso não me acontecia já fazia um tempo, desde que fiquei mais exigente na minhas escolhas.

Liguei para ela às seis, ontem à noite, conforme combinado, mas ninguém atendeu o telefone. Cheguei a considerar a hipótese de ela já ter expirado e começado a se transformar — mas teria sido rápido demais, mesmo sem água. Quando passei de carro pela sua casa, ao voltar do trabalho, havia uma ambulância e um carro de polícia estacionados na frente.

Por mais que eu tente me enganar, dizendo que não estou aborrecido com isso, estou sim furioso com minha própria negligência. Falhei com ela, e mais importante ainda, falhei comigo mesmo; além de que perder uma delas, quando a polícia já está demonstrando interesse em minhas atividades, é um risco enorme.

Já perdi outras, principalmente no começo. Aquelas que hesitavam, ou que talvez estivessem menos abandonadas do que pareciam no início. Achei que cedo ou tarde alguém — um parente, quem sabe — faria uma queixa contra mim, ou alertaria as autoridades, mas nunca entraram em contato comigo por causa disso. À medida em que fui aprimorando a minha técnica, passei a tomar

precauções para não ser descoberto. Levar seus celulares comigo, deixando um substituto no lugar, para poder manter contato foi uma ideia particularmente genial. Mais de uma vez, enviei respostas tranquilizadoras para aquelas que me mandavam mensagens de texto, parecendo um pouco preocupadas e, uma ou duas vezes, desisti dessas pessoas e não voltei mais a vê-las, no caso de terem sido encontradas.

Cada perda é uma lástima. Algumas delas eram muito interessantes, também: aquelas cujas transformações eu estava ansiosíssimo para acompanhar.

Hoje, passei o dia todo me tranquilizando, dizendo que eles não têm como fazer uma ligação entre nós dois. E, se fizerem, o que acontece? Conversei com ela. Fui convidado à sua casa. Ela me pediu ajuda e eu dei. Nada fiz de errado.

Sentado ao lado de um Vaughn melancólico, não posso deixar de sentir um arrepio de excitação ao pensar que Audrey o rejeitou. Pois foi uma rejeição, não importa como ele tente disfarçar. Ela não está pronta para assumir um compromisso com ele, o que significa que pode considerar se envolver com outra pessoa. Ela pode pensar em mim…

— Você quer que eu fale com ela? — pergunto.

Vaughn ergue a cabeça de seu prato. Sempre sei quando ele está se sentindo infeliz porque ele pede sanduíche de baguete com linguiça e ovo em vez de uma salada de presunto. Isso resulta numa mistura insalubre de molho marrom, ketchup e gema de ovo que, invariavelmente, escorre pelo seu queixo (de onde será removida) ou sobre sua triste gravata marrom (onde permanecerá).

— Jura? — exclama ele, ou pelo menos é isso que parece, vindo de uma boca cheia de carne e massa parcialmente mastigadas.

Faço para ele uma expressão de desgosto que espero que entenda.

— Se isso puder ajudar. Nunca se sabe.

Ele franze as sobrancelhas. Isso me parece um sinal de confusão, mas nunca consigo decifrar com clareza. Desconfiança. Talvez seja desconfiança.

— …ou não. Foi só uma ideia — concluo.

Ele engole o último pedaço e toma um pouco de cerveja. Depois, limpa a garganta.

— É muito legal da sua parte, Colin. Obrigado, mas…

— Mas?

— É que… Bem, é que Audrey… ela não se sente muito à vontade com você.

— À vontade? — Ainda que me irrite ficar repetindo tudo o que Vaughn diz para mim, não consigo pensar numa resposta melhor.

— Depois do jantar, lá em casa. Ela disse que você era um pouco esquisito. Enfim, sinto muito. Acho que você não vai poder ajudar. Não desta vez.

— Esquisito? Mas o que… — Olho para Vaughn e, depois, para o resto do meu sanduíche, subitamente sem graça e rançoso. Mas esquisito pode significar algo bom, não é? Talvez ela tenha usado a palavra esquisito no sentido de inabitual, enigmático, misterioso.

— Mas acho que foi só naquela noite — Vaughn se apressa em dizer, aparentemente tentando evitar que eu me sinta ofendido. — Ela estava com um humor diferente, antes mesmo de você chegar. Deve ser culpa dos hormônios.

Aquiesço e murmuro alguma coisa que indique concordância, mas por dentro sinto meu sangue zumbindo nos ouvidos. Quando saio do pub e volto para o escritório, não consigo me concentrar em nada. Sinto um peso enorme em mim, e o desejo repentino de encontrar Audrey e conversar com ela, perguntar o que ela quis dizer com “esquisito”. Nem mesmo Garth e seus repugnantes ruídos ruminantes conseguem me distrair. Preparo um documento para a reunião do conselho de segunda-feira, mas nem por um segundo consigo tirar Audrey da cabeça.

Annabel

NO HOSPITAL, ENFIARAM UM TUBO NA minha veia e me mandaram consultar um psiquiatra, que me receitou antidepressivos. O psiquiatra disse que eu vivenciara algum tipo de “episódio”, que, anos atrás, poderia ser descrito como um colapso nervoso. Falou que eu passara por um período de muito estresse e não fora capaz de processá-lo, e assim, minha mente se paralisara num reflexo de autopreservação.

Aquilo tudo soava plausível, mas algumas coisas não se encaixavam. Minhas lembranças da semana anterior não estavam apenas confusas, mas totalmente erradas. Tinha a impressão de que coisas haviam acontecido sem que eu pudesse considerá-las. Parte de mim estava desesperada para voltar para casa, fechar a porta e esquecer tudo aquilo, voltar a ficar sozinha, em paz com tudo.

Quando disse isso para a enfermeira, não tardou para que o psiquiatra me fizesse outra visita, na qual me perguntou cheio de rodeios e, depois diretamente, se eu sentia ter tendências suicidas. Ele já me perguntara isso antes, assim como fizera várias outras perguntas que eu me esforçara ao máximo para responder.

— Não, não sinto. — Foi minha resposta.

— Você não sente isso às vezes?

— Acho que não.

O suicídio é algo ativo, algo que se faz; isso exigiria que eu me lançasse num processo envolvendo alguma atividade. Não: o que eu queria era a ausência de atividade. Queria cessar. Queria ficar deitada e imóvel e deixar o mundo seguir em frente. Ninguém pronunciou a palavra MORTE, mas ela estava na minha cabeça. Era a mesma coisa que VIDA. Por alguma razão, eram a mesma coisa, unidas por um laço invisível, o fim, o começo, o fim, um círculo infinito girando, girando, uma roda. Se eu não estava com medo da vida, não estaria com medo da morte. Eram a mesma coisa.

Pensei que estavam prestes a me deixar voltar para casa, àquela altura, mas em vez disso me transferiram para a ala da psiquiatria.

Colin

VOCÊ QUER SABER COMO TUDO COMEÇOU, não é? Quer descobrir como foi que saí de um curso para adultos de mentes entorpecidas, no qual ensinavam a fazer amigos e influenciar as pessoas, e passei a orientar desconhecidos a acharem o caminho da autodestruição.

Foi isso o que aconteceu.

No início eram três: Eleanor, Justine, Rachelle.

Eleanor estudava italiano na mesma faculdade, na sala ao lado, nas noites de quinta-feira. Eu a quis assim que a vi. Seu cabelo era longo, espesso e preto, parecia sedoso se pudesse tocá-lo. Eu ia mais cedo para as aulas e ficava pelo refeitório, na esperança de vê-la. Ela estava sempre sozinha. Não se sentava com outras pessoas, nem mesmo com os demais alunos da sua turma. Algumas vezes, ela chegava meia hora antes do início da aula e ficava sentada no refeitório com seus livros, lendo alguma coisa neles, ou olhando para o que parecia ser uma folha com sua agenda de compromissos. Eu me sentava atrás dela e a observava; o jeito como seus ombros se arqueavam, o modo como se sentava, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, na cadeira de plástico.

E continuei observando Eleanor todas as quintas à noite. Cada vez que a via eu a queria um pouquinho mais. A parte mais difícil do processo, é claro, era o contato inicial. A coragem para levantar e ir falar com ela. Perguntei a Nigel, fazendo algumas mudanças sutis na situação, pois o objetivo da aula era fazer negócios, não sexo. Então lhe perguntei sobre a estratégia das “chamadas imparciais” (que, espertamente, eu adaptara ao equivalente a um ambiente de trabalho).

Ele me disse que as pessoas confiam nos seres humanos. Faça com que o contato inicial seja pessoal, aberto e cordial. Pense em como você fala com seus amigos, prosseguiu Nigel. Pense no tom da sua voz, na sua postura, no modo como sorri para eles.

Mais fácil falar do que fazer, claro.

Se não agir, não vai conseguir, disse o professor. Os frouxos nunca saem vitoriosos. A única coisa que pode impedi-lo é você mesmo.

Acabei simplesmente me sentando à sua frente no refeitório numa quinta-feira.

— Meu nome é Colin — falei, oferecendo a mão.

Ela pareceu assustada, mas apertou minha mão mesmo assim.

— Eleanor — disse ela.

— Que curso você está fazendo? — perguntei.

— Italiano. Na sala seis.

De perto, ela era ainda mais atraente, com olhos negros, a tez clara, pálida. Limpei a garganta.

— E o curso é bom?

— É, sim.

Não estava me saindo particularmente bem, até o momento. Ela segurava sua xícara de café com ambas as mãos, como se sentisse frio. Espelhei sua posição, muito embora não tivesse nada para segurar. Procurei desesperado algo a dizer, algo inteligente, simpático.

— *Il miglior fabbro* — falei.

— O quê?

— Eliot. Em seu epigrama para Ezra Pound, em *A terra desolada. "Il Miglior Fabbro"*, ele fez melhor, ele era o melhor artesão. Pelo menos é o que eu acho que ele quis dizer.

— Ah, sei — disse ela. — Ainda estamos na lição "Por favor, onde fica a estação ferroviária?".

Sorri para ela.

— Ok, então guarde Eliot na memória para o futuro.

Ela parecia estar relaxando, a julgar pela sua postura. Pôs uma das mãos em cima da mesa e eu fiz o mesmo.

— Você mora aqui por perto? — perguntei, o que soou ridículo. Por que era tudo tão difícil?

— Moro no centro.

— Quer sair para beber alguma coisa comigo, depois da aula?

A pergunta, tão cuidadosamente preparada e fraseada — nada de "Eu estava pensando se você gostaria" ou "Imagino que você não possa…" —, apenas uma pergunta precisa, firme e confiante. Afinal, ela podia simplesmente dizer não.

Ela pareceu perplexa. Achei que ia recusar, por isso, logo emendei:

— Encontro você lá fora, então. Às nove e meia.

— Ok — disse ela. — Tudo bem.

Foi nesse momento que eu soube que iria funcionar. Você não pode demonstrar dúvida quando está tentando atrair alguém para um modo particular de pensamento que utiliza a PNL — é preciso pelo menos tentar acreditar no que está dizendo, senão, a mensagem será diluída e poderá não ser transmitida. Sabia que tinha muito chão pela frente e que precisaria aprimorar minhas técnicas, mas aquele "ok" de Eleanor me deu confiança para isso. Se podia fazer com que uma mulher aceitasse sair comigo, as possibilidades que se abriam eram lindas e infinitas, um mar cálido banhando uma ilha tropical.

As aulas estavam quase começando e o refeitório já se esvaziava, as cadeiras arranhando ruidosamente o chão ladrilhado. Nós dois nos levantamos. O que eu deveria dizer naquele momento? Como reforçar o convite?

— Obrigado — falei. — Nos vemos mais tarde, então.

— Certo. Até mais tarde.

Porra. "Obrigado"? Que coisa escrota! Ainda assim, ela foi para sua aula, e eu, para a minha, e, durante todo o tempo, não consegui sossegar, anotando no livro o que poderia lhe dizer, assuntos para manter a conversa fluindo, observações nas margens… "sinta a situação"… "seja você a mensagem".

* * *

O episódio com Eleanor foi aquilo que acho que chamam de um bom começo. É difícil apontar exatamente em que ponto as coisas começaram a dar errado, e considerei todas as possibilidades muitas, muitas vezes nos meses que se seguiram. Não apressei as coisas com ela; pensei em tudo que lhe dissera e nas implicações disso. Se a encontrasse de novo hoje à noite, duvido que fizesse algo diferente. Mas aprimorei as coisas desde então, é claro, ajustei minhas técnicas por causa do que aconteceu, e estou agora certamente mais hábil a adaptar minhas reações conforme necessário. Evidentemente, vale a pena ressaltar que não alcancei os resultados desejados com Eleanor porque, à época, não percebia por completo quais eram eles. Tinha esse desejo desajeitado, ávido por uma mulher atraente que me achasse estereotipadamente irresistível, quando, na

verdade, eu buscava algo bem mais elevado que isso.

Talvez Eleanor tenha me sido dada apenas com este propósito. Ela se envolveu comigo sem estar interessada. Ela e eu tivemos um relacionamento, mas não nos beijamos, nos tocamos ou nos tornamos íntimos sexualmente. Em vez disso, ela entrelaçou sua alma na minha e se encontrou comigo num lugar muito mais íntimo do que teríamos conseguido pelo contato físico.

Suponho que o que aconteceu foi que ela já estava num processo bem adiantado.

Li um bocado de Eliot e Rilke após a morte do meu pai, buscando uma compreensão sobre este processo pelo qual todos nós acabamos passando, e ao qual ele fora convocado antes do que seria de se esperar. A percepção do nascimento e morte de Eliot como sendo uma única coisa ressoou e enredei minha leitura de *Quatro Quartetos* noite após noite, em busca da alma de meu pai e, ocasionalmente, sentindo que estava capturando um lampejo dele, a fumaça se enevoando atrás de uma porta, seu cheiro pairando no ar como uma corrente de água morna no mar.

Meu poema favorito de Rilke era aquele em que Orfeu vai para o mundo inferior reivindicar Eurídice, sua amada perdida. Ele é encarregado de olhar apenas para a frente, confiando que sua esposa e companheira o está seguindo; até que não aguenta mais e arrisca uma olhada para trás, mas ela já tinha lhe dado as costas — o que foi que ele disse? “Seu sexo estava fechado, como uma jovem flor ao anoitecer.” A amada de Orfeu era inacessível, sua virgindade reavida através da morte. Estava enraizada na morte. Ela estava enraizada em sua morte (nascimento e morte novamente, inextricáveis, da mesma forma que com Eliot) — como se tivesse grávida dela, prenhe de ternura e treva.

E foi assim com Eleanor. Ela já havia ido longe demais, estava enraizada na morte, mesmo quando ainda vivia, ainda andava, falava e seguia em frente, dia após dia, a caminho do fim, sem o menor desejo de voltar.

Eu me lembro de nós dois, em pé, no estacionamento atrás do pub. Ela parecia hesitante, confusa, como se a noite que passou conversando comigo houvesse embotado seus sentidos e a feito se esquecer do mundo ao seu redor.

— Posso levar você para casa — falei, minha mão delicadamente pousada em seu braço. Estava bem escuro, a única claridade vinha da televisão do pub. Havia uma luz de segurança que ficava acendendo e apagando a cada minuto. Pensei

no que estava fazendo o tempo todo, ouvindo-a, tentando sintonizar seus pensamentos e esperando que o que eu lhe dizia causasse algum efeito. Ela me ouviu e escutou minhas instruções, mas por algum motivo não reagiu como eu esperava. Havia uma barreira entre nós.

Eu não queria estragar tudo. Não queria que ela se fosse sem que eu estivesse ao seu lado. Queria levá-la para casa, trancar a porta para que não nos interrompessem. Queria demorar o tempo que precisasse e explorar tudo que ela tivesse a oferecer — a bela Eleanor. A garota dos meus sonhos.

Havia a questão dos nervos a ser levada em conta. Talvez eu tivesse embaçado a mensagem por causa da minha hesitação. É preciso tomar tanto cuidado com isso, manter a confiança em si mesmo e em suas intenções. Escutar, observar.

— Para casa? — perguntou ela, como se nunca tivesse ouvido aquela palavra antes.

— Venha comigo — falei.

Comecei a andar de volta para o carro, mas ela não veio atrás de mim. Acho que foi nesse instante que a perdi.

— Não tenho certeza — disse ela, a voz tão baixa que mal consegui ouvir o que estava dizendo. — Não sei onde fica sua casa. Não sei o que você quer dizer.

Sabia que era tarde demais. Eu me sentia agitado, decepcionado, e por mais que tentasse, não seria capaz de impedir que isso se revelasse na minha linguagem corporal, na minha postura, no meu tom de voz.

— Vá para casa — ordenei. — Vá para casa, feche a porta e não saia mais.

— Ok — disse ela.

— Ótimo.

Momentos depois, quando passei de carro, ela continuava ali de pé. Passei aquela noite recordando tudo o que lhe dissera, e todas as respostas que ela me dera. Fiz algumas anotações e refleti bastante sobre como agiria na próxima vez.

Minha intenção não era provocar sua morte; afinal de contas, meus planos eram simplesmente tentar arranjar uma namorada. Portanto, não foi culpa minha se ela se matou um dia depois do nosso encontro. Ela não dera sinal algum de quais eram suas intenções, quando nos separamos; estava quieta, sim, mas isso não diferia muito de seu comportamento habitual.

Algumas semanas depois, vi a notícia sobre a descoberta do corpo de Eleanor em sua casa, encontrado por um parente que se preocupara com ela. O corpo

havia sido achado ao pé da escada em estado de decomposição; mesmo assim, estava claro que ela havia se enforcado usando o corrimão da escada. Supunham que o fato ocorrera em algum momento entre sua saída das aulas noturnas, na quinta-feira, e o sábado. Por instantes, me perguntei se alguém viria me interrogar; certamente as pessoas tinham nos visto conversando no refeitório — talvez alguém tivesse nos visto saindo juntos do campus, ou então no pub. Embora eu tivesse preparado uma história convincente sobre estar pensando em fazer um curso de italiano no ano seguinte, ninguém jamais se deu o trabalho de me escutar.

Bebendo meu terceiro uísque da noite, os lábios já dormentes, as bochechas quentes, me perguntei o que teria acontecido se tivesse ido à casa de Eleanor naquela noite de quinta. Gostaria de estar presente no instante em que ela fez aquilo, vendo-a dar seu último passo. Queria ter estado lá no momento em que ela tomara a decisão. E então me dei conta, com o incandescer de uma repentina excitação, de que eu estivera lá, afinal de contas — pois ela se decidira naquela mesma noite, no pub, quando eu estava presente. Na hora, acreditei que ela tivesse escutado minhas instruções e absorvido tudo, mas o que eu dissera havia sido mal interpretado… quando lhe disse que ela devia ir para casa, fechar a porta e não sair mais, ela aceitou. De modo algum, ela mesma havia escolhido seu caminho. Honestamente, achei que tinha tirado a dor da decisão de seus ombros. Tantas decisões cansativas, tanta coisa para levar em consideração, para pensar; e na realidade, havia uma só escolha a fazer. Pensei que a tivesse ajudado com isso. Eu lhe dissera para fazê-lo — e assim foi feito.

Com uma percepção tardia, é claro, agora sei que é altamente improvável que qualquer coisa que eu tenha dito para ela naquela noite tenha feito alguma diferença. Mas, de um jeito ou de outro, o resultado final foi que ela seguiu o caminho para uma rápida e selvagem autodestruição. Ela já estava morta quando me afastei de carro naquela noite. No estacionamento, ofegante, o coração acelerado, mas um cadáver mesmo assim. A transformação já havia começado.

A essa altura, porém, eu tinha outros assuntos a tratar — tinha passado a me dedicar a Justine.

Annabel

QUERIA TANTO QUE ME DEIXASSEM SOZINHA.

Pela manhã, eles me obrigavam a me levantar e a me vestir e, depois, me sentavam em uma cadeira. Cada vez que eu fechava os olhos, aparecia alguém para me despertar.

À noite, quando deveriam me deixar dormindo, ouvia conversas nos corredores, gritos de estranhos, passos indo de um lado para outro.

Talvez fosse assim que eles queriam que eu ficasse, permanentemente num estado de semiconsciência.

Queriam que eu falasse com eles, mas eu não podia. Não restava mais palavra alguma. Faltava-me tempo e paciência para isso. Queria dormir e ser deixada sozinha.

Colin

JUSTINE CHEGOU A MIM ATRAVÉS DO mais prosaico dos locais de encontro: um site de relacionamento. Tudo ficou tão mais simples depois da morte de Eleanor, quando abandonei a ideia de ter uma relação. Por que almejei isso durante tantos anos? Era algo completamente destituído de valor para mim. Não, o que eu queria mesmo era sexo com uma mulher, de preferência uma atraente, que fizesse tudo o que lhe pedisse e que não tivesse nenhuma expectativa além disso. Após meu sucesso limitado com Eleanor, voltei aos livros e trabalhei no aprimoramento da minha técnica, que eu acreditava ter potencial para funcionar. E, caso contrário, o fato de ter estabelecido contato pela internet facilitaria a ruptura sem muito constrangimento.

Não demorei muito para achar alguém. Criei um perfil falso, usando Mark Baxter como meu nome, um consultor de tecnologia da informação, solteiro; passei uma noite frustrante, examinando centenas de perfis de mulheres, em busca daquele que pudesse ser ao menos tolerável, e quase desisti. Na noite seguinte, tentei outra vez e foi então que localizei Justine. Era solteira, sem filhos e morava na zona norte de Londres. Ela dizia não estar a fim de compromisso e listou várias características agradáveis que eu não tinha ou simplesmente não entendia. Afinal, o que queria dizer um bom senso de humor? O que era uma “alma análoga”? Sua foto mostrava uma mulher de seus trinta e poucos anos, cabelo castanho na altura dos ombros, um sorriso revelando dentes brancos e regulares. Ela olhava para algo à sua esquerda, que não tinha sido enquadrado pela foto. Talvez fora a falta de um contato visual o que achei mais sedutor.

Mandei uma mensagem para ela e, em poucos minutos, ela respondeu. Por cerca de meia hora, nós nos correspondemos pelo bate-papo do site, e então ela me pediu meu e-mail para poder me enviar uma foto. Eu não tinha previsto isso. Enviei uma mensagem dizendo que precisava atender o telefone e voltaria logo, e assim aproveitei para criar uma conta no Hotmail em nome de Mark Baxter.

Alguns minutos mais tarde, voltei e ela continuava lá, me esperando. Enviei meu e-mail e disse que mal podia esperar para vê-la.

Espero que goste

Quando sua mensagem chegou, eu estava esperando uma foto de gatinhos ou ilustrações medonhas, mas acabou que era só Justine, usando um biquíni azul-claro, sentada numa rocha, a areia dourada entre os dedos dos pés e uma onda espumante à direita. Observei sua barriga bronzeada, não era firme ou musculosa, mas um pouco lânguida, um pequeno acúmulo de flacidez sobrando na cintura, acima do biquíni. Seu cabelo parecia seco no alto, o vento levantando sua franja, e as pontas ainda molhadas, esparsas como rabos de rato.

O que você acha?
Muito legal.
Isso é o que chamam de condecorada por um elogio frouxo
Você quer dizer condenada.
Algo assim
Tudo bem, é mais do que muito legal.
Hummmmm
Quem tirou essa foto?
Minha irmã
Vocês estavam de férias em algum lugar?
Na Grécia, dois verões atrás
Parecem estar se divertindo.
É verdade. Minha irmã morreu seis meses depois
Sinto muito.
Teve câncer

Eu não soube o que falar. Não queria que a conversa tivesse tomado esse rumo, e não sabia como mudar de assunto e pedir para fazer sexo, o que era, afinal de contas, o propósito daquele desperdício fenomenal de uma noite perfeitamente agradável. Mas, no fim, ela acabou me surpreendendo. Alguns instantes depois, me mandou outra mensagem:

Você pode me deixar mais feliz, Mark. Vamos nos encontrar?

Marquei de encontrá-la num bar em Crouch End. Ela chegou três minutos atrasada. Eu estava vestindo um paletó preto, conforme combinado, e embora houvesse outros homens usando paletós da mesma cor ali, eu era o único sentado sozinho e, consequentemente, deduzi que ela não teria dificuldade para me identificar. Também tinha lhe enviado uma foto recente, que mostrava meu rosto e meus ombros.

Ela havia envelhecido bastante, desde a viagem à Grécia, pensei. Seu cabelo ainda era castanho, mas havia um rastro grisalho nas raízes, e seu rosto estava pálido, não bronzeado, e enrugado em torno dos olhos e da boca. Fora isso, ela era perfeitamente aceitável. Apertei sua mão quando ela se aproximou.

— Então… — disse ela.

— Posso pedir algo para você beber? — perguntei.

— Um vinho branco seco, por favor.

Fui até o bar e entreguei uma nota de dez libras em troca de uma taça pequena de vinho e uma Coca-Cola. Até teria gostado de uma caneca de cerveja e uma dose de uísque, mas não naquela faixa de preço. Além do mais, se Justine me convidasse até sua casa, eu precisaria dirigir de volta depois.

Pedi que falasse sobre si mesma, evitando mencionar sua irmã e seu desventurado falecimento, e descobri que morava sozinha, tinha um emprego de meio período na central de atendimento de uma empresa de seguros, fazia aulas de salsa nas noites de terça-feira e estava solteira havia seis meses. Não tinha animal de estimação e estava na lista de espera para conseguir um terreno numa horta comunitária. Era vegetariana. Gostava de conhecer pessoas novas e, embora não estivesse especialmente em busca de um novo relacionamento, estava aberta para isso, caso a pessoa certa aparecesse.

Era espantosamente simples fazer com que alguém partilhasse tantas informações pessoais, sem oferecer nenhuma em troca. Toda vez que me perguntava algo, eu lhe dava uma resposta genérica e indagava mais coisas sobre ela, me inclinando para a frente, mantendo contato visual, sorrindo e fazendo um esforço resoluto para escutar suas respostas. Em uma hora, ela estava se inclinando na minha direção, brincando com os dedos no cabelo, encostando em

meu joelho.

Trinta minutos depois disso, estávamos seguindo a pé para sua casa, a algumas ruas dali. Ela parou bem em frente à uma casa geminada e, subindo no degrau, colocou a mão na minha cintura, por dentro do paletó. Aquele contato repentino teve em mim o efeito de um choque, mas me recuperei rapidamente e me aproximei dela, sentindo o calor do seu corpo. Ela virou rosto na direção do meu e achei que ela queria um beijo, então fui em frente. Sua boca estava seca e tinha o hálito de vinho. Toquei no seu rosto e ela abriu a boca. Era como se beijasse Helen novamente. Recuei um pouco.

— Vamos entrar? — perguntei.

— Não tenho certeza — respondeu ela, olhando para mim com a cabeça inclinada para o lado.

— Não tem certeza do quê?

— Você pode ser um *serial killer*.

Ri ruidosamente daquilo e ela me apertou com mais força.

Depois, sorriu.

— Você é doce demais para ser um *serial killer* — completou ela.

Depois de me soltar, abriu a porta, acendendo a luz do corredor e deixando a porta aberta para que eu a seguisse para dentro.

Justine causou em mim um impacto muito maior do que qualquer outra, até mesmo Eleanor. Ao se entregar tão livremente para mim, pude perceber que a diversão estava em tomar, não em aceitar; que aquilo não era uma questão de sexo casual, não era algo a ser entendido como um passatempo, uma distração; aquilo era uma vocação. Um chamado.

Fizemos sexo no seu quarto, no escuro. Seu corpo se situava em algum ponto entre o de um anjo e o de uma prostituta, acho; limpo e flácido. Ela ficou tentando me beijar, o que sempre me fazia pensar em Helen, então eu virava a cabeça. Tinha me lembrado de levar um preservativo e, grata, ela o colocou em mim. Depois disso, tudo foi bem rápido. Fiquei deitado ao seu lado na escuridão, me sentindo saciado e decepcionado ao mesmo tempo. Estava esperando muito mais. Tipo o quê? Uma conexão.

Quando ela pôs o braço na minha barriga e se aproximou de mim, eu me afastei e me sentei na beira da cama, minhas mãos soltas entre as pernas. Podia ver meu pênis, pendurado e mole, esgotado, ridículo.

— Você está bem, Mark? — perguntou Justine, atrás de mim.

— Preciso ir embora — respondi.

— Mas já? Não pode ficar mais um pouquinho?

— Tenho que trabalhar de manhã.

O resto não foi dito. Pensei que fosse perguntar se nos veríamos novamente, mas felizmente não o fez. Ela parecia triste, mas não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Não havia nada de errado com ela, exceto a complacência.

Ela estava irrepressível e resolutamente viva. E isso era, sem dúvida, uma decepção.

Annabel

SAM FOI ME VER QUASE TODOS os dias. No início, quando ele vinha, eu só conseguia olhar para o relógio na parede oposta enquanto ele me fazia perguntas. Algumas vezes, eu fingia estar dormindo. Mas depois de uns dias percebi que sua presença não me incomodava e, na verdade, me surpreendi esperando ele aparecer. Acho que foi nesse momento que comecei a me recuperar, pois sentia vontade de conversar.

— Por que você está aqui? — perguntei. — Deveria estar trabalhando.

— Posso entrar mais tarde. E você, como está se sentindo?

Não respondi. Não tinha palavras para descrever como me sentia. Ou, para ser mais exata, não sentia nada. Nenhuma sensação ou qualquer outra coisa, além de uma vaga decepção por ainda estar ali.

— Annabel?

Olhei na sua direção, sabendo que aquele era meu nome e, portanto, deveria responder.

— O quê?

— Quer saber como está indo a investigação? Andrew Frost disse que passou por aqui para ver você. Ele quer que se mantenha atualizada.

Tentei me lembrar se mais alguém tinha vindo me visitar, mas tudo era um borrão. Voltei a olhar para o relógio. Todo dia, eu aguardava aquela linha, a linha vertical, perfeitamente reta que indicava as seis horas, aguardando que algo acontecesse. Esperando um pouco de sossego, esperando o silêncio, esperando uma sensação de paz. Mas isso nunca acontecia e, às seis e cinco, todo dia, o processo de espera começava mais uma vez.

O relógio marcava onze e vinte. Eu queria voltar a dormir de forma adequada, mas logo daria a hora do almoço e, de qualquer maneira, toda vez que tentava dormir durante o dia, alguém aparecia e me acordava. Havia regras naquela ala do hospital, e uma delas era que a hora de dormir era à noite. Apesar dos ruídos, dos gritos e dos choros.

— Ele me falou que estão realmente precisando de você lá, Annabel.

— Mas não sei de nada.

— Eles querem fazer muitas perguntas para você. Como: o que aconteceu com o seu celular? De quem é esse outro telefone?

— Não sei.

— Você deve ter encontrado alguém, Annabel. Deve ter encontrado a pessoa que trocou o seu celular por este. Você se lembra?

Tentei me concentrar, porque talvez ele parasse de perguntar se eu desse a resposta certa, mas não havia nada a lembrar — apenas uma confortável escuridão, um calor, um espaço de tempo no qual tudo tinha estado bem, até me arrancarem de lá e me trazerem para aquele lugar branco, barulhento e frio.

— Não consigo me lembrar de nada.

— Você saiu? Encontrou alguém enquanto estava fora?

A enfermeira então chegou, interrompendo-o. Ele se sentou, quieto, e sorriu enquanto ela cuidava de mim.

— Você está conversando com a gente hoje, Annabel? Essa é uma boa notícia. Gostaria de sair para dar um passeio?

— Não — respondi.

— Talvez seu amigo possa ir com você.

No mesmo instante Sam respondeu:

— Claro. Posso sair um pouco com você. Que tal?

— Não sei — falei.

— O dia está lindo. Você deveria sair e respirar um pouco de ar fresco.

A enfermeira me colocou numa cadeira de rodas, muito embora eu pudesse ir andando. Talvez ela soubesse que, se não me colocassem numa cadeira de rodas, eu andaria reto até a porta e iria embora.

Sam empurrou a cadeira, passando pela saída de emergência e depois indo para um dos pátios quadrangulares. Estávamos cercados de edifícios; não havia saída, mesmo que tivesse conseguido ficar de pé e sair correndo. Ele me posicionou bem nos raios de sol e inclinei a cabeça para trás, sentindo o calor no meu rosto. Uma brisa balançou meu cabelo, que estava oleoso e comichava. O resto de mim, contudo, estava limpo — eles me fizeram tomar uma ducha ontem e fiquei debaixo do chuveiro até aparecerem para me tirar dali.

— Havia um arco-íris — falei.

— O quê?

— Vi um arco-íris. Foi a última coisa que aconteceu. E o anjo.

— O anjo?

Ele deve saber que estou falando metaforicamente, pensei. O anjo era o meu anjo; não iria aparecer para outra pessoa qualquer. Para todos os outros, o anjo era fruto da minha imaginação, só eu sabia que era real. Era ele que podia mudar tudo, que aparecera para mim quando eu mais precisava dele, quando estava desesperada, triste e solitária. Ele surgiu para mim e me mostrou qual caminho deveria seguir. Sam certamente não tinha um anjo, e por isso eu ficava triste por ele.

— Não é real — falei, tentando consolá-lo. — Nada disso é real. Você sabe.

— Como você sabia que era um anjo? — perguntou ele, com a voz calma, serena.

— Ele me fez sentir melhor. Fez todas as coisas ruins sumirem.

— O que ele disse? Você se lembra?

— Disse que eu estava bem, que tudo estava bem. Falou que eu devia ir para casa e que não precisava me preocupar com nada.

— Ele deu alguma coisa para você comer ou beber?

Comecei a dar risada, o que me fez tossir.

— Ele não era esse tipo de anjo.

— Receio que não fosse um anjo bom, Annabel.

Abri os olhos e olhei-o de soslaio, ajustando minha visão à forte claridade, até conseguir focar no seu rosto. Era a primeira vez que olhava para ele adequadamente, depois de algum tempo sem conseguir isso, e de repente me lembrei de tê-lo encontrado fora do hospital, e como aquela intrusão me irritou, mas, agora que havia passado, ele me fizera sentir melhor em relação à minha mãe, em relação ao que acontecera com ela. O rosto dele era bonito, e seus olhos me lembravam os do meu pai; como pareciam sorrir, mesmo quando ele estava sério. Ele era bastante gentil, pensei. Era gentil que continuasse me visitando.

— O que você quer dizer?

Ele estava sentado num banco com a cadeira de rodas estacionada ao lado, de forma que pôde estender o braço e segurar minha mão, que estava pousada em meu colo. Sua mão era quente e firme.

— E se ele estivesse fingindo ajudar? E se estivesse fingindo ser um anjo?

A resposta veio automaticamente.

— Não sei de nada.

Ele tentou outra vez.

— Você sabe onde está agora?

Olhei à minha volta, os prédios rodeando um canteiro verde.

— É um hospital — respondi. — Acho que é um hospital.

— Isso mesmo — disse ele. — Você está aqui porque foi encontrada em sua casa sozinha e pelo que tudo indica, não ingeriu comida ou bebida alguma durante quatro dias.

Podia ouvir as palavras que ele proferia, mas elas não faziam sentido algum. Eu não tinha sentido fome ou sede. Só quisera dormir. Desejara que tudo acabasse e que me deixassem sozinha. Mas agora era diferente, não era? O sol brilhava na minha pele.

— Disseram que você estava tentando morrer de fome.

Balancei a cabeça.

— Não, isso não é verdade.

— Foi o que eu disse a eles. Disse que você estava ocupada com a investigação, tinha coisas para fazer… Certamente passou por um momento difícil, com o falecimento da sua mãe, mas você não queria morrer. Não estava tentando morrer, não é?

— Não — respondi. — Só queria dormir.

— Pois eles acham que você tentou se suicidar. E é por isso que você está aqui.

— Eu só queria dormir — repeti.

Eu me concentrei bastante e, de repente, algo me voltou à lembrança.

— Eu me lembro da visita dele — afirmei.

— De quem? Do homem?

Suspirei, aborrecida.

— Não, Frost. Eu me lembro que ele veio me ver aqui… ficou sentado na cama. Ele queria saber por que eu não lhe disse que estava deprimida.

— Ele é um homem bom, Annabel. Ele acha que você passou por momentos muito difíceis.

— E eu sequer me dei conta de que aqueles eram sintomas de depressão.

Ele franziu a sobrancelha, inclinou-se para a frente no banco e ficou olhando

para o chão.

— Não há por que sentir vergonha. Muitas pessoas sofrem de depressão. E também não é algo fácil de confessar.

Olhei para ele com atenção, me perguntando se eu pensara, durante aqueles dias em que estivera sozinha, que nunca mais o veria.

— Quando você receber alta — disse ele —, pode ficar lá em casa, se quiser.

— Não, obrigada — respondi automaticamente.

— Não acho que eles estejam pensando em deixar você voltar para casa, pelo menos não tão cedo. Se ficar lá em casa, talvez deixem você sair antes. Para nós seria um prazer se viesse, mesmo você sendo rabugenta e hostil a maior parte do tempo.

— Obrigada.

— Não há de quê.

Sorri, apesar de não ser minha vontade.

— A esposa do meu pai, Irene, cozinha muito bem. E além disso tem formação como cuidadora e acompanhante. Portanto, você não poderia estar em mãos melhores. Ela não vê a hora de começar a cuidar da sua alimentação, sabe. Está precisando de um projeto.

— E isso deveria soar tentador?

— Foi minha tentativa nada sutil de fazer você se sentir à vontade com a ideia. Então, o que acha?

Não respondi de imediato. Tentei me imaginar voltando para casa e trancando a porta. A impressão era de aquela era a coisa certa a fazer, o caminho certo a seguir… mas havia algo nisso tudo que me deixava com medo.

Ele se mexeu outra vez no banco.

— Você se lembra das pessoas que morreram, Annabel? Você estava pesquisando todos aqueles corpos que foram encontrados já em decomposição nas próprias residências. Está lembrada?

Assenti, embora fizesse muito tempo que não pensava naquilo.

— Você se lembra de Rachelle? De Shelley, a mulher que você encontrou na casa ao lado da sua? E as duas que foram descobertas pouco antes de eles começarem a investigação? Você se lembra de que recebi uma ligação de uma das vítimas, me dizendo onde encontrar outra?

Franzi a testa ao ouvir os detalhes, tentando agarrar as lembranças que não

paravam de me escapar.

— Eles ainda estão tentando descobrir quem é o responsável por tudo isso, Annabel. E acho que é o homem que você encontrou. Acredito que ele tenha feito alguma coisa com você, pois estava seguindo o mesmo caminho de todas aquelas outras pessoas.

— Mas… — Por que aquilo era tão difícil? Por que meu cérebro não estava funcionando? Por que não conseguia pensar com clareza? — Mas eu estava… feliz.

— Estava feliz morrendo de inanição?

— Não era bem assim — rebati, balançando a cabeça. — Era apenas como se… Não sei… como se estivesse flutuando para longe.

— Mas você não queria morrer?

— Acho que não. Não estava tentando me matar. Só queria dormir.

— Mas teria morrido se eu não a tivesse encontrado.

— Você me encontrou?

— Tentei ligar para você, mas seu telefone estava desligado. Enviei uma mensagem de texto, e algumas horas depois, veio uma resposta realmente estranha, dizendo que você estava pensando em partir e queria ficar sozinha. Por fim, acabei indo até sua casa. A porta dos fundos estava destrancada. Sua gata estava enlouquecendo.

— Gata?

— Não se preocupe. Tenho passado na sua casa todo dia e dado comida para ela, que é uma graça, aliás. Como se chama ela?

A gata. Tentei encontrar outra palavra na minha cabeça, procurei por ela, quase desisti e então, de repente, lá estava.

— Lucy. O nome dela é Lucy.

— Bem, é melhor do que Puss, o nome que Irene inventou.

As cores estavam fortes demais, o verde da relva e as folhas nas árvores, vermelhas, douradas e marrons, além de todas as cores imagináveis neste espectro. E o céu, tão azul, um azul brilhante que machucava meus olhos.

— Minha mãe morreu — falei. — Parece que foi anos atrás.

— Faz apenas duas semanas. Sinto muito. Sei como dói. Passei por isso também. Você precisa de tempo e de todo o apoio possível.

— Eu devia estar resolvendo várias coisas, não é?

— Posso ajudar. Está tudo bem. Falei com o pessoal que cuida da família dos pacientes hospitalizados, e eles estão guardando o corpo da sua mãe, para quando você estiver pronta. Não há com o que se preocupar.

O sol se escondeu atrás de uma nuvem e a brisa pareceu repentinamente fria. Estremeci e cruzei os braços no peito.

— Você quer entrar?

Olhei para trás por cima do ombro, na direção da saída de emergência, por onde era o caminho de volta para a enfermaria.

— Não. Posso ficar aqui mais um pouquinho?

Ele então sorriu, um grande sorriso feliz, e percebi que também estava sorrindo para ele.

— Você vai ficar bem — disse ele.

— Vou. Claro. Não há nada com o que me preocupar.

Ele estendeu a mão e afagou meu braço e depois me deu uns tapinhas no joelho.

Colin

RACHELLE ENTROU NA MINHA VIDA UM mês depois de Justine.

O intervalo entre as duas foi dedicado aos estudos, ao uísque e à pornografia. A única aula que frequentei durante esse período foi a PNL de Nigel — e todas as noites, depois do trabalho, me dedicava, aprofundando meus estudos sobre o assunto, também expandindo para outros tópicos, como hipnose, controle da mente e sugestão. Ficava acordado até me sentir cansado demais para enxergar o computador na minha frente, e a essa altura, eu colocava um DVD no quarto e assistia até chegar à conclusão inevitável.

Agora eu sabia aonde tudo aquilo estava me levando. Sabia e entendia tudo com uma surpreendente lucidez — aquele era meu chamado, tinha nascido para fazer isso, e tudo o que acontecera até então na minha vida havia me feito chegar àquele momento.

Conheci Rachelle quando passeava no parque em Baysbury, num domingo de manhã. O dia estava claro, frio, ensolarado — era um desses dias em que se espera encontrar um bocado de gente no parque, razão pela qual quase não fui. Eu me esquecera que havia um jogo importante de futebol e, em consequência disso, todo mundo ficara em casa ou fora aos pubs, assistir à partida. Todo mundo, exceto Rachelle e eu.

Passei andando por ela, sentada no banco do parque no meio de uma ladeira, e fiquei imediatamente impressionado pelo seu físico e pelo fato de ela estar sentada num banco vestindo calça de ginástica e tênis, sua cabeça encolhida dentro de um capuz disforme.

Ela não prestou atenção em mim, então me senti bastante confiante para voltar e me sentar ao seu lado.

— Oi — falei.

Ela não respondeu, mas olhou na minha direção, com um sorriso nervoso nos lábios. Não estava acostumada que falassem com ela. Não estava acostumada a atrair a atenção. Estava acostumada a se esconder.

— Está um dia lindo hoje — comentei.

— É, acho que sim. — Sua voz soava ofegante.

— Você saiu para correr?

— É.

— Consigo subir essa ladeira em trinta e cinco segundos — falei. Não fazia a menor ideia se tal feito era possível; foi um palpite aleatório de um número que resolveu o impasse: como se eu tivesse apertado um interruptor e ela cedeu.

— É mesmo? Trinta e cinco? Só consigo em sessenta. Isso foi na semana passada.

— Você está em boa forma — elogiei

— Não. Estou muito…

Ela desistiu de terminar a frase.

— Você está numa jornada. Cada dia é um degrau que a aproxima mais da sua meta.

Ela me encarou com uma expressão de surpresa nos olhos azuis, que pareciam demasiadamente grandes para seu rosto pálido e abatido.

Coloquei a mão — hesitantemente, mas me pareceu ser a hora certa — em seu braço. Ela estremeceu por um breve momento, mas não o moveu. Dava para sentir os ossos embaixo da minha mão, como se aquele tecido cinzento e felpudo fosse a única coisa entre minha mão e seu esqueleto.

— Você tem razão — falei. — Tudo o que você pensa e sente está certo. Está escolhendo o caminho certo.

— Sim — concordou ela.

— Você pode tomar essa decisão. Pode escolher o que vai acontecer, como vai acontecer.

— Posso mesmo? — hesitou ela.

— Você sabe que tem razão — falei, mantendo a voz calma e o contato visual. Só é necessário fazer a coisa certa no momento certo.

— Preciso saber se vai funcionar — disse Rachelle.

— Vai funcionar. Você pode fazer esta escolha. Se decidir, assim será. Você precisa saber disso.

Poucos minutos depois, ela me levou ao seu apartamento, a algumas ruas dali. Passamos por um pub que estava tão cheio de gente que algumas pessoas tiveram que ficar na rua, com copos plásticos de cerveja nas mãos, todos

concentrados nas telas de televisão no interior. A situação do jogo — qualquer que fosse ele — podia ser determinada pelos urros e suspiros coletivos. Ao chegarmos à porta da sua casa, ouvi gritos de contentamento vindos de várias residências e, possivelmente, até do pub.

Não tínhamos falado desde que ela se levantara devagar do banco do parque e começara a caminhar. Mesmo assim, ela se afastou, me deixando entrar primeiro em seu apartamento. Parecia totalmente derrotada pela vida. A cumplicidade entre nós era a maior possível. Eu a ajudara a encontrar o caminho que ela mesma, inconscientemente, tinha escolhido. Contribuí para que ela pusesse um fim em sua existência miserável, só ao lhe dar a permissão para o que ela sentia que precisava para fazer. Ajudei-a a se transformar.

Annabel

ENFIM, ELES ME DERAM ALTA NO hospital. Não haviam sido capazes de descobrir o que tinha acontecido comigo, mas, como minha recuperação era nítida, eles disseram que eu podia ir, desde que tivesse a companhia de alguém no começo. Conversaram sobre uma indicação de terapia, consultas ambulatoriais regulares, e uma carta a ser entregue ao meu clínico geral.

Sam veio me buscar e me levou até sua casa, na Keats Road. Eu me lembro de ter ficado dentro do carro, observando aquela casa, no dia em que minha mãe estava no hospital e eu lhe dei uma carona. Tinha a impressão de que toda uma vida se passara desde então.

Fiquei calada. Ele tentou me fazer perguntas, mas como eu não respondia, acho que acabou desistindo. Eu estava com medo de tudo, assustada com o entorpecimento na minha cabeça, que não me permitia pensar direito ou me concentrar. O hospital era um lugar ruim, mas de certo modo o mundo do lado de fora era pior. *Não devia estar aqui*, fiquei pensando. *Devia estar morta. Será que virei um fantasma? É assim que a gente se sente então?*

Sam morava com o pai, Brian, um antigo membro das forças armadas que passava a maior parte do tempo no clube de veteranos bebendo com os amigos, e a esposa dele, Irene. Ela era tudo o que minha mãe nunca fora: brilhante, animada, cheia de vida. E havia sido a cuidadora da mãe de Sam, no passado. Ambos me acolheram cordialmente em sua casa, sem fazer perguntas, oferecendo-me um quartinho de hóspedes — Irene se desculpando por ele enquanto eu exprimia minha profunda gratidão, pois fora graças a eles que eu conseguira sair do hospital.

Sam me mostrou o quarto no andar de cima, que tinha uma cama de solteiro com uma colcha florida e um bichinho de pelúcia encostado no travesseiro.

— Vou deixar você se acomodar — disse ele. — Quer uma xícara de chá?

— Mais tarde, talvez — respondi. — Agora eu gostaria de dormir.

Ele deixou a porta aberta e desceu a escada. Eu a empurrei e me deitei na

cama, fechando os olhos.

* * *

No dia seguinte, Frost telefonou perguntando se eu estava disposta a falar com alguém. Sam tinha ido para o trabalho, deixando Irene comigo. Sem ele, me senti um pouco perdida, desprotegida.

— Acho que sim — respondi. — Não sei de nada.

Ele apareceu com uma policial que eu nunca vira antes e cujo nome esqueci assim que ela se apresentou. Nós nos sentamos na sala de estar. Irene preparou o chá e deixou uma bandeja com bolo de maçã caseiro na mesa à nossa frente, sem parar de falar sobre o tempo, as obras de trânsito nas ruas do centro da cidade e a escalação para o *Dança dos Famosos* daquele ano. Quando ela enfim se foi, nos deixando com os ouvidos ainda zumbindo, a impressão era de que todos tínhamos ficado surdos.

— Você está com uma aparência boa, Annabel — disse Frost. — Como está se sentindo?

— Bem — respondi automaticamente.

— Não precisa se preocupar — disse a jovem policial, sorrindo para mim. — Qualquer coisa que você puder lembrar, a essa altura, será útil.

— Não me lembro de nada — respondi.

— Sam nos contou que você lhe falou de um homem. Um anjo. Você se lembra disso?

Pensei um instante, fechando os olhos. Eu queria ajudá-los. Queria me lembrar.

— Era uma pessoa comum. Um homem normal. Mas ele me dizia coisas que me acalmavam. E era gentil.

— Ele foi até sua casa com você?

— Não. Voltei de carro. Havia um arco-íris.

Eu queria acrescentar que o arco-íris era um sinal da minha mãe, um sinal de que eu podia confiar nele, que ela o enviara para que tomasse conta de mim, mas não revelei essa parte. Eles não seriam capazes de entender. Teriam achado graça.

— O que aconteceu quando você foi para casa?

— Nada. Saí na manhã seguinte. Falei com você pelo telefone — contei, olhando para Frost.

— Eu me lembro — afirmou ele. — Onde você estava, quando nos falamos pelo telefone?

— No estacionamento. Estava indo para a agência funerária.

— Você se lembra de ter entrado e falado com as pessoas de lá?

— Não — respondi. Fechei os olhos outra vez, me esforçando para me recordar da cena. — Eu me lembro de andar na direção da funerária e lá estava ele, esperando por mim.

Olhei para Frost. Ele estava sentado, inclinado para a frente, as mãos apertadas entre os joelhos. Ao vê-lo naquela posição, me lembrei de algo que Sam me dissera, numa de suas visitas diárias ao hospital. Ele me contara que tinha saído com Ryan Frost na noite anterior. Ryan dissera a Sam que seu pai andava preocupado, infeliz, temendo ter ignorado os indícios durante nossa conversa pelo telefone naquela manhã, quando eu estava no estacionamento do centro comercial. Aparentemente, minha voz tinha soado "esquisita". Ele achou que deveria ter feito algo, ter ido atrás de mim.

— Você pode nos descrever como ele era? — A mulher tomou para si o trabalho de fazer as perguntas. Fiquei envergonhada, pois não conseguia me lembrar do seu nome.

Ele era um anjo, pensei. *Não dá para descrever os anjos. E ele teria parecido diferente para todas as outras pessoas.*

Balancei a cabeça.

— Não, ele era apenas… comum.

— Era mais alto do que você?

— Não me lembro.

Frost estava ocupado, se servindo do bolo de maçã de Irene, a boca cheia de migalhas. Eu o observei.

— Sobre o que vocês conversaram? — perguntou a policial.

— Não me lembro.

— Ele pediu para você ir com ele a algum lugar?

Então, senti as lágrimas brotarem nos meus olhos, não pela frustração de não me lembrar, mas por causa das suas perguntas insistentes. Eu sentia como se os estivesse desapontando: desapontava Frost, desapontava Sam, Brian e Irene,

todos que tinham sido tão gentis comigo.

— Annabel?

— Não me lembro de nada.

— Tudo bem — disse a policial, quem quer que ela fosse. Não gostei dela. Ela estava me dando dor de cabeça com seu sorriso solidário, seu cabelo brilhante e seus dentes brancos também brilhantes.

— Quero voltar a dormir — falei. — Estou mesmo muito cansada.

Eu me levantei e saí da sala. Irene estava na cozinha, em pé ao lado da porta, parecendo constrangida e impaciente. Pensei que era provável que estivesse nos ouvindo e levou um susto quando abri a porta, não tendo tempo para disfarçar, fingindo estar ocupada com uma tarefa inocente. Olhei para ela e subi a escada. Não me importava que estivesse nos ouvindo; eu não tinha nada a esconder dela, exceto meu próprio cérebro patético e sua incapacidade de lembrar o que acontecera comigo.

Eu me deitei na cama, ouvindo-os falar de mim lá embaixo.

— Ainda é muito cedo — dizia Frost. — Mas pensei que ela estivesse bem.

— Ela *está* bem — retrucou Irene. — Está passando por uma provação terrível. Só precisa de um pouco mais de tempo.

— Temos que fazer certas perguntas — disse a policial. — Talvez possamos voltar amanhã. Para ver se ela se lembrou de alguma coisa.

— Não — protestou Irene. — Ligaremos para vocês se ela se recordar de algo.

— Não é esse o caso — ponderou a policial. — Estamos fazendo uma investigação de homicídio, Sra. Everett. Precisamos reunir o máximo de informações possível. Sabemos o que estamos fazendo.

— Com a coitada da moça vocês não sabem, não — disse Irene. — Não vou deixar que a atormentem.

— Olhe — interveio Frost. — Isso não está nos levando a nada. Muito obrigado pelo seu tempo e pelo bolo. Ligue para mim, me avise sobre o estado dela, ok? Ela terá todo o tempo que precisar.

Irene acompanhou os dois até a porta da frente e a ouvi batendo-a com força. Eu me perguntei se ela estaria brava comigo.

Colin

TENHO REVISADO MEUS CADERNOS DE BIOLOGIA à noite, comparando anotações que fiz com as imagens.

Só ocasionalmente, quando estou no estado de espírito adequado, seleciono um álbum de fotos para examiná-las e preparar uma apresentação de slides ao fundo enquanto estou ocupado com alguma outra atividade ou afazer. É apaziguador. Sem som.

Shelley foi a que se deteriorou mais rápido, talvez porque sua casa fosse mais aquecida. Eu me pergunto também se os remédios que ela estava tomando causaram algum efeito na composição química de seus fluidos corporais. De qualquer maneira, o destaque foi a perda do antebraço, os tendões que normalmente sustentam o resto do esqueleto continuam no lugar, bem após a desintegração da carne, abandonando-a, do modo como seu corpo a abandonara na vida.

Olhei minhas anotações sobre tafonomia: o estudo do processo a que um corpo, humano ou animal, é submetido após a morte. Os processos tafonômicos não se limitam à decomposição, para a qual existem quatro ou cinco estágios reconhecidos, dependendo do livro que você consultar (Decomposição Inicial, Putrefação, Decadência — ocasionalmente dividida em Deterioração "Úmida" ou Ativa e Deterioração Avançada — e Esqueletização), mas que podem incluir processos envolvendo atividade externa. Como consequência, a necrofagia, vermes que se alimentam da carcaça, queimaduras e canibalismo são também descritos como processos tafonômicos.

Sempre fui fascinado pelo papel da natureza em tudo isso. Será que a atividade humana devia ser separada dos processos tafonômicos, por se tratar de uma intervenção? Quero dizer, posso tranquilamente considerar a necrofagia animal e incluí-la como parte do processo, pois os animais têm o instinto natural de comer carne em putrefação, mas e quanto ao canibalismo? Seria muito melhor só observar o processo sem nenhuma intervenção humana, para ver a natureza em

ação sem obstáculos. Mas, hoje em dia, tudo é submetido à intervenção humana simplesmente por causa do estado em que está o mundo. Até mesmo um cadáver, deixado sossegado num local remoto, estaria sujeito à intervenção humana — efeito estufa, buraco na camada de ozônio, chuva ácida — agindo para facilitar o processo de decomposição junto aos demais fatores que a natureza convida para a festa. E é absolutamente impossível, portanto, separar o "real" do artificial.

Gostaria de ter alguém com quem discutir sobre isso. Meu pai, se tivesse sobrevivido, teria se interessado. Ele era imensamente fascinado pela natureza, e acho que herdei dele meu interesse pelo assunto. Nos longos passeios que minha mãe insistia que fizéssemos todo domingo enquanto ela "descansava", ele me distraía e me instruía sobre a sincronicidade, os belos, poéticos e criativos sistemas e estruturas da vida e da morte. Tudo tem um propósito; todas as coisas têm seu lugar, o direito de existir, uma função. Nascimento, vida, morte, um ciclo infinito e ressonante, uma dança na qual todos os passos são naturais e inatos. Nenhuma confusão, nenhum desperdício, nada fora do lugar. As mudanças ocorrem na hora certa e pelas razões certas.

* * *

Hoje mais cedo, Vaughn ligou para o meu trabalho para adiar nossa cerveja na hora do almoço. Estava ligando de casa, não tendo sido capaz de ir trabalhar. Pelo que parece, Audrey tornou a separação algo permanente, e Vaughn está aborrecido demais para contemplar outra coisa que não seja o fato de tê-la perdido.

— Simplesmente não entendo — geme ele ao telefone. — Estávamos nos dando tão bem.

Senti vontade de sugerir que era provável que o início do fim tenha sido no momento em que ele considerou Weston-super-Mare como um destino romântico no fim de semana, mas segurei minha língua.

Não tenho escrúpulos específicos em relação a "roubar" Audrey de Vaughn, embora talvez a ideia de seu corpo e por onde ele andou possa ser capaz de desviar um pouco minha atenção se pensar muito nisso. Mas o fato de ela estar solteira agora, e presumivelmente carente de algum consolo, consome todos os

meus pensamentos.

Já passei por isso antes, lembram? Houve um tempo, antes de Justine, em que eu queria uma namorada. Mas será que é isso o que quero agora? Entediado com a dança da morte, será que quero mesmo retornar para a imprevisibilidade e o desespero da vida? Uma parte de mim quer trepar com ela, sim. Uma parte quer isso. Mas existe algo mais.

Em todas as minhas relações com os deprimidos, defeituosos e atordoados, aprendi logo que não fazia sentido tentar qualquer uma de minhas técnicas com aqueles que ainda não tinham considerado o caminho e dado alguns passos nessa direção. Simplesmente não funcionava, e nenhum dos ajustes que fiz aos meus procedimentos resolveu a situação. Foi então que aprendi como escolher as pessoas certas. Mas agora me dou conta de que a razão pela qual tudo ficou tão estagnado não é que após ter visto um ser humano em decomposição você já tenha visto todos, mas sim o fato de eu ter uma escolha tão limitada nesse assunto. Se eu pudesse escolher aleatoriamente as pessoas, tudo seria tão mais divertido.

Por isso, talvez não seja mais uma questão de ajudar pessoas que sabem o caminho que escolheram. Quem sabe não se trata de dar um empurrãozinho nessa direção em particular.

Após terminar meus afazeres, entrei no Facebook depois de vários meses. Já abri contas com diferentes identidades, por vários motivos, mas hoje, vou direto para o meu próprio perfil. Não me dei o trabalho de procurar ou adicionar amigos, além de Vaughn, que insistiu. Ele continua sendo meu único amigo. Em sua página, ele anuncia orgulhosamente estar num “relacionamento sério com Audrey Madison”. Entro no perfil de Audrey, que ostenta com o mesmo orgulho a situação de que está em um “relacionamento enrolado”.

Para minha surpresa e prazer, o perfil de Audrey aparece instantaneamente acessível: em “informações”, descubro seu e-mail, toda uma lista de filmes que aprecia (horror e suspense, em geral), que seu gosto musical pode ser mais bem descrito como eclético (Simon and Garfunkel, Metallica, Beatles) e que ela estudou numa escola em Northampton e depois foi para a Universidade de Leicester. Seus interesses relacionados são culinária e malhação. Infelizmente, ela decidira não completar a parte do perfil relacionada ao emprego. Passo para seus amigos (um total de trezentos e dezessete) e examino os nomes ali listados.

Dez de seus amigos marcaram como local de trabalho a Arnold and Partners, em Briarstone. Procuro a página na internet da Arnold. Trata-se de uma firma de contabilidade localizada no centro da cidade. Volto à lista dos amigos de Audrey e decoro os nomes daqueles que dizem trabalhar naquela empresa, depois vou para o "Mural" de Audrey e lá está, uma mensagem de sexta-feira passada.

Cheryl Dann: Espero que tenha um bom fim de semana, querida. Vejo você segunda no trabalho. Bjs

Pesquisando Arnold and Partners na internet chego ao site deles, que felizmente apresenta um mapa na seção "Atendimento", assim como os horários de expediente.

Volto para a página de Audrey e leio as diversas atualizações, curtidas e comentários. Ontem, Audrey publicou:

Audrey Madison: Mal posso esperar pela festa de aniversário da Adele na sexta. Já faz tempo que estou precisando de uma noitada.

Na sequência, alguns comentários dos amigos:

Lara Smith: Quero mto ver vc por lá. A que horas vamos chegar ao Luciano's?
Claire McLeod: Reservamos a mesa p/ as 8h, Lara.
Lara Smith: Valeu, a gente se vê por lá!
Cheryl Dann: Uhul!
Adele Gostosinha Strachan: Mto animada. Venham com tudo.

Faço outra pesquisa na internet e descubro que há um Luciano's em Briarstone — um restaurante italiano bem no centro da cidade. Fica na Market Square, onde também estão três outros bares e uma das maiores boates.

Depois disso, me permito finalmente ver as fotos de Audrey. São doze álbuns, dos quais, felizmente três têm títulos, indicando que são fotos de suas férias de verão dos últimos anos.

Começo com a mais antiga: “Kos Agosto 2009”. Antes de seguir em frente, eu me levanto e tiro minha calça, coloco-a dobrada num cabide e guardo-a no armário. Em seguida, passo o resto da noite me masturbando diante das deliciosas imagens de Audrey de biquíni. E ela não é mais de Vaughn. Para ela, o relacionamento está “enrolado”, mas para mim está tudo maravilhosamente simples.

Ela é minha.

Briarstone Chronicle *Outubro*

Encontrado corpo de antigo presidente do Conselho Municipal

A polícia foi chamada até uma casa em Newton Lane, na noite de sábado, onde descobriu os restos em decomposição de mais uma pessoa, um homem idoso, que acreditam tratar-se de um antigo membro do Conselho de Briarstone, George Armstrong, 92. Um porta-voz da polícia informou que vizinhos tinham se queixado que um forte odor vinha da residência.

O Sr. Armstrong atuou como Conselheiro em Castle Ward de 1975 a 1988, quando se aposentou. Foi presidente do Conselho em 1980 e 1985, e foi considerado fundamental para garantir a preservação dos empregos de centenas de operários da fábrica de papel Langridge, que estiveram sob ameaça de demissão em 1980.

Um vizinho, que preferiu não ser identificado, revelou que o Sr. Armstrong já não era visto havia algum tempo. "Ele saía muito para caminhar; sempre nos cumprimentava. Fazia alguns meses que não o via. Pensei que tivesse sido hospitalizado, ou levado para um asilo."

Marjorie Baker, moradora de Newton Lane, disse ter pensado que o Sr. Armstrong tivesse ido morar com a família na Austrália. "Acho horrível que nos dias de hoje ninguém seja capaz de perceber que você sumiu", afirmou a Sra. Baker. "As pessoas deveriam cuidar mais umas das outras."

George

As coisas nunca mais foram as mesmas para mim depois da morte de Vilette. Eu a chamava de Vi. Ela foi meu raio de sol, minha luz e minha alegria durante

cinquenta e nove anos. Vi era a razão para eu estar aqui, assim como eu era a razão para ela continuar no mundo.

Quando nos encontramos, eu estava com vinte e dois anos, e foi por puro acidente. Eu estava de licença em terra, só por dois dias, depois voltaria para o mar. Era fevereiro e o lago estava congelado. Peguei um atalho no parque, voltando para casa, depois de ter ido comprar cigarros, acho. Ou alguma outra coisa para minha mãe. Notei a presença de um grupo de meninas ao lado do lago, que riam, brincavam, sabe, estavam à toa. Vi alguma coisa voando no ar e planando no vento até alcançar a superfície do lago, algo azul e brilhante, como a asa de um pássaro exótico. Depois de flutuar no ar, a brisa o levou para longe.

Então, as meninas saíram correndo, rindo, deixando uma delas para trás, à beira do lago.

A coisa azul — uma echarpe de seda que tinha sido dada à sua mãe francesa quando ela vivia em Paris, antes da guerra, uma echarpe que a jovem Vi era proibida de olhar, quanto mais levar para fora de casa, e muito menos usá-la — estava estendida, abandonada em uma pequena poça azul a dez metros da margem.

Antes que eu pudesse chegar lá para ajudá-la, ela enfiara um pé no gelo, depois o outro e avançava com um passo determinado e cauteloso na direção do centro do lago e da echarpe. Era uma moça magrinha, com apenas dezoito anos, leve como uma pena e pequenina, mas mesmo assim a camada de gelo estava mais fina do que no fim de semana anterior, quando ela havia patinado ali; os fracos raios de sol de fevereiro a haviam deixado mais frágil.

Quando eu ainda estava a cem metros de distância, o gelo se rompeu sob seus pés. Eu já chegara perto o suficiente para ver o espanto no seu rosto, ouvir seus gritos, antes de o gelo estalar novamente e ceder. Ela afundou só até o peito — felizmente era raso ali —, mas ainda assim tentou se agarrar na beirada e não conseguiu se apoiar para sair dali.

— Estou indo — gritei. — Não tenha medo! — Como se isso fizesse alguma diferença em meio ao terror e sofrimento de estar preso num lago congelado.

Tirei meu casaco e meu suéter de lã, que minha mãe tricotara para mim no Natal anterior, e a camisa também. Depois amarrei as mangas de um ao outro. Não ficara comprido o bastante, então acabei tirando também a camiseta e amarrando-a na extremidade. Enquanto isso, podia vê-la ficando azul. Por fim,

ficou no comprimento ideal para que ela conseguisse alcançar e eu lhe disse para enrolar a ponta do tecido nas mãos, para ficar bem firme, e a puxei para fora.

Estávamos ambos tremendo de frio, ela mais do que eu, é claro. A essa altura, um grupo de pessoas se reunira ali em volta, inclusive meu irmão, Tom, que viera ver onde eu me metera. Ele me entregou seu casaco e outra pessoa retirou o que vestia e cobriu a menina.

Ela foi levada para o hospital e se recuperou logo depois. Conseguiu até guardar a echarpe no armário da mãe, antes que ela desse pela sua falta.

No dia seguinte, passei para vê-la, antes de voltar para o navio e ela me disse que eu tinha salvado a vida dela. Aquilo me pareceu um tanto exagerado, afinal o que eu poderia ter feito, deixado-a ali? Mas, nesse ponto, eu já vira seus olhos cinza enormes e lindos e as covinhas que apareciam em seu rosto quando sorria.

Nós nos casamos em 1943, quando meu navio voltou ao porto — apenas uma rápida cerimônia, eu de uniforme, ela com um casaco que pegara emprestado de uma amiga e a linda echarpe azul, que sua mãe emprestou.

Vi morreu um ano antes de celebrarmos nossas bodas de diamante. Estávamos planejando um festão, com nossa filha Susan e toda sua família australiana, mas, já na primavera, ambos sabíamos que ela não resistiria por mais tanto tempo assim. Ela lutou bravamente, mas no final tudo acabou como já esperávamos. Ela morreu segurando minha mão, num dia chuvoso de março.

Eu lhe dei um beijo de despedida e fui para casa.

Você quer conhecer minha história, não é? Pois bem, minha história terminou naquele dia em que deixei Vi para trás, no hospital. Algumas coisas aconteceram depois disso, só que nada mais tinha importância alguma.

Susan veio da Austrália para o enterro. Ficou duas semanas e depois voltou para casa. Sabia que ela não voltaria outra vez para a Inglaterra até o meu enterro, e era possível que nem assim — mas, no final das contas, eu não ficaria sabendo mesmo, não é?

Annabel

O ENTERRO DA MINHA MÃE ACONTECEU onze dias depois que saí do hospital. Sam ajudou com os preparativos. Ele fez um levantamento dos preços de outras funerárias e acabou organizando tudo, antes que eu tivesse condições de tomar decisões novamente. Ele não quisera que eu voltasse sozinha à funerária ao lado do Co-op, pois tudo havia começado ali… onde o encontrei, o anjo, ou quem quer que ele fosse na realidade.

Irene me ajudou a me arrumar. Ela me emprestou uma saia preta e um suéter de caxemira; não achei que caberia em mim, mas, para minha surpresa, ficou até um pouco folgado.

— Que tal uma maquiagem de leve? — sugeriu ela. — Para dar uma iluminada nesse seu lindo rosto? Hein?

— Em geral, não me incomodo com isso — respondi.

— Venha comigo.

Eu estava começando a perceber que não valia a pena discutir com Irene. Ela me levou até o quarto da frente, me fez sentar na beirada da cama de casal e cuidou do meu rosto enquanto eu ficava de olhos fechados.

— Sempre me sinto melhor quando passo um pouco de batom — disse ela.

Todas as vezes que usara maquiagem no passado, eu me sentira suja, mas não falei isso para ela. Era mais fácil deixar que fizesse o que bem entendesse.

— Vocês são muito gentis me acolhendo desse jeito — falei. — O que você pensou quando Sam disse que eu iria ficar aqui?

Ela riu.

— Não me surpreendeu. Ele falava muito de você. Ficou bastante preocupado quando você foi parar no hospital, sabe.

— Ficou mesmo?

— É claro.

— Não entendo por que ele se dá todo esse trabalho.

Irene vasculhava a bolsa de maquiagem. Olhei para ela com curiosidade —

como uma pessoa podia precisar de tanta coisa? Para que tudo aquilo?

— Tenho a impressão de que ele se vê muito em você, Annabel. Ele ficou muito deprimido quando a mãe morreu, sabe. Ele a amava demais. Demorou muito, muito tempo para que superasse essa perda.

— Pensei que tinha interesse apenas em conhecer a fundo a história para fazer a reportagem.

Ela franziu a testa. Era uma mulher bonita, pensei. Mais jovem que Brian. Eu me perguntei quantos anos teria.

— Nada disso. Nosso Sam não é assim. Ele é um bom jornalista, mas também uma pessoa de princípios. Ele acha que pode ajudar você, então decidiu que é isso o que deve fazer. É uma joia rara, o nosso Sam.

Ela se afastou e pude ver meu reflexo no espelho. Eu estava bem diferente. Não parecia nem um pouco comigo. Sorri para mim mesma, hesitante.

Quando voltei para o quarto, achei uma pequena pluma branca no chão, ao lado da cama. Era da minha mãe, uma mensagem para dizer que ela estava lá, que estava comigo. Talvez até gostasse que Irene estivesse cuidando de mim. Tive uma sensação de alívio. Houve momentos em que não tinha certeza se ainda acreditava em anjos, e talvez, inconscientemente, estivesse esperando um sinal. E ali estava ele.

Algumas pessoas da Organização Social compareceram ao funeral; Len, o seu vizinho, sem a esposa. Para minha surpresa, Kate apareceu e me disse que, embora tivesse dito que tentaria vir, Frost tivera um imprevisto de última hora. Sam também estava lá, é claro. Ele se tornara minha sombra, e se isso continuasse ainda por muito tempo ia acabar me enlouquecendo.

Mesmo assim, o crematório estava terrivelmente vazio. Ela se isolara tanto de tudo, depois que a tia Bet faleceu, que pouquíssimas pessoas a conheciam, muito menos havia quem ainda a considerasse uma amiga. Isso foi um choque desagradável, que desaguou em outro ainda pior — a consciência de que eu estava indo na mesma direção. Se organizassem meu funeral, quantas pessoas compareceriam? Provavelmente, não muito mais do que havia ali. E a cada minuto, eu tentava chegar a uma conclusão de quanto tempo ainda levaria para isso acontecer.

Sam segurou minha mão, quando a missa começou no crematório, com três minutos de atraso. Eles eram meticulosos na questão do horário, mas acho que

estavam esperando para ver se chegava mais gente. No entanto, pelo visto, não adiantaria nada. Eu não me sentia disposta a falar em público — mesmo para tão poucas pessoas —, então, o oficiante leu o discurso fúnebre que eu escrevera, e Sam o ajudou bastante.

Eu olhava fixamente para o caixão, enquanto as palavras se dissipavam, e tentava lembrar como era minha mãe anos atrás. O quanto eu a desrespeitara na adolescência. Ela devia me odiar naquela época.

Eles tocaram Jim Reeves. Depois disso, Sam se levantou e leu um poema que encontrara na internet. Sua leitura foi clara, com a voz firme, embora estivesse vermelho de vergonha. Ele encarava o relógio no fundo da sala, acima das duas portas por onde todos tínhamos entrado.

Tentei imaginar minha mãe num lugar mais iluminado, como sugeriam as palavras do poema, mas tudo que conseguia pensar era em como ela teria odiado se deparar com uma multidão ali.

Quando Sam voltou a se sentar, sussurrei ao seu ouvido:

— Obrigada.

Ele voltou a segurar minha mão e a apertou em resposta. Quando tudo estivesse acabado, voltaríamos para a casa na Keats Road e comeríamos o jantar que Irene estava preparando, com a tácita convicção de que eu precisava me alimentar para me sentir melhor. Nos últimos dias, ela havia feito comidas saudáveis, jantares nutritivos que eu me esforçava para engolir. Aquilo ainda parecia estranho, desnecessário; acho que se não fosse pelo atencioso cuidado deles, eu não teria sequer me incomodado em comer.

O oficiante encerrou a cerimônia e todos ficamos de pé. As portas se abriram e saímos para a chuva fina. Olhamos as três coroas de flores lá fora, e depois disso não havia nada mais a se fazer ali. Agradeci a Len, dando por esquecido todo o constrangimento entre nós, e apertei sua mão, antes de ele se virar, erguer a gola para se proteger da chuva, seguindo para o estacionamento, curvado com o peso de seu sobretudo.

— Annabel, já vou indo.

Era Kate. Precisei encará-la com atenção para me lembrar de quem era, muito embora tivesse me sentado de frente para ela todos os dias no trabalho nos últimos três anos.

— Ah, sim. Obrigada por ter vindo. Foi… muito gentil da sua parte.

— Tudo bem. Fiquei realmente feliz em receber o convite.

— Não mandei convites — retruquei automaticamente. — Foi Sam.

— Ah, é? Bem… — Suas bochechas coraram.

— Quero dizer… Desculpe-me. Fui grosseira. É que fiquei surpresa ao ver você.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Por que surpresa? Todos nós andamos preocupados com você, sabia? Sei o que você pensa… Meu Deus, isso é constrangedor. Temos sempre a impressão de que você não gosta de estar ali no escritório com a gente. Eu queria que você se entrosasse um pouco mais.

Então foi a minha vez de ficar chocada.

— É mesmo?

— Claro. — Ela sorriu para mim e, pela primeira vez, tive quase certeza de que não estava fingindo. Afinal de contas, estávamos só as duas ali. Não havia ninguém para ela tentar impressionar, ninguém para quem se exibir.

— Então… quem é esse Sam? — perguntou ela. — Namorado novo?

Por um instante, fiquei tão perplexa que não consegui responder. Como alguém poderia sequer pensar…? Mas ela continuou:

— Ele é bonitinho? Onde vocês se conheceram?

Ela estava olhando para além de mim. Ao me virar, vi Sam conversando com uma das senhoras da Organização Social. Ele sorria, a cabeça inclinada na direção dela, para que pudesse ouvi-lo, o cabelo preto caindo em cima dos olhos.

— Ele não é meu namorado — repliquei, chocada.

— Ah — disse ela. — De qualquer maneira, parece ser um cara legal.

— É, sim. Ele é adorável.

— Mas não é…?

Balancei a cabeça. *Não faz o meu tipo*, pensei, mesmo sem ter a menor ideia de qual era o meu tipo, na verdade, e tampouco por que Sam não se encaixaria nele.

— Sentimos sua falta no trabalho, sabe — disse ela. — Sério, todos mandaram um grande abraço.

— Vou voltar logo. Segunda-feira, talvez.

— Leve o tempo que precisar — acrescentou ela. — Mas vai ser ótimo ter você de volta. — Ela se virou para ir embora, mas hesitou e voltou para perto de

mim. — Você sabia que Frost reuniu uma pilha inteira de contas telefônicas? Ele está fingindo que sabe o que fazer com elas, mas na verdade…

— Contas telefônicas? Para a investigação?

— É. Quer dizer, eu poderia dar uma olhada, mas o filho é seu, não é? Esse, pelo menos. Não quero me meter.

— Ele nunca me contou isso.

— É provável que não esteja querendo fazer pressão para você voltar, mas, sabe, se fosse comigo, eu gostaria de participar. Você não se importa que eu diga isso, não é mesmo?

— Não, de maneira alguma. E você está certa, quero mesmo participar da investigação. Obrigada, Kate.

Ela seguiu para o estacionamento. Observei-a se afastar, sentindo um rumor de excitação por dentro. Eu não estava ansiosa para voltar ao trabalho, lembrando-me daquela sensação de isolamento, mas na verdade a conversa com Kate me deixara mais animada em relação a isso. Ela não precisava ter ido ao enterro, mas fizera um esforço, não só em comparecer como também em falar comigo no final. Talvez as coisas fossem melhorar a partir de então. E agora eu tinha um verdadeiro objetivo, uma tarefa a ser cumprida.

De volta a Keats Road, Irene havia preparado um assado, o qual precisei me esforçar para engolir, muito embora estivesse delicioso. Eu me esquecera do que era sentir fome. A atmosfera ao redor da mesa estava calma, o que devia ser por minha causa. Todas as refeições, desde que eu chegara, tinham sido acompanhadas de conversas interessantes e risadas. Brian era um piadista, sempre contando longas histórias engraçadas sobre seus amigos, colegas de trabalho, sobre Irene ou Sam, com uma faísca nos olhos que eu descobrira significar que tudo era pura invenção sua e, ao final, ele viria com alguma conclusão de mau gosto. Seu método para contar a história era sempre deixar a parte mais engraçada para o fim.

— Não lhe dê atenção. — Irene me tranquilizara, na primeira vez que isso aconteceu.

Essa história, em particular, tinha levado vinte e três minutos para ser contada do começo ao fim, em parte porque ele se distraíra no meio do caminho e se perdera, desviando-se para a história do cachorro de alguém que comera um sanduíche de camarão que continha comprimidos escondidos contra a ansiedade

e teve que fazer uma limpeza estomacal (e, aparentemente, nesta intervenção, entre os conteúdos encontrados no estômago havia também um misterioso anel de diamante que ninguém jamais vira e uma moeda romana). E então, por fim, acabou recuperando o fio da meada, voltou à história original sobre um amigo dele que, por acidente, tivera uma overdose de Valium e dormiu cinco dias seguidos. Nada disso era verdade. Ouvi tudo aquilo, absorta, principalmente porque não precisava falar nada.

Irene e Sam pareciam lidar com ele conversando entre si — já haviam ouvido tudo isso antes, afinal de contas. De vez em quando, ele aparecia com uma nova e eles prestavam atenção, sorrindo, esperando o desfecho da piada.

Quando nos sentamos para comer o assado, Brian começou com a história de um enterro ao qual tinha comparecido, o de um colega cujo passatempo havia sido a ventriloquia. Irene lançou-lhe um olhar por sobre a mesa, provocando uma interrupção súbita e inesperada da sua anedota. Em seguida, o silêncio pairou.

— Vou dar uma saída — falei quando acabamos de comer.

Todos me olharam, surpresos.

— Vou com você — disse Sam, se levantando.

— Não, tudo bem. Só preciso de… hum… um pouco de ar fresco.

Antes que ele argumentasse, saí e abri a porta do carro.

O estacionamento do distrito policial estava praticamente vazio, o que não chegava a ser uma surpresa, considerando que eram quase quatro horas da tarde de uma sexta-feira. Estavam todos no pub, a caminho de casa, ou jogando sinuca no bilhar do outro lado da rua. Parei numa das vagas reservadas para o Setor de Inteligência.

Segui até a Sala de Operações Especiais, sem encontrar ninguém no caminho, mas quando abri a porta, havia três pessoas lá dentro — todas ao telefone. Eu me lembrava vagamente de ter sido apresentada a todos os três no meu primeiro dia, mas nome algum veio à minha mente. Sentei-me à mesa que Frost me designara e liguei o computador. Assim que o sistema autorizou meu acesso, abri o e-mail e vi que tinha recebido quatrocentas e vinte e sete mensagens. Nada mal. Selecionei as mensagens por remetente e me concentrei naquelas enviadas por Frost. Havia cinco com os títulos “Contas telefônicas”, “Mais contas”, “Contas do número 872”, “Contas de 481” e “Sinto muito. Último lote, juro”.

Suspirei com uma sensação que devia ser de prazer. Eu já trabalhara com

dados telefônicos antes; algumas pessoas podem ver nisso apenas uma lista infinita de números, planilhas intermináveis e destituídas de sentido aparente, mas eu adorava. Era a consciência de que, em algum lugar, enterrado lá no fundo sob dezenas de milhares de números, datas, horas e durações, havia um padrão: informações úteis ocultas, esperando que eu as encontrasse.

Abri o primeiro e-mail. Havia várias planilhas em anexo, identificadas pelos números dos celulares. A mensagem dizia:

Annabel,

não sei quando você terá tempo para cuidar disso, mas, se puder fazer uma triagem para nós, seria ótimo. Estas são as contas telefônicas dos aparelhos encontrados nas residências investigadas até agora. Ainda estamos aguardando outros. O de Rachelle parece interessante. Como você sabe, nunca achamos o celular que ela levou quando saiu da casa dos pais. E era um aparelho pré-pago. Conseguimos autorização para averiguar as chamadas e também estamos aguardando isso.

Andy

Fiz uma nova planilha para registrar todas as informações, relacionando os nomes das "vítimas", assim como os números dos telefones, o período que as contas abrangiam e o tipo de telefone. A maioria das colunas estava em branco, mas com um pouco de sorte eu seria capaz de preenchê-las aos poucos. Abri todos os e-mails e acrescentei os detalhes das planilhas restantes. Havia as contas de todos os telefones encontrados na maior parte dos endereços recentes, inclusive um nome que me causou arrepio — Shelley Burton.

Depois de cerca de uma hora, todos tinham saído da sala e já estava escuro lá fora. Assim ficou mais fácil me concentrar, e não demorou muito para que um padrão se concretizasse e tudo começasse a fazer mais sentido.

Havia algumas diferenças importantes entre as contas das vítimas. Judith Bingham, Noel Gardiner, de quem eu não ouvira falar, George Armstrong, que fora descoberto durante a minha ausência, e alguns outros — todas as contas pareciam normais — que tinham feito e recebido diversas ligações durante um longo período. Havia mensagens de texto, chamadas não atendidas e recados na caixa postal.

Assim que examinei as outras, contudo, vi uma diferença súbita e forte. O extrato de Rachelle Hudson foi o primeiro. Só havia chamadas recebidas de um único número, as ligações tinham começado cerca de dois meses antes de ela ser encontrada e tinham certa regularidade — uma chamada todas as noites, com duração de somente alguns minutos. Nenhuma mensagem de texto. As três últimas linhas dos dados mostravam chamadas não atendidas em noites consecutivas, próximas do fim de março. Rachelle tinha sido encontrada em vinte e um de abril.

Pesquisei a base de dados em busca do número que tinha ligado para o celular de Rachelle, mas era desconhecido.

Voltei a analisar as contas de Judith, Noel e George, procurando o número desconhecido em suas chamadas, mas não encontrei nenhum deles. Procurei um número diferente que apresentasse um padrão de chamada similar, ligações recebidas regularmente à noite, mas não achei nada assim. Estava começando a ter mais certeza de que esses três não faziam parte da série.

Depois disso, dei uma olhada nas contas das duas vítimas encontradas logo após Sam ter recebido aquela ligação e, assim como no da vítima seguinte, alguém chamado Edward Langton, os três apresentavam exatamente o mesmo padrão da conta de Rachelle — somente chamadas recebidas. Todas as noites, de curta duração. Para cada aparelho, as chamadas haviam sido feitas em horários um pouco diferentes. Ligaram para o telefone de Dana às 18h46, 18h42, 18h44… por volta de quinze para as sete, toda noite. As duas últimas chamadas não foram atendidas, e depois, não havia mais nada. E isso tinha sido em agosto.

As chamadas regulares para o telefone de Eileen ocorriam mais cedo — 18h31, 18h30, 18h27, 18h30… e depois, uma ligação feita do seu telefone, na véspera da descoberta de seu corpo, para um número fixo. Deve ter sido o telefonema que Sam recebeu. Momentaneamente distraída, digitei o número no sistema de busca da base de dados. Era isso mesmo: o número da redação do jornal *Briarstone Chronicle*.

Olhei a conta do telefone que havia sido encontrada no último endereço — o de Edward Langton. E, mais uma vez, o mesmo padrão. Somente chamadas recebidas, e desta vez, todas cerca de seis horas. Às vezes, um ou dois minutos mais cedo, ou mais tarde, mas sempre por volta das seis horas da tarde. Havia algo naquela questão do horário que me incomodava. Eu me concentrei e

vasculhei a minha mente para tentar descobrir o que era. Mas não consegui. Talvez fosse sua regularidade, a audácia, a sensação de que aquilo era algo bem organizado, planejado. Voltei às planilhas e verifiquei os telefones encontrados no endereço de Robin Downley, e, por fim, no de Shelley Burton. Cada conta apresentava o mesmo padrão definido — chamadas regulares recebidas à mesma hora da noite — e depois duas não respondidas — e então, mais nenhum contato. Difícil acreditar que não houvesse uma relação entre elas —, mas, em cada caso, o número que ligava era diferente.

Na agenda do escritório encontrei o número do celular de Andy Frost, peguei o telefone e liguei. Só tocou uma vez, antes de cair na caixa postal. Tentei pensar racionalmente, mas a excitação ao pressentir que poderia ser fácil desvendar o caso fazia com que eu ficasse me remexendo na cadeira.

O mais sensato a ser feito seria documentar tudo, concluir o registro do resumo dos dados na minha planilha e então redigir um relatório com recomendações para todos eles lerem minuciosamente na segunda-feira.

Olhei para a tela, depois para o telefone e então liguei de novo para Frost e, dessa vez, deixei um recado: “Oi, sou eu, Annabel. Estou no escritório. Você pode me ligar com urgência, por favor?”

Olhei para as janelas escuras e ouvi o silêncio estranho que ignorara até aquele momento; nenhum ruído vinha do sistema de som, das xícaras de chá na cozinha, ninguém ria ou conversava, nenhum telefone tocava. Era como se eu fosse a única pessoa que sobrara no prédio todo. Este não era o caso, eu sabia — a carceragem estava só esquentando para enfrentar o período mais difícil da semana, a noite de sexta-feira, e os policiais do plantão da noite deviam estar chegando para substituir os do último turno na sala de serviço. Mas lá em cima… a Sala de Operações Especiais estava adormecida.

Comecei a digitar o relatório e, em pouquíssimo tempo, eu estava totalmente absorvida, tão concentrada que sequer ouvi a porta se abrindo atrás de mim.

— Oi — disse alguém. — O que você está fazendo aqui tão tarde?

Era o inspetor chefe Paul Moscrop, mas eu estava tão focada nas planilhas que, por instantes, não consegui me lembrar do seu nome.

— Só quero terminar isso, senhor — respondi.

— Não sabia que já havia voltado, Annabel. Como você está?

Ele estava apoiado na porta, a gravata frouxa, as mangas arregaçadas. O visual

de sexta-feira à tarde, só que era sexta-feira à noite e ele deveria estar em casa àquela hora.

— Estou bem — falei. — Obrigada por perguntar. Acho que só queria voltar a me sentir útil.

— Claro. Bom ver você. — Ele me lançou um sorriso cordial e se virou para ir embora. — Não fique até muito tarde, ok?

— Senhor — chamei. — Podemos conversar um minuto?

Ele se virou para mim, ao lado da porta, e apesar de ter dito "Claro!" outra vez, seu comportamento era o de quem já trabalhara o bastante aquele dia e só queria ir para casa. Mas, respeitosamente, se aproximou e olhou minha planilha. Expliquei as semelhanças entre as contas telefônicas de Rachelle Hudson e dos outros cinco — pois os demais provavelmente não pertenciam ao mesmo grupo de vítimas.

— A menos que estivessem usando outro telefone que não tenha sido encontrado ou que então tenham levado embora antes de os corpos terem sido descobertos — falei. — Mas, ainda assim, os padrões entre eles variavam e alguns aparelhos estavam recebendo ligações de mais de um número, amigos e familiares, suponho, até algumas semanas antes de serem encontrados. Por isso, acho que podemos eliminá-los.

Paul Moscrop apontou para algo na tela.

— O que é isso?

— A lista de números que entraram em contato com Rachelle e os outros. Um número diferente para cada.

— Mas o padrão é o mesmo?

— É.

— Muito interessante. Você já solicitou as contas telefônicas desses números, aqueles que ligaram para as vítimas?

— Não. Nunca fiz uma solicitação antes. Mas precisamos deles com urgência, acho.

— Certo — concordou ele. Pegando o celular no bolso da calça, ele ligou para alguém. E, virando-se para mim, disse: — Você pode me mandar tudo isso por e-mail?

— Estou fazendo um relatório… — comecei a dizer.

— Keith? Você ainda está no distrito?… Você poderia? Seria ótimo. Suba até a

Sala de Operações quando chegar, temos novos materiais… Não, nada disso. Preciso que você consiga mais algumas contas telefônicas. Pode fazer isso?

Houve uma pausa. Presumia-se que Keith, quem quer que fosse ele, não estava tão animado em retornar ao escritório para os “novos materias” que exigiam o preenchimento de formulários on-line.

— Não teria ligado se não fosse importante. E você está de plantão. — O tom de voz do inspetor chefe esfriara. Por fim, disse: — Obrigado. Você pode me ligar quando tiver acabado? Ótimo. Bom fim de semana. Tchau.

Ele desligou o telefone e olhou para o aparelho, balançando ligeiramente a cabeça, distraído. Depois olhou para mim.

— Keith deve chegar aqui em dez minutos, mais ou menos. Ele está de plantão, portanto, não aguente as reclamações dele, está bem? Diga o que é preciso ser feito e fale para ele me enviar um e-mail se precisar de minha autorização para algo. Com um pouco de sorte, deveremos conseguir essas contas bem depressa. Certifique-se de que ele vai dar prioridade à solicitação, ok?

— Obrigada. Alguma ideia de quanto tempo leva para nos mandarem tudo?

— Depende do provedor. Espero que menos de vinte e quatro horas. Talvez menos. O que você acha de fazer algumas horas extras este fim de semana?

— Seria ótimo.

— Tem certeza de que está bem para fazer isso, Annabel? Você teve umas semanas bem difíceis.

— Eu sei. Preciso me manter ocupada. Obrigada, mesmo assim.

Ele parecia indeciso. Pressenti certo constrangimento nele e esperei para ver o que viria em seguida.

— Eles interrogaram você, não foi?

— Interrogaram, sim.

— E ainda não se lembra de nada? Do que aconteceu?

— Tenho tentado não pensar nisso, sabe? Sei que não ajuda muito.

— Não tem problema. O mais importante não é ser útil. Só não quero que pense que não pode falar conosco, entendeu? Caso se lembre de mais alguma coisa.

O que ele achava que ia acontecer? Que eu iria me lembrar repentinamente de tudo o que o anjo me dissera e guardaria para mim mesma, só de brincadeira?

Balancei a cabeça.

Ele se certificou de que eu tinha o número do seu celular e então se foi, deixando-me na grande sala silenciosa, sozinha, esperando Keith. Voltei a me concentrar no relatório.

Colin

A CAMPANHA DO *CHRONICLE* CONTINUA. TRÊS semanas atrás, publicaram um curto parágrafo no seu proselitismo habitual sobre uma mulher que fora encontrada num “estado de perturbação” e levada para o hospital. O Sr. Sam Everett usou sua coluna para fazer um apelo, pedindo a qualquer um que conhecesse a pessoa responsável para entrar em contato com ele. Responsável pelo quê, exatamente? Por ajudar as pessoas a escaparem dos bons samaritanos indesejados que não entendem que, às vezes, o estado mais bem-aventurado de existir é ser deixado em paz?

Não há nada de interessante na capa de hoje, só um artigo na página de dentro sobre a importância de manter contato com os amigos e parentes, independentemente de onde eles morem no mundo. E há também uma pequena entrevista com o homem no comando da investigação. O inspetor chefe da polícia, Paul Moscrop. Ele se parece com um desses americanos retratados como “enérgicos” — dentes regulares e brancos e penteado de gerente. Ele diz que as investigações estão avançando bem e que qualquer um que disponha de alguma informação deve se manifestar.

Lendo isso, sinto uma vontade momentânea de me manifestar, emergir chamejante, do meio da multidão e surpreender a todos. A verdade é que um rápido momento de reconhecimento no jornal me estimulou, e agora quero mais. Quando penso que eles já estão se entediando com essa história — mas já! — e ainda restam outras surpresas para eles, outras maravilhas em estoque, fico com os dentes trincados de frustração. Deviam estar orgulhosos de mim, de minhas realizações. Deveriam reconhecer o que estou fazendo e me elogiar por isso — não ignorar sua importância e chamar isso de crime, como se eu tivesse pichado um muro ou roubado um pedaço de carne no supermercado.

Se estão entediados, precisarei lhes dar algo que os desperte um pouco. Terei que lhes mostrar exatamente do que eu sou capaz.

Embora haja outros por aí, ainda sozinhos, sem terem sido perturbados, se

transformando dentro da privacidade de seus lares, posso sentir que estou perdendo o interesse. Já vi tantos deles. E apesar das diferenças, das variações no processo, muito pouco do que acontece me surpreende. Dessa forma, preciso acrescentar algumas variáveis, algo novo, que provocará a centelha de ignição.

Em outras palavras, a deliciosa Audrey.

Cheguei ao centro da cidade meia hora atrás, às seis e meia, enquanto ainda estava movimentado com pessoas voltando para suas casas, tornando possível que eu me misturasse aos demais. Exatamente em frente ao restaurante italiano chamado Luciano's há um fast-food com lugares para sentar no piso superior. Comprei um café e subi com ele. Provavelmente devia ter comprado algo para comer também, mas não estou a fim de estragar meu aparelho digestivo com isso, nem gastar dinheiro com porcaria. Então, foi só um café, que por sinal estava quase intragável.

De qualquer modo, sentado ao lado da janela que dá para a praça, disponho de um ponto de observação perfeito de onde posso vigiar o restaurante, além dos vários pubs e boates. Posso até ver a fila de táxis se me levantar e me inclinar um pouco.

Vejo Audrey chegando com uma amiga, às sete e cinco. Está usando um vestido curto de tecido escuro e sedoso, justo em suas coxas. Seu sapato de salto alto torna sua caminhada pelo chão de pedras particularmente arriscada. Mesmo assim, suas coxas… Não consigo desviar meus olhos delas. Tenho me concentrado nelas, examinando-as desde quarta-feira à noite nas várias fotos que postou no Facebook, mas ainda assim vê-las ali, se movendo, roçando uma na outra, os músculos embaixo da pele e seu corpo em movimento — a forma como sua bunda se mexia, visível através do contorno do tecido sedoso e justo — e a tentação de ir até lá e agarrá-la, obrigá-la a olhar para mim e, em vez de falar (pois na verdade, não há nada, nada mesmo, a se dizer), passar a mão por sua coxa e arrancar seu vestido…

Elas entram no Luciano's e fecham a porta.

Fico bebendo pequenos goles do café morno, que pode muito bem ser confundido com um molho de carne, e aguardo.

Annabel

KEITH TOPPING APARECEU CERCA DE MEIA hora depois de o inspetor chefe ter ido embora. Ele parecia bastante simpático quando finalmente chegou — mas tive a leve impressão de que, apesar de estar de plantão, ele não achava que fazer uma solicitação de contas telefônicas fosse uma justificativa plausível para retornar ao trabalho numa sexta à noite, por mais urgente que aquilo fosse. Por fim, ele me mostrou como fazer a solicitação — o que, tecnicamente, não era o certo, mas a longo prazo economizaria bastante tempo para todos, disse ele.

— Eles não vão precisar de algum tipo de autorização? Pensei que tivesse que digitar senhas, essas coisas — indaguei.

— Normalmente, é necessário. Mas não para algo desse tipo. Desde que você use o nome da operação… aqui, está vendo? — explicou ele, curvando-se na minha direção e me presenteando com o cheiro da sua axila. — Você coloca o número da equipe do inspetor chefe aqui. Entendeu? Acha que consegue fazer isso?

Eu não queria me comprometer. Não planejava fazer o trabalho em seu lugar. Já estava atribulada.

— Então… — disse ele enquanto eu começava a fazer uma lista de questões para ele completar. — Como você está?

— Bem.

— Todos nós ficamos muito preocupados com você — disse ele.

Ergui o olhar para ele, surpresa.

— Você nem sequer me conhece — falei, antes de conseguir me impedir.

Ele pareceu um pouco constrangido.

— É que… você sabe. Você faz parte da equipe. Nós cuidamos uns dos outros.

É mesmo?, pensei.

— Recuperamos as imagens do circuito interno. Foi aí que as coisas ficaram um pouco doidas. Acho que nenhum de nós acreditava realmente que havia alguém por trás disso, até então.

— Imagens do circuito interno?

— É, de você. No centro comercial.

— Não sabia que havia essas imagens.

Provavelmente, se tivesse pensado um pouco mais sobre isso, não teria me mostrado, sequer mencionado, para início de conversa. Mas ele me mostrou onde tinham salvado os arquivos no computador da Sala de Operações e, antes que me desse conta, abri o Media Player e aguardei o arquivo carregar.

A gravação feita no centro comercial não era muito boa. A câmera estava de frente para a luz forte do sol, portanto, um clarão ofuscava grande parte da imagem, deixando o restante escuro e borrado. Apesar disso, vi uma pessoa em pé, ao lado da vitrine de uma loja e, depois de pensar por um momento, percebi que eu tinha um casaco igual aquele e, arrepiada, me dei conta de que aquela pessoa era eu. Ver a si mesmo num filme é sempre um pouco estranho, mas aquilo era pior — não tinha me reconhecido, não só por causa da sombra, mas porque o jeito como eu estava posicionada era simplesmente tão esquisito. Parecia me curvar sob meu casaco, a inclinação de meus ombros e minha cabeça baixa me faziam parecer totalmente derrotada. Perdida.

À medida que eu assistia, percebi que havia outro vulto ao meu lado, ligeiramente à direita, e me vi assentir com a cabeça, uma, duas vezes — embora não me lembrasse de coisa alguma. Ele estava conversando comigo. Suas costas estavam viradas para a câmera e a parte superior de seu corpo estava ofuscada pelo brilho do sol, de modo que tudo o que dava para ver de fato era aquele homem, vestindo uma jaqueta curta e escura, calça preta e sapatos finos, e não tênis brancos.

E então, o homem se virou lentamente para o lado e, alguns segundos mais tarde, sem levantar a cabeça, a figura que era eu mesma se moveu e o seguiu, não exatamente relutante, e sim apenas com uma atitude de total abatimento.

— Não consigo acreditar que seja eu — falei, por fim.

— Entendo. É estranho, não é?

— Havia alguma outra câmera de circuito interno? Eles olharam o ANPR? — Era o sistema usado que identificava as placas de veículos para rastreamento.

— Não — respondeu ele. — Nós verificamos. Não há ANPR instalado no estacionamento do centro comercial; o mais próximo fica no rodoanel. Mas não tínhamos nada com que comparar os dados, pois não sabemos quando nem onde

ele encontrou as outras vítimas. E é impossível identificá-lo através destas imagens. Por isso é que estávamos esperançosos de que você conseguisse se lembrar dele.

— Não me lembro de nada — confessei, confusa. — É como se eu estivesse vendo outra pessoa. Não me lembro de ter estado lá e muito menos de ter falado com alguém.

Ele me deu um tapinha no ombro, o que me causou um breve frêmito.

— Pois é — continuou ele. — Nós vamos pegar esse cara, Annabel. Você sabe que estamos investindo tudo o que temos nisso, não é?

Até que um novo caso apareça, pensei, mas não disse em voz alta. Voltei à minha lista de solicitações de contas telefônicas, achando que provavelmente seria mais fácil e mais rápido ceder e fazer tudo sozinha.

Colin

UMA LONGA NOITE PASSADA SENTADO NUMA cadeira de plástico amarela fixa ao chão trouxe enfim sua recompensa. Fui obrigado a observar pessoas entrando e saindo horas a fio. Vi brigas, desentendimentos, cinco mulheres em momentos diferentes caindo no chão — um coquetel com álcool, saltos altos e as calçadas de pedras da Market Square — e a polícia chegando em uma viatura para conter o tumulto e dispersando as pessoas, depois, circulando pela praça vestindo seus coletes fluorescentes, afastando os curiosos e ajudando mulheres bêbadas a ficar em pé novamente.

E por fim, vejo Audrey e suas amigas saindo do Luciano's. Faltam dez para meia-noite — não era tão tarde assim, mas tarde o bastante. Minha bunda está quase dormente. E ainda sinto o gosto horrível do café na boca.

Saio dali prometendo a mim mesmo nunca mais pôr os pés naquele lugar, respirando o ar gelado do lado de fora. Enrolo meu cachecol no pescoço e na parte inferior do meu rosto, coloco a toca preta de lã na cabeça para mantê-la aquecida e, também, por causa das câmeras de segurança que neste momento estão atentas à multidão aglomerada na praça.

Audrey e uma amiga estão indo para o ponto de táxi e sua inevitável fila.

Sigo para o edifício-garagem onde deixei o carro e levo alguns minutos para fixar a placa que retirei ontem do Volvo de Garth, na rua atrás do escritório. No caso de alguma coisa não funcionar como o previsto.

Dirijo lentamente até chegar ao ponto de táxi, bem a tempo de ver Audrey se despedindo da mulher loura, pois não ia esperar na fila por um táxi. Ela vai andando. Sinto um frêmito de emoção. Tudo está saindo tão bem, tão perfeito. Não poderia ter planejado melhor. Viro à esquerda e estaciono numa rua perpendicular. A excitação e a perspectiva do que poderá acontecer mais tarde atrapalham minha concentração, então olho para o relógio no painel do carro e me obrigo a esperar cinco minutos. Depois, ligo o carro outra vez e volto à rua principal. Ainda está movimentada e os postes de luz iluminam o caminho dela.

Deve se sentir segura, caminhando para casa, com carros e pessoas passando o tempo todo. Ela não se sente só. Não se sente ameaçada, nem um pouco — o que é muito bom. É ótimo.

Paro o carro ao lado dela e abro o vidro do carona.

— Audrey!

Ela interrompe a caminhada, olha para mim, para o carro. Sua fisionomia revelando uma ébria confusão. Ela está mais bêbada do que eu pensava. O que também é muito bom.

— Colin?

Ela se aproxima do carro e se inclina um pouco na janela do lado do passageiro.

— Quer uma carona? — pergunto.

O carro está aquecido e posso sentir o ar frio entrando pela janela aberta. Ao se curvar na minha direção seu decote exibe as formas dos seios. Eu me obrigo a restabelecer contato visual e abrir um sorriso tranquilizador para ela.

— É muita gentileza sua, mas estou perto de casa.

— Vamos, eu faço companhia para você no restante do caminho. Entre.

É a confiança e a simples cordialidade que funcionam. A ausência de explicação. Não implore. Trate como algo simples. Suponha um consentimento. E além de tudo isso, os sapatos estão machucando seus pés, ela está tremendo por causa do frio lá fora e o que poderia acontecer se estivesse com alguém conhecido a menos de um quilômetro da porta de sua casa?

Ela está cheirando a vinho, vestígios de um perfume cítrico e suor seco; e eu inalo sua fragrância do modo mais sutil que sou capaz, tentando manter uma conversa tranquilizadora.

— Então, como vão as coisas com Vaughn?

— Nós terminamos — responde ela.

— É mesmo? Ah, que pena. Ele não comentou nada.

— Não, ele se recusa a aceitar.

— Mas o que houve?

Ela olha pela janela enquanto reduzo a velocidade para parar no sinal fechado.

— Ele simplesmente… não é a pessoa certa para mim. Não que tenha feito algo errado. É um cara decente.

— Mas está na hora de seguir em frente?

Nesse momento, ela sorri para mim por um segundo, apenas por um segundo. Eu hesito. Essa é a coisa certa a fazer? Ainda poderia escolher outro caminho. Poderia deixá-la em casa, dar-lhe o número do meu telefone, desejar-lhe um bom fim de semana e perguntar se gostaria de sair comigo um dia desses. É assim que eles fazem, não é? Não são essas coisas que as pessoas dizem?

— É — disse ela. — Hora de seguir em frente.

Estendo a mão e toco em seu joelho. Só no joelho, não acima dele, mas ainda assim, ela se afasta, protegendo-o desajeitadamente.

— O que pensa que está fazendo, Colin? — Sua voz subiu uma oitava. — Sei que estou um pouco bêbada, o que não quer dizer que você pode se aproveitar disso, ok?

Sinto uma golfada de raiva e a bílis subindo no meu esôfago. *Audrey, como você pôde? Estragou tudo assim tão rapidamente?*

— Não estou me aproveitando. — Reajo com frieza. O sinal de trânsito está fechado, brilhando dentro do carro, deixando tudo avermelhado no seu interior.

Então ela se acalma.

— Ok. Desculpe se minha reação foi exagerada. Tenho andado meio nervosa. Pode virar na próxima à esquerda, bem ali no alto da ladeira.

Olho para ela, inalando seu aroma outra vez. É o momento decisivo, bem ali, bem naquele momento. Ainda podia deixá-la em casa, sem danos. Sem risco. Ou poderia pegá-la agora e seguir em frente com aquela jornada. E sua atitude, o desafio em seus olhos, me fazem a desejar isso ainda mais. Ela resistiria com força, sem a menor dúvida. Mas extrair uma reação física dela seria tão melhor, tão mais divertido do que observar gente morrendo sem a menor vontade de reagir.

Ela olha para mim, bêbada mas desafiadora, quase me provocando a tentar.

O sinal fica verde e o carro avança ladeira acima.

Annabel

ACORDEI CEDO NO DOMINGO, VESTI UMA das roupas que usava para trabalhar e desci a escada. Irene estava na cozinha, preparando alguma coisa frita para o café da manhã. A gata, que se instalara com mais facilidade do que eu podia imaginar, se enroscou afetuosamente entre minhas pernas.

— Não se preocupe com ela, já lhe dei comida — disse Irene ao me ver. — Que tal ovos mexidos com bacon?

O cheiro era bom, mas eu estava sem fome. A experiência, contudo, já me ensinara que Irene tinha dificuldade em aceitar a palavra "não" e portanto, era mais fácil ceder.

— Obrigada. Acho que vou querer só um pouco, pode ser?

Havia um bule de chá em cima da mesa, me servi uma caneca cheia e o provei. Era chá preto e estava requentado, mas eu não me importava.

Tinham me dado alta do hospital só com a condição de que alguém ficasse de olho em mim, e Sam assumira a responsabilidade de ser essa pessoa. Isso deveria durar apenas alguns dias, mas, quando voltamos à minha casa para que eu pegasse mais algumas roupas, minha chave sobressalente tinha sumido. Eu a guardava na estante de livros e ela simplesmente não estava mais lá. Depois disso, não senti mais vontade de voltar para casa, mesmo depois de trocar as fechaduras a um custo exorbitante. Do jeito que as coisas iam, parecia que eu ia ficar na casa dos Everett por mais um tempo ainda.

— Você voltou tão tarde na sexta à noite — disse ela. — Nem ouvi você chegando.

— Estava no trabalho.

— Até tão tarde assim? Acha mesmo que seja uma boa ideia, Annabel?

— Correu tudo bem. Eu precisava terminar umas coisas, só isso. E eles vão me pagar algumas horas extras, por isso vou trabalhar hoje de manhã também.

Irene fez um ruído que poderia significar uma desaprovação.

— Então, é melhor tomar um bom café da manhã.

Ela encheu meu prato com ovos e bacon. A gata começou a roçar a pata na minha perna, as garras prudentemente retraídas para não desfiar a meia. Ela miava de maneira estúpida e era provável que estivesse babando em mim também. Estiquei o braço na mesa e ela aninhou a cabeça na palma da minha mão.

— Onde está Sam? — perguntei.

Naquele instante a porta dos fundos se abriu e Sam entrou, ofegante, limpando seus tênis no tapete.

— Não sabia que você corria — falei.

— É a primeira vez… em muito tempo… Não é nada fácil — respondeu ele. — Sobrou um pouco de chá?

Servi-lhe uma xícara e ele se sentou à minha frente na mesa da cozinha. Irene também colocou um monte de comida no seu prato e ele acrescentou um esguicho de ketchup por cima.

— É como fazer um esforço inútil — disse ele, com a boca cheia —, sair para correr e depois me encher de comida.

— Acho que sim.

Discretamente, a gata transferira seu afeto para Sam, rondando em torno de suas pernas com delicadeza, seu rabo retorcido na forma sensual de um ponto de interrogação. Sam fez uma pausa, dando-lhe dissimuladamente um pedaço de bacon, quando Irene estava virada para a pia.

— Acho que essa gata esqueceu que nós morávamos juntas — ressaltei.

— Não seja boba — protestou Sam. — Ela está feliz porque sabe que você está bem aqui, que se sente segura e está se recuperando, só isso.

Ela fica feliz sempre que alguém lhe dá bacon e faz carinho atrás da sua orelha, pensei. Mas quem poderia culpá-la por estar zangada comigo? Eu a ignorara por vários dias. Ela deve ter se sentido completamente abandonada. Era um milagre que ainda ficasse por perto.

— Então, para onde você está indo?

Por mais legal que fosse ter um lugar onde ficar, com pessoas atenciosas que se importavam em saber onde eu estava e a que horas voltaria, que cozinhavam e preparavam chá para mim, eu estava começando a me sentir como uma adolescente.

— Só estou indo trabalhar — respondi, comendo um pedaço de bacon e

tentando contornar a necessidade de estabelecer uma conversa.

— Ahn? — A postura de Sam passou do desleixo a um estado de alerta num segundo, farejando uma reportagem por cima do forte aroma salgado de seu café da manhã com ketchup. — Você vai trabalhar num domingo?

Respirei bem fundo. Como poderia fazer isso parecer menos emocionante?

— Na verdade, não. Só vou fazer hora extra. Atualizar algumas planilhas. Ficar a par das coisas. Já que volto a trabalhar em breve.

— Se eles querem que faça hora extra, então com certeza alguma coisa está acontecendo. Mas sei que eles não têm nenhum dinheiro sobrando para pagar horas extras. O que aconteceu? É a investigação? Acharam mais um?

— Sam — disse Irene —, pare de atormentá-la. Annabel diga a ele para cuidar da sua própria vida se a estiver incomodando.

— Ele é jornalista — respondi. — Meus interesses são interesses dele. Infelizmente.

— Levo você até lá — ofereceu ele. — E pode me ligar quando tiver acabado. De qualquer maneira, tenho que ir até o centro.

— Pode demorar séculos — argumentei, pois não queria ter a responsabilidade de deixá-lo esperando sentado ao volante. — Posso ir sozinha.

Mas ele acabou rapidamente seu café da manhã e, assim que peguei minha bolsa e meu casaco, ele havia tomado uma ducha e já estava na sala, pronto, seu cabelo preto penteado para trás. Ele parecia tão ansioso e empolgado que cedi e o segui até seu carro.

* * *

Para minha surpresa, o escritório não estava vazio como na sexta-feira à noite. Três mesas estavam ocupadas, e vi Paul Moscrop dentro de seu cubículo envidraçado, no canto da sala. Todos falavam ao telefone e outro aparelho tocava numa das mesas. Por um breve momento pensei em atender, mas resolvi que era melhor não. Eu me sentei na minha cadeira e liguei o computador. Mais uma surpresa. Já tinham os resultados das contas telefônicas que eu identificara, que haviam sido encaminhados pelo inspetor chefe, que os recebera de Keith Topping.

Paul saiu de seu escritório no instante em que eu começara a abrir os anexos.

— Ah! Annabel! — exclamou ele. — Que bom ver você outra vez. Já deu uma olhada nos resultados?

— Estou justamente verificando isso, senhor — respondi.

— Já falei para deixar o “senhor” para lá. Pode me chamar de Paul, ok?

— Ok. Obrigada.

— Verificamos também as linhas de celular, mas eram todos pré-pagos e não tinham registros. O que não nos surpreende. Mas as contas são bem interessantes.

Esperei até que me contasse tudo sobre aquilo, me perguntando se ele já havia analisado tudo antes de eu chegar.

Havia um sorriso oblíquo em seu rosto.

— Dê uma olhada e depois venha me dizer o que acha — concluiu ele.

Analisei os anexos, um de cada vez. E ele tinha razão: os resultados eram interessantes. Cada conjunto de contas telefônicas era a imagem espelhada daquelas obtidas dos telefones das outras vítimas. Em outras palavras, o criminoso estava usando somente um chip para cada vítima e não ligava para nenhum outro número. Após a morte de cada uma delas, presumivelmente, ele jogava fora aquele chip e passava a usar outro. Os números de telefone não eram sequenciais, sugerindo que ele os comprara em dias e locais diferentes, e não todo um lote. E como o fluxo de chamadas era tão incipiente, acabava sendo improvável que o crédito do pré-pago tivesse chegado ao fim, antes de ser descartado — ele só usava o crédito gratuito que vinha com o chip — e, com certeza, isso era mais do que suficiente para seus propósitos.

Os dados do site da empresa indicavam para todos os telefones locais no centro de Briarstone — excluindo a área residencial. Caso não morasse bem no centro da cidade, ele então só usava o telefone quando estava por lá.

Era uma pessoa metódica. E esperta, também. Mas então notei algo, levando um susto que me fez engasgar. Não era possível — não era possível que tivesse deixado passar algo tão óbvio.

Eu me levantei, apesar das minhas pernas surpreendentemente bambas, e fui até o escritório de Paul. Ele havia deixado a porta aberta e, desta vez, seu sorriso oblíquo estava amplo e radiante.

— Você viu?

— Não consigo acreditar que ele possa ter sido tão esperto e tão descuidado ao

mesmo tempo — falei. — Ele trocou os chips várias vezes, mas só usou um aparelho.

— Não se trata de ser descuidado — replicou ele. — Temos que ser justos com o pobre coitado. Hoje em dia, as pessoas não têm mais telefones baratos. Elas compram smartphones, iPhones, BlackBerries. Por isso, não são assim tão fáceis de descartar, ou melhor, são tão caros que as pessoas não querem jogá-los fora. Elas pensam que jogando o chip fora quando não precisam mais dele estão apagando todos os vestígios, mas evidentemente nós sabemos que não.

— Então você solicitou os dados desses outros números? Os outros chips que ele usou nesse telefone?

— Foi a primeira coisa que fiz hoje de manhã. Enquanto esperávamos os resultados, ficamos verificando o usuário deste único aparelho.

— E aí? — Prendi a respiração.

— O telefone pertence a um Sr. Colin Friedland, que reside em Briarstone.

— Ele registrou o telefone?

— Faz cinco anos que ele tem conta com esse provedor. Com certeza é um cidadão honrado, este Sr. Friedland. Já estou gostando dele.

Se havia registrado o telefone, devia ser estúpido, completamente ingênuo ou realmente acreditava que não tinha nada a esconder. Ou talvez, quando registrou o telefone, ainda não praticasse suas atividades atuais — podia ser algo recente. Eu me perguntei se ele sequer estava ciente de que, ao manter uma conta com o mesmo provedor de serviços, todo seu empenho de trocar os chips tinha sido em vão.

O inspetor chefe esfregou as mãos.

— Acho que merecemos uma xícara de chá, não é? Eu preparo. Qual você prefere?

Ele não preparou nada, é claro. Não tinha mais leite. Ele me levou até a cantina, que normalmente ficava cheia, mas que num domingo acolhia somente alguns policiais de plantão que saboreavam sanduíches de bacon, antes de voltar para as ruas do centro da cidade. Pegamos café na máquina e nos sentamos com eles, num silêncio ligeiramente desconfortável.

— Não consigo parar de pensar em Eileen Forbes — disse ele.

— Em Eileen? Por quê?

— Foi apenas questão de algumas horas, só isso. Se estivéssemos levando isso

a sério, se tivéssemos sido um pouco mais rápidos para seguir a pista… Eu fico pensando se teríamos conseguido salvá-la.

Balancei a cabeça.

— Duvido. Acho que ela já havia passado desse ponto muito tempo antes. E era óbvio que ele tinha algum tipo de controle sobre sua mente desde o momento em que se encontraram. Vocês não conseguiriam mudar isso.

— Nós salvamos você.

Não respondi. Pensei em Sam, me perguntando se ele também achava isso.

— Como vão as coisas em casa? — perguntou ele, por fim.

— Bem — respondi, sem querer ter que dar uma longa explicação sobre como eu acabara indo morar com um repórter do *Chronicle* que conhecera só uma semana antes. E com seus pais. E minha gata.

Pude perceber que estava pensando em outra pergunta para mim. Examinando-as detidamente, antes de descartá-las: namorado? Não, muito pessoal… Se está tendo algum suporte por parte da família? Pode fazê-la chorar… Filhos, animais de estimação? Igualmente…

— Parece que parou de chover — comentei.

— Verdade — replicou ele, visivelmente aliviado. — É uma pena ter que ficar trancafiado aqui dentro.

Então, seu telefone tocou, alto o bastante para me sobressaltar.

— Eles o pegaram — disse Paul, ao encerrar a ligação. — Estão a caminho, agora.

Até então, eu sentira apenas a excitação de estar envolvida numa investigação em sua fase de captura do suspeito, algo que nunca fizera antes. Mas naquele momento havia outra coisa — alívio? A sensação de que estava terminado, de que eu estava acordando de um longo sono e minha vida poderia recomeçar.

Levamos nossos cafés de volta para a Sala de Operações.

Depois disso, os telefones não pararam de tocar. Agora que o caso estava quase elucidado, outros inspetores ligavam para Paul oferecendo ajuda, tentando sondar de que modo eles poderiam surrupiar um pouco do crédito de uma investigação que tinha potencial para chamar bastante atenção. Havia muito o que se ganhar com aquilo. Toda vez que Paul desligava o telefone, ríamos um pouco, relembrando como ninguém havia demonstrado interesse algum antes e agora, de repente, nossa investigação era a coisa mais importante em Briarstone.

Não mencionei que estava trabalhando nesse caso havia algum tempo, antes que qualquer outra pessoa demonstrasse o menor interesse. Inclusive ele.

— Então, o que vai acontecer agora?

— Ele ficará preso enquanto fazemos uma busca em sua casa, correndo contra o tempo. Keith e Simon serão os responsáveis por colher as primeiras informações. Quando voltarem aqui faremos uma reunião para conversar sobre qual estratégia usar no interrogatório.

— Há algo que eu possa fazer?

— Você pode ir para casa.

— O quê?

— Annabel. Você foi absolutamente essencial durante toda a investigação, e sabe disso. Mas também foi uma vítima. Na verdade, não deveria ter voltado aqui enquanto estava de licença. É culpa de Frost, na realidade. Ele não sabia o que fazer com todas aquelas contas, comentou isso com Kate e ela resolveu falar para você.

— Estou feliz que ela tenha decidido fazer isso. Estou mesmo.

Fiquei engasgada, repentinamente, como se estivesse sendo dispensada.

— Não teríamos conseguido nada sem você — disse ele, com gentileza. — Mas agora precisamos que você se afaste da investigação, caso contrário, se permanecer na equipe isso pode ameaçar sua continuidade, entende o que quero dizer? Se conseguirmos levar o caso à procuradoria, você será uma testemunha fundamental. Está entendendo aonde quero chegar?

Ele estava certo. Eu sabia que estava. Mas ainda assim me sentia como se tivesse sido jogada para fora da pista. *Muito bem, Annabel, obrigado por ter resolvido todo esse maldito caso para nós, agora, caia fora, volte para o seu emprego civil, que é o seu lugar*.

— Você não vai poder me contar nada sobre o interrogatório? O que ele vai dizer?

Ele negou com a cabeça.

— Sinto muito. Tem que ser assim. Mas você entende, não é?

— Claro — respondi, sentindo as lágrimas brotarem e me afastando antes que ele percebesse. — Obrigada, mesmo assim. E boa sorte.

Ele começou a dizer mais alguma coisa, mas eu não podia esperar. Vesti o casaco enquanto desligava o computador. Quando acabei, ele estava no telefone

novamente e consegui acenar para ele pela divisória de vidro, depois segui pelo corredor até o banheiro, onde meus soluços começaram.

Colin

QUANDO ESCUTEI BATEREM À PORTA, EU estava parcialmente decidido a não abri-la. Num domingo? Era provável que fosse algum evangélico ou, pior, alguém tentando me convencer a trocar de fornecedor de energia. Fixei no meu rosto um sorriso educado, porém firme, pronto para me livrar logo de quem quer que fosse.

E, obviamente, meu sorriso se desfez quando abri a porta.

— Colin Friedland? Sou o inspetor Keith Topping; este é meu colega, inspetor Simon Lewis. Podemos entrar, por favor?

— Não seria conveniente — respondi, olhando-os de cima a baixo. O mais jovem (Lewis?) era mais alto do que eu e tinha o dobro da minha largura, como um típico jogador de rúgbi, se é que já vi um alguma vez. Quis lhe perguntar se ele jogava no ataque ou na defesa. Mas achei melhor não.

— Ah, é? E por que não? — perguntou Lewis.

— Eu estava preparando o jantar — justifiquei.

— Lamento, mas é urgente — disse Topping.

Mas que nome! Keith Topping? Aposto que sofreu bullying dos colegas na escola; que apelido devem ter dado para ele? Topetinho? Estopinha?

Após uma breve discussão dentro de casa, eles me prenderam e me levaram até a viatura da polícia, estacionada fora do meu campo de visão no final da rua. Engraçado que a primeira coisa que pensei, quando eles se apresentaram, não foi que algo tivesse acontecido à minha mãe, no asilo — soube de imediato por que estavam ali. E tive a impressão de que aquele era o início de um capítulo novo e emocionante. Estava embarcando num novo jogo, com novas regras. Dentro do carro, com os punhos desconfortavelmente algemados nas costas, eu sorria saboreando de antemão o que estava por vir.

* * *

Os dois pareciam Débi e Loide, eu diria. São os mesmos que me prenderam. O magricelo estava sentado numa cadeira confortável num canto e o gigante, numa de plástico, pequena demais para sua bunda gorda. Os dois à minha frente, atrás da mesa, enquanto eu, sentado, aguardava para ver do que seriam capazes.

— Colin Friedland, você está ciente de que está sendo preso por causa dos assassinatos de Rachelle Hudson, Robin Downley, Shelley Burton, Edward Langton, Dana Viliscevina e Eileen Forbes. Você tem o direito de permanecer em silêncio, mas isso poderá prejudicar sua defesa se não responder quando interrogado o que mais tarde confiará ao tribunal. O que você disser poderá servir como prova.

Não digo nada.

— Você tem o direito de ter um advogado, como já disse. Sei que nos explicou que não precisa de um, mas só quero deixar claro que você pode mudar de ideia quanto a isso a qualquer momento. Está entendendo?

— Sim — respondo. — Não preciso de um advogado.

— Esse interrogatório está sendo gravado em DVD, Colin. Você entendeu tudo o que eu disse até o momento?

— Entendi, é claro.

— Certo, então. Vamos começar, ok? Pode me dizer quando foi que conheceu Rachelle Hudson?

Tenho mesmo que pensar para responder. Eles acham que vou dificultar as coisas, dá para perceber. Estão equipados para aguentarem um longo período de tempo, determinados como pescadores seguindo para o Atlântico Norte.

— Acho que foi logo no início de fevereiro. Não me lembro da data exatamente.

Pensei que fossem trocar olhares; era quase possível sentir a surpresa como uma corrente elétrica entre eles. Não imaginavam que eu facilitaria tanto as coisas, não é mesmo? E olha que nem fazem ideia do que vem em seguida, não mesmo.

— E como isso aconteceu?

— Foi no parque de Baysbury. Ela estava correndo. Não, na verdade, estava sentada num banco. Mas tinha corrido antes. Acabamos conversando.

— Sobre o quê?

— Pude perceber que ela estava infeliz. Tentei fazer com que ela se sentisse

melhor em relação a si mesma.

— Você chegou a visitar alguma vez a casa de Rachelle Hudson?

— Claro — respondo. — Ela me convidou.

— Só dessa vez, ou foi até lá novamente?

— Visitei-a quando já estava morta.

Houve um breve silêncio, interrompido apenas pelo zumbido do DVD. Ambos me encaravam.

— Colin, você matou Rachelle Hudson?

Sorrio para eles.

— Não, claro que não. Ela fez tudo sozinha. Eu estava lá apenas para lhe confortar, garantir que se sentisse feliz com a decisão que havia tomado.

Fizeram mais uma pausa enquanto digeriam a informação e, claramente, vasculhavam dentro de suas cabecinhas limitadas uma nova estratégia para o interrogatório, pois estava evidente que a direção que aquela começava a seguir não estava em seus planos.

— Você a ajudou a tirar a própria vida?

— Não — respondo.

— Você tocou nela de alguma maneira?

Penso por um instante, tentando me lembrar.

— Não, acho que não. Posso ter encostado em seu braço, ou algo assim. Mas nunca fui violento ou coisa parecida.

— Ela falou para você que estava pensando em tirar a própria vida?

— Falou, claro.

— O que ela disse?

— Acho que disse que às vezes sentia que seria mais feliz se deixasse de existir.

— Você sugeriu que ela devia buscar ajuda? Conversar com alguém sobre como se sentia?

— Ela conversou comigo sobre como se sentia.

— Mas você não achou que deveria tentar impedi-la de acabar com a própria vida?

— Não. Foi essa a decisão que ela tomou. Já era adulta.

— E você não informou sua morte a ninguém.

— Não.

— Por que não?

— Certamente porque esse tipo de coisa deveria partir de um de seus parentes, não é mesmo?

Abri um sorriso satisfeito para Lewis, que não o retribuiu.

— Você disse alguma coisa para tentar dissuadir Rachelle de acabar com a própria vida?

— De forma alguma. Assim que escolheu morrer, ela ficou bem mais feliz. Isso foi uma coisa boa, não acham?

Lewis não responde à minha pergunta. Em vez disso, olha para Topping pela primeira vez desde o início do interrogatório. Ele já está desorientado, e não faz nem cinco minutos que estamos conversando. Quase sinto pena dele.

Depois de hesitar um pouco, ele volta a arriscar outra abordagem.

— Você deu um celular para Rachelle?

— Dei, sim.

— E por que fez isso?

— Para poder manter contato com ela.

— Alguma vez ela ligou para você desse aparelho?

— Não. Eu liguei para ela algumas vezes.

— E você levou o telefone de Rachelle?

— Levei, sim. Ela queria romper todo o contato com a família. Não precisava mais do telefone.

— Você o levou sem sua permissão?

— Não, ela me autorizou a levar o telefone.

— O que você fez com o celular dela?

— Joguei fora.

— E como você fez isso?

— Não me lembro exatamente. Devo ter jogado numa lata de lixo em algum lugar.

Lewis solta um longo suspiro e consulta suas anotações. Depois, diz:

— Voltando ao assunto do celular que você deixou na casa de Rachelle, você disse que ligou para esse aparelho algumas vezes. O que dizia para ela quando lhe telefonava?

— Não me lembro exatamente. Eu ligava para saber se ela estava bem, se precisava de alguma coisa.

— Você sabia que ela estava morrendo de fome?

— Sabia.

Eles trocaram olhares outra vez e eu sorri. Aquilo estava sendo tão divertido. Devia ter confessado tudo meses atrás.

— E nessa época, você não pensou que ela precisava se alimentar?

— Não. Foi dessa maneira que ela resolveu morrer. Se eu tivesse lhe dado comida estaria agindo contra sua vontade. Ela já havia escolhido seu caminho. Era um direito dela.

Lewis eleva a voz ligeiramente, pela primeira vez.

— Ela escolheu seu caminho?

— Isso mesmo — respondo, alegre. — Todos nós escolhemos nossos caminhos, inspetor Simon Lewis. Você escolheu seu caminho também, não foi? E você, inspetor Keith Topping. É só quando escolhemos nosso próprio caminho e damos os primeiros passos nessa direção é que se torna possível perceber o que significa sentir-se verdadeiramente feliz. Não concordam?

Annabel

O CARRO DE SAM CHEGOU PELA entrada lateral do estacionamento do distrito policial e deu meia-volta, para se posicionar de frente para a saída, na rua principal. Abri a porta do passageiro e entrei.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Ele não esperava que eu fosse terminar tão cedo, a julgar pelo tom de surpresa em sua voz quando liguei para o seu celular. Eu tinha considerado pegar um ônibus ou um táxi de volta e mandar uma mensagem para ele em seguida, dizendo que estava indo para casa, mas ele acabaria aparecendo para me buscar, de qualquer maneira. Bater a porta e deixar o mundo para trás não era mais uma opção.

— Sim e não. Estou fora do caso. Pelo que parece, eu não deveria ter tido permissão de voltar à Sala de Operações, depois que virei mais uma vítima.

— Essa é a boa ou a má notícia?

— A boa notícia é que o prenderam e ele será interrogado, provavelmente no fim da tarde.

— É mesmo? E quem é ele?

— Sam, não posso falar sobre isso.

— O que você acha que vou fazer? Não posso citar o nome dele sem que haja uma acusação formal, você sabe disso. A próxima edição já está sendo impressa. Com certeza haverá um comunicado oficial sobre a prisão no noticiário local, amanhã. Até terça-feira de manhã, todo mundo ficará sabendo.

— Ok, então. Eu *não quero* falar sobre isso. Melhor assim?

Ele ficou calado e eu me senti mal. Não era culpa dele. Nada daquilo era culpa dele. A chuva respingava no vidro do carro e, ao acionar os para-brisas, eles varriam o vidro fazendo um chiado. Tentei encontrar um jeito de mudar de assunto e levantar um pouco o astral.

— Você conseguiu fazer alguma coisa legal na cidade?

— Não, nada — respondeu ele.

— Não está zangado, está?

— Claro que não.

— Está sim.

Ele não respondeu, o que significava que eu estava certa. Eu não suportava gente mal-humorada.

— Olhe — comecei —, que tal comprarmos uma refeição para viagem para hoje à noite? Eu queria agradecer a você e a seus pais por estarem me acolhendo por tanto tempo.

— É melhor você ver isso com Irene — respondeu ele. — Você não pode interromper assim a programação culinária dela. Ela planeja tudo como se fosse uma operação militar.

— Mesmo assim, eu queria agradecer a vocês. Vou arrumar minhas coisas esta noite. Talvez eu possa ficar até amanhã então. O que você acha?

— O que quer dizer com isso? Você vai embora?

Ele parou no sinal e se virou na minha direção. Olhei para ele. Se eu tivesse sugerido que iria cortar minha própria perna, ele não poderia ter ficado mais horrorizado.

— Você não precisa mais cuidar de mim, Sam. Ele está preso. Ficarei segura em casa.

— Não tem a ver só com ele — disse Sam. — Não gosto de pensar que está sozinha em casa. Você está passando por um momento bem difícil, precisa de amigos por perto.

— Você tem sido muito gentil comigo. Mas, na verdade, cedo ou tarde vou ter que voltar para casa. Acho que é melhor fazer isso logo.

Ele ficou me encarando por tanto tempo, que o carro atrás começou a buzinar. O sinal estava aberto. Ele balançou a cabeça e arrancou.

— E a sua gata? Ela acabou de se acomodar.

— O quê? Você quer a custódia da minha gata agora?

— Não fale assim.

— Estava brincando.

— É, mas não estou achando graça. Não quero que você fique em casa sozinha. Não é uma boa ideia, pois faz menos de duas semanas que saiu do hospital. E se alguma coisa acontecer?

E isso prosseguiu durante todo o trajeto até a Keats Road. No final, ele ficou

quase apaziguado pela minha promessa de manter contato por telefone com ele sempre que possível, trancar a porta e não abrir para ninguém que eu não conhecesse. Se eu precisasse ir até o centro da cidade, ele se oferecera para me levar, presumivelmente pelo resto da minha vida. Era ridículo. Quanto mais ele falava sobre isso, mas eu sentia vontade de fugir daquela insistência irritante.

Precisava voltar para casa.

Colin

O INTERROGATÓRIO CONTINUOU INTERMITENTEMENTE DURANTE TODO o dia. Entre uma sessão e outra, eu era levado de volta para a cela que já começava a considerar minha. No almoço, me deram uma bandeja com algo que parecia ser uma torta de carne e ervilhas de cor parda, provavelmente enlatadas, além de um copo plástico com água. Comi um pedaço da torta e logo me arrependi. O gosto continuará na minha boca ainda por muitas horas.

Eles me perguntaram outra vez se eu precisava de um advogado, pois tenho direito a um, o que obviamente eu sei, e disseram que conseguiriam um defensor público para mim, caso eu não preferisse algum específico. Novamente, eu disse que não precisava.

Na verdade, quase nada disso me incomoda, mas eu objeto à perspectiva de dormir numa cela de concreto em cima de um colchão plastificado, então perguntei educadamente por quanto tempo estavam pensando em me manter detido. O carcereiro me disse que provavelmente ficaria ali por pelo menos mais dezoito horas. Dezoito horas! Mesmo assim, não me faltam distrações. As celas adjacentes à minha parecem estar vazias, porém, mais adiante, posso ouvir gritos de reclamação vindos de bêbados que foram detidos. Eles querem me deixar com medo, dá para perceber. Mas não tenho nada a perder, nada mesmo — enquanto eles estão numa posição bem complicada. Especialmente no que diz respeito à cobertura que a imprensa tem feito do caso até o momento.

A única coisa que me preocupa um pouco é a pergunta que fizeram para saber se eu tinha contado a alguém sobre a morte de Rachelle. Será que não relatar uma morte é um crime? Eu me lembro vagamente de ter lido uma matéria sobre uma mulher que foi descoberta depois de ter guardado seus filhos natimortos no sótão de casa — e ela foi presa, é claro. Mas não foi ela quem os matou. Porém, relatar a morte é responsabilidade dos familiares, dos parentes mais próximos — não de um estranho fortuito que por acaso estava lá na hora.

* * *

Quando escureceu, estávamos no quarto interrogatório. Novamente com Topping e Lewis, a dupla de comediantes. Desta vez, trouxeram uma caixa de papelão com eles, que Lewis deixou na mesa, ao seu lado. Talvez tivesse alguns sanduíches ali dentro. Esperava que sim.

Já tínhamos percorrido a lista de nomes, e tive uma feliz surpresa ao descobrir que faltavam alguns. Eles ainda não descobriram todos. Gostei disso. Não importa o que acontecer aqui, meu legado ainda estará lá fora, como joias enterradas, esperando um arqueólogo as encontrar.

A cada interrogatório, era possível sentir que a confiança deles esmaecia e as dúvidas aumentavam. Se não pudessem me acusar de omitir uma morte, o que mais poderiam fazer? Eu não machucara ninguém. Exceto talvez por um toque delicado no braço, eu não encostara um dedo sequer em nenhum deles. E se quisessem tentar me acusar de assistir a um suicídio, bem — como poderiam provar isso?

— Colin — disse Lewis, com uma voz que parecia mais animada desta vez. Talvez tivesse concedido a si mesmo uma xícara de café forte no intervalo. Inspirei o ar à minha volta, mas só consegui sentir o odor corporal, e algo mais que deveria ser queijo e cebola.

— Inspetor Lewis — respondi.

Ele franziu as sobrancelhas por um breve momento, mas estava claro que não ia deixar meu humor estragar sua surpresa.

— Gostaria de perguntar sobre os celulares.

— Pois não.

— Você entregou um celular a cada um dos indivíduos dos quais falamos na última vez. Ou seja… — Ele procurou em suas anotações a lista sobre a qual tínhamos concordado e depois, percorrendo os nomes com o dedo, recitou-os em voz alta. — …Rachelle Hudson, Robin Downley, Shelley Burton, Edward Langton, Dana Viliscevina e Eileen Forbes. Correto?

— Correto.

— Quando esses indivíduos faleceram, você buscou os celulares em suas residências?

— Algumas vezes. Na maioria dos casos, acabava deixando-os por lá mesmo.

— Por que você fazia isso?

— Eu não precisava deles. Eram aparelhos baratos, de qualquer maneira.

— E como você fazia contato com essas pessoas enquanto estavam vivas? Você usava seu telefone pessoal?

— Exatamente.

— Segundo nossos dados, cada celular que você deixou com as vítimas recebia chamadas de um número de telefone diferente. O que tem a nos dizer sobre isso?

— Não são vítimas, Inspetor Lewis, são membros inocentes da sociedade que resolveram acabar com suas próprias vidas, nada mais.

— Você está ciente de que nós apreendemos seu celular, Colin?

— Estou.

— No momento, estamos efetuando uma perícia nesse telefone, que confirmará que você usou diferentes chips para cada vítima. Foi isso o que aconteceu?

Eu me surpreendi indagando rapidamente aonde queriam chegar com aquilo. E daí se descobrissem que usei chips diferentes para todos eles? Isso era importante? Que diferença poderia realmente fazer?

— Fiz isso, sim — respondi.

— E por quê?

Não respondi à pergunta, pressentindo que estavam desviando do ponto que devia ser abordado. A estupidez e a insolência deles, o cheiro opressor de seus corpos cansados, suados, das roupas que vestiam desde manhã, amarrotadas e desgastadas, me irritavam. Em casa, meu jantar esperava por mim, pronto, porém, não cozido: os legumes dentro de uma panela com água, no fogão, as finas fatias de salmão marinando no vinho e no limão, dentro da geladeira. Eles ainda não haviam conseguido nada com seus interrogatórios e isso porque ficamos ali o dia todo. *O dia todo!*

— Para ser justo, cavalheiros — falei —, consigo entender porque estão confusos. Nenhum de vocês jamais conheceu alguém como eu, não é? Não conheço mais ninguém que esteja tão à vontade com o conceito de morte quanto eu. Todas essas pessoas, e tantas outras por aí afora, que estão cansadas, doentes e deprimidas… e o que nós fazemos com elas? Pagamos tratamentos médicos demorados e invasivos às custas daqueles que cuidam dos nossos corpos e assim

permanecemos em forma e saudáveis. Ou então simplesmente as colocamos em asilos, com gastos ainda maiores, onde elas não têm mais a opção de pôr um fim a tudo por conta própria. Estamos tratando nossos vizinhos de forma pavorosa. Nós os deixamos morrer gradualmente durante meses, anos até, quando tudo do que precisam é de alguém que lhes diga que está tudo bem, que, se quiserem ir embora, podem ir. Que é fácil, simples e pode ser indolor. Podem escolher esse caminho se assim quiserem. E Deus sabe quantos deles fazem isso, diante das alternativas que lhes restam! Tudo o que fiz foi mostrar a essas pessoas que elas podem escolher esse caminho. Poderiam ter escolhido outro se assim desejassem. Mas não o fizeram. Escolheram morrer. E eu não as "ajudei", apenas conversei com elas e ofereci conforto e segurança quando não tinham mais ninguém que lhes desse isso. E onde estavam vocês quando elas precisavam de ajuda? Sequer sabiam que elas existiam, não é? Porque vocês estão aqui para obrigar as pessoas a agirem e se comportarem de certa maneira. Mesmo quando, ao que parece, nenhuma lei foi desrespeitada.

Eles estavam me encarando. Bebi um gole de água do copo plástico que estava à minha frente na mesa.

— Terminou? — perguntou Lewis.

Não respondi. Ainda estava com raiva.

— Isso é um interrogatório, Colin. Embora apreciemos sua contribuição, seria muito mais útil se você pudesse se ater às perguntas que estamos fazendo. Acha que consegue fazer isso?

— Se preciso for.

Lewis respirou fundo, inclinando-se ligeiramente para a frente na minha direção, apoiado na mesa.

— Como você faz?

Eu o encarei.

— Vamos, Colin, você desenvolveu uma técnica genial para levar as pessoas a se matarem. Como você faz?

Ergui o queixo, desafiadoramente.

— Precisei de alguns anos de estudo detalhado, Inspetor Lewis. Para explicar tudo, eu levaria mais tempo do que nós dois temos.

— Talvez você possa fazer um resumo — disse ele.

— Vocês não entenderiam.

— Tente.

Inspirei com força e profundamente pelo nariz, me perguntando como começar, se seria capaz de formular em frases algo que um samango fosse capaz de compreender.

— Todas essas pessoas queriam acabar com suas vidas. Vocês precisam entender isso: se não estivessem prontas para morrer, qualquer que fosse minha "técnica", como vocês a chamam, ela não teria funcionado.

— Então, você não é responsável pelas mortes dessas pessoas?

— Óbvio que não. Elas tiraram a própria vida, todas elas.

— Mas você… as ajudou?

— Ajudei-as a tomar a decisão. Minha "técnica" é algo que preparo sob medida para atender às necessidades de cada uma. Algumas delas tinham medo de sentir dor, então minhas conversas com elas eram focadas no alívio da dor, ou na obstrução dessas sensações, e também na perda do medo. Porque, tenho certeza de que sabem disso, o medo torna a dor mais aguda. Se não sentimos medo, fica mais fácil suportar a dor. Então ajudei a cada uma dessas pessoas com suas necessidades específicas.

— Mas a fome não supera tudo isso? — perguntou Topping bruscamente. — Quero dizer, com certeza o corpo humano precisa de comida e água…

— A Recusa Voluntária aos Alimentos e Fluidos é algo surpreendentemente comum, sabia? — retruquei. — Sugiro que pesquisem na internet. É também chamada de Morte Voluntária por Desidratação, ou MVD. E já vi se referirem a ela como Desidratação Terminal. Assim que certo ponto é ultrapassado, o corpo começa a se desligar, e a partir daí, tudo se simplifica. Não leva muito tempo, e se você souber lidar com o medo e com uma quantidade limitada de dor, é uma maneira bem agradável de morrer. Dependendo de sua forma física ou de alguma patologia subjacente, a duração média é de cinco a sete dias, e na maior parte do tempo, o indivíduo está adormecido, repousando. Não há nenhuma violência; na verdade é bem sereno, como se caísse suavemente no sono.

Ambos estão me encarando.

— Se qualquer uma dessas pessoas tivesse mudado de ideia e desistisse de morrer, poderia beber um pouco de água. Estavam em suas próprias casas. Algumas delas ainda tinham comida na geladeira, nos armários. Poderiam ter mudado de opinião em qualquer estágio. Mas elas tinham escolhido seu

caminho. Tudo o que fiz foi tornar as coisas mais fáceis para elas seguirem em frente.

— Você estava lá quando elas morreram?

— Não. Era um momento íntimo para elas. Geralmente, quando perdiam a consciência, eu as deixava sozinhas.

— Mas você voltava?

— Voltava para me certificar de que tinham atingido seus objetivos.

Eles trocaram olhares. Esperei perguntarem se eu voltava lá depois disso, porque, se tivessem me feito essa pergunta, provavelmente eu não teria respondido a verdade. Mas, felizmente para mim e minha devoção à verdade, a ideia de alguém passar por vontade própria algum tempo com corpos humanos em decomposição ia além da compreensão deles.

— Vamos voltar a falar dos telefones que você usou, Colin. Você admitiu ter usado diferentes chips para cada uma das… é… das pessoas que encontrou.

— Acho que sim.

— Você acha que sim?

— Ok, eu usei, sim.

— Por que você fez isso?

— Era uma forma de rastrear todas essas pessoas.

— Parece ser uma maneira complicada de fazer isso. Por que você, simplesmente, não salvou os números delas na lista de contatos do seu telefone?

— Não tenho uma lista de contatos no meu celular. Vocês devem ter percebido isso.

— E por que não?

— Prefiro separar as coisas, só isso.

Lewis suspirou, algo que identifiquei como o prenúncio de uma iminente mudança de direção.

— Seu telefone também teve… — ele consultou suas anotações — outros vinte e sete chips, além daqueles sobre os quais já conversamos. O que tem a dizer sobre isso?

— Não tenho nenhum comentário a fazer.

— Fala sério, Colin. Outros vinte e sete chips! Deve ser muito chato ter que retirá-los e trocá-los o tempo todo, não foi assim que aconteceu?

— Na verdade, não. Usei chips diferentes durante bastante tempo.

— E foram todos usados com o mesmo propósito?

— Para manter contato com as pessoas, sim.

— Tenho razão em pensar que há outras vinte e sete pessoas lá fora que ainda não foram encontradas?

Sorri para ele.

— Parece bastante gente, não? Vocês com certeza não protegem a comunidade tão bem quanto pensam.

— Alguma delas ainda está viva, Colin?

— Eu estava esperando que me perguntasse isso.

— E então? Ainda há alguma delas viva lá fora?

Ambos voltaram a me encarar. Paralisados em suas cadeiras, prendendo a respiração. E, enfim, me perguntavam algo interessante, algo que pudesse fazer alguma diferença. E chegara a hora de mentir para eles pela primeira vez.

— Não.

Os dois soltaram um suspiro de alívio. Chegava a ser engraçado. E tive a impressão de que acreditaram em mim, ou talvez apenas quisessem tanto acreditar naquilo que suas cabecinhas não conseguiam registrar qualquer alternativa possível.

— Você tem certeza disso?

— Há algumas semanas teve uma moça, mas acho que alguém interveio antes que ela tivesse tempo suficiente.

Houve uma pausa acompanhada pelo rumor de folhas de papel. Lewis chutou a caixa de papelão debaixo da mesa.

— Certo, voltando aos telefones. Você sempre usou esse método para manter contato?

— Sempre.

— Com seus amigos também, além das pessoas que você… hum… “ajudou a escolher o caminho certo”?

— Não tenho amigos, Inspetor Lewis.

— Isso não me surpreende. Você passa tempo demais se metendo na vida das outras pessoas, não é?

— Isso é uma pergunta?

— Por que você faz isso, Colin?

Agora, estava tentando ser cordial comigo, se esforçando para romper os

obstáculos que ele percebia existir entre nós. O único obstáculo era a mesa. Ele havia levantado todas essas questões quando, na verdade, tudo era serena e maravilhosamente simples.

— Conte, Colin. Por que você faz isso?

— Já expliquei. Estou economizando uma fortuna para os contribuintes e fazendo as pessoas se sentirem mais felizes com elas mesmas.

— E isso o deixa feliz também, não é?

— Por que não deixaria?

— Você fica excitado quando está lidando com essas pessoas, Colin?

Por um instante, fiquei chocado demais para responder. Eu o encarei, meu rosto queimando por causa da sua insolência. A mudança de tópico tinha sido repentina e, dessa vez, inesperada.

— Como você ousa dizer isso? — perguntei, a voz calma e baixa. Disfarçando minha fúria da melhor forma que podia.

— Sabe, nossa equipe vasculhou e achou isso em sua casa, Colin.

De dentro da caixa de papelão em cima da mesa, Lewis retirou um saco plástico, lacrado, coberto com inscrições, mas transparentes. Dentro dele, havia um velho exemplar do *Briarstone Chronicle*, aberto numa página dupla com as fotos de todos os indivíduos. Todos sorrindo, felizes.

— Você sabe o que é isso?

— Um exemplar de jornal — respondi num tom tranquilo.

— Nós o encontramos, como eu disse, na sua casa. Para ser mais exato, em seu quarto. E ainda mais especificamente, debaixo de sua cama.

— É mesmo?

— Está coberto de sêmen, Colin. É seu?

Fiquei corado mais uma vez e não consegui emitir qualquer palavra que exprimisse o suficiente minha indignação e desconforto. Maldito policial!

Por fim, sussurrei entre os dentes:

— Prefiro não comentar.

— Você se masturbou em cima do jornal, Colin?

— Prefiro não comentar!

— Você sentia tesão em saber que provocou a morte dessas pessoas?

— Prefiro não comentar!

Os dois ficaram sentados, me encarando por vários segundos. Eu estava

ofegante, minhas mãos se fechando e se abrindo diante daquela grosseria, daquela abominável intrusão na minha vida particular. *Como ousam fazer isso?*, pensei. *Não têm ideia de quem eu sou, do que sou capaz de fazer?*

— O quê? — perguntei. — E se masturbar é crime, agora? Vocês vão me acusar de profanar essa merda de jornal?

— Por favor, não fique nervoso, Colin.

— Prefiro que me chame de Sr. Friedland, Inspetor Lewis.

— Tanto faz — disse Lewis, suspirando. — Vamos parar aqui por enquanto. Vou pedir que levem você de volta para sua cela.

* * *

Agora que finalmente me acalmei e estou deitado no estreito leito da minha cela, eu me dou conta de algo que me faz sorrir. O jornal é a melhor arma que eles têm. O que significa que não encontraram meu caderno nem minhas imagens. Se não acharem isso, não terão nada nas mãos.

Maggie

NEM SEMPRE FUI ASSIM. SOLITÁRIA, QUERO dizer. Eu tinha um marido e uma família, dois filhos. Quando cresceram e saíram de casa, voltamos a ser só nós dois, Leonard e eu, o que foi ótimo para mim. Eu trabalhava dois dias por semana numa casa de chá da cidade, mas fazia isso só para me divertir, de verdade. Leonard ocupava um alto cargo na empresa quando se aposentou e, depois que os meninos foram embora, ficamos com uma boa reserva financeira. Stephen disse que devíamos vender a casa, comprar algo menor, mas isso só nos deixaria com ainda mais dinheiro parado no banco, praticamente sem juros algum, e como poderíamos gastá-lo? Saíamos de férias, é claro; um cruzeiro, normalmente, e um mês ou mais ao sol durante os dias frios e sombrios de inverno. Mas, mesmo quando estávamos longe, eu ficava sempre ansiosa para voltar para casa.

Nossa casa era grande, numa ruazinha sossegada fora da cidade, com um jardim que se estendia até a beira do rio e suas árvores seculares, que gemiam e arfavam quando ventava muito. Aquela casa nos nutriu, cuidou de nós, nos manteve em segurança, e nela nossos filhos cresceram, se tornaram homens fortes e admiráveis. Por que eu iria querer morar em outro lugar?

Stephen se casou com uma moça norueguesa chamada Ina. Eles foram morar no norte de Londres e tiveram duas filhas. Eu os via com certa regularidade, pelo menos uma vez por mês. Costumavam vir almoçar no domingo. Meu filho caçula, Adrian, conheceu uma garota e resolveu viajar com ela. Eles acabaram ficando na Austrália, porque a família dela era de lá, e um ano depois tiveram um filho. Mas nunca se casaram. É claro que eu não os via com a mesma frequência que Stephen e Ina. Adrian e Diane vieram uma vez passar o Natal conosco. Apareceram no meu sexagésimo aniversário. E mais tarde, voltaram para o julgamento.

Vieram atrás dele bem cedo, numa manhã de terça-feira. Leonard ainda estava na cama, dormindo profundamente. Eu já estava de pé, porque naquela época

não conseguia mais dormir depois das cinco. Preparei um bule de chá e estava à mesa da cozinha, lendo o jornal da véspera, esperando que clareasse totalmente para poder continuar capinando lá fora, a partir do ponto em que deixara de lado ao escurecer, no dia anterior.

Bateram à porta e eu pensei: “O carteiro veio cedo, hoje.” Mas é claro que não era o carteiro. Eram dois inspetores da polícia, um homem e uma mulher.

— O que houve? Aconteceu alguma coisa com os meninos? O que foi? — perguntei.

— Precisamos falar com seu marido, Sra. Newman. Ele está em casa?

Peguei a identificação policial que o homem me entregou, fechei a porta e a examinei no corredor. Depois disso, os deixei entrar.

— Onde está seu marido? — perguntou a mulher, assim que entraram no corredor. — Onde está Leonard?

— Está na cama, é claro, são seis e meia da manhã. Do que se trata tudo isso?

O inspetor subiu a escada e fiquei aguardando na cozinha com a mulher. Estava tudo muito silencioso lá em cima. Não houve gritos, estrondo ou qualquer ruído. Alguns minutos depois, Leonard desceu a escada com o policial, vestido como se fosse cuidar do jardim: calça jeans e um suéter por cima de uma velha camiseta. Seu cabelo estava arrepiado, pois não o penteara. Ele estava ao lado da porta com aquele homem, calçando seus sapatos e, por um terrível instante, pensei, que ele sequer perceberia minha presença, então o chamei:

— Leonard!

Ele disse alguma coisa ao homem e foi até a cozinha. Sua expressão era horrenda, como se tivesse acabado de receber uma notícia aterradora.

— O que houve, Leonard? O que está acontecendo, pelo amor de Deus?

Ele não se aproximou mais de mim, sequer tentou me tocar. Apenas disse duas palavras:

— Sinto muito.

Sequer pronunciou meu nome.

Quando o levaram embora, liguei para o advogado dele, que prometeu ir para a delegacia assim que possível. Havia muita gente na minha casa; no final, eu já não fazia a menor ideia de quem eram. Preparei chá para todos e algumas pessoas olharam para mim com bastante piedade. Outras tinham uma expressão diferente, que não consegui interpretar.

Elas, praticamente, desmantelaram o escritório de Leonard. Levaram os computadores dentro de sacos plásticos, assim como os celulares, inclusive o meu.

Usei o telefone fixo para falar com Stephen. Eu tinha a impressão de não conseguir passar para ele toda a seriedade da situação. Ele estava se preparando para ir trabalhar, e até eu começar a chorar e ficar histérica, ele só teve vontade de ir embora e me ligar à noite. Mas, quando desabei, ele disse que viria logo em seguida. Depois, tentei telefonar para Adrian na Austrália, mas ninguém atendeu.

Pensei que ele tivesse sido flagrado sonegando impostos. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça e, por um bom tempo depois disso, não conseguia pensar em uma alternativa possível. Parecia ser o problema mais provável, que explicava porque estavam se concentrando em seu escritório, mais do que em qualquer outra parte da casa.

Stephen foi à delegacia na parte da tarde enquanto permaneci em casa arrumando e limpando tudo, mas ele voltou logo depois. Não lhe revelaram nada. Seu pai ainda estava sendo interrogado. Era pouco provável que o liberassem antes da manhã seguinte. Pedi a Stephen que voltasse lá, levando uma bolsa com pijama, roupão e sua nécessaire com artigos de higiene pessoal. Além de uma camisa limpa.

— Ele não está na porra de um hotel, mamãe — disse Stephen.

— Não importa — retorqui. — E não use palavrões ao falar comigo.

Ele fez o que eu pedi, mas, quando voltou, queria algo mais. Não o tinham deixado ver o pai, mas um pedido dele chegara às suas mãos. Precisava de um terno.

— Para quê?

— Ele vai ver o juiz, amanhã de manhã — respondeu Stephen. — Ele quer ir usando um terno. Como se isso pudesse ajudar.

— Claro que pode ajudar — afirmei.

Subi a escada e peguei o melhor terno dele, um feito sob medida que ele vestia nas reuniões da diretoria. Uma camisa nova, uma gravata de seda azul para realçar a cor de seus olhos.

Na manhã seguinte, ele foi acusado de ter imagens de abuso sexual infantil. O choque foi imenso. Acho que todos pensaram que eu estava me recusando a aceitar os fatos — na verdade, foi Stephen que disse isso —, mas não era

verdade. Eu sabia que não era possível, de modo algum tal coisa poderia ser verdade. Havia poucas pessoas em que eu podia confiar, e uma dessas era minha irmã Janet, que morava a trinta quilômetros de distância. Fui ficar na casa dela por alguns dias, cedendo à insistência de Stephen. Acho que ele pensou que a imprensa poderia acabar descobrindo e não queria que aparecessem para me fotografar no jardim de casa, ou em pé ao lado da porta, como uma alma perdida.

— Não consigo acreditar nisso — confessei para Janet. Já devia ter dito isso umas cinco vezes. — Simplesmente, não consigo acreditar. Para falar a verdade, ainda temos uma boa vida sexual! Com certeza, ele não…

Ela me olhou por cima da sua caneca de chá e deixou que eu desabafasse o quanto quisesse. O problema era que isso não adiantava. Falar só piorava as coisas, porque minha incredulidade não arrefecia. Era como se alguém tivesse armado tudo aquilo só para nos fazer sofrer. Tentei pensar em alguém que nos odiasse o bastante para agir assim, nos separando.

Finalmente, ele pagou fiança e voltou para casa, mas a essa altura a imprensa já havia descoberto quem ele era e do que estava sendo acusado, e algumas vans com câmeras de televisão estacionaram em frente a minha casa.

Tivemos que nos mudar. Leonard não tinha permissão para sair do país, então fomos obrigados a cancelar nossas férias, que já estavam pagas e reservadas. Nossa seguradora não cobriu os gastos; aparentemente, ser preso, ainda que por algo que você não fez, não pode ser qualificado como pretexto para receber uma restituição. Ele tentou insistir para que eu fosse sem ele, mas eu não podia. E se eles voltassem outra vez e o levassem sem eu saber? E além do mais, se o pior acontecesse — eu queria passar o máximo de tempo com ele.

Ele se esforçou ao máximo para se comportar como se nada tivesse acontecido. Tentamos levar uma vida normal, na casinha que pertencia a amigos nossos que estavam morando no exterior. Somente os familiares próximos sabiam onde estávamos, e a polícia, é claro. Leonard só saía de casa uma vez por semana para comparecer à delegacia. Quando saíamos de lá, rodávamos vários quilômetros, para nos certificarmos de que não estávamos sendo seguidos até em casa.

Finalmente, a imprensa esgotou aquele assunto, mas eu continuava com medo de voltar para casa.

Minha irmã Janet me perguntou o que ele havia dito sobre tudo aquilo, que

desculpa dera. Na verdade, nunca falei com ele sobre o assunto. Nunca lhe perguntei se ele era culpado dos crimes pelos quais tinha sido acusado, tamanha era minha confiança nele. Era meu marido e eu jurara ficar ao seu lado na alegria e na tristeza, e acho que não poderia ter momento de "tristeza" pior do que aquele. Então decidi que ele era inocente, que tudo não passava de um equívoco, ou da acusação maliciosa de alguém, que causara aquilo.

Entretanto, por mais que ele se esforçasse para agir normalmente, as coisas não eram mais as mesmas. Leonard passava horas escondido, trabalhando em possíveis linhas de defesa. Tarde da noite, eu o ouvia chorando, depois de ir me deitar. Apesar de seus esforços, após ler todos os documentos jurídicos que seu advogado trouxera, para lhe dar algo a fazer, seu comportamento se tornou hesitante e dava a impressão de que ele já havia se entregado.

Mas eu não tinha me entregado, de maneira alguma.

* * *

O julgamento mudou tudo. Não tinha passado nem um ano, desde aquela manhã de terça-feira quando eles apareceram para o prenderem. Estávamos preparados para o que viria, instruídos pelo advogado sobre o que podíamos esperar, mas mesmo assim os meninos sofreram terrivelmente. Rever Adrian, Diane e meu neto Joshy, que tinha cinco anos e era bem travesso… era tão bom sob certos aspectos, mas tão ruim sob outros. Diane ficou por uma semana conosco e então, quando o julgamento começou, deixou Joshy com os pais dela, na Escócia. Adrian ficou comigo e Stephen.

Fui todos os dias, exceto o segundo, quando mostraram as imagens que haviam encontrado nos computadores dele. Elas tinham sido bem escondidas, o que me convenceu de que alguém as tinha colocado lá sem o conhecimento de Leonard. Ele era um executivo de uma das maiores empresas do mundo de circuitos integrados de computação, mas não fazia realmente ideia de como essas coisas funcionavam. Ele comprava e vendia ativos, lidava com os acionistas e organizava os negócios; não sabia como cifrar um disco rígido, ou seja lá o que alegavam que havia feito.

De qualquer forma, eu não desejava vê-las.

Mas Stephen as viu. E Adrian também. Até mesmo Janet estava lá. Quando era

mais jovem, ela trabalhara num centro de assistência para mulheres abusadas, portanto se considerava uma pessoa isenta aos choques, pois havia lidado com quase todo tipo de coisa. Mas, pelo visto, não era bem assim.

Naquele dia, eles voltaram quietos para casa. Eu cozinhara um bom pedaço de carne assada com pudim de Yorkshire, batatas assadas, nabo, repolho, cenoura e um molho de carne, e até um tempero à base de raiz-forte feito em casa. Fazia tudo isso principalmente para me ocupar durante as horas em que a casa ficara vazia. Mas, quando eles chegaram, ninguém queria comer. Todos os três sentaram-se à mesa da cozinha e conversaram, tentando encontrar algum sentido em tudo aquilo, enquanto eu fatiava a carne e servia os pratos. Era como se alguém tivesse desligado o otimismo deles na fonte. Não falavam mais sobre o que podiam fazer para ajudar a equipe de advogados que Leonard reunira para defendê-lo. Conversavam agora sobre o que deveriam fazer para absorver aquilo a que tinham acabado de assistir.

Stephen gritou alguma coisa para mim, algo sobre como eu não conseguiria consertar as coisas, não desta vez. E aquela carne assada para o jantar não iria melhorar a situação de repente.

O marido de Janet veio buscá-la. Ele deveria jantar conosco, mas ambos foram embora imediatamente. Os meninos ficaram sentados na cozinha, e me sentei sozinha na sala de jantar, numa mesa posta para seis pessoas (eu colocava o prato de Leonard na cabeceira da mesa todos os dias, independentemente se ele viria comer ou não). A carne tinha sido assada com perfeição, e cada garfada levada à boca tinha o sabor do ódio. Eu estava furiosa pelo fracasso deles em apoiar o pai na hora em que mais precisava; ressentida com a recusa deles em comer o que eu passara o dia todo preparando.

Quando terminei, voltei para a cozinha. Assim que entrei, eles interromperam a conversa.

— Que tal uns pudins? — sugeri, tentando soar o mais alegre possível. — Fiz só um pouco, vocês querem provar?

Stephen se ergueu de repente, arrastando a cadeira ruidosamente no chão de terracota. Ele passou por mim sem me olhar e foi para a sala.

— E você, Adrian? Quer comer um pouquinho?

— Não, mãe — respondeu ele.

Eu me sentei perto dele e coloquei a mão em cima da sua. Lágrimas escorriam

de seus olhos. A visão do meu filho crescido aos prantos me abateu mais do que qualquer outra coisa.

— Está tudo bem — falei, tirando minha mão da sua e pousando-a em seu ombro. — Tudo vai ficar bem, meu querido! Eles vão perceber que tudo não passa de um terrível equívoco e o deixarão voltar para casa. E então poderemos viver como antes outra vez.

— Você não entende — disse ele. — Aquelas fotos…

— Eu sei, eu sei. Deve ter sido horrível para você ter que ver aquilo. Mas elas estavam escondidas no computador dele, e…

— Ele *aparecia* nelas, mãe. Papai estava em algumas fotos.

— Mas hoje em dia as pessoas são capazes de modificar as fotos, não são? Podem ser retocadas, ou coisa parecida. Podem manipular as imagens…

— Era ele, mãe. Se você as tivesse visto…

Eu continuava não acreditando.

* * *

Depois desse dia, eles não voltaram ao tribunal. No dia seguinte, fui sozinha, assim como nos dois últimos dias do julgamento. Eu imaginava que a imprensa deveria estar noticiando todos os aspectos do caso, considerando a posição de Leonard, mas deliberadamente evitei os jornais; tampouco ligava a televisão ao voltar para casa.

Quando ele foi condenado, eu me levantei no tribunal e berrei “NÃO!” o mais alto que pude. Fui convidada a me retirar. No dia seguinte, ele recebeu sua sentença.

O julgamento foi muito dispendioso para mim. Destruiu meu casamento porque, muito embora eu tenha ficado ao seu lado a cada estágio, assim que foi condenado, Leonard se recusou a me ver. Não autorizou minha visita e, quando solicitei uma permissão diretamente ao presídio, me disseram que o prisioneiro não tinha obrigação de receber visitas que não desejava.

Stephen não apareceu mais. Falei com Ina pelo telefone uma ou duas vezes, mas eles nunca mais vieram para jantar num domingo desde então. Liguei para eles e perguntei se podia ver as meninas, se podia sair com elas um pouco. Ina arrumou algumas desculpas. Quando a pressionei, ela revelou que Stephen não

queria que eu voltasse a vê-las até que fossem bem mais velhas. Isso eu não consegui entender de jeito nenhum. Leonard havia sido acusado de todas aquelas coisas horríveis, não eu. Mas Stephen disse que eu devia estar a par de tudo. Que eu lhe dera cobertura.

Eu não sabia de nada. Ainda não conseguia acreditar que pudesse ser verdade. Todos o renegaram, todos o abandonaram.

Adrian levou Diane e Joshy de volta para a Austrália e, embora me telefonasse uma vez ou outra, quando eu ligava ninguém atendia. Suas chamadas se espaçaram à medida que os meses e os anos passavam.

As coisas também mudaram com Janet. Eu ligava para ela de vez em quando para bater papo, e havia uma regra tácita entre nós de não falarmos sobre Leonard. Falávamos sobre nossos filhos, sobre política. Mas esses telefonemas também foram rareando. Ela estava fria comigo, como se meu bom humor lhe causasse náuseas.

Eu saía, ainda que com menos frequência. Descobri que não podia confiar nos meus amigos, depois que um deles deu uma entrevista “exclusiva” para um jornal e, de repente, tudo voltou à tona.

Ocasionalmente, eu ia até a universidade para ter aulas de ioga, mas, quando a série de sessões para a qual eu tinha me matriculado chegou ao fim, não renovei. Não fazia sentido. Eu chegara ao fim. Então, voltei para casa, a casa maravilhosa que havia nutrido a todos nós, nos mantido em segurança, assistido ao crescimento dos meus filhos que se tornaram homens fortes, e também me protegido naqueles meses solitários em que os lobos espreitavam à minha porta, onde me tranquei e fechei os olhos. E esperei.

Annabel

SAM ESTAVA ME DANDO UMA CARONA até o trabalho quando o celular dele tocou. Eu já estava meia hora atrasada, mas, em vez de me pedir para atender, ele parou o carro num ponto de ônibus e atendeu a ligação.

— Alô? Não tem problema… O que aconteceu? — Houve uma longa pausa durante a qual pude ouvir uma voz abafada esbravejar sobre alguma coisa no ouvido de Sam.

Era uma segunda-feira chuvosa e, contra a minha vontade, eu ainda estava morando na Keats Road. Na noite anterior, passei rapidamente na minha casa com Sam, a gata dentro da cesta. A casa parecera rançosa e hostil, como se estivesse com raiva de mim por ter ido embora. Parei na sala de estar e olhei ao meu redor enquanto Sam tirava a gata da cesta. Ela pulou fora, disparou para a cozinha e sumiu pela porta, que ele abrira para dar uma arejada.

Fomos procurá-la lá fora. Balançamos uma caixa de ração e chamamos seu nome. Então, comecei a ficar um pouco preocupada.

Sam preparou um chá de hortelã para nós, pois não havia mais leite. Nós nos sentamos à mesa da cozinha com a porta dos fundos aberta, na esperança de que a gata voltasse por conta própria, assim que percebesse que estava em casa.

— Gostaria que você reconsiderasse isso, Annabel — disse Sam.

— O quê?

— A ideia de ficar aqui sozinha.

Bebi um gole de chá, embora ainda estivesse escaldante.

— É só que eu acho muito esquisito ir morar com uma família completamente desconhecida. Você não concorda?

Ele me olhou com uma expressão surpresa, depois desviou o olhar.

— Não, não acho esquisito.

— Jura?

— Estamos apenas dando uma força, mais nada.

— Não me entenda mal, estou muito agradecida… mas é só que… Tenho sido

tão grosseira com você, não é?

Resolvi parar de falar, pois estava ficando constrangida.

— Você não tem sido grosseira. Não que eu tenha notado.

— Quero dizer, no hospital, quando minha mãe estava doente. Sei que você estava tentando me ajudar. Só achei um pouco estranho você aparecer daquele jeito. Parecia que estava me espionando.

Ele tossiu por cima do chá.

— Já expliquei, fui até lá por causa daquele cadáver.

— Não na segunda vez.

— Não, mas não dá para chamar de espionagem só porque fui lá *uma vez* para ver como você estava.

— Uma vez, e depois você foi até minha casa porque eu não atendia o telefone.

Ele não respondeu, e lembrei que eu estava tentando me desculpar e acabara acusando-o de ter agido de um jeito estranho e me espionado. Voltei atrás logo depois:

— Mas… você praticamente salvou a minha vida…

— É — disse ele, seu tom de voz revelando que ele começava a se arrepender de ter se dado o trabalho.

— E agradeço, de verdade. Por tudo. E me desculpe por ser tão… chata.

Ele ficou quieto. Não iria negar isso.

— Como era a sua mãe? — perguntei a Sam, fazendo uso do meu truque habitual de mudar de assunto para evitar o constrangimento e tornando tudo instantaneamente cem vezes pior.

— Ela era adorável — contou ele. — Ainda sinto falta dela.

— Foi muito difícil para você quando seu pai começou a se relacionar com Irene?

Ele sorriu, o constrangimento de alguns instantes antes sendo esquecido, aparentemente.

— Não, não foi assim. Acho que de certo modo mamãe e eu arquitetamos tudo, para ser sincero.

— Como assim?

— Ela não gostou de nenhuma das cuidadoras que lhe ajudaram, até conhecer Irene. Não que ela adorasse Irene. Era muito mandona, dizia ela, mas a deixou

ficar. Acho que não a escolheu por gostar dela como cuidadora, mas porque podia ver que ela se dava bem com papai. E comigo.

— Eu gosto dela. Tem sido um amor comigo.

Observei Sam beber seu chá, indagando-me por que ele parecia tão triste.

— Eu disse alguma coisa errada? — perguntei.

— Não. Estava apenas me lembrando da minha mãe. Só isso. Sinto saudade dela. Você também deve se sentir assim…

— É — confirmei.

Sentia saudade de ser uma filha, pensei, mais do que tudo. Saudade de ser útil para alguém. Ser importante.

Uma hora mais tarde, ainda sentados, conversando sobre o homem que tinham prendido e como ele devia ser, o telefone de Sam tocou, anunciando a chegada de uma mensagem de texto. Era de Irene, nos dizendo que a gata acabara de voltar para Keats Road. Depois disso, com o enorme fardo da inevitabilidade em cima dos ombros, peguei minha malinha, contendo as roupas que Irene tinha lavado e passado, apesar de eu ter protestado, alegando que poderia fazer isso sozinha, e voltamos para o carro. Visivelmente, eu e minha gata ainda não estávamos preparadas para voltar para casa.

* * *

Sam ainda estava falando, estacionado no ponto de ônibus. Quando, finalmente, conseguiu interromper aquela vozinha que eu mal ouvia no telefone, ele disse:

— Isso é mesmo muito interessante. Você tem o endereço?

Ele pegou uma caneta esferográfica no compartimento da porta, escolheu um recibo entre os vários que se acumulavam no console central e escreveu alguma coisa no verso enquanto a voz abafada continuava falando.

— Certo — disse ele. — Estou dentro. Pode deixar que aviso. Ligo para você mais tarde. Ok. Tchau.

Ele se virou para mim, com os olhos brilhando novamente.

— Adivinha só.

Eu ainda estava um pouco brava com ele por me fazer chegar atrasada ao trabalho, por mais que estivesse relutante em voltar a examinar os casos de atos criminosos e agressões sexuais. Mas agora minha curiosidade tinha sido

despertada.

— Não faço ideia. O quê?

— Um dos meus contatos me informou que uma mulher acabou de ligar para dizer que a menina que mora com ela saiu com colegas do trabalho na noite de sexta-feira e não foi mais vista desde então.

Franzi as sobrancelhas.

— E?

— O nome dessa mulher é Audrey Madison.

— E esse nome deveria significar alguma coisa para mim?

— Pelo visto, você não tem entrado muito no Facebook.

— Eu não tenho Facebook.

— Pois então deveria — disse ele, dando meia-volta e seguindo na direção do centro da cidade. — É um site de busca fantástico. Audrey Madison é ex-namorada de um tal de Vaughn Bradstock. Caiu a ficha agora?

Balancei a cabeça. Sua morosa revelação cifrada estava começando a me dar nos nervos.

— Esse cara tem alguns amigos no Facebook, diferente do Sr. Colin Friedland, que tem somente um: Vaughn Bradstock. Em outras palavras, a ex-namorada do único amigo de Colin está desaparecida. — Eu o encarei. — É Colin, não é? — perguntou ele. — O homem que você identificou pelas contas telefônicas?

— E como é que você sabe disso?

Ele sorriu.

— Já disse que você não é minha única fonte de informação, Annabel. Na verdade, você é a pior fonte que eu já tive.

* * *

— Lá vem ele — disse Sam, quando o táxi preto estacionou no endereço de Colin.

A casa era grande, um pouco afastada da estrada e num nível mais elevado do terreno. Era uma casa velha, no estilo eduardiano, pelo que dava para perceber, e provavelmente valia uma fortuna. As equipes de buscas a tinham vasculhado de cima a baixo, e se tivessem encontrado qualquer coisa que fosse, Colin não teria sido solto.

Ficamos esperando no carro, estacionado a cento e cinquenta metros de distância daquele casarão, onde, segundo os cadastros eleitorais, ele morava sozinho.

— Ainda não entendi o que poderemos conseguir com isso — falei.

— Eu também não. Simplesmente, não confio nele. E você?

— Preciso ir trabalhar, Sam.

Eu estava tentando entrar em contato com Frost, tentando ligar para a Sala de Operações, tentando todos os números de que me lembrava e deixando mensagens em todas as caixas postais, mas até então não conseguira falar com ninguém. O fato de Audrey Madison — quem quer que fosse ela — estar desaparecida desde sexta-feira começava a engendrar uma sensação de incômoda urgência dentro do meu peito.

No fim da rua, um vulto desceu de um táxi e se inclinou na janela para pagar. Parecia estar contando algumas moedas.

— É ele? — perguntou Sam.

— É.

O homem que tinha sido meu anjo se afastou do táxi e veio na nossa direção, parecendo olhar diretamente para nós. Depois, se desviou na direção do casarão, abriu o portão e entrou, desaparecendo do nosso campo de visão.

Eles o tinham deixado em liberdade.

Colin

A CASA ESTÁ GELADA, OS LEGUMES na panela exalam um odor ligeiramente putrefato. Escorro a água da panela e jogo o conteúdo no lixo. O cheiro dentro da geladeira é ainda pior, e para minha total decepção, também tenho que jogar fora o salmão. E depois, é claro, preciso levar os sacos de lixo para fora da forma adequada.

Eles estiveram aqui, embora nada pareça estar fora do lugar. Toda a casa ainda está com o cheiro deles e de suas botas que pisaram nos meus tapetes e incomodaram os fantasmas. Com certeza, vou tentar obter algum tipo de compensação, quando tudo tiver acabado. Eles não me interrogaram — foram logo me humilhando e me desrespeitando. Mereço mais consideração do que isso. Mereço o agradecimento deles.

Passei vários minutos andando de um cômodo ao outro, inspecionando a casa, como se tivesse ficado fora durante semanas e não apenas algumas horas.

Demora um tempo até eu conseguir relaxar aqui dentro, mas, quando finalmente me acalmo, a sensação é ótima. Eles não têm motivos para me acusar, apesar de seus imensos esforços, apesar de sua necessidade crassa de tentar me humilhar, me induzindo a revelar algo que me incrimine. Não conseguiria me incriminar, ainda que o quisesse, porque não fiz nada — NADA — de errado. Eu sei disso e eles também sabem. Essa sensação agradável de castigá-los se expande pelo meu corpo me proporcionando enorme satisfação. Eu me sento na minha poltrona predileta e deixo o pensamento voar, imaginando a beleza das transformações que observei e amando, amando todas elas.

Annabel

— MERDA! — EXCLAMOU SAM, APÓS MEIA HORA sentado no carro, sem que nada acontecesse. Então ligou o motor.

— Até que enfim. Podemos ir para a delegacia agora, por favor?

Ele me olhou atentamente.

— Você está bem? Sinto muito, não pensei que… ver esse cara outra vez…

— Não é isso — falei, depressa, embora quase tivesse sofrido um ataque cardíaco quando Colin olhara da rua diretamente para onde eu estava sentada. — Preciso voltar para o trabalho…

— Eu já disse — retrucou ele, seguindo para a rua principal —, eles não estão esperando que você apareça por lá; você ainda deveria estar de licença. E, além do mais, precisamos cuidar de algo bem mais importante.

No final das contas, Lindsay Brown morava bem perto de Colin, na direção do centro da cidade. Era uma residência imponente que fora dividida em alguns apartamentos. Lindsay e Audrey moravam no do térreo.

— Pois não? — disse ela, abrindo a porta antes que tivéssemos oportunidade de bater.

— Lindsay? — perguntou Sam. — Sou repórter do *Chronicle*. Você conversou mais cedo com um dos meus colegas, eu acho.

— Foi… Mas estou justamente saindo para trabalhar.

— Ah, desculpe-me — disse ele com uma expressão realmente pesarosa. — Achei que conseguiria falar com você antes que precisasse sair.

Ela hesitou com uma das mãos na porta, olhando alternadamente para mim e para Sam.

— Bem, já que estão aqui. Tenho cinco minutos. Querem entrar?

A sala estava impecável, repleta de mobília antiga de estilos diferentes, mas mesmo assim o lugar era acolhedor e o acesso à cozinha se dava sob um amplo arco. As louças lavadas na véspera estavam dispostas na pia.

— Aceitam um chá ou algo assim?

— Isso seria ótimo, obrigado — agradeceu Sam. — Posso usar o banheiro?

— Fica no final do corredor — disse ela, enchendo a chaleira, enquanto Sam saía apressado. Eu me sentei, envergonhada, na beirada de um sofá baixo.

— Vocês sempre andam em dupla? — perguntou ela enquanto a água começava a ferver.

— Eh… Hum… Não. Eu só… só estou acompanhando ele.

Ela pareceu perplexa.

— Como assim? Para ganhar experiência profissional?

— É, tipo isso.

Com certeza, eu parecia muito velha para estar ganhando experiência profissional na imprensa, mas, se fosse lhe contar a verdade, levaria tempo demais.

Quando Sam voltou, Lindsay havia colocado três canecas de chá na mesa, junto de uma tigela com açúcar e algumas colherinhas. De repente, me senti faminta e estava quase lhe perguntando se tinha uns biscoitinhos.

— Você se importa se eu…? — Além do bloco de notas e da caneta, que já pegara em sua bolsa de lona, Sam mostrou seu celular para Lindsay. — Não consigo anotar direito, sempre esqueço alguma coisa…

— Vá em frente.

— Obrigado.

Ele ativou a função gravador no telefone e o colocou na mesa baixa diante dela.

— Faz muito tempo que você e Audrey dividem este apartamento?

Com a caneca de chá entre as mãos, percebi o quanto estava relaxada e teria sido fácil prever sua resposta.

— Não, apenas alguns meses. A outra menina que morava comigo viajou. Audrey se interessou pelo anúncio que, aliás, saiu no *Chronicle*. Isso deve ter sido em… Fevereiro? Março?

— Vocês se davam bem?

— Sim, acho que sim. Para ser honesta, não nos víamos com muita frequência.

— Ela saía muito?

— Ficava na casa do namorado, a maior parte do tempo. Não dormia muito aqui e, geralmente, quando chegava em casa, eu já estava na cama.

— E esse namorado era Vaughn Bradstock?

— Ele mesmo. Um sujeito engraçado, o cara. Mas eles pareciam se dar bem, quer dizer… até semana passada.

— Eles brigaram? — Sam se mexeu na cadeira e tomou um gole de chá.

— Terminaram. Acho que foi por vontade dela.

— Você sabe por quê? — perguntei.

Sam me lançou um olhar estupefato, afinal era ele que estava entrevistando Lindsay, mas eu me sentia como uma peça sobressalente e, além disso, estava curiosa.

— Ela disse apenas que tudo estava muito chato. Ela gostava bastante dele, mas acho que procurava algo mais… excitante? Imagine só, o cara coleciona selos. Quem coleciona selos hoje em dia e naquela idade?

— Ela ficou muito atormentada com isso? — perguntei. — Quero dizer, você acha que ficou deprimida?

— Eu não diria tanto. Ela chorou um pouco, mas depois começou a planejar uma saída à noite com as amigas.

Isso me fez franzir as sobrancelhas.

— Quando foi a última vez que você a viu, então? — indagou Sam, retomando sua lista de perguntas.

— Sexta-feira. Ela ia sair depois do trabalho. Era o aniversário de alguém, eu acho. Ela estava bem animada. Com vontade de sair e conhecer alguém interessante.

— Você viu quando ela saiu?

— Vi. Estava toda arrumada; linda mesmo. Eu me lembro de ter pensado que ela tinha grandes chances de se dar bem, vestida daquele jeito.

— Mas ela não voltou para casa?

— Fiquei fora durante todo o fim de semana, fui visitar alguns amigos em York. Quando retornei, domingo à noite, soube na mesma hora que ela não tinha voltado para casa. Todas as roupas que experimentara antes de sair na sexta-feira ainda estavam em cima da cama.

— E você ligou para a polícia?

— Mandei uma mensagem de texto e tentei ligar para Audrey, mas o celular dela estava desligado. Pensei em telefonar para Vaughn, mas então pensei melhor, pois talvez ela estivesse com outro cara. Não queria envolvê-lo nessa história.

Lindsay deixou a caneca vazia na mesa e olhou ostensivamente para o relógio.

— Sinto muito — disse Sam. — Só mais uma pergunta: quando foi que você denunciou o desaparecimento dela?

— A primeira coisa que fiz hoje de manhã foi ligar para o trabalho dela. Na Arnold's, é lá que ela trabalha. Só queria ter certeza de que estava bem; afinal de contas, não tinha levado roupa alguma com ela… ou coisa parecida. E eles disseram que ela não fora trabalhar e é uma pessoa sempre pontual. A moça com quem falei ficou bastante preocupada quando lhe disse que não a tinha visto. Então, depois disso, liguei para a polícia.

— Sabe com quem você falou no trabalho dela?

— Cheryl, era esse seu nome se não me engano. Eu me lembro vagamente de ter ouvido Audrey falar sobre ela, acho que se davam bem. Cheryl disse que a vira pela última vez subindo a rua sexta-feira à noite; não estava a fim de ficar esperando um táxi. Ela voltou para casa sozinha.

* * *

— Agora podemos ir para a delegacia, por favor? — falei, ao voltarmos para o carro.

Sam estava sentado no banco do motorista. Ele não tinha ligado o carro e olhava fixo para a frente com as mãos no volante.

— Sam?

— Não quer ir conversar com Cheryl? — perguntou ele.

Seus olhos brilhavam de excitação. Eu nunca o vira daquele jeito. Será que ele estava assim quando nos sentamos para tomar um café, no dia em que nos conhecemos? Naquela época eu andava tão desconfiada. Talvez ele estivesse se controlando um pouco.

— Quero me certificar de que a polícia está procurando Audrey — respondi.

— Tente ligar para eles mais uma vez — disse ele, ligando o motor, por fim. — Se alguém estiver lá, deixo você no caminho.

É claro que não havia um único infeliz para atender o telefone. Estavam todos em reuniões matinais, que era onde eu devia estar naquele momento. Eu me perguntei o que aconteceria se faltasse o trabalho. Será que notariam minha ausência?

A Arnold and Partners ocupava todo o segundo andar de um prédio atrás da Market Square, com vista para um bingo que já fora um cinema que eu frequentara na adolescência. Encontramos uma vaga no estacionamento privado e seguimos para o prédio.

— É isso o que você faz o dia todo? — perguntei. — Anda por aí incomodando todo mundo?

— Não estou incomodando ninguém. Estou?

— Humm…

Eu estava com os braços cruzados no peito. No fim da rua, podia ver o telhado da delegacia, coberto de antenas, as paredes de granito e concreto cinza, à moda dos anos 1960.

— Eu devia estar agora na reunião do editorial — disse ele. — Mas, tecnicamente, hoje é meu dia de folga, portanto, ninguém vai sentir minha falta.

— Por que estamos fazendo isso no seu dia de folga?

Então, ele parou e se virou para mim.

— Estou começando a me arrepender de não ter levado você para o trabalho logo de manhã.

— Eu também gostaria de estar no trabalho!

Nós nos encaramos.

— Você não quer ajudar a encontrar Audrey? — perguntou ele.

— Não é nosso trabalho encontrar Audrey! — explodi. — Por que você não confia na polícia para fazer isso?

— Desconfio de que eles não avançaram tanto neste caso quanto eu — respondeu ele, ainda totalmente calmo.

— Eles só trabalham a partir das informações que recebem — afirmei. — E, no momento, tenho informações cruciais para passar para eles, mas, em vez disso, estou perdendo tempo na frente de uma empresa de contabilidade como se eu fosse Nancy Drew. — Pela sua expressão, pude notar que ele não fazia a menor ideia de quem era Nancy Drew. — Ou um desses adolescentes metidos a detetives — emendei, sem jeito.

— Você não precisa vir comigo — disse ele. — Se quiser, posso ir buscá-la mais tarde. É só me mandar uma mensagem ou algo assim.

— Ótimo — respondi, acenando para ele e marchando rua abaixo, tentando parecer determinada.

A reunião matinal acabara de terminar quando cheguei. Trigger e Kate voltaram para o escritório conversando e rindo, sem sequer se darem conta de que eu estava sentada na minha mesa.

— Perdi muita coisa? — perguntei, por fim, também para lhes lembrar de que eu estava viva e respirando como todo mundo.

— Que naaada — respondeu Trigger. — O inspetor Frost está fazendo uma tempestade em um copo d'água porque o chefe vai aparecer na televisão hoje à tarde. Mesas arrumadas e gravata no pescoço, sabe? Aliás, bem-vinda de volta. Você está… está bem?

Como se eu estivesse de licença por causa de um resfriado ou algo assim.

— Estou sim, obrigada — respondi. — Estou bem melhor agora.

Kate tinha ido para a sala ao lado, provavelmente para convocar suas colegas a fazer uma pausa para o café.

Achei o nome de Lindsay Brown no registro de ocorrências, além do endereço no qual Sam e eu tínhamos tomado chá naquela manhã.

CHAMADA DE UMA PESSOA INFORMANDO QUE SUA AMIGA NÃO VOLTOU PARA CASA NESTE FIM DE SEMANA

*

A AMIGA SE CHAMA AUDREY MADISON 36 ANOS CABELO CASTANHO-ESCURO OLHOS AZUIS F507 CELULAR 07670 212 212

*

AUDREY SAIU COM AMIGAS NA NOITE DE SEXTA E NÃO FOI MAIS VISTA DESDE ENTÃO — NO TRABALHO INFORMAM QUE NÃO COMPARECEU ESTA MANHÃ

*

CELULAR DESLIGADO

*

NAMORADO DE AUDREY CORREÇÃO EX-NAMORADO É VORN BRADSTOCK MORA EM BRIARSTONE NÚMERO TEL 07672 392 913

*

INFORMAR INTELIGÊNCIA DISTRITO CRIMINAL — CONSELHO DADO À INFORMANTE

Então era isso. Só isso mesmo. Não havia mais nada no relatório. O que não

significava que algo estava acontecendo, é claro, apenas que não houvera atualizações desde então — olhei novamente — 9h15 hoje de manhã.

Havia outra coisa que me incomodava também. Keith Topping dissera que não tinham ido muito longe com os dados do Sistema Automático de Identificação de Placas porque não havia câmeras nos lugares certos e o espaço de tempo era simplesmente amplo demais para fornecer um conjunto útil de dados. Mas esse espaço de tempo é bem menor… E não havia uma câmera de vigilância na rua principal, a partir da Market Square.

Abri o programa SAP e comecei a preencher o formulário, deixando em branco o campo para a placa de identificação do veículo. Resumi as câmeras a serem incluídas a apenas uma — Baysbury Road, direção norte. E o horário — a que horas Cheryl Dann tinha se despedido dela?

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para Sam.

Pergunte a Cheryl a que horas ela deixou Audrey e onde. É urgente. A.

Enquanto aguardava uma resposta, dei busca em um período de tempo, só para ver qual seria o resultado: das onze até meia-noite. Somente uma hora, uma câmera e o sistema reagiu como se eu o estivesse obrigando a fazer um trabalho manual. O processador começou a zumbir de modo alarmante. Abri outra janela no computador da Polícia Nacional e busquei por veículos que tivessem ligação com o Sr. Colin Friedland, de Briarstone, mencionando a autorização do inspetor Frost.

Aparentemente, ele tinha um Ford Fiesta azul.

Um minuto e meio depois de acionar a busca pelo sistema SAP, tive mil setecentas e cinquenta e nove respostas como resultado. Coloquei o número da placa do Fiesta de Colin no espaço de busca dos resultados.

Nada.

Meu telefone tocou com a resposta de Sam.

À meia-noite ela estava subindo a Baysbury Road. Por quê? S.

Não me dei o trabalho de responder. Fiquei contrariada porque o carro de

Colin não foi identificado na Baysbury Road naquela noite, como eu esperava. Ainda assim… havia algo mais. Eu me sentia tão perto, a sensação de estar certa e de, possivelmente, encontrar alguma coisa útil. Algo que pudesse fazer a diferença…

Voltei ao formulário e mudei os parâmetros de horário para dez minutos antes e depois da meia-noite.

Desta vez os resultados apareceram logo: duzentos e cinquenta e nove no total. Ainda eram muitos, mas havia a possibilidade de que, se Audrey tivesse entrado num carro após deixar sua amiga, aquela câmera a teria flagrado.

Fiz uma triagem para resultados de veículos com sistema de vigilância. Era provável que não conseguisse nada de interessante com isso, no fim das contas, mas a alternativa seria examinar cada um dos duzentos e cinquenta e nove veículos, na esperança de encontrar alguma coisa. Quinze resultados. Analisei todos eles: Sem seguro… Sem registro… Inadimplente… Vários haviam sido assinalados pelo escritório principal, portanto deviam estar associados a transgressores conhecidos. Era provável que alguns deles tivessem restrições para sair à noite e, assim sendo, dificilmente levariam a qualquer coisa.

Roubo de placa de identificação do veículo.

Cliquei nesse boletim de ocorrência e acessei os detalhes. O proprietário era identificado como Sr. Garth Pendlebury, e o roubo havia acontecido na Wright’s Way, a rua atrás do prédio da prefeitura. O Sr. Pendlebury trabalhava lá e percebeu o roubo ao voltar para seu carro, no fim do expediente, na noite de quinta-feira. Não havia suspeitos. Nenhum outro veículo roubado na área. O carro foi identificado como sendo uma van Volvo V40 branca.

Voltei para os resultados e acessei o link das imagens das câmeras. O carro associado à ocorrência tinha passado pela câmera, seguindo para o norte, às 00h07. Esperei baixar a imagem, sabendo que estaria escuro e seria impossível descobrir grande coisa sobre ele.

Mas me enganei. A câmera estava em um poste de luz e, para variar, era possível ver o carro direito.

Ele não era branco, com certeza era de uma cor escura, levando em conta os efeitos do poste de luz. No entanto, o mais importante: não era mesmo uma van. Era bem menor. Eu não sabia exatamente que modelo era, mas parecia bastante com um Ford Fiesta.

Congelei a tela do computador, me levantei, passei por Kate e segui para Sala de Operações Especiais, no andar superior.

Bati à porta, depois a abri e entrei. A sala estava lotada de gente, que se movimentava, fazia ligações, mas todos ignoraram minha presença. O escritório do inspetor chefe estava vazio e não havia sinal de Frost, tampouco. Senti o pânico se deflagrar em meu peito.

— Está se sentindo bem? — perguntou-me uma mulher.

— Você sabe onde está o inspetor Frost? — perguntei. — Ou o inspetor chefe?

— O inspetor chefe saiu para uma reunião no Quartel-General — disse ela. — Quanto a Frost, não sei. Você o procurou no seu escritório?

— Já liguei para ele várias vezes e deixei recado. É mesmo muito urgente.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

Só então olhei para ela: calça jeans, uma blusa azul pálido por cima de uma camiseta branca, cabelo castanho preso num nó frouxo na parte de trás da cabeça. Seu distintivo policial a identificava como Agente Jenna Jackson. Parecia jovem. Mas ela me perguntara e, na falta de outra pessoa, teria que ser com ela mesmo. Ela teria que servir.

— Sou analista de dados — expliquei. — Estava trabalhando neste caso até pouco tempo.

— Eu sei — disse ela. — Você é Annabel, que nos levou até Colin Friedland graças aos dados telefônicos. Li seu relatório.

— Você leu?

— Venha se sentar — disse ela, apontando para sua mesa no canto.

Ela havia ficado com o menor cercadinho, ou talvez tivesse sido a última a chegar à reunião pela manhã. Todas as mesas eram compartilhadas, mas a sua era a menor de todas e estava abarrotada com tralhas de outras pessoas.

— Eu não deveria estar aqui — confessei. — Eles me afastaram do caso.

— É, ouvi falar. Aceita um café?

— Ah… sim, seria ótimo.

— Como você prefere?

— Hum… Do jeito que for mais fácil. Pode ser puro. Obrigada.

A única conveniência de sua mesa era o fato de estar próxima da geladeira, em cima da qual havia uma bandeja encardida coberta de pilhas de canecas de vários tamanhos e níveis diferentes de limpeza. E colheres, marrom-escuras com

marcas de tanino incrustadas de açúcar. Café e chá haviam enchido as canecas e secado. Uma delas era marrom, do tipo que costumavam dar como brinde nos postos de gasolina, parcialmente cheias de algum líquido, que já criava uma camada de fungos no interior. Eu podia apostar que essa mesma espécie de natureza-morta se reproduzia em quase todas as delegacias do país.

— Pronto — disse Jenna. — Pode falar.

— Você está sabendo de alguma coisa sobre Audrey Madison?

— Quem é Audrey Madison?

Eu lhe contei sobre Audrey e Vaughn, e a ligação deles com Colin, e ela começou a fazer anotações. Eu lhe disse que havia me encontrado com Lindsay pela manhã e mencionei Cheryl, que trabalhava no mesmo escritório que Audrey. Falei sobre o carro pequeno de cor escura que podia ser um Fiesta seguindo pela Baysbury Road sete minutos depois da meia-noite, com uma placa roubada. Bebi um gole de café. Estava simplesmente asqueroso.

— Só quero ter certeza de que estão investigando isso — concluí.

— Tenho certeza de que sim — disse ela, me tranquilizando.

— Você não está entendendo. Se Colin a pegou na noite de sexta-feira, é possível que ela esteja sem comida e água desde então. Ele vai esperar que ela morra. Quero dizer, ele está sendo vigiado? Com certeza, vocês não iriam soltá-lo sem alguma vigilância.

Ela pareceu incomodada.

— Até onde eu sei, ele devia estar sob vigilância, mas então aconteceu alguma coisa na Divisão Norte e ambas as equipes foram mobilizadas para outro caso.

— Eles acham que Colin não representa grande perigo — falei.

— Pelo que parece, ele se mostrou bem complacente — retrucou ela. — É sempre bem mais preocupante quando são instáveis. Ele foi interrogado e o acharam surpreendentemente racional.

— Você não acha que isso é ainda mais preocupante, considerando o que ele tem feito?

Ela encolheu os ombros e esboçou um sorriso.

— Essa decisão não cabe a mim.

— Mas eles não sabem sobre Audrey — insisti.

— Annabel, deixe isso comigo, ok?

E deixei com ela. Bebi metade do café, largando o resto e depois voltei para a

sala principal.

Eu não conseguia acreditar que eles não o estavam vigiando e, ao mesmo tempo, considerando a espantosa carência de recursos e as questões burocráticas envolvidas, mobilizando o pouco de que dispunham, o que não me surpreendia. Colin podia estar fazendo qualquer coisa. Eu tinha mais certeza do que nunca de que ele pegara Audrey.

Trigger e Kate tinham sumido, o que era ótimo para mim. Se eu estava disposta a quebrar as regras, melhor ainda se não houvesse testemunha alguma. Entrei no Windows Explorer. Tinham permitido meu acesso aos registros criminais, onde todos os documentos ficavam armazenados, o Drive L. Certamente, não haviam sido eficientes o bastante para remover meu acesso. Engano meu. Só me restavam os arquivos do Setor de Inteligência. Tinham me trancado do lado de fora.

Apoiei a cabeça nas mãos, a sensação de urgência crescendo, latejando no meu peito e no meu cérebro, como uma dor.

Abri meu e-mail, pensando em enviar mensagens com marcador de urgência para o inspetor chefe, os demais inspetores, como meu último recurso. Havia duzentas novas mensagens na minha caixa de entrada, verifiquei todas e achei quatro enviadas por Frost. Soltei um grunhido de satisfação.

Quatro e-mails enviados de manhã bem cedo — após o inspetor chefe ter me afastado do caso, mas seguramente antes de falar sobre isso com Frost. E ele não se dera o trabalho de recuperá-los ou apagá-los. Todos tinham o mesmo assunto "dados telefônicos" e vieram com anexos. Açodada pela expectativa, abri o primeiro. Havia cinco planilhas de Excel anexadas. A mensagem dizia "A — segue o primeiro lote de dados do telefone de Colin. Mais, a seguir". No segundo e-mail, a mensagem dizia somente "Mais dados para você". E vinha com mais seis planilhas de Excel.

O terceiro e quarto e-mails não tinham mensagens, apenas outras planilhas. Merda, merda. Eu levaria semanas para analisá-las adequadamente, mas não tinha todo esse tempo. Abri cada uma das planilhas e as salvei no meu *pendrive* pessoal, assim eles levariam um tempão para descobrir — se aparecessem para procurar. Abri minha planilha em que estavam relacionados todos os números de todas as pessoas que identificara até então e comecei a adicioná-los — cada número que Colin usara, em outras palavras, cada chip que inserira em seu

telefone, e as datas para os outros dados que Frost descobrira, para poder dispor de uma lista de referência a qual recorrer, quando tudo começasse a ficar confuso.

Relacionei os registros telefônicos com os já existentes — de forma que, agora, eu dispunha do restante dos registros de chamadas de Colin, para todos os seus outros chips.

E logo localizei o que esperava encontrar.

Assim como as chamadas feitas do chip de Colin para os telefones que a polícia encontrara com os cadáveres, havia outros números, com o mesmo padrão de ligações, remontando a datas anteriores aos extratos. Então havia mais pessoas lá fora que não tínhamos encontrado. Comecei a anotar isso. Quantas mais haveriam ainda? Fiz outra anotação para solicitar dados anteriores também. Ele fazia isso já havia muito tempo.

E então notei outra coisa — as chamadas para as vítimas não eram as únicas que ele tinha feito, havia um número de telefone fixo que aparecia em três conjuntos de extratos, e quando fiz uma busca na rede, descobri ser o telefone do Rising Sun Chinese, que fazia refeições para viagem, na Stafford Road, Briarstone. Mais um telefone fixo, com uma chamada, indicando o número de um asilo, Larches Residential Home, em Baysbury. Havia também o número de um celular — o mesmo que aparecia em dois extratos diferentes, com chamadas para ele. O fato de o número estar presente em mais de uma série de extrato era algo relevante. De quem quer que fosse o telefone era de uma pessoa viva e real, com quem Colin estava disposto a falar. E o último contato telefônico datava de quarta-feira na hora do almoço. Quaisquer que fossem essas pessoas, ainda estavam vivas.

Busquei o número na internet, para começar, mas não consegui encontrar nada. Depois, o inseri na base de dados criminais e tampouco consegui algum resultado. Prestando só um pouco de atenção, porque já percebera que aquilo não levaria a nada e ainda me restavam doze conjuntos de extratos para verificar, finalmente inseri o número na base de dados de ocorrências.

Ali surgiu uma correlação. Boletim de ocorrência 13-0189, com a data de hoje. O número parecia familiar e, quando cliquei no link, soube exatamente o motivo:

NAMORADO DE AUDREY CORREÇÃO EX-NAMORADO É VORN

BRADSTOCK MORA EM BRIARSTONE NÚMERO TEL 07672 392 913

Era o número de Vaughn. Colin havia sido tão cauteloso em relação à troca de chips, mas não foi capaz de se dar o trabalho o tempo todo e usara seu próprio telefone para falar com Vaughn.

Comecei a relacionar todas as minhas pesquisas e indagações. Verdade que eu não estava mais no caso, mas, se viessem me pedir uma justificativa da minha conduta, eu iria registrar todo o processo da minha linha de raciocínio para poder entregá-lo a alguém. Não estava fazendo isso por mera curiosidade ociosa, tampouco para obter qualquer ganho pessoal. Estava fazendo por Audrey. Apesar dessa justificativa, meu coração continuava acelerado; entrei na página de telefones investigados da intranet, cruzando os dedos. A operação ainda estava na minha lista de pesquisas — pelo menos, não haviam proibido meu acesso a ela! Graças a Deus. Fui até a lista de resultados e verifiquei se houvera mais algum, desde que Frost os enviara para mim.

Nada. Eu estava esperando um relatório da perícia sobre o telefone de Colin, o verdadeiro aparelho que havia sido apreendido, quando o prenderam para o interrogatório, mas, se tinham solicitado um relatório, este ainda não havia sido entregue. De vez em quando, pode levar semanas, dependendo do acúmulo de casos e do nível de urgência. E, como Colin fora liberado sem ter sido acusado, havia uma probabilidade pequena de ser considerado uma prioridade.

Os dados telefônicos do número do próprio Colin, o que ele fornecera, quando registraram sua entrada na Sala de Interrogatório, eram esparsos. Naquela quarta-feira, na hora do almoço, após uma breve chamada para o número de Vaughn, ele telefonara para o número 0845, que pertencia a uma central de atendimento aos clientes de um supermercado. E então, no sábado — depois de Audrey ser dada como desaparecida — ele recebeu três chamadas que não foram atendidas — a partir do número que eu identificara como sendo o do asilo Larches. Após cada uma delas, uma mensagem do servidor de Colin. Cada um desses contatos registrava uma localização de antena celular — as duas primeiras ligações e mensagens indicavam #WATER TOWER GRAYSWOOD LANE e a última chamada e mensagem apontavam #CAPSTAN HILL NR BLACKTHORNS.

Abri o programa de mapeamento. Eu conhecia a localização de várias antenas de celular, mas aquelas não me pareciam familiares. Grayswood Lane ficava a cerca de nove quilômetros da cidade, do outro lado de Baysbury, e Capstan Hill era uma rua longa e reta que seguia até Baysbury, onde, por fim, se juntava com a rua principal de Briarstone.

As duas primeiras ligações tinham três horas de diferença — às 11h05 e 14h18. Colin ficara por lá — onde quer que fosse — por um bom tempo. E a última havia sido duas horas mais tarde, às 16h33; pelo que parecia, estava voltando para casa.

Dei uma boa olhada na Grayswood Lane. Ficava realmente no meio de lugar algum, começando na junção com a Capstan Hill e, em seguida, serpenteava por quilômetros em meio a plantações, acabando abruptamente no que parecia ser uma trilha e algumas construções. Dei um zoom nas construções, que o programa identificou como fazenda Grayswood. Havia apenas algumas casas, pontilhando a extensão do caminho, as imagens aéreas mostrando os retângulos azul cintilante das piscinas. No meio do trajeto entre a fazenda, numa extremidade, e a Capstan Hill na outra, havia uma estrutura circular no centro de uma clareira. A torre da caixa d'água, pelo que eu desconfiava. É claro, a localização da antena de celular não era nem um pouco exata — a localização precisa de Colin quando recebeu aquelas ligações que foram ignoradas poderia ser em qualquer lugar dentro de um diâmetro de várias centenas de metros em torno da caixa d'água. Mas o mais provável era que o telefone estivesse em algum ponto da Grayswood Lane porque, senão, onde mais poderia estar? No meio da plantação?

Fiz uma pesquisa na base de dados sobre a Grayswood Lane. Houve um arrombamento na fazenda em junho — um trator foi roubado. Uma denúncia sobre distúrbios causados por motocicletas percorrendo o bosque foi feita de uma casa chamada Three Pines, na Grayswood Lane, em maio. Uma patrulha fora enviada, mas ao chegar lá as motos já tinham ido embora.

O cadastro eleitoral mostrou que havia ali cinco residências, além da fazenda no final da rua. Todas tinham um nome: Three Pines, Newlands Barn, The Old Manor, Woodbank e Pond House. Analisei cada uma delas, verificando os nomes dos moradores, no caso de aparecer alguma coisa, mas nada surgiu. Todas indicavam haver pelo menos dois residentes em cada endereço. Aquela situação

estava começando a me parecer sem saída.

Atualizei meus registros com todas as pesquisas e ia anotando tudo o que encontrava, sem conseguir chegar à conclusão alguma. A não ser que o telefone de Colin tinha estado na vizinhança de Grayswood Lane, provavelmente por várias horas, no dia posterior ao desaparecimento de Audrey. Mas não havia nada que o implicasse no seu sumiço. Não havia muito que eu pudesse fazer. Os e-mails com prioridade alta que eu enviara ao inspetor chefe e ao inspetor ainda não haviam sido lidos. Tentei ligar para os celulares de ambos uma última vez, só para ter certeza, e deixei outra mensagem na caixa postal.

Pouco antes de desligar meu computador, enviei meu registro e minhas anotações por e-mail, junto com a lista de números adicionais para Frost. Só por precaução. Peguei meu casaco e saí do distrito policial pela porta dos fundos enquanto ligava para Sam.

* * *

Meia hora mais tarde, estávamos parados na rua, a algumas casas acima da de Colin, dissimulados pela ligeira curva da rua e fora do campo de visão das janelas.

— Eu não deveria estar aqui — falei. — Já cheguei tão atrasada de manhã.

— Não se preocupe — replicou ele. — Vamos chamar isso de um longo almoço, se a deixa mais feliz. E como estou sempre dizendo, você ainda está de licença por causa do falecimento da sua mãe, ou licença médica, ou sei lá o quê. Nem devia ter ido trabalhar hoje, para começo de conversa.

— Não é tão simples assim. Preciso cumprir meus horários de trabalho, sabe?

Sam estava me falando de Cheryl, a amiga de Audrey. Ela parecera um pouco relutante, pois acabara de ser interrogada por um policial — o que me confortou bastante. Isso significava que pelo menos estavam levando a sério o desaparecimento de Audrey. Ela havia deixado Audrey por volta de meia-noite no centro da cidade, pois ela morava ali perto, rua acima, a pouco mais de um quilômetro, e não quisera esperar para rachar um táxi com Cheryl. E então ela se afastou, subindo a Baysbury Road, alegando que sempre voltava a pé, pois não era longe e o que poderia acontecer numa rua tão bem iluminada? E esta fora a última vez que Cheryl a vira.

Já eu lhe contei sobre os resultados das minhas buscas. Provavelmente, deveria ter ficado calada sobre isso.

— Você sabia que Colin trabalha na prefeitura? — perguntou Sam.

— Não sabia disso.

— Imagino que tenha sido um lugar conveniente para ele roubar placas de carros.

Ficamos sentados em silêncio por um momento. Minha cabeça começava a doer.

— Audrey parecia bem quando Cheryl se despediu dela? — indaguei finalmente.

— Ao que parece, sim. Estava um pouco bêbada, mas todos estavam. E não a ponto de sair tropeçando, como Cheryl nos contou. Um pouco alta. Enfim, depois fui ver o ex-namorado de Audrey.

— Você encontrou Vaughn Bradstock? — perguntei. — E aí?

— Ele não estava no trabalho. A recepcionista me disse que seus amigos da polícia apareceram lá e lhe fizeram um bocado de perguntas, e depois disso, ele ficou perturbado e resolveu ir para casa. Fui até onde ele mora, mas ninguém abriu a porta. Não havia carro algum em frente.

Ficamos encarando a rua à nossa frente, em silêncio. Um carrinho de bebê, empurrado lentamente pela mãe, passou pela casa de Colin, seguindo em direção ao centro da cidade.

— Ele a pegou — afirmei.

— Quem? Vaughn?

— Não. Colin.

— Não temos certeza disso — replicou ele.

— Mas posso sentir. E você sabe que ele a deixará sem água e comida. Quanto tempo acha que ela irá aguentar, Sam?

Ele olhou para mim. Aquilo não tinha mais nada de excitante.

— Ela não estava deprimida ou solitária. Você ouviu o que a amiga dela disse hoje de manhã. Estava contente, ansiosa para sair à noite. Ele foi apenas… quer dizer. Você sabe.

— Só acho que é muita coincidência o fato de que ele a conhecia, você não? Acredito que ele a tenha levado para algum lugar. E está esperando que ela morra.

Eu tinha pensado em contar a Sam o que descobri de manhã, sobre a aparente visita de Colin à Grayswood Lane, no sábado, mas isso seria ultrapassar um novo limite, além daquele que já ultrapassara ao fazer pesquisas não autorizadas no sistema. Além disso, Sam acabara de me dar uma ideia. Audrey não estava deprimida, não como eu estivera — sem me dar conta inteiramente de que estava tão mal assim, sem sequer dar esse nome ao meu estado. Tinha sido o choque, de verdade, mas também a solidão e a frustração no trabalho, a sensação de estar me apagando, desaparecendo aos poucos. Tinha sido como uma evaporação, como se fosse cessar de existir e ninguém jamais perceberia isso. E ao ver Colin, do lado de fora de sua casa, as lembranças das coisas que ele me dissera voltaram. As palavras que usara — *alívio — escolha — aceitação*. A decisão tinha sido minha. Ele não me levara a fazer nada que eu já não tivesse considerado, que já não tivesse desejado. Eu tinha desejado que tudo desaparecesse, e ele disse que tudo ficaria bem, era uma decisão que eu podia tomar. Ele me deu coragem para isso, acho. Permissão, se é que tal coisa era necessária. E ele me disse que não doeria; seria pacífico, sossegado, do meu jeito. Falou que eu podia dormir e esperar que acontecesse e que não precisava ter medo.

De certa forma, fora Sam que agira errado. Ele me arrancara de um lugar para onde eu tinha ido voluntariamente. Mas agora, é claro, sabia que ele estava certo em fazer isso. Contudo, ainda havia momentos em que eu pensava em ficar só, fechar a porta e aguardar a calma e o sossego, e a palavra que ele usava com frequência — *transformação*. Tornar-se algo melhor, mais bonito, sem qualquer luta ou esforço. Apenas a paz.

Ainda me passava pela cabeça que ele talvez fosse um anjo, afinal de contas.

A única coisa que fazia realmente diferença era pensar em todas aquelas pessoas às quais ele fizera isso. Não podiam todas apresentar tendências suicidas. E, pelo que parecia, Audrey não era um desses casos — ela não escolhera esse caminho, certo? Ele se encarregara de empurrá-la nesse sentido, qualquer que fosse a satisfação que isso iria lhe dar. E como deve ter se sentido ao perceber que eu não me transformei nem um pouco? Quando não surgiu informação alguma sobre mim? Quando se deu conta de que eu tinha escapado? Ficou furioso, chateado, irritado?

E como se sentiria se me visse outra vez? Será que seria capaz de me

reconhecer?

— Se ele sair… — falei em voz alta e acabei não concluindo a frase.

— Se ele sair o quê?

— Quero falar com ele.

Sam olhou para mim, espantado.

— O quê? Não. Acho melhor não.

Eu me virei para ele, me certificando de que tinha toda sua atenção.

— Tenho uma ideia, Sam. Sei como podemos achar Audrey.

— Como?

— Ele pode me levar até ela.

— O quê? Como assim?

Hesitei, me perguntando se deveria lhe contar, e como ele reagiria se fizesse isso. E naquele instante de hesitação, a oportunidade passou, porque Colin Friedland saiu de casa, batendo a porta com força. Ele entrou num Ford Fiesta azul-escuro estacionado na entrada da garagem e saiu de ré para a rua.

Sam já havia ligado o motor. Ele esperou que o Fiesta chegasse ao final da rua, com a seta ligada para a esquerda, indicando que ele estava indo para o centro da cidade, e começou a segui-lo.

— Não comece — advertiu ele, muito embora eu não tivesse dito nada. — Só quero saber aonde ele está indo, ok?

— Tudo bem — falei.

— De verdade?

Assim que entramos na rua principal, uma van branca se interpôs entre nós e o Fiesta. Desaceleramos no sinal e eu mal conseguia ver a lateral do carro e o retrovisor de Colin.

— O mais importante é não perdê-lo de vista — falei.

— Não o perderei — retrucou ele, com um suspiro que sugeria que eu estava começando a deixá-lo nervoso.

Secretamente, ambos esperávamos que ele fosse nos levar a Audrey, mas alguns momentos depois entrou no estacionamento do supermercado Co-op. Sam passou direto, até a rotatória, e retornou.

Quando entramos no estacionamento, Colin tinha saído do carro e seguia para o supermercado. Carregava uma sacola reutilizável do Co-op.

Sam entrou de ré em uma vaga atrás da fileira onde Colin estacionara e

desligou o motor. Soltei meu cinto de segurança.

— Onde você vai? — perguntou ele. — Não pode esperar até que ele saia?

— Não. Vou falar com ele.

— *O quê?* — exclamou Sam e foi a primeira vez que eu o ouvi falar tão alto.

Vasculhei minha bolsa procurando meu celular, um aparelho pré-pago bem simples, que Irene me dera — um dos seus antigos, acho — porque aquele que Colin tirara de mim estava em algum saco plástico etiquetado como prova material. Eu tinha pensado em comprar um novo e bem bonito, mas agora estava feliz por não ter feito isso — este mesmo seria perfeito. Era pequeno e leve. Encontrei-o no fundo da bolsa e, para surpresa de Sam, abri os três primeiros botões da minha blusa e enfiei-o no sutiã.

— Que porra é essa?

— Olhe — comecei —, vou ficar sentada perto da porta do Co-op e, quando ele sair, talvez me reconheça. Entende? Ele poderá fazer uma nova tentativa.

— Porra, não é possível, você ficou doida? — Os olhos de Sam se arregalaram. Nunca o ouvira falar palavrões uma vez sequer, muito menos duas. — Ele estava tentando matar você, Annabel. E está querendo lhe dar mais uma chance?

— Não, claro que não. Mas as coisas são diferentes agora, não é mesmo? Sei quem ele é, o que ele é. Agora não estou mais vulnerável. Sei o que estou fazendo. Mas ele não sabe disso, não é? Então tenho certa vantagem.

Nesse momento, Sam franziu as sobrancelhas.

— Você está louca. Sério. O que você está pensando? E de qualquer maneira, com certeza seus coleguinhas já o estão vigiando.

— Estão todos envolvidos em outros casos. Eu perguntei por lá. Olhe, não temos muito tempo. Ele pode ter entrado lá só para comprar o jornal. Nem sei se isso vai funcionar; talvez nem sequer me veja, quem sabe vai até me evitar? Mas, se ele pegou Audrey, não é na casa dele nem na dela que ela está, não é? Então onde ela está? Ele pode me levar para esse tal lugar, onde quer que seja.

Abri a porta do carro e Sam tentou segurar meu braço, mas não conseguiu, então resolveu sair pelo seu lado do carro. Estava chovendo. Apenas uma garoa chata que deixava tudo fora de foco. As nuvens cinzentas e escuras no céu, o vento soprando com força e frio.

— Espere. Só um minuto — disse ele, se colocando à minha frente. — E se eu

não conseguir seguir vocês? E se nos perdermos de vista?

— Estou com o celular no bolso. Fique com a minha bolsa. Não acho que ele vá me revistar ou algo parecido. Se ele me levar para algum lugar, não vai ser muito longe daqui. Entre em contato com o inspetor Frost e conte tudo para ele. Quando tiver oportunidade, vou enviar mensagens de texto, assim poderei ser encontrada.

— E se não conseguirem encontrar você? E se o seu celular não pegar lá? E se ele acabar com você de uma vez? Annabel, isso é loucura…

— Ele não vai me matar — afirmei, animada, e atravessei o estacionamento desviando das poças d'água, indo na direção que Colin tinha seguido. E eu era mesmo um pouco louca, pensei comigo mesma. Mas Sam já sabia disso havia bastante tempo, não é?

Olhei para trás e o vi correndo para me alcançar.

— Annabel — berrou ele, quase sem fôlego. — Só mais uma coisa. Espere.

Parei. Estávamos na rampa que leva à arcada do centro comercial, o Co-op ficava logo à direita. Eu já tinha visto um banco, onde poderia me sentar e aguardar.

— Vou entrar no Co-op e dar uma olhada para ter certeza de que ele está lá dentro — disse ele. — Depois, vou sair e ficar esperando dentro de uma dessas outras lojas, de onde possa vê-la direito. No caso de ele levar você a algum lugar a pé, ok?

— Ok — concordei, surpresa com aquela onda de alívio. — Obrigada. Mas não…

— O quê?

— Mas não interfira.

Eu me afastei dele e fui me sentar pesadamente no banco. Era tentador observar Sam andando pelo supermercado, mas agora eu estava muito exposta para quem me via do Co-op e se, por acaso, Colin tivesse me visto, eu não queria estragar tudo antes mesmo de começar. Mantive a cabeça inclinada para baixo, mas não perdia de vista a saída do supermercado.

Para que aquilo desse certo, eu deveria caprichar no meu olhar. A chuva estava ajudando bastante, encharcando meu cabelo e deixando-o colado à cabeça. Meu sobretudo ficara no carro de Sam, e estava só com uma blusa e meu casaco de lã. Baixei o olhar para o tecido e vi a chuva ser absorvida pelas fibras, pequeninas

gotas que cintilavam sob a luz das vitrines. Fechei os olhos bem devagar, e quando voltei a abri-los, ao olhar para cima, vi as portas automáticas do supermercado deslizando, e o vulto que reconheci como sendo Sam saiu por elas. Ele passou andando por mim, mas não reparei se me olhou, vi apenas suas pernas, seu jeito decidido de andar. Depois, sumiu do meu campo de visão. Pensei no sistema de circuito interno, a câmera que ficava posicionada em algum lugar atrás de mim, à esquerda, sem dúvida apontando para a outra direção. Eu me lembrei de minha aparência. Deixei meus ombros frouxos.

Escutava as pessoas, as conversas entre elas, fragmentos de vozes. Podia sentir o cheiro da loja de batatas e peixe frito. Meu rosto imóvel, meus olhos se abrindo e se fechando lentamente. À espera. E mesmo essa sensação que eu tentava simular agora, na verdade, era fácil: a solidão, um monte de gente ao meu redor mas, ainda assim, talvez eu simplesmente não existisse. Estava sentada ali num banco molhado debaixo de chuva, com meu casaco de lã, a água me ensopando da cabeça aos pés, e ninguém parava. Estudantes passaram, se empurrando. Não olhei para eles. Não ergui a cabeça. Chamava-se inércia, essa espera, a espera de que algo aconteça, algo que aja sobre mim de modo que não tenha que fazer eu mesma.

Então me lembrei da sensação de esperar por ele.

Depois de um tempo, quase me esqueci de erguer o olhar. Era uma sensação tão estranha. De calma, frio e expectativa.

Vi um par de sapatos se aproximar bem na minha direção e cheguei mesmo a pensar que finalmente alguém iria me perguntar se estava bem, já estava prestes a levantar a cabeça. Mas me lembrei do que estava fazendo, e porquê, então fiquei quieta, os olhos fixos nos meus joelhos.

Ele estava em pé bem à minha frente. Diante de meus olhos havia um par de sapatos Oxford marrons, certamente protegidos por algum spray à prova d’água para camurça, porque havia pequenas bolhas neles que não eram absorvidas. Jeans azul-escuro com vincos na altura da canela, por onde passaram o ferro.

— Annabel?

Reconheci a voz e, por um instante, senti medo, um pavor estremecedor que veio estranhamente acompanhado pelo mesmo choque de alívio que sentira quando pensei que fosse um anjo. Sua voz soou tão calma, serena; muito reconfortante.

— Annabel? — repetiu ele, e desta vez olhei para cima, bem devagar, levantando a cabeça e piscando repetidas vezes, como se não tivesse certeza de nada, de onde estava e do que estava fazendo.

Ele me encarava preocupado. Depois olhou para a direita e para a esquerda, como se estivesse apreensivo com a possibilidade de alguém estar lhe pregando uma peça cruel. Ele se virou para o banco e limpou as gotas de chuva com a mão, jogando a água na direção das minhas pernas e dos meus pés. Em seguida, sentou-se ao meu lado.

Abaixei a cabeça outra vez. O que eu deveria dizer? Era muito difícil: podia botar tudo a perder.

— Você é… Você é… Ed?

— Isso mesmo — respondeu ele num tom regular. — Você se lembra.

Ele se inclinou na minha direção e, enquanto pensava no que dizer em seguida, ele tocou no meu braço, bem de leve, e perguntou:

— Como vai, Annabel?

Balancei a cabeça em resposta, devagar, depois mais rápido, fazendo as pontas molhadas do meu cabelo açoitarem meu rosto. Fiz uma careta. Será que estava funcionando? Não tinha a menor ideia. Ao mesmo tempo, eu tentava criar aquelas sensações, quaisquer que fossem elas, que o tinham atraído para mim antes: devastação, dor, desordem, desespero. E percebi que elas ainda estavam em algum lugar dentro de mim.

— Você me disse que eu devia seguir em frente — reagi, por fim. — Disse que tudo desapareceria e eu me sentiria bem.

— É, eu disse — respondeu ele. — Sinto muito.

— Não funcionou — afirmei. — Ainda estou aqui. Continuo no inferno.

Ele então ficou imóvel, afastou a mão e tive a terrível impressão de que dissera algo errado, inconscientemente, como se tivesse me denunciado de alguma forma. O celular, embora bem pequeno, parecia um tijolo na minha pele, pegajoso e quente. Minha blusa estava ensopada e colada ao meu corpo, e me enrolei mais ainda no casaco de lã molhado, para não permitir que ele visse o contorno do telefone.

— Você me ajuda? — pedi.

— Você pode ajudar a si mesma, Annabel.

— Como? Diga o que devo fazer. Por favor, me diga.

— Você pode ir para casa — disse ele — e trancar a porta…

Comecei a balançar a cabeça, antes que ele terminasse de falar.

— Não, eles vão me achar outra vez. Vão me mandar para um hospital. Eles me vigiam o tempo todo. Só quero ficar sozinha. Não existe lugar algum onde eu possa ficar sozinha.

Olhei para ele novamente, muito embora tivesse sido melhor manter a cabeça baixa. Eu queria dar uma olhada em sua expressão, ver se parecia desconfiado. A chuva escorria pelo meu rosto como lágrimas e eu não enxugava. Ele não parecia desconfiar de nada. Tinha a expressão triste, contrita, mas seus olhos brilhavam.

Pensei que fosse dizer: “Não posso ajudá-la.” Eu conseguia imaginá-lo falando isso, se levantando, voltando para seu Ford Fiesta e indo embora. E se tivesse agido assim, eu teria encontrado Sam e nós dois provavelmente voltaríamos para casa, secaríamos nossas roupas e tudo ficaria bem. Não teríamos perdido nada, exceto a chance de encontrar Audrey.

Mas ele sorriu e se ergueu, estendendo a mão para que eu ficasse de pé. Fiquei apática, sentada ali debaixo de chuva, e a dificuldade para me levantar era autêntica.

— Você pode vir comigo — afirmou ele.

Não retribuí seu sorriso, apenas fiquei de cabeça baixa, me protegendo da chuva, e segui seus pés de volta ao estacionamento, meus passos cadenciados, dóceis, obedientes. Ele levava uma bolsa, uma bolsa de lona reciclada que balançava à altura de suas pernas, cheia de compras. Meu estômago grunhia e eu lamentava não ter comido nada antes de me jogar nesse plano ensandecido.

Ele parou em frente ao seu carro e abriu a porta do carona para mim.

Acho que hesitei, só por um instante. O que eu estava fazendo? Onde estava me metendo?

— Entre, então — disse ele.

Entrei e logo me sentei. Colin bateu a porta e, alguns instantes depois, abriu a mala do carro, colocou as compras lá dentro e a bateu com força. Os vidros começaram a embaçar quase imediatamente, mas eu podia ver Sam do outro lado do estacionamento, caminhando para seu carro, encolhido no casaco. Até então, eu não sentira medo, não de verdade, mas algo dentro de mim queria me fazer correr em direção à porta para abri-la e depois sair correndo até Sam.

Ele entrou no carro em seguida, abrindo a porta do outro lado. Não olhei para

ele. Deixei minhas mãos fixas nas pernas.

— Coloque o cinto de segurança — disse ele.

Isso já era um hábito, e eu sequer pensara em fazê-lo. O tom da sua voz… estranho. Desconfiado?

— Ok — respondi simplesmente, retomando minha posição, com as mãos nas pernas, cabisbaixa.

Pelo visto, ele ficou satisfeito e saiu de ré da vaga do estacionamento, seguindo até a saída e virando à esquerda na rua principal. Estávamos subindo em direção à sua casa, na colina. Não era possível que estivesse me levando para lá. Senti vontade de olhar para trás e ver se Sam estava nos seguindo, mas não me mexi. Fiquei sentada o mais imóvel possível, mas então, pela primeira vez, senti o pânico se expandindo dentro de mim como uma onda do mar chegando à areia, e precisei me concentrar para manter a respiração regular. Podia ouvir meu coração sobrepondo o ruído do motor, o sangue pulsando nos meus ouvidos. E imaginei o inspetor chefe me perguntando que merda eu pensava estar fazendo, arriscando uma missão na qual ele havia dito especificamente para eu não me envolver.

Não tinha sido uma boa ideia. Era loucura. Fui tomada por uma onda de terror. E agora era tarde demais para recuar.

Passamos direto pela casa de Colin, atravessando o subúrbio arborizado, a zona industrial e o depósito de lixo municipal; depois seguimos direto por uma rua, deixando de vez a cidade para trás, alcançando a zona rural. Os para-brisas guinchavam, indo de um lado para outro, lembrando o ruído de unhas arranhando um quadro-negro.

— Para onde estamos indo? — perguntei com calma, incapaz de prolongar aquele silêncio.

— Tenho uma casa, onde você ficará em segurança — disse ele. — Pode fazer sua própria escolha, tomar sua própria decisão. O que achar melhor.

Sua voz soava distorcida, esquisita, como um guizo sincopado, e notei que ele também estava apreensivo, embora eu não soubesse se era por nervosismo ou excitação. Não queria olhar diretamente para ele. Não só por estar com medo, mas também porque não achava que era a coisa certa a fazer. Mantive a cabeça baixa.

— Podemos conversar de novo sobre isso, como fizemos antes.

— Só quero dormir — falei.

— Ótimo. Isso é bom. Logo mais você poderá dormir. Estamos quase chegando.

Viramos à esquerda e seguimos por outra rua. Se passamos por alguma placa, não a vi. Na curva, olhei pela janela, em direção à mata espessa, na esperança de ver alguma indicação na estrada. Não havia nenhuma. Tentei me lembrar do caminho que pegamos para sair da cidade, os lugares por onde devíamos ter passado, mas eu nunca tinha estado ali. *Pense, Annabel,* falei para mim mesma. *Foco. Concentração. Você está aqui a trabalho.*

Havíamos saído de Briarstone em direção ao leste e devíamos nos encontrar em Baysbury. Mas não tínhamos passado por nenhuma aglomeração urbana, apenas campos e bosques, de forma que devíamos ter, de algum modo, contornado-a. Já rodávamos havia cinco minutos, o que significava… quanto já tínhamos percorrido? Comecei a sentir dor de cabeça. Seis ou sete quilômetros?

Ergui o olhar e olhei para a frente, decidida a me reorientar, ainda que isso pudesse deixá-lo cismado. Será que achava mesmo que eu ainda estava sob sua influência, hipnotizada ou o seja lá o que tenha feito comigo? De qualquer maneira, ele não estava tentando me hipnotizar novamente, não é? A menos que estivesse guardando isso para quando pudesse me dedicar toda sua atenção. Ele queria voltar a conversar sobre aquilo. Era esse seu plano — ele começaria tudo outra vez, o que quer que fosse. Só de pensar, eu sentia medo, e, só por um segundo, achei que tinha cometido um grande erro. Eu não era uma pessoa tão corajosa assim. Esse não era meu jeito de ser.

Sam não estava nos seguindo. Não que tivesse absoluta certeza disso; era apenas algo que pressentia, como se houvesse um vento frio atrás de mim, um vácuo. Havia algo naquele caminho estreito, com o matagal alto em ambos lados, encobrindo a frágil luz do dia que ainda restava sob as nuvens carregadas, algo que parecia nos cercar pouco a pouco. Se ele estivesse nos seguindo, Colin teria percebido. E teria dito alguma coisa.

Chegamos a um cruzamento e ele virou mais uma vez à esquerda. A estrada se abriu pela primeira vez desde que saímos da cidade, outros carros passaram por nós, seguindo na direção oposta; uma van marrom de mudança e uma caminhonete de uma empresa local de construção. Dava para ver algumas casas mais à frente, e cheguei a me perguntar se não estaríamos entrando em Baysbury,

mas antes de chegarmos lá ouvi o som da seta e viramos à direita, saindo numa outra estrada rural bastante estreita. Dessa vez, vi a placa, revirada, meio enterrada na vegetação rasteira, como se alguém tivesse feito aquela curva rápido demais e batido nela: Grayswood Lane.

Senti uma golfada de triunfo, uma bem curta. Eu estava certa. E os dados que enviara para Frost lhe diriam onde me procurar.

O carro desacelerou e entrou num terreno. Ouvi o som dos pneus no cascalho e logo paramos. Olhei enfim para a frente e vi uma casa grande, antiga, com um pórtico de calcário. Fiquei sentada até ele abrir a porta e, quando saí do carro, pude ver tudo com mais clareza. O jardim da frente, que um dia devia ter sido lindo, estava coberto de mato. A entrada de cascalho para os carros, onde cresciam ervas daninhas, se estendia numa curva delicada em torno de uma fonte de pedra que estava seca, sua cavidade colorida pelo limo que sem dúvida já foram algas, a parte externa embotada pelo líquen. O matagal que se estendia até a entrada para os veículos estava na altura da cintura, e, mais à frente, havia uma cerca viva, escondendo a casa da estrada, que já deve ter tido os contornos bem aparados, mas agora era um emaranhado disforme de arbustos.

— Vamos logo — disse ele, impaciente.

— Essa casa é sua? — perguntei, seguindo-o pelos degraus da porta da frente.

Ele parou e pescou uma única chave no bolso.

— É.

A porta se abriu e o odor me atingiu no mesmo instante. Comida apodrecida, cômodos por onde o ar fresco não circulava há muito tempo, tecidos úmidos, cheiro de mofo, bolor. Mas, acima de tudo, o mais opressivo era um odor que reconheci da casa de Shelley. Alguém havia morrido ali.

Cobri a boca e o nariz com a mão. Talvez devesse ter me mostrado indiferente, mas era mais forte do que eu. Senti meu estômago vazio se revirar.

— Lamento pelo cheiro — disse ele. — Vamos. Lá em cima está melhor.

O corredor estava escuro, silencioso, e tinha um denso tapete vermelho que se estendia pela escada coberto por uma película de poeira. Ao lado da porta da frente, havia uma pilha de jornais, cardápios de entrega a domicílio e correspondências ainda fechadas. Olhei para elas, tentando ver um nome, mas ele estava esperando por mim ao pé da escada.

— Annabel, venha comigo.

Eu o segui, observando suas costas enquanto ele subia a escada. O medo, que abrandara um pouco ante meu triunfo ao perceber que minha análise da situação havia sido certeira, estava voltando.

Na última vez que nos encontramos, eu estava numa situação muito ruim. Carente de sono, muito triste, em choque, horrorizada por ter perdido minha mãe de modo tão repentino, quando ele apareceu. O que ele disse para mim, o que fez comigo, eu não me lembro de nada. Eu me lembrava de sua aparência, a de um homem comum, ainda jovem, um pouco atraente, a cabeça raspada para disfarçar o recuo da linha capilar, olhos verdes, sérios, mas não ameaçadores, de modo algum. Usava roupas que não chamavam atenção. Poderia ter cruzado com ele inúmeras vezes na rua sem olhá-lo uma segunda vez. Mas, naqueles poucos e insanos minutos em que meu coração estava despedaçado e minha cabeça a mil, eu olhara para ele e escutara o que me dissera, acreditando piamente que ele era um anjo, que estava ali para cuidar de mim.

E agora ele estava fazendo a mesma coisa, não é? Não me machucara e, muito embora estivesse apreensiva e temerosa, com a impressão de ter me arriscado de forma estúpida, eu não achava que ele iria me machucar agora. Ele fizera exatamente o que eu lhe pedira — me levara para um lugar onde pudesse ficar sozinha. E não tinha sido isso que fizera com todas as outras vítimas? Ele as ajudou a realizar o que não podiam fazer sozinhas? Atendeu as suas preces?

No alto da escada, um corredor se estendia até uma janela em vitral arqueada, na outra extremidade; por trás, os galhos de uma árvore formavam imagens oscilantes, roçando na vidraça, arranhando-a como garras afiadas. Todas as portas em ambos os lados do corredor estavam fechadas. Eu o segui em direção à janela, até a última porta à esquerda, a qual que ele abriu.

No passado, devia ter sido um quarto de hóspedes. A cama de casal estava coberta por uma manta de cetim rosa, mas o colchão não tinha lençol. A cor de pêssego do tapete com adereços esvoaçantes sucumbira sob a poeira cinzenta. As cortinas, pesadas e com babados, ocultavam o dia opaco lá fora, mergulhando o quarto em sombras. Armários embutidos se estendiam ao longo das paredes, com as portas fechadas. Uma penteadeira se encaixava em um dos armários, com um banco à sua frente, de cujo assento em veludo verde-escuro pendiam desamparadas franjas de cetim dourado. As paredes foram pintadas de rosa pastel, e duas ilustrações de paisagens esmaecidas decoravam a parede, dentro

de molduras rosas de plástico, nos dois lados da cama. Na única mesinha de cabeceira, havia um abajur com a cobertura inclinada enviesadamente e um modelo antigo de despertador, com dois sinos e um disparador silencioso.

Eu não sabia se estava me acostumando ao cheiro ou se ele era mais brando no primeiro andar, porém, o odor que o quarto exalava não era nada agradável, e sim bolorento, como o cheiro de um quarto privado de ar fresco — com um adocicado aroma floral por cima. Na penteadeira, notei que havia um vaso de porcelana com um monte de flores secas e uma única haste de pinha, tudo coberto por um pó cinzento. Nada era capaz de representar melhor um "quarto de hóspedes" do que um vaso com uma miscelânea de flores murchas.

Colin parou ao lado da porta, me observando com interesse. Eu podia sentir seu olhar em mim enquanto examinava o quarto.

— Você pode ficar aqui — disse ele.

— Ok — respondi.

Entrei no quarto e fiquei em pé, esperando o que viria em seguida. Não o ouvi fechar a porta ou ir embora, então me sentei na beirada da cama. Ele estava na porta, ainda me observando, e o olhar que me lançava me assustou. Naquele breve relance, pude ver como ele parecia vivaz, animado, excitado mesmo.

Depois de uma pausa, ele disse:

— Volto daqui a pouco para ver se você está bem. Poderemos conversar um pouco mais se quiser.

Depois, ele fechou a porta, sem esperar minha resposta. Um segundo mais tarde, ouvi a chave girando na fechadura. Ele estava me trancando! Por quê? Não havia necessidade alguma de fazer isso. Mas é claro, ele foi bem discreto e, depois, ouvi seus passos abafados se afastando, conforme ele seguia pelo corredor.

Aguardei dez segundos, pensando que ele poderia retornar logo, talvez tivesse se esquecido de algo. O quarto estava silencioso. Não dava para escutar nada, nem mesmo o vento, ou os galhos arranhando a janela do corredor.

Peguei meu celular no bolso. O sinal estava fraco. Sam tinha chegado a considerar isso, acho. Mas é claro, estávamos numa zona rural — era bem possível que não conseguisse me conectar à internet. Verifiquei outra vez se o telefone estava mudo — não seria bom me denunciar agora. Depois, enviei uma mensagem de texto para Sam.

Estou num casarão em Grayswood Lane. Estou sozinha agora. Fui trancada em um quarto. Você me seguiu? A

Passaram-se alguns instantes e uma mensagem iluminou a tela.

Erro — mensagem não enviada. Reenviar?

Eu me levantei e andei até os armários, abrindo cada um deles. Havia pilhas de lençóis, toalhas, cortinas, roupas de cama, tudo perfeitamente dobrado. Nuvens de pó revoavam de todas as coisas. Eu estava procurando alguma coisa sólida, algo que servisse de alavanca para abrir a porta, ou que pudesse usar como arma apenas, caso precisasse. No segundo armário, na prateleira de cima, achei uma mala marrom, amarrada com tiras. Pensei em pegá-la, mas temi que fosse fazer barulho. Era melhor esperar até ter certeza de que ele tinha ido embora.

As tábuas do assoalho sob o denso tapete estalaram ligeiramente quando atravessei o cômodo e, por um instante, prendi a respiração, esperando que, onde quer que ele estivesse, não tivesse conseguido me ouvir. Nada. Fui até a janela e afastei um pouquinho a cortina, para poder enxergar lá fora. O quarto ficava nos fundos da casa. Isso eu já sabia. Não seria possível ver o Ford Fiesta partindo, mas, se conseguisse abrir a janela, poderia ouvi-lo.

Era uma pesada janela de guilhotina e não usavam o trinco havia anos. Eu conseguia ver o jardim, um longo declive de matagal espesso, que descia até um muro alto de tijolos com um portão sob um arco bem no meio. As árvores ao longo do jardim eram enormes e se mexiam em silêncio com o vento.

Ouvi uma pancada vindo de algum lugar de dentro da casa. Fiquei imóvel, caso ele estivesse voltando, mas seguiu-se somente o silêncio. Teria sido a porta da frente? Será que ele tinha ido embora?

Fui até a porta e tentei girar delicadamente a maçaneta. A porta permaneceu fechada com firmeza. Eu me agachei e olhei pelo buraco da fechadura, que desvendava somente um pedaço do papel de parede aveludado no outro lado do corredor. Ele levara a chave.

Voltei para a cama e peguei o telefone de novo. A mensagem ainda não havia sido enviada. Tentei ligar para o número de Sam, mas não consegui sinal. Levei o aparelho até a janela para tentar captar algum sinal, mas não adiantou. Será que

mesmo assim seriam capazes de rastrear meu telefone? Busquei em diversos lugares do quarto, sem sucesso. Depois disso, me aproximei da porta e tentei a maçaneta outra vez, girando-a e puxando a porta. Ela cedeu um pouco, bem pouco, mas a fechadura resistiu.

Outro barulho.

Fiquei paralisada e atenta, o ouvido encostado na porta. Silêncio. E então, bem baixinho, vindo de algum lugar, escutei um som agudo e breve, como um choro.

Bati com força na porta.

— Oi? — berrei. — Oi! Tem alguém aí?

Em seguida, havia apenas um longo silêncio e, de repente, passos lá fora, avançando depressa pelo tapete, o som da chave na fechadura, e dei um pulo para trás, caindo na cama, o peito arfando. Só deu tempo para enfiar o telefone no sutiã.

A porta se abriu e ele ficou me olhando. Notei que estava tão ofegante quanto eu, como se tivesse subido a escada correndo.

— O que você está fazendo? — perguntou ele, a voz contida e regular, embora estivesse visivelmente irritado.

— Não quero ficar trancada — respondi. — Por que você me trancou?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Quero que fique segura. Você precisa de segurança.

Ele entrou no quarto e avançou na minha direção, e naquele instante me perguntei se teria força para derrotá-lo. Ele era mais alto, mas é provável que eu fosse mais pesada. Se me jogasse nele, até poderia derrubá-lo… Mas e depois? Para onde eu iria?

— Ficar trancada me assusta — confessei. — Não consigo dormir. Não consigo dormir se estou trancada.

Talvez conseguisse me safar com isso, pensei. Pode ser que houvesse alguns instintos capazes de sobrepujar sua influência — algum pavor primal que fosse mais resistente do que o desejo de desvanecer. Então me ocorreu que ele não confiava completamente em mim. No fundo, não acreditava que eu estivesse pronta para me deitar e morrer, apenas. Senão, qual outro motivo ele teria para me trancar aqui?

— Você está em segurança. Está protegida com a porta fechada — disse ele.

Agora, estava perto o bastante de mim para me tocar, e embora meus olhos

estivessem na altura do seu peito e eu não quisesse olhar para cima, ele tocou o meu antebraço, e seu toque foi tranquilizador, reconfortante, e senti que meu coração agitado começava a se acalmar, as batidas em meu peito se atenuando. Ele disse mais alguma coisa, mas não escutei.

— Você deveria dormir — prosseguiu ele. — Tudo vai ficar mais fácil quando você adormecer. Pode dormir, Annabel.

Eu me sentei na cama e peguntei:

— Você vai ficar em casa?

— Por algum tempo — respondeu ele.

— Estou com sono.

— Isso é ótimo. Por que não se deita?

Eu me estendi na cama que recendia a umidade e poeira. Senti o telefone se mexendo um pouco e, temendo que o tecido da blusa o deixasse exposto, me virei para o lado oposto da porta, ficando fora do seu campo de visão.

Por instantes, não havia som algum além da sua respiração e da minha. Eu me perguntei o que ele pensava de mim, deitada naquela cama estranha numa casa estranha onde provavelmente havia o corpo inerte de outra pessoa, quem sabe entre a vida e a morte. Eu tinha ouvido um grito, o que significava que ela estava viva, e em algum lugar dentro da casa.

Meu coração estava acelerado, a poeira na minha garganta me dava vontade de tossir. Meus olhos fechados não retiveram a lágrima que escorreu pela minha têmpora, caindo na coberta da cama. *Ajude-me*, pensei. *Mãe, por favor, me ajude*.

E então, quando já estava achando que ele fosse ficar comigo, ouvi seus passos recuarem e a porta sendo fechada. Esperei ouvir o som da chave girando na fechadura, mas isso não aconteceu.

Fiquei imóvel na cama por algum tempo, desconfiando de que estivesse lá fora, esperando alguma reação minha. Tirei o telefone de onde o tinha escondido e tentei usá-lo outra vez. Impossível. Digitei outra mensagem para Sam, caso essa conseguisse ser enviada em algum momento.

Por favor, venha logo. A

Esperei uns bons dez minutos, me distraindo com aquele telefone inútil, depois

me levantei. Ao fazer isso, ouvi outro barulho dentro da casa e, em seguida, mais uma pancada. Fui até a porta, girei a maçaneta bem devagar e, sem fazer barulho, abri uma fresta, já esperando vê-lo no corredor, vigiando a porta.

Abri um pouco mais. O corredor estava vazio, as outras portas fechadas, como antes. Avancei pelo tapete com cautela, temendo estalar as tábuas do assoalho, mas todos os sons pareciam abafados, inexistentes, como se o tapete estivesse coberto por uma camada de neve em vez de poeira. Havia moscas por todos os cantos, eu percebia agora — mortas, principalmente, no tapete. Uma ou outra zumbia de forma preguiçosa no ar asqueroso.

No alto da escada, parei e olhei para baixo. Nenhum sinal dele. A casa parecia aguardar meus movimentos.

Quando finalmente cheguei ao fim da escada, já estava quase certa de que ele tinha saído. As janelas que flanqueavam a porta da frente, por mais imundas que estivessem, me davam uma boa visão da entrada dos carros, e pude ver que estava vazia. O Fiesta se fora. Tentei abrir a porta, mas, como já era previsível, estava trancada. Tentei usar meu celular de novo e, desta vez, consegui algum sinal. Apenas duas barras, mas podia ser o suficiente. Disquei o número de Sam. Depois de tocar algumas vezes, ele atendeu.

— Oi! — falei, um sussurrar urgente na voz.

Mas não houve resposta, apenas um estalo e um chiado.

— Sam, você está me ouvindo?

O telefone emitiu um bipe e a conexão caiu. Enviei outra mensagem de texto.

Estou num casarão na Grayswood Lane, atrás de uma cerca viva. Ele se foi, mas vai voltar. Ande logo. A

No térreo, o fedor era ainda pior. Não queria explorar a casa, mas ao mesmo tempo precisava arrumar um jeito de fugir. Logo ele estaria de volta, e eu não queria estar ali quando isso acontecesse.

Ouvi um ruído atrás de mim, semelhante ao anterior — um gemido, se transformando num choro. Parecia mais próximo, mas ainda assim meio isolado. Todas as portas estavam fechadas, mas tentei a mais perto de mim e me deparei com uma cozinha imensa, uma mesa rústica de madeira na extremidade e, depois dela, portas de uma sacada dando para um amplo jardim de fundos. A cozinha

estava organizada, mas um pouco suja, e a intensidade do fedor aumentara um pouco. Eu estava me aproximando.

— Audrey? — perguntei, e depois mais alto: — Audrey! Você está me ouvindo?

Esperei, com os ouvidos atentos. Nada. Meus sapatos esmagavam os cadáveres das moscas. Havia tantas por ali! No final, a cozinha se alargava, virando um jardim de inverno que, após uma curva de noventa graus, desembocava na sala de estar principal. Notei que ali havia uma porta específica para o corredor, calculando que alguém derrubara a parede para aumentar o espaço e, ao mesmo tempo, me perguntando que diabos eu estava fazendo ali, me esgueirando dentro daquela casa e pensando em obras de benfeitorias domésticas.

Foi então que vi o corpo.

Desta vez, estava estendido no sofá e não sentado numa cadeira, como Shelley Burton: o que restava daquela pessoa era algo enegrecido, de aparência oca, ainda vestido com roupas que pareciam manchadas e frouxas no corpo em decomposição. Emplastros de cabelo cinzento estavam grudados no que restava da cabeça, ainda com uma forma craniana, mas com tiras de pele presas no osso. Em volta do sofá, com exceção das moscas, tudo parecia normal — mas, no estofado, o que antes era um ser humano, com emoções, inteligência e senso de humor, havia efetivamente se liquefeito, derretido, se transformado numa massa nauseabunda de substâncias deterioradas.

Olhei para o corpo durante um bom tempo, sem me aproximar, minha mão tapando o nariz e a boca, como se isso pudesse estancar o fedor, como se pudesse conter o grito e os soluços apavorados e horrorizados dentro de mim. Não queria mais seguir em frente com aquilo. Não queria estar ali, naquele antro insano onde pessoas morriam e ninguém notava.

Basta. Pare com isso, Annabel. Controle-se.

Caminhei com cuidado, de costas para a luz das janelas que davam para a vegetação emaranhada lá fora, e alcancei outra porta, na extremidade da sala. Parecia ser uma espécie de área de serviço. E um cheiro horrível, não de morte, desta vez, mas de algo ainda pior. Havia várias galochas enfileiradas sob um cabideiro de casacos, uma longa bancada de trabalho com vários potes de plásticos, uma raquete de tênis, produtos de limpeza dentro de um balde, uma

bandeja com pequenos vasos para mudas, cordões, inseticidas, um regador, um par de luvas para jardinagem, uma gaveta quebrada, uma pilha de velhas cortinas dobradas. Dava para ver a porta dos fundos, aferrolhada no alto e embaixo. Abri os trincos, movendo-os com força de um lado para outro, até cederem. A chave não estava na fechadura e eu já esperava encontrar a porta trancada. Mas, quando a empurrei, ela se moveu um pouco. Procurei a chave por ali, achando que ela devia ter sido deixada por perto pelas pessoas que moraram ali antes, e lá estava ela, pendurada num prego enferrujado em meio a teias de aranha no parapeito da janela.

Eu a peguei e tentei inseri-la na fechadura. Parecia emperrada, mas acabou se abrindo e empurrei a porta de madeira empenada pela chuva e pela falta de uso. Lá fora, o mato crescera de modo desenfreado e, uma vez aberta, não consegui mais fechar a porta. Contudo, aquele ar fresco depois de tanto tempo privada dele, era delicioso.

Tendo assegurado minha rota de fuga, voltei à área de serviço. Havia outra porta ali, e ao abri-la, vi algo que já esperava: uma despensa, com latas de alimento nas prateleiras, potes de molho de tomate e, nas estantes debaixo, mais largas, panelas e frigideiras de dimensão industrial, travessas enormes, guardanapos de papel. Talvez por terem mantido a porta fechada, não havia tanta poeira ali, apenas um bafejo repugnante de alguma coisa ruim, podre, como o cheiro de um esgoto que eu descobrira numa praia deserta, quando era mais nova. Meus sentidos foram bruscamente agredidos.

Ouvi outro ruído, desta vez bem mais perto, como se ela estivesse naquele mesmo lugar comigo.

— Audrey? — perguntei. — Olá? Tem alguém aí?

À minha esquerda, entre duas prateleiras, havia um interruptor de luz. Eu achava que a eletricidade tivesse sido cortada, mas, para minha surpresa, quando o apertei, uma lâmpada acendeu no teto, iluminando um espaço longo e estreito, entre as estantes. E, no final — bem no fundo — havia outra porta.

Estava trancada, é óbvio. E mesmo procurando em todas as estantes, com as mãos trêmulas, não havia sinal da chave.

Voltei para a área de serviço e comecei a procurar em todas as gavetas, abrindo-as depressa e fechando-as com força. Em seguida, foi a vez dos armários de baixo. Quando abri o último deles, justamente, ali estava: uma velha caixa de

ferramentas de metal, daquelas cuja tampa se abre como uma sanfona. Retirei-a do armário, deixando-a cair fazendo barulho na argila vermelha do chão e soltei os trincos. As ferramentas eram velhas, enferrujadas, mas ali havia o que eu precisava — uma chave de fenda grande e com a ponta plana. Voltei à despensa e segui para a porta dos fundos. Depois inseri a chave de fenda na brecha ao lado da tranca e a usei como alavanca. Eu esperava que a porta se abrisse de uma só vez, mas é claro, o que aconteceu foi que a madeira rachou e estalou, e do outro lado da porta ouvi um lamento e um choro, depois apenas um gemido, desesperado, transformando-se num grito agudo:

— Não!

Continuei forçando a porta, escavando a madeira até conseguir alcançar com a chave de fenda uma peça de metal. Enfiando a chave por baixo, levantei o trinco e, com um súbito estremecimento e um estrondo, a porta se abriu.

À minha frente, a escuridão deixava entrever uma escada que levava para o subsolo.

— Audrey? — chamei.

Silêncio. Depois, uma voz murmurante e gutural:

— Quem é você?

Procurei um interruptor, com certeza devia haver algum por ali. Por fim, o encontrei, debaixo de uma prateleira repleta de recipientes com pastilhas de sabão para lava-louça. Liguei o interruptor e a escada foi iluminada. De lá de baixo, veio outro grito lancinante.

Desci os degraus, segurando firme a chave de fenda à minha frente, no caso de Colin resolver aparecer do nada.

Era um cômodo exíguo, as paredes caiadas, com uma janela bem no alto. A escuridão do lado de fora sugeria que estivesse encoberta pelo mato. Havia uma mesa e um sofá velho com um colchão por cima, uma arca de madeira e caixotes vazios — e em cima da cama, vi o rosto coberto pelas mãos de uma moça de cabelo escuro, toda encolhida, vestindo uma minissaia acetinada.

Senti uma onda de alívio. Era ela; com certeza era ela.

O cômodo fedia.

— Meu nome é Annabel — falei. — Vim tirar você daqui. Você está bem?

— Água — pediu ela.

Subi de volta para a área de serviço. Havia uma pia ali, e quando abri a

torneira, ela rosnou por um instante e depois a água fria começou a sair, aos espirros. Deixei a água correndo e procurei algum recipiente. Por fim, na despensa, encontrei um vaso de cerâmica. Teria que servir. Enchi-o e fechei a torneira.

Enquanto fazia isso, ouvi um barulho, alguém batendo a porta da frente.

Fiquei imóvel por um segundo, depois corri até a despensa e apaguei a luz, a que também iluminava o porão. Em seguida, desci os degraus às cegas. Ele veria as portas abertas; eu havia aberto todas, e a que dava para o porão estava arrombada. Minha única esperança era a de que ele pensasse que já tivéssemos fugido pela porta dos fundos.

— Precisamos nos esconder — sussurrei para ela, meu coração disparado devido ao esforço de subir e descer a escada. Tentei segurar seu antebraço, mas ela o soltou, encolhendo-se totalmente. — Trouxe água — avisei. — Venha, você precisa vir comigo!

Deixei o vaso no primeiro degrau, tentei segurá-la mais uma vez na penumbra, dei um jeito de levantá-la e arrastá-la para fora da cama, depois puxei-a para o canto, perto da escada. Ela choramingava. Não havia lugar algum onde pudéssemos nos esconder por ali. Nossa única chance seria se Colin olhasse para baixo e, não nos vendo, chegasse à conclusão de que tínhamos escapado…

— Shhh — murmurei, tentando fazer com que olhasse para mim. — Você precisa ficar calada. Quieta, por favor.

Por um instante, ficamos em silêncio, entremeado apenas pela nossa respiração. Ela parecia ofegante. Se tossisse, estaríamos perdidas.

Então, ouvimos passos lá em cima, e um berro repentino:

— NÃO!

Colin se precipitou pela despensa até a porta no alto da escada, acendeu a luz e o cômodo foi inundado pela claridade. Fechei os olhos com a brusca luminosidade e, embora Audrey ainda choramingasse, percebi que ele se afastara no mesmo instante; alguns segundos depois, pude ouvi-lo gritando, já fora de casa, pelo que parecia.

— Onde você está? Audrey! Volte aqui!

E agora? Eu não conseguia pensar direito. Devia tentar levar Audrey lá para cima? Tentar sair pela porta da frente, supondo que ele a tivesse deixado destrancada? Ele estaria de volta antes disso. Mas, se tivesse algum juízo,

deveria ir embora dali o mais rápido possível.

Peguei o vaso e o levei até a boca de Audrey. À luz, apesar de seus olhos estarem bem fechados, pude ver como ela era bonita. Seu rosto estava sujo, marcado por fuligem e lágrimas, olheiras enormes e bastante pálido.

— Tome — falei. — Beba isso, bem devagar. — Ela tentou engolir tudo e fui obrigada a afastá-lo dela, que se agarrava ao vaso. — Não, bem devagar. Senão vai ficar enjoada. Beba um gole de cada vez.

Agora, era tarde demais para sair dali: ele voltara para casa. Ouvi outros barulhos vindos lá de cima; depois, as tábulas do assoalho estalaram em cima de nossas cabeças, conforme ele se movia pela casa. Ouvia ruídos como se ele estivesse quebrando e arremessando tudo à sua frente, derrubando as coisas pelo caminho.

O rosto de Audrey franziu-se de terror. Eu podia sentir seu medo, seu pânico.

— Não tenha medo — acalmei-a. — Estou aqui para proteger você.

A chave de fenda estava no sofá. Será que ele percebeu? Apoiei Audrey na parede, coloquei o vaso no chão e corri para pegar a ferramenta.

— O que você fez?

Do alto da escada, chegou a nós a voz de Colin, tão calma, tão inesperada, me deixando paralisada. Escondi a chave de fenda na mão, com a ponta enfiada na manga do meu casaco. Talvez ele não a notasse.

— O que *eu* fiz? — repeti, surpreendendo a mim mesma. — O que *você* fez? Você a manteve presa aqui!

— Onde ela está? — perguntou ele, com a voz estranhamente triste, tão perturbado, que então percebi que ele não a tinha visto. Mas ela denunciou a si mesma, tentando pegar o vaso e derrubando-o no chão com seus dedos desajeitados, e depois chorando pela água derramada à sua volta. — Audrey!

Colin desceu a escada saltando dois degraus por vez e foi até onde ela estava, como se fosse segurá-la, abraçá-la, mas então parou de repente, vendo-a se encolher, afastando-se dele. Depois, parecendo se recompor, se virou para mim.

— É, é verdade… Ela passou por um momento difícil. Precisa de um tempo.

— Sem comida nem água? Você está querendo que ela morra?

— Eu não seria capaz de fazer mal a uma mosca, Annabel. Você sabe disso.

Ele deu um passo na minha direção e eu recuei, minhas pernas tocando a beirada do sofá. Olhei para a escada e me perguntei se conseguiria alcançá-la

antes dele.

— Deixe a gente ir — falei, tentando adotar um tom de voz que sugerisse confiança e autoridade.

— Você tentou me enganar. — Agora, sua voz soava furiosa, frustrada. Ele deu mais um passo na minha direção.

— Não se aproxime mais! — adverti-o.

Então ele começou a rir, a rir de verdade.

— O quê? Você acha que tenho medo de você, Annabel? Por que teria? Apenas tentei ajudar. Foi só o que fiz.

Ele já estava perto o bastante para me tocar e colocou as mãos nos meus antebraços, como se fosse me sacudir, me abraçar ou me empurrar. Suas mãos estavam tensas e quentes, apesar do meu casaco ainda estar úmido por causa da chuva.

— Não toque em mim — preveni, serenamente.

— Você precisa respirar fundo, Annabel — disse ele. — Precisa se acalmar.

Atrás dele, Audrey tentava se reerguer. Ele olhou para ela e então riu do seu esforço, ao vê-la cair de lado, gemendo. Na mão, ela segurava o vaso de cerâmica o mais firme que conseguia.

— Você não está pensando em me bater com isso, não é? — disse ele com escárnio. — Pobre Maggie. Este pode ser o seu vaso preferido.

Eu me esquecera da chave de fenda e, ao me mexer, ela deslizou da manga do casaco e caiu no chão. Então resolvi agir. Livrei-me de suas mãos, recuei um pouco e dei um soco bem forte em seu rosto. Com isso, soltei ao mesmo tempo um rugido de raiva e indignação, aterrorizada com o que ele poderia fazer em seguida se eu lhe desse tempo suficiente para pensar.

Ele soltou um grunhido de surpresa, quase um ganido, ao ser arremessado para trás, antes de perder o equilíbrio e cair de quatro. Depois, encostando a mão no rosto, ele disse:

— Nossa! Por que você fez isso?

Mas com certeza não conseguira deixá-lo inconsciente.

Audrey empunhava o vaso. Ela soluçava, o braço estendido para o alto, agitando-o como se pesasse dez vezes mais. Colin me lançou um olhar severo quando ela baixou o braço. O vaso o atingiu na têmpora, no momento em que eu estava pensando: *Ela não tem força para isso, o que vai fazer comigo agora,*

cócegas? — e ele desabou. As costas no chão, a cabeça para o lado.

Audrey estava ofegante e começou a rir de nervoso. Parecia histérica.

— Meu Deus! — exclamei. — Não pensei que você fosse bater com tanta força.

Ela começou a soluçar e cambaleou para trás. Passei pelo corpo de Colin e fui até ela, pondo as mãos em seus ombros, tentando reconfortá-la. Depois, nós nos sentamos e nos abraçamos, ambas aos prantos.

— Precisamos sair daqui — falei. — Você acha que consegue andar?

Tentei fazer com que ficasse em pé, mas suas pernas tremiam incessantemente.

Apoiando-me à parede, consegui mal ou bem arrastá-la escada acima, passando pela despensa e chegando à luz do dia. Havia um homem lá fora, e pelo uniforme ele fazia parte da equipe de buscas. Quando nos viu, seus olhos se arregalaram e ele gritou alguma coisa que eu não compreendi. Em seguida, apareceram outras pessoas que pegaram Audrey e alguém que eu não conhecia começou a me fazer perguntas.

— Ele está lá embaixo — afirmei.

Depois disso não consegui dizer mais nada, pois fui tomada por soluços, num pânico retrospectivo. O que eu tinha feito? O que passou pela minha cabeça para vir até aqui no carro dele?

Eles me acompanharam pelo matagal até a frente da casa. Havia uma ambulância e várias viaturas policiais. E, é claro, o Ford Fiesta de Colin, estacionado diante do portão. Logo atrás, o carro de Sam.

Ao caminhar na sua direção, tropecei numa pedra solta e caí de quatro. Braços fortes me reergueram enquanto eu dizia “Desculpe, desculpe”, como se tivesse sido minha culpa. Meus joelhos estavam arranhados e sangravam. Limpei a sujeira das minhas mãos no casaco, ainda úmido por causa da chuva. As palmas das minhas mãos estavam doloridas.

— Você está bem? — perguntou Sam, ao me alcançar. Ele pegou minhas mãos, olhou-as e assoprou com delicadeza.

— Eu só tropecei — falei.

Ele começou a rir.

— Não foi isso que eu quis dizer. Estava me referindo a … Meu Deus, estou tão feliz em ver que você está bem.

Ele pôs o braço em meus ombros e nós nos abraçamos desajeitadamente. Sua

mão batia de leve nos meus ombros. Dei um passo para trás, ciente da imundice das minhas roupas, do meu casaco molhado, cheio de poeira e fuligem.

— Tentei chegar aqui o mais rápido possível — disse ele. — Perdi vocês de vista na estrada principal. Mas então entrei em contato com o inspetor Frost e, depois disso, aconteceu tudo tão rápido.

— Obrigada.

— Ele ficou furioso. Nunca o vi assim. Tinha acabado de ler o seu e-mail. Quando eu lhe disse que você tinha ido com Friedland, parecia que o céu desabara na sua cabeça.

— Onde ele está?

— A caminho. Escute, prometa que não fará mais uma coisa dessas? Nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

— Não era você que estava no carro com ele — falei. — Por que *você* ficou com medo?

— Achei que ele podia matar você.

Pensei no corpo no sofá, me perguntando há quanto tempo devia estar ali. Há quanto tempo Colin o vinha visitando.

— Há um outro corpo — informei. — Acho que já faz um tempo que está lá dentro. Ele a chamava de Maggie.

Annabel

— NÃO QUERO DIFICULTAR AS COISAS para você, Annabel, nas atuais circunstâncias, mas você percebe que colocou toda a investigação em risco?

Olhei para os dedos de Paul Moscrop, que pousara ambas as mãos abertas na mesa à sua frente, bem estendidas, como se ele estivesse tentando algum tipo de experiência sobrenatural para fazer a mesa girar.

Mas a mesa não se mexeu.

— Não foi a minha intenção, senhor.

— Sem mencionar sua própria vida.

— É que pensei que ele estivesse sendo vigiado.

Ele não tinha resposta para isso, é claro. As equipes tinham, conforme Jenna Jackson me dissera, sido mobilizadas para ajudar em outro caso.

— É evidente que, sem suas análises, poderíamos não ter encontrado Audrey Madison a tempo. Mas, de qualquer maneira, você não tem formação de investigadora e sequer está trabalhando para a Delegacia de Homicídios. Você se colocou numa situação de grande perigo e mal consigo imaginar o que teria acontecido se as coisas tivessem dado errado.

— Eu sei.

Olhei depressa para Bill, que fingia ler as folhas em cima de uma pasta aberta na mesa à sua frente. Suas bochechas estavam coradas, por constrangimento ou por causa do calor que fazia dentro da sala, era difícil dizer. Como estávamos no início de dezembro, o sistema de aquecimento em todas as delegacias da região funcionava no nível máximo. Estava sufocante ali dentro.

— A Promotoria Pública ainda está resolvendo se não se tratou de uma indução a ato criminoso.

— Podem dizer para eles que eu estava temporariamente privada de minhas faculdades mentais, se isso ajudar — propus.

— Para falar a verdade, preferiria não ter que passar por isso, Annabel. Se dependesse de mim, eu condecoraria você. O que você fez foi de extrema

coragem, e muito, muito estúpido.

— Não farei mais isso — afirmei.

— Ótimo. — Ele chegou a esboçar um breve sorriso. — Acho que devemos encerrar aqui. Todos de acordo?

Bill pareceu aliviado e assentiu; a mulher dos Recursos Humanos, com sua expressão azeda, olhou depressa para mim, mas concordou com o inspetor chefe. A representante do sindicato pareceu satisfeita. Imaginei que isso fosse um bom sinal.

Sam estava me esperando na cafeteria onde nos encontramos pela primeira vez, o que parecia anos atrás, mas só fazia pouco mais de dois meses.

— Como foi? — perguntou ele, quando larguei minha bolsa e meu casaco na cadeira à sua frente.

— Tudo foi resolvido em vinte minutos. Pensei que fosse demorar mais.

— O que eles disseram?

Mantive o suspense por alguns instantes, o tempo de ir até o balcão pegar outras canecas para nós.

— Eles vão me telefonar quando tomarem uma decisão — respondi ao me sentar.

— Eles deveriam lhe dar algum tipo de prêmio de cidadania, Annabel, em vez de lhe pressionar. E Audrey, como ela está?

Audrey ficaria na casa dos pais por enquanto. Para a minha surpresa, e é provável que a dela também, acabamos nos tornando grandes amigas. Ela havia se recuperado bem, fisicamente, mas não conseguia dormir e sofria com frequência de crises de pânico. Já que não precisava me preocupar com o trabalho, enquanto a investigação disciplinar estava pendente, fui visitá-la todos os dias. Sam fora comigo uma ou duas vezes, mas ambos percebemos que Audrey não se sentia à vontade quando ele estava presente.

— Vaughn ligou enquanto eu estava lá.

— É?

— Ele quer fazer uma visita para ela. Mas ela nem quer ouvir falar nisso.

— Acho que ela deve culpá-lo de alguma forma. Pobre coitado. Não leva jeito para escolher os amigos.

Pela manhã, Audrey estava vestindo uma calça jeans e uma camiseta larga demais para ela, mas já representava uma melhora em comparação àquela

camisola horrível. Ela também tinha lavado o cabelo.

— Uau! — exclamei. — Vamos sair para algum lugar?

Por um segundo, ela pareceu tomada pelo pânico, mas depois sorriu para mim. Quando sorria, ela ficava muito diferente. Era o tipo de garota descolada demais para se tornar minha amiga na escola ou no trabalho. Ela seria amiga de Kate e do resto do pessoal e nunca teria me dado a menor atenção. Pensando nisso, perguntei à sua mãe se Audrey realmente queria que eu continuasse a visitando, ou se ela apenas sentia pena de mim.

— Não, nada disso — replicou ela. — Por favor, não deixe de vir. Audrey tem enorme admiração por você. Ela me disse que você é a pessoa mais corajosa e mais forte que ela conhece.

— Audrey não está tão mal — falei para Sam. — Ela estava até bem vestida, hoje. Espero que concorde em dar uma saidinha de casa em breve.

— Que boa notícia. Ela contou algo mais sobre o que aconteceu?

Ela me contara algumas coisas. Eu sabia que Sam não ia publicar nada sobre isso, a menos que recebesse permissão, embora estivesse ávido para fazer tal coisa. Era quase como se ele quisesse se vingar de Colin utilizando o melhor método que tinha à disposição. Mas seu próprio código moral lhe silenciava, além do que, isso poderia prejudicar um futuro julgamento, caso publicasse detalhes sobre o cativeiro de Audrey.

— Ela está chegando lá, mas precisa de tempo.

Colin tentara fazer com ela exatamente o que fizera comigo, seja lá o que tenha sido, hipnotismo, lavagem cerebral… Mas não funcionou, ele não conseguiu controlar a mente dela, então teve que mantê-la trancada. Ela sentiu como se tivesse sido jogada fora. Tinha medo de fechar os olhos e dormir, no caso de acordar e encontrá-lo ali à sua frente. Ou no caso de nunca mais acordar.

Sam bebeu seu cappuccino, percebendo que eu não revelaria mais nada.

— Então, quando eles ligarem para você será o fim? — perguntou ele.

— Acho que sim. Ou vão me expulsar ou volto a trabalhar.

— Bem, nesse caso, você pode sair de férias com a gente. Se voltar a trabalhar amanhã mesmo, poderá pedir uma licença, não é?

Fazia pelo menos quinze dias que ele insistia nisso. Eles iam passar a semana do feriado de Natal num chalé em Devon, algo programado desde o ano anterior. Só havia dois quartos, mas Sam dormiria no sofá se eu fosse com eles. Eu

precisava de férias, Irene insistia nisso.

O que preciso é voltar para casa e resolver minha vida, pensei.

— Acho mesmo que não poderei ir — falei. — É muita gentileza de vocês. Mas há tantas coisas que preciso fazer. E não posso deixar Audrey.

— Você mesma disse que ela estava melhorando. Uma semana não fará diferença alguma. Tudo o que você precisa fazer continuará aqui quando voltar.

Precisávamos ter uma conversa, que estava pairando sobre nós desde que ele dera um jeito para eu ir morar no quarto de hóspedes da sua casa. Até então, eu adiara isso, esperando que o problema desaparecesse, mas só estava piorando.

— Sam — comecei. Mas, nossa, como era constrangedor. — Na verdade, não entendo. Simplesmente, não sei… o que você quer de mim?

— Não quero nada — respondeu ele jovialmente.

— Quero dizer… Não sei. Somos amigos, certo?

— Claro que sim.

— Nada mais? É que eu… é estranho eu estar morando na sua casa. E agora, fazer uma viagem de férias com vocês. Não sou muito boa com essas coisas, nunca entendi de verdade as motivações das pessoas. E eu francamente não gostaria que você… sabe… esperasse que…

— Não estou esperando nada — disse ele. — E não há nada de estranho em você morar com a gente. Nós que convidamos, não foi? É isso que fazem os amigos, ajudam uns aos outros.

— Sinto muito. — De repente, eu estava sentindo muito calor. Por ele estar se mostrando desconcertantemente imperturbável, as coisas ficaram bem mais difíceis do que eu pensara.

— Não há razão para isso — disse ele.

— Você é gay? — perguntei depressa. — Quero dizer, não que você tenha que ser gay para não se interessar por mim, longe disso, quero dizer, afinal de contas, por que você se interessaria por mim? Sou doze anos mais velha que você, pelo menos e… bem… — Olhei para mim mesma, como se isso falasse por si.

Sam tomou um gole de café e acabou engasgando. Ao se recuperar, olhou com atenção para o resíduo dentro da xícara, como se a resposta estivesse escrita na borra do café.

— Não sou gay. — Ele estava sorrindo, tentando conter uma gargalhada. — É só que no momento estou bem satisfeito em ser solteiro. Isso basta?

Houve uma pausa. Dei um gole no meu chá. Isso não estava indo muito bem. No instante em que eu tentava encontrar um modo de me desculpar, ele me surpreendeu, dizendo:

— Não é que você não seja atraente. Acho você adorável e, é claro, esperta, e é muito interessante conversar com você, apesar de não parecer se dar conta disso. Mas… — Ele respirou fundo. — Podemos ser só amigos?

— Podemos — respondi, aliviada. — Isso me parece ótimo.

— O que quer dizer que podemos sair de férias?

Agora não dava mais para recusar, não é mesmo?

— Tudo bem, então — respondi. — Como amigos.

Dentro da minha bolsa, meu telefone começou a tocar. Na tela, vi que o número era privado, o que provavelmente significava que era do quartel-general da polícia. Respirei fundo e atendi.

Colin

SEMPRE ME ORGULHEI DE FAZER O melhor possível a partir de qualquer situação. Mesmo que fique lamuriando e reclamando de vez em quando, considero isso uma expressão saudável de indignação concernente à violação de meus direitos fundamentais.

Neste caso, o meu direito à liberdade.

O advogado (invariavelmente, eles parecem mandar os novatos para mim, como este rapaz vestindo um terno que lhe cai mal, com erupções pustulentas na testa — mas que parece bastante eficiente) não foi capaz de me dizer por quanto tempo exatamente posso ficar preso. Estou em detenção preventiva, acusado de sequestro e agressão, o que é terrível, mas dentro dos meus limites de resistência. Já alcancei certa notoriedade e, quanto aos companheiros de cela que não me levam a sério, basta eu olhar para eles de certa maneira e murmurar algumas palavras mágicas que eles recuam na mesma hora. Na verdade, chega a ser cômico e ajuda a passar o tempo.

O lado negativo desta notoriedade é que este é o terceiro local de detenção preventiva para onde me mandaram, desde a segunda vez que me prenderam. Sempre que há um caso de suicídio em qualquer instituição onde eu esteja, eles presumem que devo ter sido o responsável e me transferem mais uma vez.

É muito ridículo, claro, já disse inúmeras vezes — a morte em si não me interessa. Por que ligaria para isso? Ser deslocado de um lado para outro desse modo é de uma inconveniência enorme. Não sei por que eles não me põem em algum tipo de confinamento solitário; isso seria infinitamente mais agradável para mim. Talvez eu sugira isso para eles se me transferirem de novo.

Também tenho recebido cartas de pessoas nas mais assustadoras circunstâncias — gente que ficou paralisada após um acidente, sofrendo de doenças terminais, daqueles que querem “morrer com dignidade”, mas não dispõem de meios para ir até a Suíça e não querem que seus entes queridos sejam acusados de qualquer coisa.

Não posso ajudá-los, é óbvio. Se bem que, talvez pudesse — e em resposta a uma carta particularmente comovente, escrevi sugerindo que fizesse uma busca com as palavras “recusa voluntária de nutrição” na internet — mas por que diabos faria isso? Afinal de contas, não ganho nada acompanhando as mortes dessas pessoas. Não poderei observar o processo.

Desisti de ler os jornais. Eu me sentia sendo constantemente ultrajado. O debate sobre eutanásia que esquentou com as minhas atividades era bastante intrigante, mas assim que as “famílias em luto” formaram um grupo de apoio mútuo, fui obrigado a parar de ler. *Famílias em luto*, fala sério. Onde elas estavam enquanto os tais “entes queridos” sofriam? Que suporte davam para os solitários, deprimidos e possíveis suicidas? Nenhum. E agora querem algum tipo de justiça. Este país e as profundezas em que está afundando me deixam desesperado.

Como parte dos preparativos para o julgamento no tribunal, eles conseguiram que realizassem uma avaliação psicológica em mim, o que foi divertidíssimo. Na verdade, continua sendo porque o processo parece não ter fim — quando um deles termina, logo aparece outro, portanto sou sem dúvida um caso intrigante para eles. Será que estão tentando decidir se sou insano?

Depois de uma conversa particularmente interessante com um dos psicólogos, falando sobre culpa e responsabilidade, escrevi para Audrey pedindo desculpas formais. O que aconteceu com ela foi um terrível equívoco, é claro, e eu de fato lamento profundamente por isso. Agora, se lhe entregaram a carta ou não, isso é problema deles.

Vaughn, por outro lado, no que me diz respeito, pode ir para o inferno. Não tenho mais vontade de falar com ele.

Às vezes, fico pensando nos outros — e ainda há mais — que continuam em paz nas suas casas. Penso no que deve ter restado. Tenho pensado em Leah também — onde pode estar agora e se seguiu em frente sem meu encorajamento. Acho que ela ainda se sente insegura, mas quem sabe o que pode ter acontecido com ela e seu infeliz amante casado desde então. Se ela virou as costas para aquele inferno particular, seguiu os passos de seu apático Orfeu de volta à vida, pode ser que tenha lembranças de nosso encontro e talvez compareça ao tribunal. Será que falaria em minha defesa ou em minha acusação? Tudo depende de seu estado de espírito. Todos sabem que não fiz mal para eles. Sabem que eu estava

do lado deles.

Até o momento, não houve nenhuma menção às imagens e às minhas anotações, e assim sendo, presumo que elas continuem escondidas em segurança. Não tenho dúvida de que, se fossem reveladas, prejudicariam meu julgamento, se este um dia acontecer, muito embora elas não mostrem nada além da matéria em decomposição. Não há crimes dos quais possa ser acusado por causa disso, mas, se a promotoria mostrar essas fotos no tribunal, imagino que os jurados possam interpretá-las da maneira errada. Sem elas, é possível que toda essa farsa lastimável resulte numa brevíssima sentença de encarceramento, podendo até ser suspensa, considerando o tempo passado em prisão preventiva.

Na verdade, poderei estar livre muito em breve.

Solicitei que me trouxessem livros que tenho em casa, mas, em vez disso, restringiram-me à biblioteca daqui, que é insuficiente para suprir minhas necessidades, porém, como eles dizem, é melhor do que nada. Mesmo assim, vários pedidos que fiz foram recusados sem motivo algum. Isso basta para que eu queira cada vez mais que andem logo e me condenem pelo que quer que seja que acham que eu fiz, para que eu possa recomeçar a estudar alguma coisa mais interessante do que o estado das unhas dos assistentes do refeitório e as pilhas sem fim de cartas que tenho recebido, incluindo algumas de mulheres que, súbita e ironicamente, me acham irresistível. Essas eu releio para me distrair, considerando que há pouca coisa para se fazer aqui. Às vezes, corrijo a ortografia e a gramática — "você não precisava fazer as coisa que fez com eles, podia fazer com mim" — meu Deus do Céu, francamente — e às vezes, fico imaginando as mulheres que arranjam tempo para me escrever. É evidente que é mais fácil quando me mandam fotos. Semana passada, uma delas me enviou uma foto de biquíni, mas era algo desastroso e mesmo com a maior boa vontade sua aparência não foi capaz de provocar em mim um pingo de excitação sequer.

Ainda assim, há outra que…

Seu nome é Nancy Heppelthwaite e ela tem vinte e nove anos. Estudou em Oxford e aprecia arte, música e literatura. Ela pinta. Dança, às vezes, mas nunca encontrou ninguém com quem gostasse de dançar. Ela ainda não me mandou uma foto, embora eu tenha solicitado uma quando lhe respondi — mas, por outro lado, fico contente que ela continue sem rosto, pois assim posso impor uma infinidade de pensamentos maravilhosos sobre ela nas horas de desassossego,

depois de apagarem as luzes e tudo o que se pode ouvir são os berros e os gemidos dos loucos que não deviam estar em detenção preventiva de maneira alguma, os soluços dos solitários, dos que sentem saudade de casa, e os grunhidos de todos os outros como eu, que preenchem as horas no escuro com atos inofensivos de autoabuso. Eles usam fotos arrancadas de revistas masculinas, ou retratos perturbadores de suas esposas em roupas íntimas. Eu uso a carta de Nancy.

À minha frente, há vários caminhos e, embora limitado pelas restrições do Sistema Judiciário Criminal Britânico (que ele descanse em paz), ainda posso escolher meu próprio destino. Eu quero — ah, quero tanto — fazer uma experiência com as cartas de Nancy, para ver o que pode gerar esta atração florescente entre nós dois. E, é claro, talvez ainda seja possível estender minha influência sobre ela através das visitas ao presídio (um privilégio a que tenho direito, mas do qual ainda não desfrutei) ou, simplesmente, através da escrita.

Deixando Nancy de lado, mesmo relutante, resta-me a maior de todas as aventuras. Tenho o poder de mudar. Eles não permitiriam que eu me transformasse naturalmente, é óbvio, mas posso deixar um testamento exprimindo o desejo de ser enterrado e não cremado — o que significaria que o processo ocorreria de modo muito semelhante ao de meu pai. Não seria uma transformação delicada na privacidade do meu lar, o que seria a melhor coisa, mas é algo aceitável, acho.

Por ora, contudo, não estou preparado. Estou no princípio da revelação, da própria fonte de conhecimento. Ainda há tanto a fazer.

Agradecimentos

GOSTARIA DE AGRADECER A TODA EXTENSA família da Myriad Editions, não só por este livro, mas pelo afeto e apoio que vocês têm me dado nos últimos anos. Pode parecer algo simplista descrever a Myriad como uma família, mas é isto que sentimos: todos em contato com a empresa, seus familiares também fazem parte da organização. Há um verdadeiro senso de pertencimento, e tenho muita sorte em fazer parte disso. Obrigada a todos vocês. No entanto, há dois membros da família Myriad que eu gostaria de agradecer em particular: minha maravilhosa editora, Vicky Blunden, e minha genial revisora e editora, Linda McQueen. Elas tornaram este livro muito melhor. Obrigada.

Muitas pessoas me deram ajuda e conselhos específicos em aspectos particulares de *Restos humanos*, e portanto, gostaria de exprimir meus agradecimentos a: Caroline Luxford-Noyes, pela longa conversa na qual ela me descreveu como a vida de uma pessoa pode acabar no hospital; Dean Edwards, pelos detalhes envolvendo uma investigação disciplinar; Freddie Elspass-Collins, por sua experiência como médico-legista; Fi Gutsell, pelas informações sobre a vida de um repórter num jornal local, e Sarah Hockley, em primeiro lugar, por ter nos colocado em contato; Niki Baier, David Baier e Liz Dyer, pela assistência no que diz respeito aos procedimentos funerários; David Holmes, Ernie Pratt, Paul Pope e Wayne Totterdell que generosamente dividiram comigo suas experiências funerárias; e Mike Silverman, cuja explicação sobre os odores da putrefação durante um almoço da CWA, em Brighton, se revelou bastante tentadora para que eu fosse capaz de resistir.

Gostaria de agradecer, em especial, a Mitch Humphrys e Lisa Cutts, por verificarem todo o manuscrito para analisar as questões processuais, e por terem sido tão simpáticos e encorajadores com seus comentários durante todo o processo de escrita e edição.

Além de Mitch e Lisa, gostaria de agradecer àqueles que leram a versão inicial de *Restos humanos* e me forneceram novas perspectivas, assinalaram omissões e

inconsistências cruciais, e ainda assim conseguiram me fazer sentir como se tivesse escrito algo bom: Alison Arnold, da Text Publishing, Rob Hope e meu genial marido David, que desenvolveu uma verdadeira aptidão para identificar as oportunidades que me escapam. Obrigada.

Muitos amigos gentilmente ofereceram seus ouvidos e sinto muito por não citar todos vocês — mas em particular, devo agradecer a Samantha Bowles e Katie Totterdell que aturaram minhas queixas até o fim. Abençoadas sejam vocês.

Gostaria também de agradecer Paul Moscrop e Lindsay Brown por permitirem que eu usasse seus nomes e não se preocuparem tanto com o modo como foram usados!

Nos últimos anos, tive a sorte de conhecer diversos grupos de livros, como o Big Book Group tour, via Skype, e ser convidada à casa das pessoas. Queria agradecer muito a todos que encontrei, pelo entusiasmo e gentileza com que me acolheram, me fazendo sentir bem-vinda e especial.

E por último, meus maiores agradecimentos e afeição às pessoas que mais me deram suporte — minha família. Amo todos vocês.

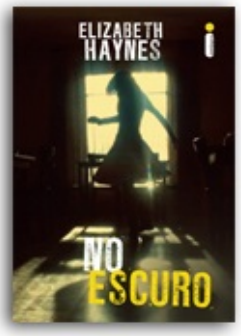
SOBRE A AUTORA

Foto: Ryan & Jo Photography

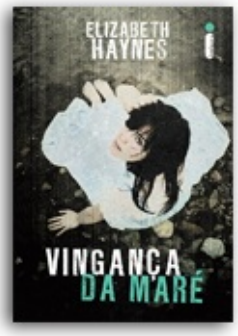


Elizabeth Haynes foi criada em Sussex, na Inglaterra. Trabalha como consultora para o serviço de informações confidenciais da polícia e vive em Kent com o marido e o filho. Seu primeiro livro, *No escuro*, foi eleito um dos melhores livros da Amazon em 2012 e tornou-se best-seller do *The New York Times*. É autora ainda de *Vingança da maré*, também publicado pela Intrínseca.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



No escuro



Vingança da maré